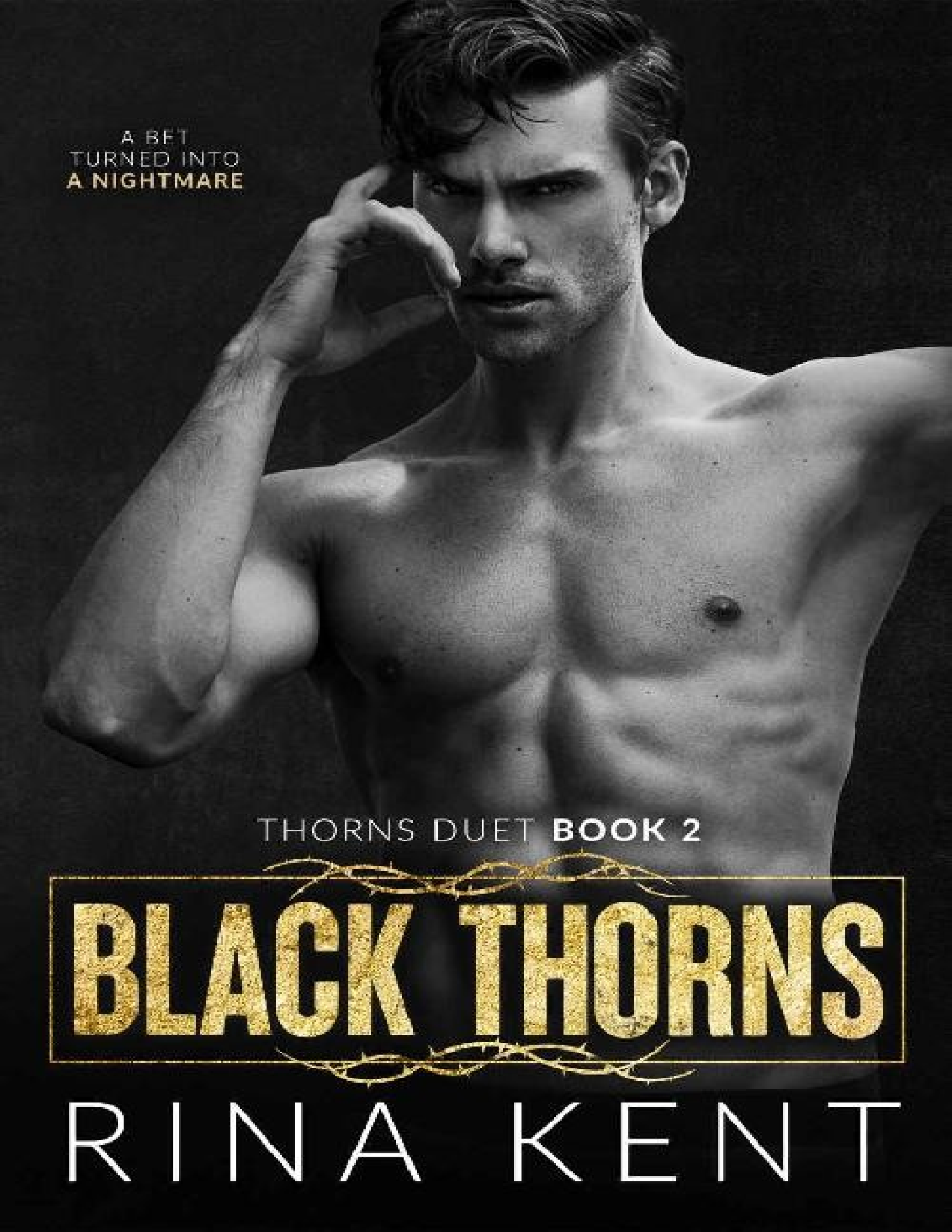




A BET
TURNED INTO
A NIGHTMARE

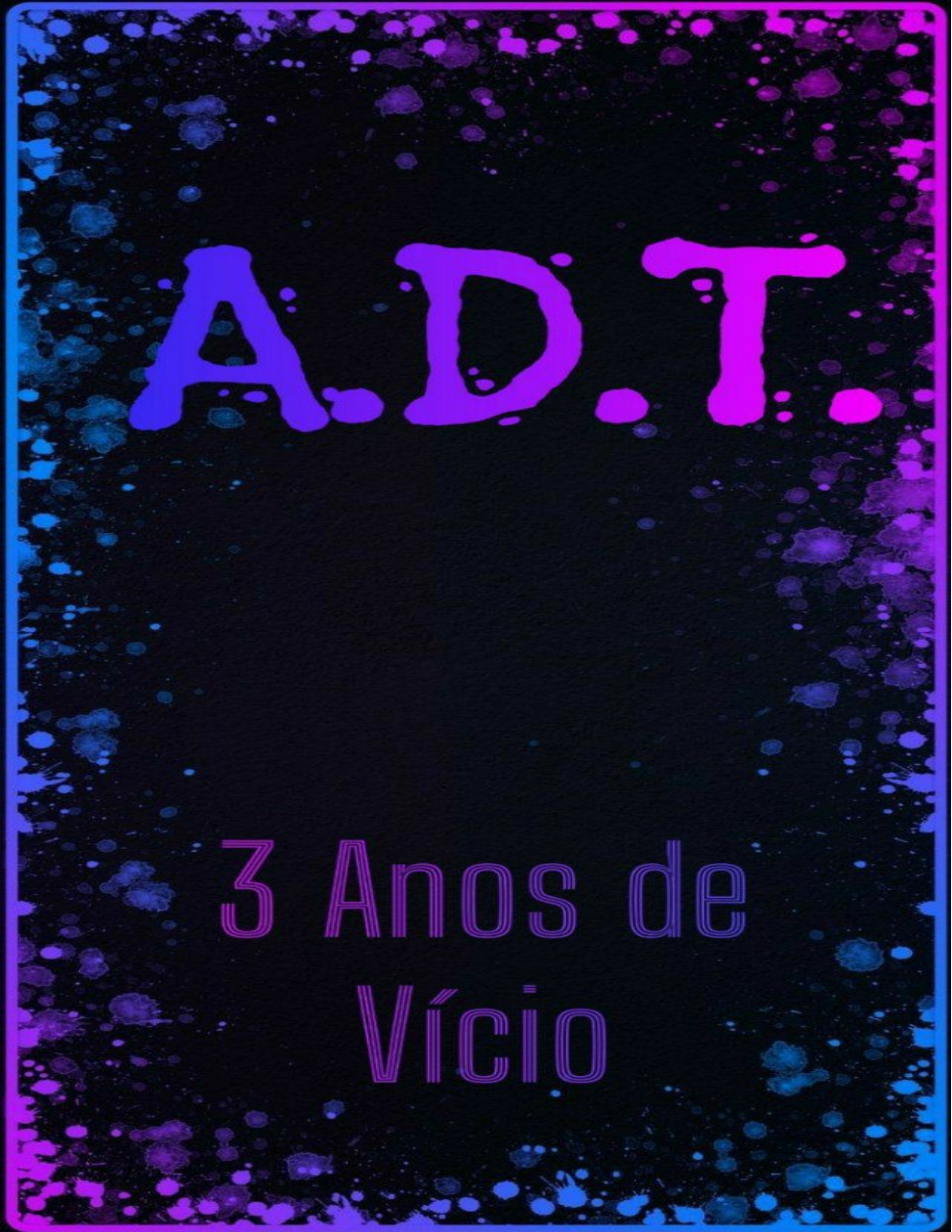
THORNS DUET **BOOK 2**

BLACK THORNS

RINA KENT

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A.D.T.

3 Anos de
Vício

Sinopse

Uma mentira se transformou em pesadelo.

Ela partiu meu coração.

Me quebrou.

Nos quebrou.

Só uma coisa poderia curar a ferida aberta que ela deixou para trás.

Ela.

Naomi.

Toda minha para tomar.

Toda minha para possuir.

Toda minha.

BLACK THORNS
RINA KENT

Lançamento

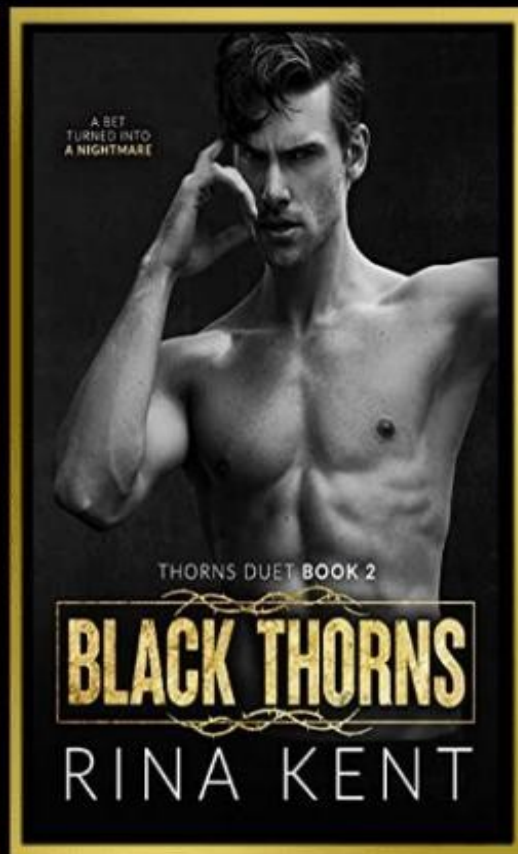
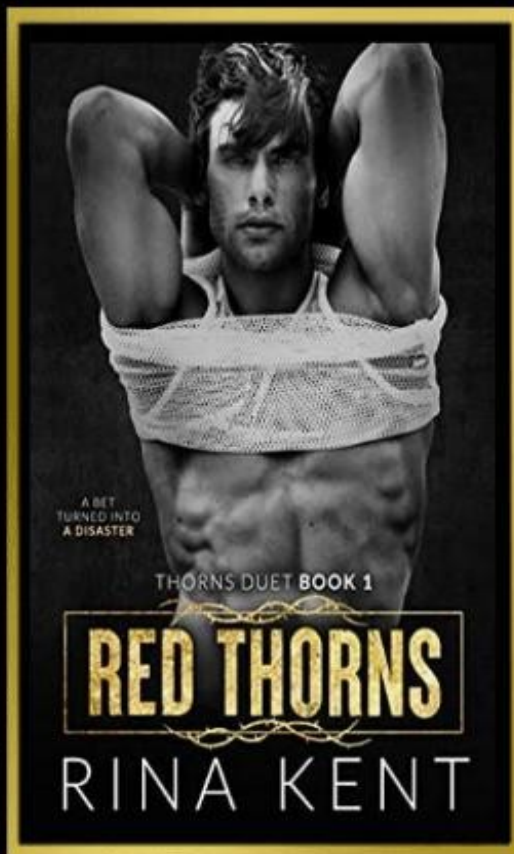
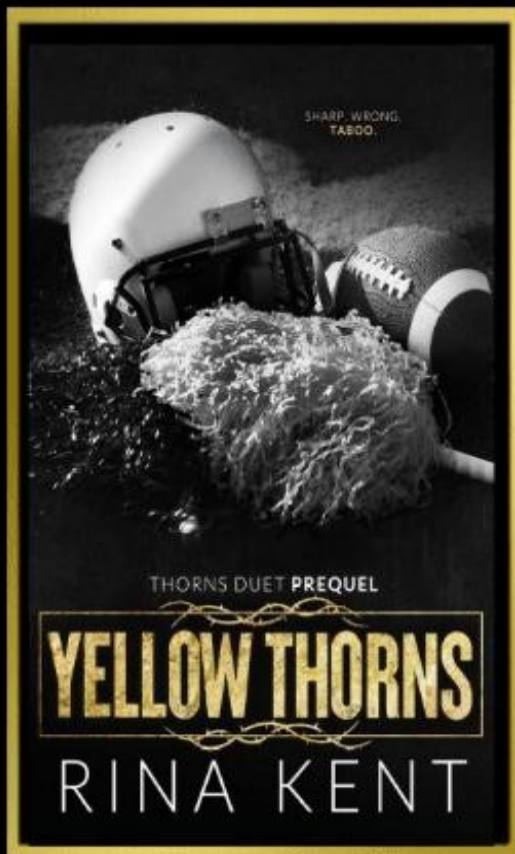
A BET
TURNED INTO
A NIGHTMARE

THORNS DUET BOOK 2

BLACK THORNS

RINA KENT

A Serie



Para um amor profundo e puro que não segue regras.

Prologo

Sebastian

Seis Anos de Idade

Os fracos são carne. Os fortes comem.

Mamãe comprou uma pintura com esse provérbio marcado com caracteres Kanji em negrito. Eu não acho que ela realmente entende o que essas palavras significam. Ela provavelmente achou que era bonito e combinava com a decoração da nossa casa e decidiu comprá-lo. Mamãe é assim. Ela gosta das coisas super-rápido, depois as odeia com a mesma rapidez. E ela não é muito boa em japonês, mas papai não gosta que eu diga isso na frente dela.

Ele é um super-herói, meu pai, e os super-heróis não gostam de fazer as outras pessoas se sentirem mal. Mas, como todos os super-heróis, ele está ocupado o tempo todo. Mamãe e papai trabalham muito para que eu possa comer e estudar com meus amigos. Embora eu realmente não tenha amigos. Eles me chamam de 'Loiro' com um estranho sotaque inglês porque tenho cabelos claros e olhos verdes como uma 'aberração.'

Perguntei ao papai por que não tenho olhos asiáticos e cabelo preto como todo mundo, e ele me disse que é porque sou americano, não japonês. Mas eu nasci em Tóquio e isso ainda não me torna asiático? Isso é estúpido. Eu deveria me parecer com eles para que ninguém zombasse de mim. Ou me ignorar.

Mamãe diz que quando eles tiverem dinheiro, vão me transferir para uma escola internacional onde há estrangeiros como eu. Mas eu só quero me divertir com todos da minha classe. Eles me olham esquisito quando a mamãe chega para me pegar no meio do dia. Eu geralmente vou para casa por último. Hoje, estou saindo mais cedo.

Minha linda professora, Satomi Sensei, pega minha pequena mão nas dela. Ela tem cabelo curto e um sorriso suave como os anjos das minhas histórias de ninar. A *Sensei* me guia até a porta e todos murmuram sobre o 'Loiro' que está se livrando. Eu não estou abandonando.

— Todos fiquem quietos, agora. — Sensei os encara por cima do ombro e fala em japonês. — Sebastian-kun está encontrando sua mãe. Certo?

— Certo! — Eles ecoam.

— Não se preocupe com eles. — Ela sorri para mim.

— Certo, — murmuro em japonês e olho para os meus pés.

Como falo inglês e japonês, às vezes leva mais tempo para descobrir o que devo dizer, então fico em silêncio. *Sensei* me guia pela porta da sala de aula, onde minha mãe está andando de um lado para o outro no corredor.

— Está tudo bem, Sra. Weaver? — Sensei pergunta a ela.

Mamãe para de andar e sorri. — Tudo é bom. Sentimos muita falta de Sebastian e queremos almoçar juntos.

Seu cabelo loiro dourado cai nas costas e sempre chama a atenção de todos quando estamos em público. Isso é o nome dela, Julia. Ela me puxa do lado da *Sensei* e envolve sua mão úmida na minha. Eu não consigo acenar enquanto corremos pelo corredor. Seus saltos fazem muito barulho no corredor vazio da escola. Ela se curva em saudação ao diretor e a um dos professores e eu também.

Assim que saímos de vista, seu sorriso desaparece e seu lábio inferior treme. Ela se parece com os personagens de anime antes de chorar. Como Gon de *Hunter X Hunter* quando ele não conseguia encontrar seu pai.

— Ainda tenho aula, mamãe, — digo em inglês.

Ela não gosta que eu fale em japonês em casa, embora papai aceite isso.

— Hoje não, querido. — Ela bagunça meu cabelo, mas está duro e dói.

— Mas *Sensei* não gosta que estejamos ausentes.

— Ela vai te perdoar desta vez. — Ela me leva para o banco de trás do nosso carro.

Meus olhos se iluminam quando vejo quem está no banco do motorista.

— Papai!

— Ei, campeão. — Ele se vira e sorri para mim.

Meu pai, Nicholas Weaver, é meu melhor amigo. Quando eu disse a ele que não tenho amigos na escola, ele disse que seria meu melhor amigo

temporário até que eu encontrasse outros. Mas ele sempre terá o primeiro lugar.

Ele estende o punho na minha direção e eu jogo minha bolsa amarela para o lado para que eu possa bater nele, rindo enquanto mamãe mexe no meu cinto de segurança. É então que percebo que há algo ao meu lado. Uma pintura. A pintura com letras Kanji em negrito que deveria estar em nossa sala de estar.

Eu inclino minha cabeça para o lado e leio novamente, em voz alta, em japonês. — O... fraco... é... carne. O f-forte... come.

— Bom menino! — Papai exclama do banco da frente. — Seu Kanji está melhorando, Bastian.

— Eu sou o segundo na minha classe!

— Esse é o meu garoto. — Ele sorri, mas é tenso, assim como mamãe deu um tapinha na minha cabeça antes.

Depois de se certificar de que estou amarrado com segurança em meu assento, ela entra na frente e papai sai dirigindo da minha escola.

— Por que a pintura está aqui? — Eu franzo a testa.

— É um legado de família, Bastian. — Mamãe observa o espelho retrovisor, parecendo distraída. — Ele precisava vir conosco.

— Mas não deveria estar no carro.

— Estará onde quisermos. Certo, docinho?

— Certo. Onde estamos indo?

— Em algum lugar novo. — Papai sorri para mim pelo espelho retrovisor.

— Mas eu não quero um lugar novo. Eu quero estar com a *Sensei*.

— Pare de ser um pirralho, Sebastian! — Mamãe interrompe em um tom impaciente.

— Eu não sou um pirralho. — Eu faço beicinho.

— Não, você não é. — Papai olha para ela e sorri para mim. — Você é nosso bom menino.

— Mas a mamãe me chamou de pirralho.

— Ela não quis dizer isso. Certo, Julia?

Mamãe suspira, depois se vira e me dá uma caixa de suco aberta. — Você não é, querido. Eu sinto muito.

— Tudo bem, mamãe. — Pego a caixa de suco e bebo enquanto balanço minhas pernas, batendo no assento da mamãe.

— Você terá amigos no lugar para onde iremos, campeão.

Eu quase engasgo com meu suco quando meus olhos se arregalam. Quando falo, extraio a palavra. — Sério?

— Sério. Todos nós vamos começar de novo. O que você acha?

— Sim! — Eu salto no meu banco, balançando para frente e para trás.

Mamãe coloca trilhas sonoras de anime e eu canto junto com elas enquanto bebo meu suco. Às vezes, papai canta comigo e eu rio porque o

japonês dele é muito engraçado. Da mamãe também. Acho que é porque eles são da América e aprenderam japonês quando eram mais velhos, ao contrário de mim. Eu não conheço a América. Papai disse que eu não preciso, porque nunca vamos lá. Dirigimos por um longo tempo, passando por muitas pessoas e prédios altos que parecem fantasmas. Depois de um tempo, estou cansado de cantar.

Acho que adormeço, porque quando acordo, papai e mamãe estão conversando baixinho, como costumam fazer quando não querem que eu saiba coisas de ‘adulto.’

Mas eu não sou mais tão pequeno. Sou um menino crescido e também quero saber coisas de adulto. Então eu espio pelos meus olhos semicerrados e finjo que ainda estou dormindo. Mamãe se vira em seu assento e encara papai enquanto ele se concentra na estrada. Gotas de suor cobrem sua testa e a linha do cabelo de seus cabelos brilhantes como o sol. Se ela suar no cabelo, provavelmente vai nos dizer que está tendo um ‘dia de cabelo ruim’ mais tarde.

Seus dedos trêmulos percorrem seus fios uma e outra vez. — Talvez você deva ligar para seu pai, Nick.

Papai aperta o volante com mais força. — Estou morto para os meus pais. Eu não posso simplesmente ligar para eles.

— Mas esta é uma situação de vida ou morte. Certamente, eles ajudarão seu primogênito.

— Você estava lá quando eles disseram que só compareceriam ao meu funeral. Eu não ficaria surpreso se eles ajudassem a acelerar o processo.

— Eles não fariam isso! Você é filho deles.

— Um filho que não só se recusou a herdar o legado político de seu pai, mas também se casou com uma plebeia que não se encaixa na imagem Weaver. Acredite em mim, não sou mais filho deles.

Lágrimas brilham nos olhos da mamãe. — Então é minha culpa?

— Não. — Papai pega a mão dela e dá um beijo nas costas dela, enquanto ainda se concentra na estrada. — Eu escolheria você em vez de todas as socialites que mamãe arranhou para eu namorar cem vezes se eu precisasse. O que temos é real e tenho sorte de ter você.

Ela funga. — Tenho sorte de ter você também, Nick. Eu não sei como eu teria superado essa bagunça sem você.

— Vamos ficar bem.

— Ninguém rouba deles e sai impune, — ela choraminga. — Eles vão nos caçar e machucar Sebastian... e se eles tirarem nosso bebê e... e...

— Ei... estamos aqui. Ninguém vai machucá-lo ou a nós.

— Mas e se eles fizerem? Eu gostaria de nunca ter feito isso.

— É inútil pensar em coisas que não podem ser mudadas, querida.

— Eu... eu não sei o que diabos havia de errado comigo quando decidi tomá-lo... eu só... só queria ajudar a pagar nossa dívida. Estávamos trabalhando tanto para pagar as contas e... Sebastian precisa estar em uma

escola internacional e... eu estupidamente pensei que um item entre vinte outros não seria descoberto.

Papai segura a mão dela com mais força. — Nós ficaremos bem. Temos um ao outro e nosso filho. Isso é tudo que importa, certo?

— Certo. — Ela sorri um pouco em meio às lágrimas e eu quero sorrir também. Adoro quando a mamãe fica feliz depois de chorar. Isso significa que ela vai melhorar e mimar a mim e ao papai.

Ela se inclina e beija o papai na boca. — Eu te amo, Nick.

— Também te amo, Julia.

Estou prestes a abrir meus olhos e dizer que também os amo, mesmo que não tenha entendido a maior parte do que eles disseram. Tudo bem se eu não tiver mais minha linda professora. Eu posso ter outra. Tudo o que importa é que estarei com meus pais e também terei amigos. Mas antes que eu possa dizer qualquer coisa, um som alto de pneus cantando perfura meus ouvidos, e a última coisa que vejo é um grande caminhão.

Batida!

Há impacto, há grito de mamãe e maldição de papai, e então... nada. Por um tempo, pelo menos. Estou pensando que não há nada. Mas então o que está ao nosso redor explodiu em meus ouvidos de uma vez e dói. Há um longo burburinho do qual não consigo me livrar. Uma mistura de sons explodiu ao meu redor. Sirenes. Gritos. Estranhos falando. Choramingsos. Eu acho que eles são meus.

Mamãe...? Papai...? Onde está você?

Quero procurá-los ou pelo menos ouvir suas vozes, mas eles não estão entre todos os estranhos conversando. Eles simplesmente não estão lá. Por que não consigo encontrá-los? E por que está tudo preto? É quando percebo que meus olhos estão fechados, e quando tento abri-los, não consigo. Até meu corpo não se move.

Tudo o que posso ouvir são vozes, ruídos vindo de todas as direções, e nenhum deles são meus pais. Eu estou assustado. *Mamãe Papai. Eu estou assustado.*

Eu me esforço e meus olhos se abrem um pouco, apenas um pouco. Alguém está me perguntando em japonês se eu posso ouvi-los e a sombra de outra pessoa cai sobre mim. Outra sombra estende a mão negra e tira a pintura do meu lado. Eu quero gritar não, que é nosso. É da minha mãe. Mas eu não consigo falar. Eu não consigo me mover. A última coisa que vejo antes de o mundo escurecer fica comigo para sempre.

Os fracos são carne. Os fortes comem.

Capítulo Um

Akira

Querida Yuki-Onna,

Chegou ao meu conhecimento que somos tóxicos.

Eu sei. Isso deveria ter ficado evidente durante os três anos que nos conhecemos, mas eles dizem que você nunca percebe que está em um relacionamento tóxico até o fim.

É disso que se trata? O fim?

Eu não gosto disso. Na verdade, eu odeio tanto que estou pensando na melhor maneira de aumentar a toxicidade apenas para mantê-la aqui. Então eu tive essa ideia. Ou mais como se tivesse me atingido na cabeça quando eu estava olhando para a porra do céu chato outro dia.

Foi um momento de salvação e, juro, quase pude ver os anjos descendo do céu e me oferecendo sua graça. Estou brincando. Havia apenas demônios e todos estavam sentados comigo quando fui atingido por esse pensamento.

Lembra quando eu disse para você nunca se apaixonar por mim na minha primeira carta? Eu disse que seria trágico, mas o que não mencionei é que vou partir o seu coração.

Vou quebrá-lo com tanta força, não haverá pedaços para juntar e nem seguir em frente com sua vida. Vou cortar suas paredes tão profundamente que você não será capaz de me tirar, mesmo que tente. Vou brincar com seus sentimentos, a tal ponto que você vai desejar nunca ter tido eles em primeiro lugar. Vou conquistar sua vida tão profundamente que você vai começar a pensar em acabar com ela.

Porque é isso que a toxicidade faz, minha querida Yuki-Onna. Ela destrói e o faz de forma tão selvagem que não sobrar nada de você ou de mim.

Mas você foi em frente e se apaixonou por mim, não foi?

Mesmo com minhas advertências, mesmo com todos os sinais que enviei em seu caminho, você teve que desafiar a lógica e pensar em mim como alguém diferente de seu amigo por correspondência nerd e sem rosto do Japão.

Você percebe que é o seu erro, certo? E pode muito bem ser sua queda.

Porque agora que conheço sua fraqueza, eu, não vou parar até que você esteja implorando aos meus pés. Por quê, eu não tenho ideia, mas enquanto houver súplicas e choro, tenho certeza que ficarei satisfeito.

Eu não posso dizer o mesmo sobre você. Agora, eu não gosto de me imaginar no lugar de outras pessoas. Mas se eu fosse você, me esconderia

bem. Aqui está a coisa, no entanto. Você está sendo perseguida e eu posso ter desenvolvido o apetite por esse tipo de merda distorcida.

Viu? Você também está me corrompendo, e é por isso que somos tóxicos um para o outro. Vá em frente e corra, Naomi. Vá em frente e se esconda.

Se eu fosse você, olharia embaixo da sua cama e por cima do seu ombro. Eu pensaria duas vezes sobre cada sombra que passa em sua visão periférica. Eu viveria na ponta dos pés. Porque no momento em que você baixar a guarda será o momento em que tudo acabará.

Você vai acabar, minha fantasmagórica Yuki-Onna.

Até esse dia chegar, tente viver bem. Acredite em mim, você precisará saborear cada momento.

Amor tóxico,

Akira

Capítulo Dois

Naomi

Presente

Drip. Drip. Drip.

Eu esqueci de fechar a torneira? Ou está vindo de fora?

Abro a boca para chamar mamãe, mas nenhum som sai. O gotejamento continua aumentando em volume e repetitividade até me irritar.

Drip...drip, drip...drip. Drip!

Gemendo, eu lentamente abro meus olhos. Eu não estou no meu quarto. Eu não estou em casa. Ou em qualquer lugar que eu reconheça. Paredes cinza escuro me cercam de todos os lados. Até o solo estranho em que estou deitada é escuro e duro. Minha cabeça está uma bagunça enquanto eu lentamente examino meus arredores. Estou em uma sala vazia, sem móveis à vista. Também não há janelas, e a única luz vem de uma velha lâmpada amarela pendurada no meio do teto.

Eu movo lentamente meu olhar da esquerda para a direita. Há uma porta que é cinza como as paredes, mas parece ser de metal. No canto, há um banheiro amarelado e eu ficaria chocada se ele fosse funcional. O

gotejamento vem de uma pequena torneira na parede que não está completamente fechada. Onde diabos estou e por que esse lugar parece uma espécie de prisão?

Tento me sentar e estremeço quando uma pontada de dor explode em meu pescoço. Eu toco e congelo quando meus dedos se conectam com o que parece ser um furo na minha pele. Então, todos os eventos anteriores passam pela névoa em minha cabeça. As figuras escuras. A caçada. O tiro.

Sebastian.

Eu suspiro, meu olhar frenético procurando pela sala. Sebastian foi baleado. Ele foi baleado bem na minha frente e quando corri para frente, uma agulha me picou no pescoço. Então tudo ficou escuro. A próxima coisa que eu soube foi que acordei nesta sala. Eu paro quando meu olhar pousa em uma figura escura amontoada no canto mais distante à minha direita. No começo, eu acho que é algo sinistro, mas então eu reconheço a massa de músculos e os fios loiros escuros aparecendo.

— Sebastian! — Eu chamo com uma voz rouca.

Tento me levantar, mas minhas pernas se recusam a me carregar. Eu rastejo em direção a ele de quatro, ignorando a pressão e o desconforto arranhando meus joelhos. Eu paro ao lado dele. Ele está deitado de lado. Fios de cabelo cobrem seu rosto. Eu agarro seu ombro e paro quando um som baixo e gutural escapa dele. Algo úmido e frio toca meu joelho e me assusto quando olho para baixo. Vermelho escuro.

Sangue.

Muito disso. Forma uma pequena poça pegajosa sob seu ombro que fica contra o chão. Oh Deus.

Desejei que o tiro nele fosse uma invenção da minha imaginação hiperativa e que isso não tivesse acontecido de verdade. Que talvez eu tenha inventado tudo devido a uma picada daquela agulha. Mas a evidência de que tudo é real está bem na minha frente. Sangrando dele em um fluxo constante. Meus lábios tremem e meu coração bate tão forte que acho que vai derramar no chão.

— Sebastian! — Eu agito suavemente seu ombro bom para não agravar sua lesão.

Ele nem se mexe. Minha pulsação frenética ruge em meus ouvidos em sincronia com os piores cenários que passam pela minha cabeça. E se ele estiver morrendo? E se ele nunca acordar?

— Sebastian... — minha voz frágil ecoa ao nosso redor enquanto eu cuidadosamente coloco a palma em sua bochecha e a viro em minha direção. Seu cabelo cai para trás e eu tenho uma visão de seu rosto etereamente bonito. O mesmo rosto que se tornou uma constante em meus sonhos.

Sua pele é pálida, tornando suas feições menos nítidas, e seus lábios estão rachados e azulados. Isso não pode ser bom. Eu lentamente o viro e é quando eu tenho minha primeira visão do ferimento em seu ombro. A bala rasgou sua jaqueta Black Devils, deixando um corte em sua pele. O sangue encharca a manga branca, tornando-a vermelha, e as listras pretas parecem

marrom-escuras. Parte do sangue coagulou, mas há uma abertura pela qual o sangue continua escorrendo em um ritmo lento e letal. *Merda. Merda!*

Se ele está sangrando há muito tempo, isso rapidamente se tornará fatal.

— Sebastian... — Eu bato suavemente em suas bochechas. — Abra seus olhos. Você tem que acordar... por favor...

Ele finalmente se mexe, mas não responde. A umidade se acumula em minhas pálpebras, mas não deixo as lágrimas caírem. Inspirando profundamente, respiro o fedor de sangue e a umidade deste lugar, mas também há um toque de bergamota e âmbar. De Sebastian.

Usando sua presença como âncora, agarro seu braço bom e o empurro de costas. Ele geme e eu paro antes de soltá-lo. Eu preciso parar a hemorragia ou ele vai sangrar mais. Meu olhar vagueia para o lado em busca de qualquer coisa que eu possa usar e quando não encontro nada, puxo minha camiseta pela cabeça e a empurro contra sua ferida.

Um som baixo e gutural deixa sua garganta enquanto seus lábios se retorcem de dor. O suor se acumula entre suas sobrancelhas grossas e sua têmpora. Eu mordo meu lábio e continuo. O ar frio se infiltra em mim, formando arrepios na minha pele nua, mas eu o ignoro enquanto aumento a pressão.

— Sebastian... por favor... por favor, abra os olhos.

Putá que pariu. Ele definitivamente precisa de cuidados médicos, não uma camiseta e um pouco de pressão. E se essa ferida o matar? E se eu... perder ele?

Eu balanço minha cabeça com esse pensamento e seguro o material com uma mão, em seguida, procuro o bolso do meu short com a outra. Com certeza, meu telefone não está lá. Eu procuro nas calças de Sebastian, mas o dele também está faltando. Não deveria ser uma surpresa, já que quem nos trouxe aqui não teria nos deixado ficar com nossos telefones.

Eu me concentro de volta na camiseta. Está parcialmente encharcada, mas o sangramento parece ter parado. Um suspiro de alívio me escapa. Mas até eu sei que tudo isso é temporário. Ele precisa de ajuda e precisa agora. Ele grunhe e há um movimento atrás de suas pálpebras antes de abrirem lentamente. Nunca estive tão feliz em ver seus olhos verdes tropicais como estou agora. Eles estão um pouco desfocados, mudos, quase como se ele não estivesse todo aqui. Mas ele está. Ele não se foi. Ele está comigo.

— Sebastian! Você pode me ouvir?

Ele me encara, lentamente, sem pressa, quase como se estivesse me vendo pela primeira vez. Posso dizer o momento exato em que ele me reconhece. Suas pupilas dilatam e o fogo se arrasta em suas feições.

— Nao? — Ele grasna, sua voz rouca e corajosa, como se o ato estivesse consumindo toda a sua energia.

Eu quase desmoronei com a onda de alívio enquanto deixo escapar. — Sim, sou eu.

— O que aconteceu...? — Ele tenta se sentar e geme ao cair de costas.

Eu mantenho uma mão gentil, mas firme em seu peito para que ele fique no lugar. — Não se mexa. Você foi baleado e o sangramento mal parou.

— Caralho, — ele resmunga, o estrondo de sua voz mais profundo do que o normal.

Tudo é diferente. A cara dele. Sua fraqueza. Todo esse maldito lugar.

Sebastian olha para o ferimento que estou cobrindo com minha camiseta, depois de volta para mim. Seu olhar inquisitivo me estuda de cima a baixo como se ele estivesse reaprendendo meu corpo, então ele logo fica frenético. — Você está bem? Você está ferida em algum lugar?

Não sei se é seu tom preocupado ou a maneira como, em vez de perguntar sobre sua própria lesão, ele só está focado no meu bem-estar. Pode ser ambos combinados, mas não consigo controlar quando grandes e gordas lágrimas caem em cascata pelo meu rosto.

— Baby... — A carranca de Sebastian se aprofunda. — Você está machucada?

— Não, você é aquele que levou um tiro e quase sangrou até a morte. Por que diabos você está preocupado comigo?

— Por que eu não estaria? Você é sempre a primeira coisa em que penso. Tenho que proteger o que é meu, baby.

Quero dizer a ele que não, não sou dele e que acabamos por causa da aposta estúpida que ele aceitou de Reina. Eu quero discutir e lutar com ele porque ele achou uma boa ideia fazer parte de um desafio em que ele tinha

que me foder para impressionar a abelha rainha do campus e seus amigos do time de futebol. Quero gritar com ele sobre toda a humilhação que senti quando as líderes de torcida, lideradas por aquela vadia da Brianna, fizeram de mim o alvo de chacota da escola. Mas isso não é importante agora. Não quando sua vida está em jogo.

— Precisamos sair daqui.

— Onde estamos? — Ele fala com dificuldade, esforçando-se com cada palavra.

— Não sei. Parece uma espécie de prisão.

— Você sabe quem fez isso?

— Eu... acho que sim.

Ele me lança um olhar questionador, piscando rapidamente, provavelmente tentando manter o foco.

Eu lambo meus lábios. — O homem que atirou em você disse: disse que nos encontraríamos de novo, Hitori-san. Ele tem a mesma voz de um dos homens que visitaram a mim e a mamãe não muito tempo atrás. Seu nome é Ren e acho que ele é um dos homens do meu pai.

— Os homens do seu pai?

— Mamãe me avisou que ele é perigoso.

— O que ele faz exatamente?

— Eu não sei, mas Ren é definitivamente quem está por trás disso.

A estática enche a sala e nós dois congelamos quando uma voz suave ecoa pelo ar. — *Ding, ding, ding*. Está correto. Agora, vamos começar os jogos.

Capítulo Três

Sebastian

Eu pensei que conhecia a dor. Quando eu tinha seis anos e sofri aquele acidente com meus pais, quebrei meu braço e machuquei minhas costelas. Doeu como uma cadela e eu não conseguia respirar sem querer chorar. Havia inúmeras vozes flutuando ao meu redor, falando e discutindo em japonês. Quando acordei no hospital, porém, meus avós estavam lá e me disseram que eu moraria com eles.

Você será um 'verdadeiro' Weaver agora. Essas foram as palavras reais da vovó. Para fazer isso, ela disse que eu teria que esquecer tudo o que meus pais me ensinaram.

Eles não tentaram diminuir o golpe de uma criança ao descobrir que seus pais estavam mortos. Que eu não tinha mais mãe nem pai. Que o mundo como eu o conhecia desabou sem chance de ser reconstruído novamente. Eu deitei lá com meu braço engessado em meu peito. Meus pulmões explodiam a cada respiração e meu rosto parecia inchado. Mas eu ainda não sentia nenhuma dor. Ou talvez eu tenha sentido tanta dor de uma vez que desmaiei.

Sempre usei essa época da minha vida como uma referência para qualquer desconforto que senti. Músculos tensos? Isso não é nada. Torceu o tornozelo? Brincadeira de criança.

Mas nada disso se compara à dor pulsante em meu ombro. É como se mãos invisíveis estivessem vasculhando minha ferida, cavando e torcendo até que minha respiração fosse roubada. Poderia ser suportável se eu estivesse sozinho. Se Naomi não estivesse pressionando sua camiseta contra ela com um desespero que silencia a cor de seus olhos escuros enquanto a umidade se agarra a seus longos cílios e forma linhas em suas bochechas coradas.

Assistir ela chorar é equivalente a cavar um caco de vidro em meu peito. Eu não gosto de vê-la machucada, especialmente se for por minha causa. Agora, nós dois estamos procurando ao nosso redor para encontrar a voz que preencheu a sala alguns segundos atrás.

Que comecem os jogos, disse ele.

Naomi mencionou que ela o reconheceu na floresta e que ele poderia ser um dos homens de seu pai. Uma vez, ela disse que estava procurando por seu pai e que sua mãe não queria que ela se conectasse com ele, o que é um dos principais motivos de seu relacionamento com a mãe ser tenso. Mas por que eu sinto que meus avós poderiam ter uma mão nisso?

Papai disse há quinze anos, ‘você estava lá quando disseram que só compareceriam ao meu funeral. Eu não ficaria surpreso se eles ajudassem a acelerar o processo.’

Vovó obviamente era contra qualquer relacionamento que eu tivesse com Naomi, assim como ela se opunha ao casamento dos meus pais. Nate sempre me alertou para ter cuidado para não compartilhar o destino de meu pai. Não apenas isso, mas ele fez de sua missão agir como uma espécie de escudo invisível entre mim e o mundo, meus avós incluídos. Como se ele soubesse exatamente do que eles eram capazes.

Mas eles não teriam atirado em mim, certo? Afinal, eu sou o futuro líder do clã Weaver, como eles gostam de me lembrar. Embora tudo seja possível se o objetivo for me ensinar uma lição. Tento me sentar novamente, mas Naomi coloca uma mão macia, porém firme, em meu peito para me proibir.

— Eu estou bem, — eu me esforço.

Eu não estou. O mero ato de me mover é como levantar pesos com a porra dos meus dentes. Minha cabeça está tonta e o ferimento lateja como um filho da puta. Mas não posso dizer isso a Naomi ou ela ficará mais assustada e magoada do que já está. O chão de concreto frio raspa contra minha coxa e palma enquanto eu lentamente sento e me inclino contra a parede. Apesar de seus protestos.

— Você está ferido... — ela lamenta, mas desiste de tentar me impedir e me ajuda a ficar em uma posição confortável.

Novas lágrimas escorrem pelo seu rosto enquanto ela cuidadosamente se manobra para ficar do meu lado ferido. Ela ainda está segurando sua camiseta com determinação, como se soltar fosse fazer com que a vida evaporasse de mim. Ou me deixar sangrar.

Eu não gosto de ver ela chorar. Bem, eu gosto, mas só quando eu a perseguir e conquistar, porque eu sei que ela gosta disso também. Eu amo suas lágrimas de foder. Suas de 'não, por favor,' que na verdade são lágrimas de 'sim, por favor.'

Mas não essas. A dor e o desespero nelas me destroem pra caralho. Eu não gosto quando ela está triste ou magoada. É ainda mais doloroso do que se fossem meus próprios sentimentos. Posso descartá-los, tratá-los com eficiência e colocá-los em segundo plano. Eu gostaria de poder fazer o mesmo com Naomi. Eu gostaria de poder tirar os sentimentos dela e tratá-los como meus, para que ela não sofresse mais.

É isso... como é a empatia?

— Ei... — Eu coloco a palma em sua bochecha, afastando a umidade acumulada lá. — Estou muito bem.

— Você não parece bem, — ela murmura.

— Parece pior do que realmente é. Você quer torná-lo melhor?

— Claro.

— Então pare de chorar, baby. Isso dói mais do que a própria ferida.

Ela funga, enxugando o rosto com as costas da mão.

A estática encheu a sala novamente e nós dois enrijecemos quando a mesma voz de antes fala novamente. — Muito comovente. Você quase me colocou para dormir.

— O que você quer de nós? — O olhar de Naomi procura pela sala e quando eu faço o mesmo, vejo algumas câmeras piscando nos cantos e um alto-falante branco de onde sua voz chega até nós.

— Eu já te disse. Um jogo.

— Você é um dos homens do meu pai?

— O que te deu essa ideia?

— Mamãe disse que você era.

— Sato-san diz muitas coisas. É melhor não acreditar em todas elas. Agora, para o nosso jogo...

— Nós não estamos jogando, — eu resmungo, então estremeço.

Pessoas doentes como ele levam os outros a um ponto sem volta. Eles gostam de desnudar as pessoas até suas formas mais primitivas, onde possam explorá-las livremente. Não há nenhuma maneira de darmos a ele a alegria de nos ver numa espiral fora de controle.

— Quem disse que você tem escolha, Quarterback? Brinque ou não haverá água e comida. Ah, e sua ferida vai infeccionar e você vai morrer.

Meus lábios se torcem e eu xinguei baixinho. Eu deveria saber que eles usariam nossas necessidades básicas contra nós. Deve haver uma maneira de frustrar seus planos...

— Se concordarmos, você vai conseguir ajuda para ele? — Naomi pergunta.

Eu balancei minha cabeça. Ela está jogando direto em suas mãos, revelando que ela se preocupa com meu bem-estar. Eu teria agarrado e beijado a porra dela em circunstâncias diferentes, mas agora, não sabemos com o que estamos realmente lidando.

Este pode ser um grupo desonesto que está se rebelando contra seu pai. Ou talvez o próprio pai dela seja um bastardo doente que não se importa em colocar sua própria filha em situações terríveis. Até descobrirmos seu ângulo, precisamos ser extremamente cuidadosos com nossa sobrevivência, e isso significa revelar o mínimo possível sobre nós mesmos.

— Sem promessas, — diz o homem, Ren, como Naomi o chamava. — Agora, o jogo. Vamos começar com as regras. Sem mentiras. Quero dizer. Saberemos quando você mentir e, se o fizer, haverá punição.

— Que tipo de jogo é esse? — Eu pergunto.

— Estou feliz que você perguntou, Quarterback. Chamamos isso de sobrevivência do mais apto. Assim como sua tatuagem.

Não perco o sorriso em sua voz quando ele disse a última parte. Ele sabe sobre minha tatuagem e é japonês. Não tem como saber porra, tudo isso é uma coincidência.

— Agora, vamos começar. Vou pegar leve com você na primeira rodada. Um de vocês vai me contar um segredo profundo e obscuro que ninguém no mundo conhece. Faça isso e você terá água. Engarrafada, não qualquer merda imunda pingando daquela torneira.

— Não diga nada, — eu sussurro para Naomi.

— Precisamos de água, — ela murmura de volta, segurando firme no meu ombro. — Seus lábios estão rachados e secos, e você estava sangrando não há muito tempo.

— Eu vou ficar bem. Se você jogar na mão dele, isso só vai nos quebrar.

— Eu não me importo, contanto que sobrevivamos.

— Não quero ser um estraga-prazeres, mas você tem dez segundos antes que sua chance acabe. — Ren faz uma pausa. — Sete, seis, cinco...

— Fui molestada quando tinha nove anos, — Naomi desabafa, com os lábios e o queixo tremendo.

Meu punho aperta ao meu lado, não só por causa de seu estado ou porque ela está jogando o jogo de Ren, mas também por causa do lembrete do que ela passou. Ela não deve divulgar isso por causa de um jogo doentio. Ela não deveria abrir sua ferida e contar a um estranho de merda seu segredo mais íntimo.

— Esse não é um segredo profundo e sombrio, — diz Ren.

— Isto é. Ninguém sabe disso e não houve boletim de ocorrência.

— Sua mãe sabia, assim como alguns terapeutas e o homem que te molestou. Isso não conta.

— Mas...

— Você tem cinco segundos para outra tentativa. Quatro... três...

— Merda, — Naomi murmura baixinho. — Pense, Naomi, pense...

— Dois...

— Meus pais foram mortos, — eu sussurro baixo.

Os olhos de Naomi voam para os meus, o castanho escuro se alargando com mil perguntas.

— Seus pais sofreram um acidente, Quarterback. — A voz provocativamente calma de Ren preenche o espaço.

— Foi um acidente premeditado. Eles estavam fugindo de alguém e o acidente foi uma camuflagem para encobrir seu assassinato.

Naomi engasga e cobre a boca com as costas da mão livre. Posso dizer que ela quer me perguntar mais, mas ela também reconhece que estamos sendo observados. Seu pequeno corpo se aconchega ao meu lado e ela nem precisa dizer uma palavra. Seus olhos curiosos dizem tudo.

Lamento que você tenha passado por isso. Estou aqui por você.

Talvez se eu tivesse ouvido essas palavras quando tinha seis anos de idade, as coisas teriam sido diferentes. Talvez se eu a conhecesse naquela época, eu seria capaz de viver de outra maneira. Talvez não tivéssemos acabado aqui, onde ela está pressionando a camiseta contra o meu ferimento.

— *Sekai*, — Ren diz em um tom divertido.

Correto. Ele sabe. O filho da puta já sabe sobre meus pais. O mau pressentimento que tive quando ele começou este jogo volta para me assombrar. Há algo absolutamente nefasto nisso. Mas o que?

O som de metal estridente faz Naomi pular e eu enrijecer. Uma pequena janela se abre na porta e uma garrafa de água é jogada dentro e então, sem mais nem menos, a única abertura é fechada com força.

Ela agarra minha mão boa e a coloca em cima da dela na ferida. — Segure com força. Eu volto já.

Depois que eu assumo a tarefa, ela pula e corre para pegar a garrafa de água, depois volta correndo com ela nas mãos. Ela se ajoelha ao meu lado, abre a garrafa e a coloca em meus lábios enquanto pressiona minha ferida, mesmo quando eu não removo minha mão.

— Você bebe primeiro, — eu digo.

— Estou bem. Você é aquele que está ferido.

— Mas...

— Basta beber já. — Ela enfia nos meus lábios e me ajuda a dar alguns goles hesitantes. A água fria e fresca acalma minha garganta seca.

Quase bebo metade, sem perceber o quanto estou desidratado. Isto é mau. Nesse ritmo, vou piorar muito em breve.

— Beba mais, — ela insiste.

— Você bebe, baby.

— Estou bem.

— Não, você não está. Seus lábios também estão secos. — Deus sabe há quanto tempo estamos aqui.

A julgar pela pequena poça de sangue ao nosso lado, já faz algum tempo. Eu me estico para o lado, estremecendo enquanto estudo o que está ao nosso redor. Tento não ser óbvio sobre isso, fingindo que estou olhando para Naomi enquanto ela bebe. Mas se eu sou óbvio ou não, não importa. O lugar não tem rota de fuga, exceto pela porta de metal que eles nem mesmo abriram para nos dar água.

— Segunda rodada, — a voz repugnante de Ren ecoa do alto-falante. — Vamos apimentar um pouco desta vez e vamos com um desafio. Se você fizer isso, nós lhe daremos comida. Do contrário, haverá consequências.

Um som profundo e rosnado vem do estômago de Naomi com a menção de comida. Ela fecha a garrafa de água que sobrou cerca de metade e olha para cima. — O que é?

— Remova o sutiã.

Minha mandíbula aperta enquanto seu rosto fica vermelho. Seu olhar voa para o meu enquanto ela morde o lábio levemente, insegura. Eu balanço minha cabeça bruscamente uma vez. Que se foda isso e ele. Não há nenhuma maneira no inferno de Naomi estar se despindo para o filho da puta doente. De jeito nenhum ninguém vai ver ela e seus peitos lindos além de mim.

— Sete... seis... — Ren conta vagorosamente. — Isso terá uma punição...

— Me deixe fazer isso, — sussurra Naomi. — Eu não me importo.

— Claro que você faz. Você nem gosta de trocar de roupa na frente de todos no vestiário, muito menos na frente de estranhos.

Ela solta os lábios e eles formam um estupefato 'Oh.' Ela está realmente surpresa por eu ter percebido isso nela? Percebo tudo quando se trata de Naomi.

— Eu estou bem se isso nos servir comida, — ela insiste.

— Foda-se, — murmuro.

— Dois... um, — Ren termina com um tom fechado. — Eeeee hora de punição.

Naomi e eu vigiamos a porta, pensando que alguém vai entrar e nos espancar ou algo assim. Nem a porta nem a pequena abertura se movem. Ele estava blefando?

Esse pensamento não está totalmente formado ainda quando toda a sala fica preta.

Capítulo Quatro

Naomi

Pisco algumas vezes como se isso fosse trazer de volta a luz magicamente. Não importa. Todo o lugar está escuro. Está tão escuro que não consigo ver nada. Nada absoluto. Eu instintivamente me aproximo mais do lado de Sebastian e só solto um suspiro quando sinto o calor de seu corpo contra minha coxa e meu braço.

Nossa respiração simultânea ecoa pelo ar. A minha é dura e fraturada. A dele é profunda e instável, provavelmente devido à quantidade de dor que ele deve estar sentindo. Ele realmente precisa de ajuda e neste ritmo, Ren não parece que ele tem isso em seus planos. Eu cuidadosamente pressiono contra sua mão que está em seu ferimento. Não sai sangue há algum tempo, mas não faz mal impedi-lo.

— Isso foi uma tolice. — A voz de Ren atravessa o silêncio escuro. — Você não só vai ficar sem comida, mas também vai ficar na escuridão por... vamos ver... Hmm. Horas? Dias? Quem sabe? O céu é o limite. Desculpe, quero dizer, o teto da cela é.

Minha garganta fecha. Sebastian provavelmente não pode sobreviver horas nesta condição, muito menos dias. Além disso, a falta de comida não só vai nos enfraquecer, mas também será letal.

— Eu vou fazer isso, — eu deixo escapar. — Vou tirar meu sutiã.

— Não, — Sebastian rosna no fundo de sua garganta. O som é igualmente agressivo e dolorido.

Considerando o quão possessivo ele pode ser, estou bem ciente do quanto ele odeia a ideia de eu ficar nua na frente de outras pessoas. Eu também odeio isso, mas se isso vai nos manter seguros, eu não me importo.

Um som de *tsk* baixo vem de Ren. — Sua chance passou. Você perdeu e, de acordo com as regras, você vai pagar. Você pode sobreviver por alguns dias, Naomi. Quarterback, entretanto...

A estática do alto-falante desaparece e eu levanto. — Não... volte! Você disse que há muitas rodadas. Podemos jogar o próximo... volte! Ren!

— É inútil. — Sebastian solta um longo suspiro que sinto com a longa subida e descida interrompida de seu peito. — Ele se foi.

— Não. Ele pode estar lá em algum lugar. Ele deve estar nos observando.

— Acho que não. As câmeras pararam de piscar.

Eu olho em volta e, com certeza, os pontos vermelhos desapareceram. Mesmo que isso deva ser um alívio, na verdade não é. Eles realmente nos deixaram no escuro agora. Talvez estejamos aqui até morrer. Talvez ninguém encontre nossos cadáveres.

— Ajuda! — Eu grito no topo dos meus pulmões, minha voz ficando histérica enquanto o pior cenário passa pela minha cabeça. — Alguém nos ajude! Estamos presos!

— Não desperdice sua energia, Nao.

— Talvez alguém nos ouça... talvez eles nos tirem daqui.

— Você realmente não acredita nisso.

Eu não acredito. Mas eu escolho manter a ilusão de que há algo mais na mão que recebemos.

— Me deixe tentar chegar até a porta, — sugiro. Talvez eu consiga abri-la.

— Você viu a porta. É metal.

— Então você sugere que não façamos nada? Você levou um tiro!

— Eu sei. Mas a melhor coisa que podemos fazer nessas circunstâncias é economizar energia. Nós só temos um limite de água restante e quando ela acabar, só vai piorar.

Eu fungo e enxugo minhas lágrimas com as costas da mão. Odeio ser fraca, e é por isso que não choro em público nem mostro a ninguém como sou fraca por dentro. Mas não é por isso que quero parar de chorar. É por causa do que Sebastian disse antes, quando ele mencionou que me ver com dor dói mais do que sua ferida.

Além disso, chorar não vai nos ajudar a resolver essa situação. Se Sebastian não estivesse ferido, ele provavelmente poderia quebrar a porta

ou algo assim. Mas agora, ele é mais fraco do que eu. Seu corpo divino está pesado no chão e o suor cobre sua pele, embora esteja frio aqui.

— Eu simplesmente não entendo por que eles estão fazendo isso. Eles são o povo do meu pai. Eles não deveriam querer me machucar. A menos que...

— A menos que?

— Você acha que ele está se vingando da minha mãe? Ela disse que deu a ele testes de DNA falsos para que ele não soubesse que eu sou sua filha. Talvez ele tenha levado isso a sério e agora esteja fazendo isso para atormentá-la.

— Por que ele machucaria você para atormentá-la?

— Porque eu sou tudo o que ela tem. Ela deixou sua família e velhos amigos no Japão e só me teve desde que veio para cá.

Ao pensar em minha mãe, novas lágrimas brotam dos meus olhos. Eu deveria passar mais tempo com ela agora que ela está nos estágios finais do câncer. Deveríamos estar planejando nossa viagem ao Japão e passar um tempo mãe e filha juntas.

— Você está chorando, baby?

— Ela deve estar tão preocupada. — Minha voz falha. — Raramente passamos noites separadas, mesmo com sua agenda lotada. Nunca fui em viagens escolares ou qualquer coisa do tipo, porque ela sempre foi obcecada pela minha segurança. Acho que agora sei por quê. Ela disse que

meu pai é um homem perigoso e eu não acreditei nela. Veja onde isso me levou.

— Você... não sabia.

— Talvez esta seja a minha punição por estar tão absorta em encontrar meu pai enquanto negligenciava meu pai existente. Ela tem câncer, sabe. É um estágio avançado e não há nada que eles possam fazer. Ela tem apenas algumas semanas restantes, na melhor das hipóteses, e eu não posso nem passar esse tempo com ela.

— Você irá. — Sua voz ganha um tom mais suave. — Nós vamos sair daqui.

— E se não o fizermos? E se eles se esquecerem de nós e morrermos e acabarmos no relatório de pessoas desaparecidas? E se eles encontrarem nossos restos mortais daqui a alguns anos e ficarmos irreconhecíveis e então eles fizerem um verdadeiro show de crime sobre nós?

Uma risada baixa escapa dele, mas se transforma em um estremecimento quando morre. — Essa é a sua imaginação hiperativa saindo para brincar.

— Poderia acontecer.

— Não vai. Eles nos trouxeram aqui por um motivo e ainda não o realizaram.

Eu suspiro, inclinando-me cuidadosamente para mais perto dele. — Lamento que você esteja envolvido em tudo isso por minha causa.

— Pode ser o contrário.

— O que?

— Eu acredito que nós dois estamos aqui porque eles planejaram isso o tempo todo para um propósito específico. Pode ter a ver com meus pais ou avós.

— Seus pais foram realmente mortos?

— Eu acredito que sim. Alguém veio buscar a pintura no local do acidente. Era um tesouro de família que mamãe comprou pouco antes do acidente e insistiu em levar conosco. Então acho que os ouvi no hospital falando sobre a pintura e a mamãe. De jeito nenhum isso poderia ter sido uma coincidência.

Meu coração dói por ele, pelos horrores que ele sofreu desde que era criança. Ninguém deve ser marcado tão brutalmente dessa maneira.

— Quem você acha que os matou?

Ele joga a cabeça para trás contra a parede com um grunhido. — Não sei. Pode ter sido essas pessoas. Ou talvez meus avós tenham algo a ver com isso.

— Por que seus avós machucariam seu pai?

— Porque ele os desobedeceu ao escolher a mamãe.

— Oh. — Eu me aconchoo ao seu lado, precisando sentir seu calor, mas quando ele estremece, eu me afasto.

— Está bem. Você não tem que ficar segurando a camiseta.

- Mas você está sangrando.
- Parou há um tempo. Só dói como um filho da puta agora.
- Eu vou segurar apenas no caso.
- Você realmente não precisa.
- Apenas no caso de...
- Você está preocupada comigo? — Eu não perco o tom divertido em seu tom. Ele é sempre brincalhão, mesmo em situações terríveis.
- Por que eu não estaria?
- Achei que você me odiasse por insistir que tudo acabasse entre nós, Tsundere.
- Eu te odeio por brincar com meu coração e fazer uma aposta para destruir meus sentimentos ingênuos. Eu te odeio por fazer todas as minhas fantasias se tornarem realidade apenas para jogá-las no penhasco da dura realidade. Mas nunca vou odiá-lo o suficiente para lhe desejar mal. Isso não sou eu.

Eu sugo uma respiração afiada e fraturada, surpresa com o tenor quente de minhas palavras. Talvez seja tudo que eu queria dizer desde que descobri que ele me fez passar por idiota, mas nunca tive o estado de espírito certo para formar as palavras. Agora que elas saíram, me sinto aliviada e completa. Eu quero chorar de novo por causa do quanto doeu. O quanto eu senti falta dele.

O quanto eu me odiei por sentir falta dele.

— Nunca foi uma aposta, baby. — Sua voz está baixa, apesar da dor que a envolve.

— Eu estava lá e ouvi claramente que era uma aposta.

— Tecnicamente. Na realidade, porém, nunca quis dizer isso.

— Você está me dizendo que não aceitou o desafio de Reina?

— Sim, mas não pelos motivos que você pensa.

— Então quais foram seus motivos?

— Se eu não fosse com isso, Reina teria mandado Josh fazer isso.

— Caramba, valeu. Estou honrada por ter sido você e não o assustador Josh.

— Você está sendo sarcástica, o que significa que está na defensiva.

— Eu não posso ficar?

— Não quando você não me deu a chance de explicar minhas razões.

— Existem muitas delas?

— É um motivo, na verdade. Você.

— Eu?

— Sim você. Se dependesse de mim, as coisas não teriam começado com uma aposta. Mas talvez elas precisassem.

— Que diabos você está falando?

— Eu não podia deixar Josh ficar com você. Minha reação foi irracional, mas eu não podia simplesmente permitir que acontecesse.

— Você nem sabia que eu existia antes de nos encontrarmos daquela vez.

— Claro que sim.

Eu franzo a testa, olhando em sua direção geral, apesar da escuridão. — Não, você não fez isso.

— Então como você acha que eu descobri todas aquelas pequenas coisas sobre você? Como seu amor pelo metal ou suas tendências sarcásticas?

— Achei que Reina ou uma das líderes de torcida lhe deram dicas.

— Elas não precisavam. Eu já estava te observando.

— Você estava *o quê*? — Quase engasgo com minhas próprias palavras.

— Eu observando você, baby. Por três anos.

Capítulo Cinco

Sebastian

Três anos atrás

É fascinante como alguém sente tão profundamente seus dias ruins quando nem mesmo percebem os dias bons. Esse alguém sou eu.

Os dias ruins sempre começam com a mesma coisa, a necessidade de machucar. Pulsos dentro de mim como se houvesse uma segunda pessoa tentando sair, mas não consegue encontrar uma maneira. Ele bate e arranha. Ele murmura, depois grita. Não há como desligar e ignorar não vai ajudar. A única maneira de aplacar isso é com a promessa de violência.

Eu mal estou focado na conversa de Owen e Asher enquanto caminhamos de nossos carros para o prédio da escola. Talvez eu consiga bater em alguém no treino de hoje. Sem quebrar nenhum osso. A última coisa que quero é envolver meus avós. A única razão pela qual gostam de ser chamados para a escola é quando têm a promessa de levar alguns prêmios honorários para casa. Qual é a melhor maneira de me livrar do excesso de energia sem ultrapassar os limites dos meus avós?

Há sexo, mas isso quase não ajuda. Mesmo quando fico duro, isso realmente não sacia o desejo de mais. Asher para de andar e eu automaticamente também. Ele é meu amigo desde que éramos jovens. Seu

pai é dono da empresa que representa meu avô. Depois de sermos constantemente empurrados para a presença um do outro, pensamos: 'que se foda. Podemos muito bem nos tornar amigos.' Ou talvez seja a presença desagradável de Owen que nos uniu.

Definitivamente, não falamos tanto quanto quando ele é o centro das atenções, fazendo tudo sobre ele e suas aventuras aleatórias. Os olhos verdes escuros de Asher se estreitam e tem tiques musculares em sua mandíbula. Ele sempre tem uma máscara legal presa em suas feições e apenas uma coisa pode removê-la. Ou melhor, uma pessoa.

Eu sigo seu campo de visão e, com certeza, é Reina. Ela está ao lado do carro, rindo de algo que um dos jogadores de futebol está dizendo. Uma visão que Asher não aprova. Seus olhos encontram os dele e seu sorriso cai por um segundo antes de ela retomar a conversa como se seu noivo não estivesse parado a poucos metros de distância.

Eles começaram esse estúpido noivado arranjado há alguns anos e só ficaram fora de controle desde então. Piorou depois que seu pai morreu no início do ano e ela foi morar com seu tutor legal, o pai de Asher. Agora que eles vivem juntos, eles estão sempre na garganta um do outro. Eu vejo o corpo do meu amigo enrijecer, seus músculos se tencionando contra sua camiseta. Seu rosto também se fecha e ele quase rasga um tendão do pescoço por causa da força com que range os dentes.

— Não faça isso, cara. — O olhar de Owen voa entre a cena e a postura rígida de Asher. — Ele está apenas falando com ela.

Eu levanto um ombro. — Ele poderia significar algo mais.

— De que lado você está, filho da puta? — Owen me encara.

— Asher, é claro. — Eu me inclino. — Ele está colocando a mão sobre ela. Viu? Ele está tocando o braço dela. Quem sabe o que ele vai tocar a seguir?

Isso é tudo o que preciso para Asher correr em direção a eles. Owen me mostra o dedo antes de correr atrás dele. Mas é tarde demais. Em um segundo, o jogador de futebol está parado ali, e no próximo, Asher bate o punho direto em seu rosto. O som de ossos quebrando atinge meus ouvidos e eu brevemente fecho meus olhos para memorizá-lo.

Ainda não ajuda a afastar a necessidade de violência e o desejo de esmurrar alguém no chão, mas parece bom. Parece bom também. O jogador de futebol está de joelhos, segurando o nariz sangrando enquanto cospe palavrões em Asher. O rosto de Reina se transforma em pedra. Ela provavelmente está acostumada com Asher batendo em qualquer um que olha para ela, quanto mais falar com ela.

Ele é possessivo e ela antagônica. Porque, às vezes, ela faz de propósito, apenas para obter uma reação dele. O jogador salta e acerta um soco na bochecha de Asher. E então eles estão se socando como se fosse uma luta de boxe. Owen tenta interferir enquanto Reina apenas fica lá, sua expressão tensa enquanto ela assiste a luta. Seus braços estão cruzados sobre o peito e suas unhas cravam em sua pele. Asher soca com mais força e é atingido com a mesma força.

Que bela vista. O que é mais agradável, porém, são as gotas de sangue no concreto. Se o punho de Asher fosse mais poderoso, haveria mais sangue. Pena.

Eu solto um suspiro entediado. Eu provavelmente deveria fingir que os separo para não parecer que estou gostando muito do show. Lá se vai meu plano de curtir a luta sentado na primeira fila. Estou prestes a intervir quando algo pega na minha visão periférica. Na verdade, é alguém. Uma sobrecarga.

O estacionamento fica na base de uma colina. No topo, existem inúmeras árvores que muitos alunos usam como camuflagem para fazer as aparências. Por um segundo, acredito que o borrão de movimento é, na verdade, um casal de merdas logo pela manhã.

Mas não é. Dou um passo para trás para ter uma visão melhor e congelo. É uma menina. Ela foi transferida para nossa escola este ano. Eu a vi antes porque ela está na torcida com Reina, Brianna e as outras. Além disso, ela é tão pequena que seu tamanho sempre a denuncia na multidão. Não é o tamanho dela que me faz parar e olhar, no entanto.

São os olhos dela. Ou, mais precisamente, as lágrimas neles. Duas listras pintam suas bochechas coradas enquanto ela olha para o céu desolado. Há algo assustador em seus olhos, uma espécie de miséria. Ou talvez seja um desejo que não poderia ser atendido, como no meu caso. Ela não está berrando como o resto das garotas. Ela também não parece ter olhos vermelhos.

Sua dor é silenciosa e discreta, como se ela mesma não soubesse que está fazendo isso. Eu nunca vi ninguém parecer tão dolorosamente linda quando chora como ela agora. Uma rajada de vento brinca com seu cabelo preto curto e saia de tule, fazendo-os voar no ar atrás dela. Até sua jaqueta se abre, revelando sua camiseta do Metallica.

Uma folha cai em seu nariz e ela corta sua competição de olhar fixamente com o céu para segurá-la entre seus dedos delicados. Eles são pequenos, assim como o resto dela. Seus olhos escuros focalizam a folha como se fosse a primeira vez que ela via uma. E assim, ela sorri. É um processo lento que aumenta com o tempo. Seus lábios em botão de rosa franzem e então eles se curvam no sorriso mais deslumbrante que eu já vi.

Seu nariz se contrai e gotas de lágrimas grudam em seus lábios e no queixo, mas ela não para de sorrir enquanto toca a folha. Um pensamento irracional se apodera de mim, um pensamento que eu normalmente não teria em nenhuma circunstância. Eu nunca fui do tipo irracional. Por nenhum motivo. E, no entanto, a necessidade de subir até lá é mais forte do que qualquer desejo violento que já tive. Eu quero perguntar a ela por que ela está chorando e por que está sorrindo.

Quero perguntar a ela como é possível parecer a porra de um anjo em que não acredito enquanto ela está chorando e sorrindo. Melhor ainda, quero ser o motivo pelo qual ela tem essa expressão no rosto. Felicidade assombrada. Como se nem a dor nem a alegria pudessem vencer, eles decidiram coexistir. Mas eu não vou até ela. Porque se eu fizer isso, vou

estragar a imagem perfeita na minha frente. Um que inúmeros artistas poderiam tentar imitar, mas nunca conseguiriam.

Uma porra de uma obra de arte.

— Sebastian!

Meu olhar se desvia ao som do meu nome. É Owen e ele está olhando feio, apontando para a luta, então eu irei ajudá-lo a separá-la.

É quando eu percebo que estou completamente desorientado com o que está acontecendo. Esquisito. Minha própria necessidade de violência mal existe. Definitivamente não é tão forte quanto há alguns minutos.

— Só um segundo, — digo a Owen e olho para a colina.

Não há nada. O anjo que eu inventei não está mais lá. Talvez ela não existisse em primeiro lugar. Apenas, ela existe.

E vou me certificar de ficar de olho nela de agora em diante. Só para ver seu sorriso choroso novamente. Ou talvez apenas sorrir. Ou apenas chorar. Contanto que eu a veja.

Capítulo Seis

Naomi

Eu fico olhando na escuridão, meus lábios se separando. Incapaz de resistir, eu estendo a mão cegamente até tocar a manga de Sebastian. Ele não está mais recontando os eventos do primeiro dia em que me ‘conheceu,’ mas ainda não parei de ouvir.

Eu não terminei de ouvi-lo dizer que ele realmente sabia que eu existia o tempo todo. Ele pode não ter mostrado, mas ele sabia que eu estava lá. Talvez desde que eu saiba sobre ele.

— Por que você estava chorando naquele dia? — Sua voz é baixa, quase insegura, o que não é típico dele. Ele geralmente está explodindo de confiança silenciosa, mas agora, ele está me mostrando um lado dele que ele nunca mostrou antes. — Eu esperei tanto tempo para fazer essa pergunta.

Eu nem preciso pensar muito sobre isso. Lembro claramente como se tivesse acontecido há alguns dias. — Você tem certeza que quer saber? É um motivo estúpido e odeio destruir suas memórias.

— Nada é estúpido sobre você, Nao.

Meu aperto aumenta em sua manga. — Era meu aniversário. Mamãe me perguntou que presente ela poderia me dar e eu disse a ela que queria papai. Ela não gostou disso e nós começamos uma briga enorme antes de eu ir para a escola. É por isso que eu estava chorando. Viu? É um motivo estúpido.

— Não é. Por que você sorriu depois?

— Tive um momento angustiante na adolescência em que pensei: ‘ei, talvez o mundo estaria melhor sem mim.’ Então, ergui os olhos e pedi um sinal para me mostrar que sou importante de alguma forma e que minha existência é importante. Pode ter sido qualquer coisa, desde que eu pudesse sentir. Foi quando a folha caiu no meu nariz e, por algum motivo, isso me deixou tão tonta por dentro. Aborrecido, eu sei. Eu estraguei sua imagem dessa memória.

Sebastian agarra meu braço e me puxa para baixo para que minha cabeça fique em sua coxa musculosa. Um estremecimento abafado o deixa e mesmo através da escuridão, posso imaginar a carranca gravada profundamente entre suas sobrancelhas. Seus dedos magros penteiam meu cabelo, acariciando suavemente. Leva tudo de mim para não gemer e, em vez disso, tento me levantar para não o machucar.

Sebastian trava um braço de aço sobre meu peito, me proibindo de me mover. — Você não estragou nada. Você acabou de amplificar, e sabe o que isso significa? Você está presa a mim, baby.

A necessidade de chorar me atinge de novo, mas eu fungo para não virar um bebê chorão. Tenho uma reputação a manter, caramba. — Eu ainda não te perdoei.

— Mesmo quando estou morrendo?

— Você não está morrendo! — Minha voz engasga. — Nós vamos sair daqui.

— Estou brincando. Eu só estava tentando jogar com sua simpatia.

— Não faça isso de novo. — Meus dedos cavam em suas calças e luto para tirar a imagem dele morrendo da minha cabeça.

Esse pensamento me sufoca. Isso rouba meu fôlego e me deixa com pensamentos turvos e caóticos.

— Estou apenas brincando com você, Tsundere. — Sua voz baixa e é quase calmante, apesar do tom de dor nela. — Eu não iria deixá-la sozinha depois de esperar três anos.

— Você... esperou?

— Eu acho que sim.

— O que você estava esperando?

— Não sei. Talvez uma oportunidade.

Eu zombo. — Você poderia ter feito sua própria oportunidade sem esperar pela aposta de Reina.

— Esse é o problema. Eu não sabia que precisava fazer um movimento até que aquele filho da puta do Josh quase te levou embora. Ser ameaçado me fez agir.

— Josh não teria a menor chance. Jogadores de futebol arrogantes não são meu tipo.

— Exceto para mim?

— Eu nunca disse isso.

— Você não precisa, Tsundere. Eu observei você por tempo suficiente para reconhecer sua atitude quente e fria.

Eu mordo meu lábio inferior e inalo profundamente, sentindo seu cheiro misturado com sangue e outra coisa. — Não acredito que você me observou por três anos e eu não notei nada.

— Eu fui muito bem. Além disso, você tende a ficar cega ao seu redor, especialmente quando está com os fones de ouvido.

— Não para você, — murmuro. — Veja, eu também observei você.

— Você fez?

Eu aceno contra sua coxa. — Desde o primeiro dia que entrei na escola. Você provavelmente não se lembra, mas eu sim. Claramente.

Ele fica quieto por um instante, e eu só posso ouvir os sons guturais de sua respiração no silêncio escuro. É assustador e cortado, uma indicação clara de que ele precisa de ajuda e não importa o quanto nos enganemos pensando que ficaremos bem, provavelmente não vamos. Eu respiro fundo

e escolho permanecer no aqui e agora, mesmo que seja apenas temporário. O agora é tudo o que temos.

— Foi durante meu primeiro dia na Blackwood High. Mais uma vez, fiquei com raiva de como mamãe sempre nos mudava de uma cidade para outra. Não que eu amasse San Francisco, mas me senti em casa por muito tempo. E, do nada, mamãe me disse que comprou uma casa em uma cidade cheia de gente rica. Tínhamos vivido em cidades pequenas antes e eu odiava todas elas. As pessoas nesses lugares eram em sua maioria idiotas racistas e tacanhos e, ainda assim, mamãe não parecia se importar. Não acreditei quando ela disse que desta vez seria diferente. Ela continuou cantando músicas diferentes sobre a riqueza da cidade ou como a taxa de criminalidade em Blackwood estava perto de zero ou que seus residentes eram os mais gentis. Mas ela esqueceu o pequeno detalhe sobre como eu seria uma estudante transferida no meio do meu último ano e eles sempre estão condenados à rejeição. Perdi o passeio que o diretor reservou especificamente para mim e mamãe, porque chegamos na cidade no último segundo. Além de ser um novo rosto no meio do ano, eu não fazia a menor ideia de como chegar ao Colégio Blackwood e, para piorar as coisas, estava chovendo. O GPS me levou ao topo de uma colina, então ficou tão ruim que não consegui dizer se a escola estava localizada à esquerda ou à direita. Então parei o carro na beira da estrada perto de um campo de futebol e saí, presumindo que fosse o campo da escola. Mas eu não consegui encontrar ninguém para me direcionar para a escola idiota. Eu pensei que meu primeiro dia estava condenado ao fracasso desde o início. Mas quando eu estava voltando para o meu carro, alguém bateu no meu ombro e apontou

para a direita sem realmente olhar para mim. Ele estava correndo no meio da chuva torrencial e estava com fones de ouvido, então não me ouviu quando agradeci. Ele não percebeu que eu fiquei ali, olhando, pensando que talvez esta cidade não fosse tão ruim quanto as outras. — Eu engulo o caroço que se formou na parte de trás da minha garganta. — Esse alguém era você. Foi uma demonstração aleatória de compaixão, mas para uma novata na cidade que não conhecia ninguém e não tinha ideia, isso significava muito mais do que você imagina.

Ele fica em silêncio por um segundo e se não fosse pelo ritmo irregular de sua respiração, eu acreditaria que ele tinha adormecido ou algo assim.

— Você provavelmente nem se lembra daquele momento, — eu deixo escapar. — Mas... você sabe por que você fez isso?

— Fez o que?

— Apontou um estranho na direção certa. Você não tem empatia, então não deveria ter parado para ajudar.

— Não parei para ajudar.

— Você bateu no meu ombro e ajudou.

— Eu provavelmente vi algo em você.

— Como o quê?

— Não sei. Assim como eu não sei por que parei e olhei para você naquele dia. Talvez todas essas coisas levaram à forma como ficamos juntos.

— Você acha?

— Tenho certeza. Afinal, você me observou tanto quanto eu a observei.

Você tem uma queda por mim, baby?

— Não!

— Na defensiva, Tsundere. Que tal ser honesta pelo menos uma vez?

— É que sempre que eu te via outras vezes, eu pensava nos sentimentos que tive naquele dia. Foi estranhamente de alívio e seguro.

— Então eu vim e esmaguei esses sentimentos? — Há uma rouquidão exausta em sua voz e, embora eu ame o tom natural disso, é anormal.

— Na verdade não.

— Você quer me dizer que ainda se sente aliviada e segura?

— Até certo ponto, sim. A maneira como você veio atrás de mim com absoluta determinação me assustou pra caralho. Nosso relacionamento e nossas perseguições depravadas também me apavoraram, mas me sinto segura com você. Se não o fizesse, já teria terminado há muito tempo.

— Mmm... eu... gosto disso... — ele para de falar, sua voz perdendo a aspereza e ficando fraca.

Sento-me com cuidado e sua mão fica mole no meu ombro, nem mesmo tentando me impedir. — Sebastian?

— Mmm..?

Eu gentilmente toco seu abdômen, em seguida, traço um caminho até sua bochecha. Eu endureço quando sua pele quente encontra a minha. Puta merda. Ele está queimando. A febre é totalmente ruim. Ele pode ter uma infecção ou algo pior.

Eu sinto seu pescoço e rosto que estão pendurados para o lado, seus lábios rachados ligeiramente abertos. — Sebastian, você pode me ouvir?

Ele libera um ruído distraído, mas não se mexe.

— Sebastian! Abra seus olhos!

Ele permanece na mesma posição. Eu verifico sob a camiseta que está contra seu ombro e solto um suspiro de alívio quando não sinto qualquer pegajosidade. Embora ele ainda não esteja mais sangrando, a febre pode significar algo pior. Gavinhas de medo malévolo estalam em volta de minhas costelas e os piores cenários passam pela minha cabeça.

Deus não. Por favor, não o leve embora. Por favor. Eu faria qualquer coisa. Novas lágrimas enchem minhas pálpebras quando tento a garrafa de água, despejo um pouco na camisa e coloco em sua testa. Eu continuo chamando seu nome, embora ele ainda não esteja se movendo, e ele parece estar ficando mais quente, não mais frio.

Eu bebo um pouco de água, em seguida, escovo meus lábios contra os rachados dele, tentando fazê-lo tomar um gole, mesmo que seja apenas um pequeno. O som de sua deglutição é como música para meus ouvidos. Pelo menos ele está ficando um pouco hidratado. Mas até eu sei que se ele não conseguir ajuda médica logo, ele não será capaz de sobreviver.

Eu continuo escovando meus lábios contra os dele, tentando fazê-lo beber o máximo de água possível. Quando ele não está mais engolindo, eu me afasto e verifico seu pulso em seu pescoço. Lágrimas grossas caem em cascata por minhas bochechas com a pulsação fraca sob meus dedos. Quase posso ouvir a vida deixando-o, e a parte mais devastadora é que não posso fazer nada para impedir ou mesmo desacelerar isso.

Colocando as duas mãos em seu pescoço, abaixo minha cabeça. — Sebastian... por favor, baby... por favor, abra os olhos, por favor... eu não posso... não posso mais viver sem você. Eu não quero imaginar isso, então, por favor... por favor, fique comigo... — Um grunhido baixo sai de sua garganta e eu me endireito, fungando. — Sebastian..?

— Você... me chamou de... baby...

Eu sorrio com a diversão em sua voz, permitindo que as lágrimas salgadas entrem na minha boca. — Vou chamá-lo do que você quiser. Apenas fique comigo.

— Baby... — ele grunhe.

— Sim?

— Case comigo.

— Huh?

— Quando... nós sairmos... daqui. Case comigo.

Eu zombo em meio às minhas lágrimas. Isso é loucura. Nós somos loucos. Mas se há algo que aprendi com tudo isso, é que nada dura para

sempre. Nossos destinos estão conectados há três anos, embora tenhamos nos observado de longe. O que temos acontece uma vez na vida e é inútil lutar mais contra isso.

— Certo. Eu vou me casar com você.

— Você não pode mudar sua... mente... uma vez que sobrevivamos.

— Eu não vou.

— Bom... p-porque... eu não vou deixar você...

— Sebastian? — Eu agarro seu rosto e o sacudo suavemente, mas ele está inconsciente novamente.

Isso não pode continuar. Depois de ajustar a camiseta molhada em sua testa, eu pulo e ando lentamente até onde me lembro que a porta fica. Meus passos são cuidadosos enquanto dou uma sondada no escuro. Eu bato contra uma parede e coloco minhas mãos nela, sentindo meu caminho.

Assim que toco no metal, bato na porta com os dois punhos. — Abra!! Você disse que queria jogar, então por que não está jogando? Abram, seus bastardos doentes! — Eu continuo batendo e xingando eles em inglês e japonês. Quando isso não funciona, eu puxo e empurro a porta, gritando.
— Se meu pai descobrir sobre isso, ele vai matar você! Vou me certificar de que ele te mate!! Abra a maldita porta!

— Ainda não, *Ojou-sama*. — A voz que vem do outro lado da porta me faz parar no meio do caminho.

Ele está falando em japonês, mas por que diabos ele parece tão familiar? Não é Ren ou o outro cara que estava com ele naquele dia em nossa casa. Este é mais calmo, parece mais perigoso. Como se ele estivesse emitindo sentenças de morte para os mortos-vivos.

Ojou-sama.

Ele me chamou de princesa no termo mais honorífico possível, e não é a primeira vez. Alguém me chamou assim antes, mas quem? E quando?

— Quem é você? — Eu pergunto em japonês.

— Aquele que a tornará digna de se juntar à nossa família. Para fazer isso, você deve sofrer uma grande perda.

Capítulo Sete

Akira

Querida Yuki-Onna,

Obviamente, você está recebendo duas cartas consecutivas, porque no momento em que enviei a anterior, sentei-me e escrevi outra.

Muito pegajoso? Provavelmente. Mas eu te culpo por isso.

Você é a única pessoa que não consigo chutar para fora da minha consciência, não importa o quanto eu tente. É essa toxidade, eu juro. Você o torna viciante de uma forma estranha.

Mas não é por isso que estou escrevendo novamente. É o seu nome.

Não Naomi, mas Yuki-Onna. Você sabe, eu tive um sonho há pouco tempo e nele, Yuki-Onna entrou pela minha janela.

Ela estava pálida como a neve e tão fria. Seus lábios eram como um botão de rosa vermelho e seus enormes olhos castanhos não continham luz. Foi triste e intrigante ao mesmo tempo. Você sabe quando um desastre está acontecendo, mas percebe que não há nada que você possa fazer a respeito, então fica parado olhando?

Isso é o que eu fiz com Yuki-Onna. Eu apenas permaneci imóvel e a observei. Mesmo quando ela estendeu as mãos fantasmagóricas e foi para a porra do meu fígado. Mesmo quando eu senti o gelo de seu toque profundamente em meus malditos ossos.

Eu apenas assisti. Você sabe por quê? Porque, no fundo da minha mente, ela era você.

E em algum lugar na minha cabeça, você veio se vingar de todas as merdas que eu te contei. Quer dizer, há melhor causa de morte do que vingança?

Provavelmente sim. Só não me diga.

Eu não morri, obviamente, estava tudo na minha cabeça, mas quando acordei, meu coração estava batendo tão rápido que pensei que iria parar. Então, estou escrevendo esta carta para que você saiba que estou vivo.

Não que você se importe. Ou talvez você faça.

Afinal, você me ama de uma forma ou de outra ou já teria parado de falar comigo.

Eu acho que você é tão solitária para pensar em mim como um amigo, mas, novamente, se você não me tivesse, não haveria ninguém em sua vida para colocar duras verdades em seu crânio.

Se você não me tivesse, você se afogaria em suas ilusões tão profundas que nem perceberia quando ou como parar.

Não que você faça agora. Mas pelo menos você conhece minha opinião sobre sua vida, isso é uma merda, aliás, mas, de novo, minha própria vida também é uma merda.

Não é essa a beleza de tudo, Naomi?

Nossas vidas são uma merda, mas ainda estamos aqui de qualquer maneira. Ainda vamos ao correio e mandamos cartas. Você ainda tem esperança de que eu seja o único amigo que você tem e ainda gosto de imaginá-la como meu próprio Yuki-Onna.

Fria, linda, e um dia vai me matar, porra. Mas aqui está um segredo. Se você for minha causa de morte, eu realmente não me importo. Afinal, eles não dizem para encontrar algo tóxico e deixá-lo te matar?

Bem, essa não é exatamente a fala, mas no nosso caso, ela conta. Esteja a salvo. Ou não. Contanto que você responda. E reze para que eu não tenha outros devaneios sobre Yuki-Onna ou vou continuar incomodando você até que você apareça na minha janela.

E então eu posso nunca deixar você ir.

Akira

Capítulo Oito

Sebastian

Eu desmaiei.

Devo estar entrando e saindo da consciência. Figuras borradas aparecem atrás de minhas pálpebras, suas silhuetas cinzentas dançando no ritmo de meu pulso fraco. Sons seguem. Eles são ocos, distantes, como se viessem de uma arena subterrânea vazia. As figuras e os sons estão se misturando e batendo contra meu crânio.

Thud. Thud. Thud.

Eu me esforço, mas os tentáculos apertados de dor me mantêm confinada no lugar. Tento de novo e uma sensação de queimação percorre meus membros. A bateria continua, ficando mais alta e mais intensa, como um crescendo musical. E então, bem no meio da escuridão, um raio de luz aparece. É lento no início, escuro, quase se misturando com as sombras cinzentas até que, de repente, ele irrompe, correndo em minha direção sem pausa ou desvio.

Como se soubesse exatamente onde estou. Como se eu fosse o único que ele vê na escuridão. Como se estivesse bem ciente de que preciso sair da escuridão. Uma mão macia envolve meu rosto, afastando as figuras invisíveis que estavam prestes a me arrastar para baixo.

— Sebastian... por favor... por favor...

Naomi.

Em minha luta contra a escuridão e sua isca, esqueci que ela ainda estava aqui, sozinha, desprotegida. O pensamento de alguém tocando ela enquanto eu estou aleijado provoca uma dor incandescente que se espalha pela minha pele. Porra, porra.

Eu me mexo e gemo quando meu ombro explode em fogo. Puta merda, eles nunca dizem nos filmes que ser baleado significa agarrar-se à vida por um canudo rachado e defeituoso.

— Sebastian? Você pode me ouvir?

— Sim... baby.

— Oh! Graças a deus! — Ela soluça, preocupando-se comigo.

Ainda está tão escuro que não consigo ver minhas mãos. Mas não é por isso que quero a luz. É o fato de que não posso assistir seus traços delicados e me perder na escuridão de seu olhar penetrante. Não ver Naomi não é diferente de viver sem o sol. Pareço cafona pra caralho, até para mim mesmo, mas agora reconheço o quanto essa garota significa para mim.

Ela é o significado.

Eu perdi esse significado em algum lugar entre a morte dos meus pais e a educação dos meus avós. Eu era uma imagem para exibir, uma máscara improvisada de emoções falsas. Então Naomi invadiu como uma bola de demolição. Ela não se importou com minha imagem externa e viu através

dela. Ela não me queria por causa do que eu sou. Ela me queria por causa de quem eu sou. O monstro imperfeito e defeituoso. A besta que acordou no hospital depois de perder tudo quando tinha seis anos.

— Você... disse que vai se casar... comigo... — Eu resmungo, sem reconhecer minha própria voz. Está rouca, exausta e à beira do colapso.

— Sim... — ela bufa entre fungadas. — Não consigo acreditar que é a única coisa em que você está pensando agora.

Então, é verdade. Ela disse sim à proposta mais horrível de todas. Mas mesmo que o método fosse lixo, não era impulsivo ou impulso do momento. Eu não estava pedindo a ela em casamento porque estamos em perigo e podemos nunca sair dessa com vida. Fiz a proposta porque esta mulher aqui é com quem quero passar o resto da minha vida.

Não é um momento de sangue quente em que dois jovens tomam uma decisão que parece velha demais para eles. Não é uma questão de idade para mim, é uma questão de mentalidade. Eu sei disso com certeza, então de que adianta adiar o inevitável? Naomi enfia minha jaqueta em volta do meu corpo para que eu fique totalmente coberto. Suas mãos estão frias. Ela deve estar congelando sem sua camiseta, mas ela não para de se preocupar comigo.

— Você ficou fora por tanto tempo. Acho que já passou mais de um ou dois dias. Parecem uns malditos meses. — Ela funga. — Eu fui ao banheiro e tive que usar a água para te refrescar. Também fiz você beber um pouco da garrafa. Acho que ajudou a baixar sua febre, mas você ainda está com muito calor e não acho que seu ferimento esteja indo tão bem. Tentei ver se

havia uma bala dentro, mas não encontrei nada e... e não queria machucar mais você, então parei de procurar e...

— Baby... — Eu tento levantar minha mão boa para que eu possa tocá-la, mas minha energia me falha e cai para o meu lado.

Naomi a pega e a coloca na bochecha molhada. — O que é? Você está com tanta dor? O que posso fazer para melhorar?

— Me beija.

Apenas uma fração de segundo se passa antes de eu sentir seus lábios macios contra os meus secos. Ela é gentil, cuidadosa, como se temesse que um beijo pudesse me matar. Talvez morrer beijando Naomi seja o caminho certo a seguir. Eu rosno no fundo do meu peito enquanto tento aprofundar o beijo e saboreá-la adequadamente. Mas minha boca mal se move. Estou muito fraco que nem consigo beijar minha garota do jeito que ela merece. Um gemido sai de mim, cheio de uma porra de frustração reprimida.

Naomi se afasta e agarra meu rosto com as duas mãos pequenas como se pudesse ver minha expressão no escuro. — Eu machuquei você?

Minha mão cai de seu rosto e eu resmungo um. — Não.

Não há nada que eu odeie mais do que o desamparo. É uma loucura como o corpo humano pode ficar fraco em uma fração de segundo. Pouco antes de ir para a floresta, estava correndo mais de dezesseis quilômetros em uma hora e levantando pesos como ninguém, mas agora não consigo nem tocar em Naomi sem ajuda. Essa situação pode continuar até que eu perca completamente a consciência. E então eu morrerei.

A água da torneira manterá Naomi viva por algumas semanas antes de ela seguir. Isto é, se não causar algum tipo de infecção de antemão. A única outra vez em que me senti tão impotente foi depois do acidente de meus pais. Mas eu era jovem naquela época. Não é a mesma situação.

— Sebastian? Você ainda está aí?

— Sim, baby...

— Por favor, fique comigo...

— Não... tenha... medo...

— Como posso não ter? Acho que eles estão tentando me quebrar e você está pagando o preço só porque me conhece. Eu nunca vou me perdoar se algo acontecer com você. Vou apenas segui-lo para onde quer que você vá.

Não.

Eu quero dizer isso, mas até minha língua está pesada e incapaz de se mover. O ataque constante de dor da minha ferida e o latejar na minha cabeça não ajudam em minhas tentativas de permanecer consciente. Até a voz de Naomi se transformou em um zumbido baixo. É quando eu sei que vou desmaiar novamente.

Quando sua voz está clara e ela está chamando meu nome, significa que estou de volta. Eu continuo entrando e saindo da consciência, e depois de um tempo, acho que estou ficando louco.

A única coisa que me mantém ancorado é Naomi e seus toques suaves e palavras suaves. É o roçar de seus lábios contra os meus enquanto ela me

faz beber água. É a sensação de seu corpo aninhado em mim. É até mesmo o som baixo e assustador de seu choro quando pensa que estou inconsciente.

Ela não chora quando estou lúcido o suficiente para falar uma ou duas palavras sem sentido. Ela coloca uma fachada forte e cuida de mim, segurando a esperança que eu acho que não tenho mais. Mas quando ela acredita que eu estou fora, ela libera seu lado desesperado também. Ela chora silenciosamente ou às vezes, alto. Então ela bate na porta e pede que nos soltem. Ela diz palavras em japonês que eu normalmente entenderia, mas não tenho acesso total ao meu cérebro e, portanto, só posso ouvir o medo e a determinação em seu tom.

A luta.

Talvez ela não seja tão desesperada quanto eu, afinal. Porque, neste ponto, acredito que eles nos trouxeram aqui para nos matar. Ou para matar um de nós. Meus avós não poderiam estar envolvidos nisso. Não importa o quanto eles querem me ensinar uma lição, eles não colocariam minha vida em perigo. Isso significa que fui sequestrado? Eles pediram resgate?

Se tivessem, meus avós já teriam pago. Este não é um caso normal de sequestro. Se fosse, não haveria jogos de sobrevivência. Uma mão toca suavemente minha bochecha enquanto um pano frio é colocado na minha testa.

— Eu vou nos tirar daqui, Sebastian. Eu prometo. Então, por favor... por favor, aguenta firme.

Tantas palavras se formam no fundo da minha garganta, mas a única coisa que sai é um gemido de dor. Naomi acaricia minha bochecha como se soubesse exatamente o que estou tentando dizer. Ela é forte pra caralho, minha Naomi. Ela está sozinha e, ainda assim, ela não desiste ou desmorona. Ela limpa religiosamente minha ferida e me faz beber água. Ela até sussurra palavras suaves para me manter no presente. Se ela não estivesse aqui, eu teria morrido há muito tempo. A estática perfura minhas orelhas e, por um segundo, acho que está na minha cabeça, que tudo isso é uma invenção das minhas sombras imaginárias. Mas Naomi fica rígida, seu peito roçando no meu enquanto ela se inclina para mais perto.

A voz que eu nunca mais queria ouvir enche a sala. — É hora de retomar nosso jogo, não acha, Hitori-san?

— O que você quer? — Ela rosna, mas sua voz é fraca, cansada.

Tenho certeza de que ela não dorme há algum tempo. Entre cuidar de mim e bater nas paredes, ela está sempre tramando alguma coisa. A falta de comida também contribui para alterar a mente humana. Quando o corpo não atende às suas necessidades, o cérebro também desliga. Quem nos trouxe aqui já planejou nos deixar o mais fracos e desesperados possível. Só então eles revelarão o que desejam. Porque eles sabem que não teremos a chance de recusar qualquer exigência ridícula que eles façam.

— Presumo que você queira que um médico examine o ferimento do quarterback? — Ren zomba. — Seria uma pena se ele perdesse completamente o braço ou a vida.

— O que diabos você quer? — Ela sibila.

— Vamos com um desafio novamente. Vou chamar um médico para o Quarterback. Em troca... — Sua voz cai e todo o humor desaparece. — Você vai me foder como quiser.

Um rugido borbulha no fundo da minha garganta e um rosnado alto sai dos meus lábios. — Não.

— Oh, você não está inconsciente ainda. — Ren parece entediado. — Este é um bom desenvolvimento. Você começa a assistir.

Um grunhido baixo sai de mim e meu corpo estremece. Naomi coloca a mão trêmula em meu ombro, me firmando, mas quando ela fala, sua voz está tremendo. — Tudo bem.

— Nããão, — eu gemo. — Não...

— Você vai morrer, Sebastian.

— Eu não me importo... não...

— Baby... por favor... se isso vai ajudar você, eu posso... — Ela respira fundo. — Eu posso fazer isso.

— Não... — Eu pareço aflito, furioso e muito frustrado. Eu gostaria de poder cortar meu próprio braço em vez de deixá-la ir para aquela escória.

Ninguém, ninguém além de mim vai tocá-la, nem mesmo se eu tiver que morrer por isso.

— Você tem cinco segundos restantes. — A voz de Ren ecoa no alto-falante. — Quatro, três...

— Eu farei isso, — anuncia Naomi com um murmúrio entrecortado.

— Não... — Eu balanço minha cabeça. — Ela... não disse isso... não...

— Venha até a porta, Hitori-san, — Ren diz.

Naomi solta um suspiro trêmulo que salta na minha pele suada. Ela roça seus lábios quentes contra os meus. — Você vai ficar bem, Sebastian...

Quando ela começa a se levantar, não sei como consigo a energia sobre-humana para agarrar seu braço. Ela se vira para mim ao mesmo tempo em que a luz se acende no quarto.

Eu aperto os olhos antes de ver seu rosto pela primeira vez no que parece anos, embora provavelmente só tenham se passado alguns dias. Seus lábios estão rachados e suas bochechas encovadas. Seu cabelo preto, que geralmente é brilhante, parece opaco e sem vida. Linhas secas de lágrimas cobrem suas bochechas pálidas e seus olhos estão cheios de lágrimas frescas. Ela parece tão quebrada, tão desolada, e eu quero me chutar nas bolas por não ser capaz de tirá-la deste lugar.

— Oh Deus, — ela sussurra enquanto me estuda.

Provavelmente pareço dez vezes pior do que ela, mas nem mesmo olho para a minha ferida. Se eu perder a sensibilidade no braço, provavelmente será uma coisa boa, dadas as circunstâncias. Dessa forma, eu poderia mandar cortá-lo e ela não terá que fazer nenhum sacrifício por minha causa.

— A porta, Naomi. — A voz de Ren é como unhas arranhando o interior da porra do meu crânio.

Ela me lança um olhar de desculpas, lábios puxando para baixo, e começa a se levantar novamente.

Mas eu aperto meu pulso em seu pulso. — Não... porra... vá...

— Eu tenho que fazer para que eu possa salvar você.

— Foder... outra pessoa... não é diferente... de matar... a mim, Nao...

— Eu não me importo, contanto que você esteja seguro. — Ela aperta seus lábios nos meus e, ao contrário de seus outros beijos, este não é leve e cuidadoso. Também não é calmante.

Ela vai até o fim, enfiando a língua dentro e me beijando como se fosse a última vez. Sua mão envolve minha nuca e a outra afunda no meu cabelo enquanto ela se perde no beijo. Sua língua gira com a minha e seus gemidos se misturam aos meus grunhidos. Foda-se a dor. Eu a agarro pelo pescoço, meu aperto é fraco enquanto eu exploro sua boca, beijando-a com um desespero que combina com o dela.

Mas o feitiço logo se quebra quando ela se afasta e sussurra em meu ouvido. — Vou fingir que é você.

— Não... — Eu gemo, a dor física e emocional audível em meu tom.

— Eu te amo, Sebastian, — ela murmura tão baixo que eu mal posso ouvi-la.

Uma lágrima desliza por sua bochecha e se gruda em seu lábio superior enquanto ela tira minha mão de cima dela e se levanta. A porta se abre e ela

se dirige a ela sem olhar para trás. Quando fecha atrás dela, eu solto um rugido que reverbera pela sala silenciosa.

A imagem dela com outro homem me corta como mil facas. Não consigo parar de imaginar suas mãos sobre ela, tocando-a, adorando seu corpo. Eu sou o único que deveria fazer isso.

O único que consegue vê-la. Fisicamente e emocionalmente. Só eu. Mas o que me mata ainda mais é o fato de que ela está fazendo isso por mim. Ela está deixando outra pessoa fodê-la para que ela possa me salvar. Pela primeira vez desde a morte de meus pais, uma umidade amarga se acumula nos cantos dos meus olhos.

Porra!

Tento me sentar. Na minha mente, estou correndo atrás de Naomi e matando todo filho da puta que olha na direção dela. Em minha mente, estou derramando seu sangue e beijando-a no meio disso. Eu mal me movo e sou empurrado de volta para o chão quando uma queimadura explode em meu ombro e meus pulmões sufocam. Pontos pretos se condensam em minha visão e eu me rendo a eles de bom grado.

Eu poderia muito bem morrer agora. Porque não há nenhuma maneira no inferno de eu me perdoar por colocar Naomi nesta posição.

Capítulo Nove

Naomi

O som alto do rangido da porta fechando atrás de mim me sacode no meu núcleo. A fachada corajosa que coloquei na frente de Sebastian racha e desmorona ao meu redor.

Eu menti. Não vai ficar bem. Não vai ficar nada bem. Meu queixo treme e preciso de todas as minhas forças para não chorar. Eu quero voltar lá e me aconchegar ao lado de Sebastian. Eu quero segurar sua mão e cuidar dele. Não importa se estamos presos ou sequestrados ou o que seja, desde que estejamos juntos.

Mas eu o vi. Eu vi como seu ferimento se transformou em tons violentos de violeta e azul. Sem mencionar sua febre que sobe, depois desce e depois sobe novamente sem um padrão claro. Ele perdeu peso e seus ombros orgulhosos afundaram. Seus olhos outrora hipnotizantes se encovaram e escureceram como se ele estivesse se preparando para a morte. Se eu não concordasse com isso, eu o perderia. Isso é apenas para salvá-lo, digo a mim mesma. Para salvar nós dois. Eu quis dizer o que disse outro dia. Se ele se foi, não tenho mais interesse na vida.

Engolindo o ataque de lágrimas, eu olho para cima e estremeço. O corredor em que estou é ainda mais gelado do que o quarto que acabei de

deixar. Eu envolvo meus braços em volta de mim para afastar a lambida cortante de frio na minha pele nua. Ainda estou usando apenas meu sutiã esportivo, apesar das tentativas febris de Sebastian para que eu usasse sua jaqueta.

Estou fraca e com fome. Meu estômago parou de gritar por comida depois de algum tempo e agora está se apertando contra o seu vazio. A única coisa que me manteve forte e chutando é a necessidade de salvar Sebastian e tirá-lo daqui.

Vou me certificar de que ele está seguro, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Além da luz fraca, não há uma alma por perto. A esperança floresce na base do meu estômago. Talvez eu possa encontrar uma saída e conseguir alguma ajuda...

— Eu queria que o Quarterback assistisse, mas ele perdeu a consciência.

Eu me assusto com o som vindo bem atrás de mim e giro ao redor, meu batimento cardíaco disparado.

Ren está nas sombras não muito longe da porta e deve ter estado lá o tempo todo. Ou pelo menos, desde que saí. Um sorriso afetado puxa seus lábios enquanto ele empurra a parede e caminha até onde estou. Ren é exatamente como eu me lembro dele desde a primeira vez que o conheci em nossa casa, algumas semanas atrás. Alto, magro, usa um terno preto sem gravata e tatuagens de cobra aparecem em seu pescoço como uma

tradução sutil da raiva que ele pode possuir. Seus brincos de bolinhas pretas lhe dão uma imagem rebelde que contradiz o resto dele.

Naquela época, ele parecia uma pessoa travessa em busca de problemas, como as crianças que planejam uma rebelião e depois se escondem para vê-la se desenrolar. O mesmo sentimento me atinge novamente. Só que, desta vez, parece que ele mesmo quer estar lá para testemunhar a ação. Ele circula ao meu redor como se eu fosse sua última presa. Meus membros enrijecem e minha respiração fica mais difícil. Eu comecei a ser tratada como uma presa no passado, mas apenas como parte dos meus jogos com Sebastian. Só porque era em ambos os nossos termos. Nenhuma vez eu senti que estava em perigo, não importa o quão fora de controle ele tenha ficado ou quão rude ele me tratou.

Porque ele é Sebastian, e no fundo, eu sabia que ele nunca me machucaria. Essa situação é totalmente diferente. Desde que conheci Ren, tudo o que ele fez foi me machucar. O fato de eu não ter ideia de seus motivos e objetivos está me mantendo alerta.

— Talvez eu possa ensopar o Quarterback com água para que ele possa assistir você quicando no meu pau. — Ele sorri. — O que você acha?

Eu engulo o nó na garganta e adoto meu tom firme. — Você disse que arranjaría um médico para ele.

— Mandona. Por que não estou surpreso? — Ele tem um sotaque sutil quando fala em inglês, semelhante ao da mamãe. O que provavelmente significa que ele é originalmente do Japão.

Mas isso quase não me diz nada sobre ele.

Eu amplio minha postura e o encaro nos olhos. — Você prometeu chamar um médico.

— Só depois de eu te foder enquanto você geme e grita. Especialmente o último.

O bastardo doente está sorrindo com a ideia de me fazer gritar.

Ele estende a mão e quando toca uma mecha do meu cabelo, eu recuo como se tivesse sido eletrocutada. — Por que você está tão enojada quando estamos prestes a nos divertir?

— Eu não vou fazer isso a menos que você chame um médico para ele.

— Esse não é o negócio.

— É agora. — Eu cruzo meus braços sobre meu peito. — Como vou saber se você não vai deixá-lo morrer depois de conseguir o que deseja?

— Você não sabe, que é o ponto principal. — Ren tem um jeito sutil e áspero de falar. Ele faz isso lentamente, quase metodicamente, com um sorriso afetado permanente nos lábios.

É como se o propósito de sua existência fosse irritar as pessoas e provocar seu lado desagradável.

— Eu não farei isso a menos que ele tenha cuidados médicos.

Ele levanta um ombro. — Então ele simplesmente apodrecerá e morrerá.

A frustração borbulha em minhas veias e meu coração encolhe atrás das minhas costelas. Se eu não fizer isso, não tenho dúvidas de que Ren deixará Sebastian para morrer. Se eu fizer isso, não há garantia de que ele conseguirá ajuda.

Eu respiro fundo pelo nariz e escolho a única opção que tenho. — Tudo bem, eu concordo.

Ele lambe os lábios. — Tem certeza? Vou garantir que o Quarterback receba a filmagem em algum momento de sua vida. Pode ser em uma ou duas semanas. Um ano ou alguns. Mas ele vai ver você fodendo outra pessoa enquanto desmaia na sala ao lado como uma vadiazinha fraca.

Não consigo controlar a umidade que se acumula nas minhas pálpebras, mas uso isso como uma força em vez de uma fraqueza. — A única vadia fraca aqui é você, idiota. Você atirou nele para que ele ficasse indefeso e agora está usando a manipulação para molhar seu pau mole. Faça o que quiser, mas vou garantir que meu pai saiba disso. E quando ele te matar a sangue frio, vou obter uma filmagem e assistir nos próximos anos.

Eu tremo, minhas mãos fechadas em punhos de cada lado de mim. Eu realmente espero que Ren me jogue no chão e me estupe, então me mate. Ou talvez o contrário. Em vez disso, ele começa a rir, inclinando a cabeça para trás. O som é tão alto que dou um pulo.

— Você é um Hitori, afinal, — diz ele quando termina seu acesso psicótico de riso, balançando levemente a cabeça. — Agora, vamos.

— Vamos para onde?

— Você vai ver.

Eu planto meus pés no chão. — Não vou a lugar nenhum com você, a menos que me diga por que e onde.

Ele se inclina tão rápido que não tenho a chance de empurrar de volta. Então ele me agarra pelo braço enquanto olha para mim, seu rosto a poucos centímetros do meu. — Você realmente não tem uma palavra a dizer sobre isso, tem? Siga-me em silêncio e sem fazer perguntas, a menos que queira abrir essas pernas aqui e agora.

Eu franzo a testa. Isso significa que se eu o seguir, não terei que abrir as pernas? Ou talvez eu esteja lendo muito sobre as coisas. Torcendo meu braço, tento me afastar dele, mas ele me segura com mais força até que interrompe minha circulação.

— Me deixa ir! — Eu me esforço.

O som de uma porta se abrindo me faz congelar. Eu olho na direção oposta e esqueço completamente de Ren e seu aperto selvagem. O homem que se inclina indiferentemente contra o batente da porta é a última pessoa que eu esperava ver neste lugar. Embora tudo faça sentido agora.

Foi ele quem falou comigo pela porta alguns dias atrás. Na época, não consegui identificá-lo exatamente, porque ele soa mais aristocrático e composto quando fala em japonês do que quando fala em inglês.

— Você ouviu a princesa, — ele diz a Ren em japonês. — Deixe ela ir.

Ojou-sama.

Novamente. Ele está me chamando de princesa e agora tenho ainda mais certeza de que o conheci antes deste ano. Talvez quando eu era jovem...

— Ela está resistindo, — Ren diz na mesma língua, parecendo entediado de morte.

— Ou você está demorando muito para fazer uma tarefa simples, Ren.

— Você está me chamando de inútil?

— Suas palavras, não minhas.

— K-Kai...? — Eu gaguejo, olhando para frente e para trás.

O homem que pensei ser um investigador particular desliza seu olhar para mim. Ao contrário da presença zombeteira de Ren, a de Kai é serena, calma, quase reconfortante. Sempre senti algum tipo de segurança com ele e até mesmo uma necessidade de falar com ele sobre tudo e nada. Esse é o tipo de imagem que ele projetou, de qualquer maneira. Uma espécie de irmão mais velho. Um pilar. *Um manipulador.*

Porque agora tenho ainda mais certeza de que nada disso foi uma coincidência. Não como me conectei com ele pela primeira vez, não como me lembro dele me chamando de Ojou-sama em algum momento da minha vida e, definitivamente, não a van preta e o envolvimento de Ren. Tudo tem a ver com meu pai. O mesmo pai que eu nunca conheci e de quem mamãe me protegeu porque ele é perigoso.

Kai sorri e é caloroso e convidativo. Isso é o que me fez cair em sua armadilha em primeiro lugar. Seu maldito sorriso de boas-vindas. Agora,

eu percebo que não é diferente do diabo quando ele está na missão de atrair suas vítimas.

— Olá de novo, princesa.

Eu torço meu braço do aperto de Ren e ele surpreendentemente me solta. Toda a minha atenção está em Kai. — O que é tudo isso?

— Eu disse que levaria você ao seu pai e sempre mantenho minhas promessas.

— Você não poderia ter feito isso sem me sequestrar?

Ele balança a cabeça uma vez. — Eu te disse, você precisa sofrer uma perda.

Eu aponto o dedo para Ren. — Ele prometeu que arranjaría um médico para Sebastian.

— Isso não vai funcionar. Ele tem uma infecção desagradável e deve ter se espalhado para os pulmões, porque ele mal consegue respirar. Ele precisa de um hospital e de cuidados na UTI e, para recebê-los, ele tem que sair em cerca de... — Ele olha para o relógio. — Cinco minutos, mais ou menos.

Deus não. Eu sabia que ele estava horrível, mas esperava que não fosse tão crítico.

— Faça! — Eu rosno para Ren. — Me foda e mantenha sua palavra.

— Estou insultado. — Ele coloca a mão no peito. — Você realmente acha que eu terminaria em cinco minutos? Eu preciso de pelo menos... trinta?

— Você é um monstro.

— Mais ou menos. — Ele sorri.

— Não haverá sexo, — a voz de Kai interrompe nossa conversa.

Minha cabeça vira em sua direção. — Não vai?

— Não. Foi um teste e você passou.

Eu olho de volta para Ren e ele sorri novamente, mostrando seus dentes retos. — Você tem razão. Seu pai iria me torturar e me matar se eu tocasse em você. Embora possamos sempre fazer isso pelas costas?

Oh. Então meu pai está realmente por trás disso. Eu não posso evitar o gosto de traição que se acumula no fundo da minha garganta. Meus sonhos de menina se incineraram, deixando um monte de cinzas e desejos abatidos. Todos esses anos, mantive uma fantasia distante de me reunir com meu pai. Nunca pensei que seria sob tais circunstâncias ou que Sebastian pudesse pagar o preço por isso.

— O que ele quer? — Pergunto a Kai porque, por algum motivo, ele parece ser o responsável.

— É simples. — Kai inclina a cabeça em minha direção. — Você.

— Eu?

— Sim. Veja, ele está querendo se reunir com você há tanto tempo quanto você.

— Ele poderia simplesmente ter aparecido em vez de fazer essa manobra!

— Não com a maneira como Riko tem envenenado sua cabeça por ele, não. Tudo requer o momento certo.

— Tipo, como você fingiu ser um maldito investigador?

— Eu não poderia deixar você ir para um estranho quando temos informações internas, Ojou-sama.

— Então, e agora?

— Você concordará com nossos termos e adotará seu nome verdadeiro. Naomi Hitori.

Tenho certeza de que seus termos são equivalentes a vender minha alma ao diabo. Caso contrário, eles não teriam ido tão longe a ponto de me sequestrar, me matar de fome e atirar em Sebastian. Eles devem saber o quanto eu me importo com ele e que eu faria o jogo certo em suas mãos se sua vida fosse ameaçada. E isso é verdade.

Eu não me importo com o que tenho que fazer, contanto que isso o mantenha seguro. Se isso significar vender minha alma por partes, que seja. Ele é aquele que me tornou bem ciente dessa alma em primeiro lugar. Parece apropriado sacrificá-lo por ele. Uma parte de mim se quebra e se estilhaça ao meu redor. Não tenho ideia do que me espera, mas algo me diz

que será mais difícil do que qualquer coisa que já passei. A noite vermelha incluída.

Eu tenho que ficar forte, embora tudo que eu queira fazer seja me enrolar no abraço de Sebastian e desabar e chorar em seus braços. Mas não posso fazer isso se ele morrer. Eu não posso fazer nada se ele morrer.

A decisão é cristalina na minha cabeça, mesmo enquanto luto contra as lágrimas que tentam escapar. — Eu concordo. Mas primeiro, consiga a ajuda de que Sebastian precisa. Se alguma coisa acontecer com ele, vou me matar e privar meu pai da filha que ele tanto deseja.

Capítulo Dez

Akira

Querida Yuki-Onna,

Sou eu novamente. Seu único. Seu verdadeiro amigo que não hesita em reclamar de suas besteiras porque ninguém mais em sua vida o faz.

A única pessoa que pode realmente ver através do seu ato difícil e vida miserável e permite que você sorria mesmo quando tudo quebra e queima ao seu redor. Ah, e seu amigo por correspondência. Sabe, alguém para quem você realmente escreve cartas?

Não recebi resposta às minhas duas últimas cartas, caso você não tenha notado, e estou esperando caso você tenha esquecido e não, você não pode me ignorar.

Você deveria ter feito isso na primeira vez que escrevi para você. Agora é um negócio fechado e não há como voltar atrás. Eu disse que continuaria escrevendo para você, mesmo se você não o fizer. Eu disse que minhas cartas aparecerão na sua porta, mesmo que você as odeie.

Isso é punição? Você está se rebelando contra mim por causa do que eu disse nas duas últimas cartas? É inútil, no entanto. Não é como se eu

pudesse superar a toxicidade magicamente e viver minha vida feliz para sempre na cidade dos unicórnios e arco-íris.

Além disso, desde quando você é um floco de neve tão frágil que leva tudo a sério? Você desenvolveu outros hábitos desagradáveis dos quais não estou ciente? Ou talvez você esteja apenas sendo uma vadia neste momento e vivendo de acordo com a imagem que você pintou na minha cabeça.

De qualquer forma, foda-se muito, Naomi. Não é assim que você deve terminar um relacionamento tóxico. Devemos falar sobre isso, da forma mais tóxica possível e sem adoçar. Achei que éramos especiais. Por mais fodido que pareça, relacionamentos especiais não terminam assim.

Relacionamentos especiais não terminam, ponto final. Então, que tal você pegar sua caneta e me escrever de volta?

Pode ser tão simples quanto ameaçar me matar na forma de Yuki-Onna. Ou talvez você possa me dizer o quanto me odeia da melhor maneira possível.

Seja o que for, escreva. Você sabe que quer, mesmo que de alguma forma tenha seguido uma jornada espiritual e um milhão de terapeutas lhe dissessem para terminar seus laços comigo.

Eles estão mentindo. É impossível. Isso nunca vai acabar.

Imprima essas palavras e pendure-as em seu quarto, depois olhe para elas quando pensar em mim e me escreva uma carta.

Estou à espera.

Vou tentar ser gentil em minha resposta, embora não faça promessas.

Vai depender do meu humor, eu acho.

NÃO ME ABANDONE.

Akira

Capítulo Onze

Sebastian

Acho que morri.

Talvez morrer seja a melhor coisa que poderia acontecer comigo. Se eu estiver morto, não estarei pensando em Naomi com outro homem. Se eu estiver morto, tudo acabará. Vou me juntar aos demônios e todos os seus amigos e esquecer a vida que deixei para trás.

Mas não seria essa a saída mais fácil? Isso não significa que desisti facilmente do que considero precioso? Sobre a vida que finalmente encontrei?

Eu não quero morrer. Não se isso significar deixar Naomi desprotegida e em perigo. Eu preciso voltar e estar lá para ela. Minha cabeça lateja e minhas pálpebras estão coladas, recusando-se a abrir. Eu respiro fundo e tusso quando o cheiro de alvejante me ataca. Ainda estou na mesma sala?

— Sebastian?

A voz que chama meu nome é familiar, familiar demais. Lentamente, eu forço meus olhos a abrirem, então aperto os olhos quando a luz surge. Porra. Quem diria que algo tão inofensivo como a luz doeria como se alguém estivesse segurando uma tocha na frente do meu rosto?

Demoro alguns segundos para me ajustar e, mesmo assim, não amplio minha visão ao máximo. A primeira coisa que noto é branco. Paredes. Teto. É diferente do cinza da cela onde vi Naomi pela última vez. Estou deitado em um colchão macio, em vez do chão frio e impiedoso. Estou no hospital. Talvez seja por isso que meu ombro não dói como uma cadela e não sinto que vou morrer de fome. Eu deveria estar aliviado por estar recebendo ajuda, por não estar, de fato, morrendo, mas não estou.

A última vez que acordei em um hospital, soube da notícia da morte de meus pais. A vida como eu a conhecia se estilhaçou em um milhão de pedaços e nunca mais se tornou a mesma. A mesma premonição maldita que tive naquela época me bate. Algo está errado. O fato de eu não estar mais naquela cela significa que Naomi teve que pagar o preço da minha passagem de saída.

Meu batimento cardíaco ruge em meus ouvidos e minha garganta seca fecha. Tento me levantar, mas a dor explode em meu ombro, me derrubando.

— Não se mexa. Você está ferido.

Pisco duas vezes contra a dor lancinante e vejo os contornos do rosto do meu tio. Ele está vestindo seu terno elegante feito para os negócios, e sua expressão é tão dura e implacável quanto me lembro. Mas, ao contrário de sua atitude indiferente de costume, ele me encara com a testa franzida.

— Nate... — eu resmungo com uma voz rouca e áspera. — Eu preciso... eu preciso encontrar...

Um gemido baixo me escapa quando a dor pulsa novamente. É difícil respirar, quanto mais falar.

— Você não está em condições de encontrar ninguém. Você tem sorte de estar vivo, patife. Quando o hospital ligou para a Sra. Weaver e disse que você estava em estado crítico, foi sincero. Você aparentemente foi deixado perto da sala de emergência por homens mascarados.

— Eles nos sequestraram... — Eu tusso, então estremeço quando isso provoca a dor. — Porra...

— Não fale. — Ele me ajusta de volta em uma posição reclinada. — E nós sabemos que você foi levado.

— Eles... ligaram para você?

— Não. Mas você não é do tipo que desapareceria por três dias sem dizer uma palavra. Seu carro e telefone foram encontrados perto da floresta. O Sr. e a Sra. Weaver viraram a cidade inteira de cabeça para baixo para encontrar você. Eles até usaram seus contatos e dinheiro, mas não produziu nada. Achamos que tínhamos perdido você por um segundo.

Mas eles não fizeram. E não é um milagre do caralho. Se meus avós influentes, que são mais poderosos do que qualquer pessoa que conheço, não conseguiram me encontrar, então isso é muito mais sério do que eu pensava.

— Nate... — eu resmungo.

— Não force. Precisa descansar. A Sra. Weaver foi chamar o médico. Você passou três dias em coma induzido para ajudá-lo a se recuperar e ela

acha que há algo estranho acontecendo, porque você não estava acordando. Você sabe como ela é exigente com o tempo de todos. O Sr. Weaver está falando com a polícia e chamando-os de inúteis porque eles ainda não descobriram quem fez isso. Quer apostar que ele usará esse incidente em sua próxima campanha? Seu vocabulário escolhido será sobre turbulências e laços familiares e assim por diante.

Eu não dou a mínima para meus avós agora. O fogo dentro de mim só queima por uma pessoa. Ela. Minha Naomi.

A ideia da segurança dela precede a minha. Estou sufocando desde que ela me beijou, disse que me amava e saiu por aquela porta. Não vou conseguir respirar corretamente, a menos que tenha certeza de que ela está sã e salva.

— Havia outra pessoa, Nate...

— Alguém?

— A minha garota.

— Naomi?

— Ela... ela estava comigo.

O vinco entre suas sobrancelhas se aprofunda. — Você é o único que eles deixaram.

— Ela está lá... eles estão com ela... porra! Eles a pegaram, Nate... — Eu tento me endireitar novamente. — Me d-deixe falar com a polícia para que eles possam encontrá-la...

— Fique quieto, porra. — Ele facilmente me empurra de volta contra o colchão. — Vou buscá-los aqui. Você precisa descansar agora.

O gêmeo do meu tio aparece ao seu lado e é então que eu percebo que estou vendo o dobro. Eu agarro a manga de sua jaqueta, minha língua parecendo pesada contra o céu da minha boca. — Naomi... eu preciso encontrá-la...

— Nós vamos. Se acalme.

— Nao... — Murmuro em minha névoa, piscando, e apenas como mágica, ela aparece bem ao meu lado.

Ela está vestindo o short e o sutiã esportivo do celular. Seus cabelos negros que lembram as noites mais bonitas grudam-se nas laterais do rosto e seus olhos brilham com lágrimas não derramadas.

— Baby... — Eu estendo a mão para ela, mas ela recua como se estivesse com nojo de mim.

Ela balança a cabeça uma vez e olha para baixo. Eu sigo sua linha de visão e congelo. O sangue escorre entre suas pernas, salpicando suas coxas em um vermelho profundo.

— Nao...?

— Acabou, Sebastian. — Sua voz é baixa, assombrada.

Fodidamente errado.

— Não, não...

— Está feito.

— Eu não me importo, porra, baby. Eu estarei lá. Eu vou matar todos eles.

— Acabou... acabou... — ela repete em um canto enquanto mais sangue escorre por suas pernas, encharcando seus sapatos brancos de vermelho.

Eu estendo a mão para ela, querendo abraçá-la, mesmo que a dor passe por mim. O sangue deixando seu corpo parece meu. Estou sangrando, segurando a vida por um mero fio de merda. No momento em que minha pele encontra a dela, ela se transforma em fumaça. Espesso. Enevoadado. Intocável.

E assim, meu mundo é pintado de preto.

Capítulo Doze

Akira

Querida Yuki-Onna,

Acho que estamos em um ponto em nosso relacionamento em que vamos direto ao assunto, sem quaisquer apresentações.

Então aqui vai. Eu disse para não me fantasiar.

Certifiquei-me de digitá-lo em letras grandes para que você entendesse que não há motivo para me fantasiar e, ainda assim, foi exatamente o que você fez

Você me transformou em um fantasma. Você parou de me escrever como se fosse seu direito, como se você tivesse total liberdade em nosso relacionamento, amizade, navio tóxico ou seja lá o que for.

Mas não é assim que deve ser, minha querida Yuki-Onna. Você não tem uma palavra a dizer sobre até onde iremos ou quando terminará.

Você não tem o direito de desaparecer depois que eu tolerar seu egoísmo e má tomada de decisão. Você também tolera meu

comportamento idiota, então não é como se você tivesse um chamado para acordar de repente.

Mas agora que penso nisso, talvez seja exatamente o que aconteceu. Talvez você tenha parado de responder às minhas cartas porque finalmente foi atingida por outras verdades duras. Quem bateu?

Talvez eu deva ser amigo deles. Estou procurando um amigo por correspondência diferente, já que o meu atual está me ignorando.

Você percebe que é um movimento idiota, certo? E aqui eu pensei que era o idiota em tudo isso. Devemos voltar à prancheta e criar uma divisão diferente de funções.

Além disso, é tão injusto que eu tenha ouvido você por três anos, e apenas quando eu larguei a máscara e comecei a me sentir confortável neste ambiente heterodoxo, você se levantou e desapareceu.

E então você nega que é egoísta. E então, você me chama de idiota por não ser seu homem-sim. Quão hipócrita é isso?

Alerta de spoiler. Muito.

Além disso, não estou bem, obrigado por não perguntar. Eu meio que cheguei ao fundo do poço em minha vida pela primeira vez em muito tempo. Estou em uma fase em que odeio tudo e todos e gostaria de ser a única pessoa na terra só porque seria melhor se todos morressem em vez de mim.

Sim, é um pensamento destrutivo, mas sempre fui assim. Geralmente cínico e absolutamente pessimista. Ele equilibra o falso pessimismo que

você usa como fachada para esconder seu otimismo natural. Mas eu sou um verdadeiro pessimista que não pensa duas vezes antes de liberar suas malditas boas vibrações.

Eu acho que deveria chamá-lo do que é: estou tendo uma crise existencial. É tão forte que nem sei mais quem ou o que sou.

Talvez eu não seja ninguém. Ou talvez eu seja apenas um idiota. De qualquer forma, minha razão de existir é fraturar e não posso mantê-la inteira.

Você deve estar rindo às minhas custas. Vá em frente. Você tem todo o direito de depois de tudo o que eu disse. Mas isso significa que você tem que parar de me fantasiar e escrever de volta. Nem acredite por um segundo que este é o fim. Posso estar tendo uma crise, mas ainda serei o Akira que você ama odiar.

Escreva de volta.

Até mesmo uma palavra bastaria.

Sua outra metade que você não tinha ideia que existia até agora,

Akira

Capítulo Treze

Sebastian

Quando eu acordo em seguida, sou bombardeado por todos. Os doutores. Meus avós. A polícia.

Eles são os únicos com quem quero falar. Não pisquei duas vezes quando o médico assistente me disse que a infecção no meu ombro havia se espalhado e talvez eu não pudesse mais jogar futebol. Embora o futebol seja o que me ajudou a enfrentar ao longo dos anos, não foi o que me fez sentir vivo.

Não é a razão pela qual ainda não consigo respirar. Então, não, eu não dou a mínima para futebol agora. Meus avós estão um de cada lado de mim enquanto converso com o detetive encarregado do meu caso. Seu nome é Wyatt e ele tem um bigode louro e espesso que cobre a maior parte da boca.

Ele e outro oficial ficam ao lado da minha cama enquanto eu conto como fui baleado na floresta e depois levado com Naomi. Eu conto a eles sobre o celular e aquele filho da puta do Ren. Digo a eles que Naomi suspeita que tenha algo a ver com seu pai, mas quando ele me pergunta seu nome, estou perdido. Ela nunca mencionou isso. Eu suspeito que ela nem sabe disso.

— Você precisa encontrá-la, — eu insisto. — Ela está lá há três malditos dias desde que eu saí e nós só sobrevivíamos com água por três dias antes disso.

Ela pode estar presa. Ou pior. Talvez a alucinação que eu tive antes de perder a consciência antes fosse verdade e ela está arruinada além do reparo. Mas mesmo se for esse o caso, ficarei ao lado dela até o fim. Mesmo que ela me empurre. Mesmo se ela me xingar. Mesmo que ela me odeie.

— Agora, esse é o problema. — O detetive troca um olhar com o colega e depois se volta para mim. — Senhorita Naomi Chester nunca foi dada como desaparecida.

— O que?

Ele folheia seu bloco de notas. — A mãe dela, Sra. Riko Chester, nunca relatou seu desaparecimento.

Isso não pode ser possível, considerando o quão protetora ela é com sua filha. — Ela poderia estar procurando por ela sozinha, ou talvez ela tenha entrado em contato com o pai de Naomi.

— Esse não é o caso, Sr. Weaver. A Sra. Riko confirmou à polícia que se preparava para fazer uma viagem com a filha. Elas partiram ontem.

— Elas não podiam. Naomi estava comigo o tempo todo, porra.

— Elas fizeram, no entanto. Um dia depois que você foi deixado na sala de emergência.

Eu fico olhando entre ele e minha avó como se isso fosse de alguma forma me ajudar a entender suas palavras. Os lábios da Sra. Weaver torcem em desaprovação, provavelmente porque eu insisti em falar com a polícia e continuei perguntando sobre a segurança de Naomi. Ela ainda não gosta que eu me envolva com ela, mas foda-se a opinião dela. Foda-se quem pensa que eu não posso ficar com Naomi.

— Você deve ter falado com a pessoa errada, detetive, — eu cerrei entre os dentes, o que pressionou meu ferimento.

— Não. Na verdade, conversamos com a Srta. Naomi Chester antes que ela e sua mãe partissem para o aeroporto. Ela disse que não a via desde o dia em que você desapareceu.

O aeroporto. Naomi mentiu para a polícia e depois saiu do país? O que diabos isso quer dizer?

— Isso não pode ser verdade, — murmuro mais para mim mesmo do que para qualquer outra pessoa.

— É, — vovó diz em seu tom arrogante. — Eu pessoalmente fiz uma visita àquela costureira assim que você desapareceu e ela disse que você não aparecia na casa dela há muito tempo.

— Mas você viu Naomi? — Eu pergunto.

— Não, mas eu não precisava. Ela estava em seu quarto.

— Não, ela não estava. Ela estava comigo, — digo aos detetives.

— O médico disse que seus fatos podem ser confusos devido à infecção que você sofreu.

— Eu não estou inventando coisas. Ela estava lá e cuidou de mim, porra.

Detetive Wyatt acena com compreensão fingida e eu quero estender a mão e estrangulá-lo. Quero que ele vá lá e procure por ela, encontre-a e peça que me digam onde posso falar com ela. Mas é inútil.

A julgar pela maneira como todos estão me olhando, eles definitivamente acham que estou alucinando. O detetive diz a meu avô que nos manterá atualizados sobre suas descobertas, mas eu já sei que não haverá nenhuma. Esses caras eram profissionais e enganaram a polícia fazendo-a pensar que Naomi nem havia sido sequestrada. O único vestígio que deixaram para trás sou eu e minhas memórias que automaticamente se tornaram defeituosas devido à minha febre.

Foi tudo calculado. Mas eles não me conhecem. Ou minha Naomi. Não importa o que eles façam, não há nenhuma maneira de eles nos separarem.

Meu avô sai com a polícia. Assim que eles vão embora, a vovó me encara com um olhar feroz. — Pare de nos fazer parecer idiotas. É o suficiente que você se meteu em problemas, não comece a agir como um idiota agora.

— Ela estava lá, — eu digo à queima-roupa.

— Eu não me importo. A única coisa que importa agora é que ela se foi e parou de confundir sua lógica. Este não é o Sebastian que criei.

— O Sebastian que você criou é uma mera imagem, vovó. Ele nunca foi real.

— Melhor ainda. Esse é o único Sebastian que deve ser mostrado em público. A filha da costureira não está no seu nível, entendeu?

Eu não digo nada, porque se eu disser, estarei gritando como um lunático. Querendo me livrar dela, finjo que estou com sono. Logo depois ela vai embora, porque a vovó não é do tipo que fica por perto e cuida de um paciente. Ela paga as pessoas para fazer isso. Agora que ela se certificou de que seu precioso herdeiro não morreria, ela simplesmente seguirá em frente como se nada tivesse acontecido. Sufocando um gemido de dor, pego meu telefone na beirada da mesa. Nate o trouxe antes de sair para cuidar de um de seus casos.

Eu ligo o Wi-Fi e mil pings se acumulam ao mesmo tempo. Mensagens de Owen, Asher e até Reina. Outros amigos. Outras pessoas. Bem quando estou prestes a limpar todas as notificações, noto algo.

Alguém. Uma mensagem de Naomi e já faz um dia.

Me endireitando, eu ignoro a dor enquanto clico nele mais rápido do que qualquer coisa que fiz em toda a minha vida.

Naomi: Estou bem. Eu sobrevivi. Por muito pouco. Mas perdi algo aí, Sebastian. Perdi uma parte de mim que acho que nunca vou encontrar novamente. Eu estou apenas fazendo o que é necessário para que eu possa estar lá para a mamãe. Ela decidiu passar seus últimos dias no Japão e eu a acompanhei. Este lugar cresceu em mim e eu não acho que vou querer ir embora, mesmo depois que

mamãe se for. Não tente me encontrar, porque no momento em que você o fizer, correrei novamente. Não consigo mais olhar para o seu rosto sem me lembrar do que aconteceu comigo. Eu fico me perguntando se salvar você valeu a pena o sacrifício e se talvez você devesse ter feito o sacrifício em vez disso. Nunca saberei as respostas para essas perguntas, mas sei que tudo o que senti por você desapareceu no momento em que recebi o golpe por você. Eu nunca poderei estar com você novamente sem sentir dor e, portanto, estou terminando tudo o que tivemos. Viva bem.

Quanto mais vezes eu leio, mais forte meu aperto ao redor do telefone se torna até que meus dedos fiquem brancos. Afinal, meu pesadelo não estava errado. Eles a estupraram.

— Porra... — Murmuro com um gemido de dor enquanto meu peito aperta com tanta força que é impossível respirar.

Eu pego um punhado de minha camisola do hospital no lugar onde meu coração está e respiro trêmulo. A feiura da situação é como um peso batendo no meu peito, mas eu não deixo as circunstâncias me governarem. Aperto o botão de chamada e coloco o telefone no ouvido. Fico surpreso quando toca. Não sei por que pensei que ela teria desligado o telefone.

Minha pulsação aumenta a cada toque. Bem quando eu acho que vai para o correio de voz, ela atende. — Alô?

Meu coração dá um salto contra as minhas costelas e parte da asfixia murcha. Pensei em tantas coisas para dizer a ela desde que acordei, mas agora que ela está do outro lado, não sei o que dizer.

Respirando fundo, falo as únicas palavras que sinto no fundo dos meus ossos. — Me desculpe amor.

— Foi você quem disse para nunca se desculpar por algo em que nunca participou. — A voz dela é apática, sem tom, e eu odeio isso.

Eu odeio que ela se sinta distante, tanto física quanto emocionalmente.

— Mas eu não pude proteger você e você me culpa por isso. Eu compreendo totalmente.

— Você não entende nada. Você não estava lá.

— Mas eu estou aqui agora e estarei lá para você.

— Eu não preciso de você.

— Mas eu preciso de você.

— Isso é problema seu, não meu.

— Era a raiva falando naquele texto. Eu sei que você se importa.

— Não. Eu percebi que não.

— Você disse que me amava, Nao.

— Eu pensei que sim, mas era tudo fumaça e espelhos.

— Você prometeu se casar comigo, porra.

— Você realmente não achou que eu quisesse dizer isso, não é? Eu estava exausta e no meu limite físico e teria dito qualquer coisa na hora.

— Baby... me escute...

— Não, é hora de você me ouvir. Eu terminei com você, Sebastian.

— Mas eu não terminei com você, — rosno ao telefone. — Eu nunca vou terminar com você, está me ouvindo? Você pode escapar para o outro lado do globo e eu irei segui-la e torná-la minha novamente. Eu vou persegui-la repetidamente até que você saiba que não pode escapar de mim. Eu quis dizer isso quando disse que você é minha e não pretendo deixar isso acabar.

— Acabou. — Sua voz abaixa, perdendo seu tom apático pela primeira vez enquanto ela murmura. — Realidade.

O telefone fica mudo. O bipe que indica o fim de uma chamada ecoa em meu ouvido como uma tempestade violenta. Minha mão flexiona em torno do dispositivo e eu fico olhando para ele, como se segurá-lo com mais força fosse invocar sua voz novamente. Mas eu sei que não vai, não quando a última coisa que ela disse está reverberando em meu ouvido.

Realidade.

Naomi apenas usou sua palavra segura e me apagou completamente de seu mundo como se eu nunca tivesse existido.

Capítulo Quatorze

Akira

Querida Yuki-Onna,

Não sei por que continuo escrevendo para você neste momento.

Você não apenas me apagou de sua vida como se eu nunca tivesse estado lá, mas também tratou nosso relacionamento como inexistente. É isso que você faz com as pessoas que conhece? Agir como se não significassem nada?

Porque eu tenho um corte no meio do meu coração negro e é uma espécie de tinta escura sangrando no teclado. Eu te culpo por isso, a propósito. Eu te culpo por muitas coisas. O que começou tudo foi quando você me respondeu naquele dia. Você não deveria. Você não precisava. Não quando você não sabia nada sobre o estranho que lhe enviou uma carta do exterior.

Eu também culpo você por responder religiosamente todas as semanas e me fazer esperar pelo correio como em um filme antigo dos anos 90 com cores horríveis.

Mas o que mais te culpo é como é fácil falar com você. Saber que há alguém que espera minhas cartas pretas fodidas e as abre todas as semanas.

Que existe uma pessoa que pensa em mim, lê minhas palavras e as considera importantes o suficiente para responder imediatamente.

E tudo remonta à porra da primeira vez. Por que você respondeu se planejava nunca mais fazer isso? Por que me enganar quando você não pensou em acompanhar? É o seu egoísmo desagradável, não é?

Desde o início, você só se preocupou com você mesma, seus pensamentos e seus malditos problemas. Eu aguento isso e seu caráter, mas deveria ter visto o narcisista potencial em você.

Deve ter sido fácil, considerando que provavelmente também sou um.

Mas os narcisistas devem ficar por aqui, você sabe. Eles deveriam usar as pessoas em seu benefício e continuar contando-lhes histórias chatas sobre a porra de suas vidas para sentir uma sensação de merda grandiosa.

Então, por que diabos você não está mais fazendo isso, Naomi?

E por que diabos estou escrevendo esta carta que nunca vou enviar para você de qualquer maneira?

Porque você mudou seu endereço e não vou conseguir encontrar o novo.

Acho que minha crise existencial está se tornando niilista, e eu nem acredito nessa merda.

Se um dia você vir isso, saiba que nunca irei, e quero dizer nunca, perdoá-la.

Não viva bem,

Akira

Capítulo Quinze

Sebastian

Sete anos depois

— Sorria, filho da puta.

Eu reviro meus olhos, mas não posso deixar de sorrir enquanto fecho meus punhos. Daniel tira a foto e sorri como um idiota sob o efeito de esteroides, mostrando suas covinhas.

Ele toca seu telefone com uma expressão satisfeita. Quando ele fala, é com seu sotaque britânico que faz com que todas as garotas baixem as calcinhas para ele. — Agora, isso, meu companheiro, é o que eu chamo de notícia de primeira página. Embora você nunca vá roubar meu título de solteiro mais gostoso do ano.

Eu fico olhando para o espelho e arrumo minha gravata enquanto ele me circula, tirando fotos e emitindo sons de satisfação. Daniel tem quase minha altura, mas é mais magro e tem o tipo de olhos azuis que fazem você querer esfaqueá-los, porque eles estão sempre à procura de problemas, como agora.

— Você terminou? — Eu pergunto em um tom entediado, conseguindo ignorá-lo na maior parte.

Dominar a arte de observar os arredores não significa que tenho que prestar atenção a tudo o que acontece. É mais sobre estar ciente do meu ambiente e apenas reagir ao que me ameaça diretamente. Todo o resto é ruído branco.

— Não. Possuir fotos do Príncipe Weaver é tão raro quanto testemunhar uma estrela cadente sangrenta. Preciso vender esses bebês para revistas ou Fangirls. Quem oferecer a melhor foda primeiro.

— Se você pode lidar com uma violação de processo de privacidade, com certeza. Ficarei feliz em roubar algumas de suas ações.

— Oh, vai se foder. Como se você fosse me vencer no tribunal.

Eu levanto uma sobrancelha. — Quer tentar? Estou aceitando um caso pro bono no mês que vem, então que tal você pegar um semelhante e veremos quem ganha primeiro?

— Eu faria em um piscar de olhos se seu tio não cortasse minha cabeça por não fazer meus próprios casos pro bono.

— Pode ser uma boa oportunidade promocional. Pelo menos um de nós vai ganhar. Eu.

Ele estreita os olhos enquanto um sorriso malicioso aparece em seus lábios. — Quer saber, foda-se. Estou aceitando mais casos pro bono apenas para ter um registro melhor do que o seu.

— Veremos sobre isso.

Ele dá um passo à minha frente e me agarra pelo ombro. — Vou ganhar com louvor. Quando eu terminar, você pode ter transtorno pós-traumático por se apresentar no tribunal e considerar desistir da lei. Você está bem com isso?

— Contanto que você esteja bem comigo realmente ganhando enquanto você é arrastado ao tribunal pelo promotor.

— Oh, você está fodendo. Não chore para o seu tio quando eu invadir as primeiras páginas das revistas novamente como o ‘Advogado dos Sonhos de Toda Mulher.’

Eu zombo.

Ele passa os dedos pelos cabelos castanhos. — Não tenha ciúme da minha aparência e habilidades, Bastian. Isto mostra.

— Porra, e aqui eu pensei que meu completo desprezo pelos seus hábitos de putaria não era visível no meu rosto. Foi mal.

— Você e sua arrogância podem cair fora.

— Vejo você no tribunal, Danny. Certifique-se de convidar todos os associados para que eles possam assistir sua bunda ser chicoteada.

— Você está falando com o aluno que se formou como o primeiro da turma em Direito de Harvard. Você simplesmente fez o programa de dois anos e passou na ordem. Mostre algum respeito, camponês.

— Talvez você deva seguir seu próprio conselho. Eu mal fui para a faculdade de direito e ainda passei na ordem com uma pontuação melhor que a sua.

— Nate ajudou você a trapacear.

— Testemunho indireto.

Daniel se afasta de mim com desgosto, mas ainda tira uma foto aqui e outra ali.

Não tenho dúvidas de que ele realmente tentará vendê-las. Ao contrário dele, eu mantenho minhas aparições públicas em um mínimo e me especializo em direito societário para não ter que assumir casos que chamam muita atenção pública. Se eu quisesse estar no centro das atenções, não teria cortado os laços metaforicamente com meus avós e, em vez disso, teria apenas seguido os passos do meu avô.

A Sra. Weaver quase teve um derrame quando anunciei que iria me juntar a Nate como advogado e ela ameaçou tirar meu fundo fiduciário, apartamento, carro e tudo que eu já possuí. Então, eu os deixei com ela e dormi no sofá de Nate por meses enquanto eu fazia um curso intensivo de direito, era aprendiz em sua empresa e, em seguida, estudava para advocacia. Meus avós ainda tentam ativamente arruinar a mim e a Nate por virarmos as costas para eles, mas eu não dou a mínima para eles e seu legado.

Se há algo que aprendi depois de estar à beira da morte, é que não tenho tempo para jogar os jogos de outras pessoas. Eu tenho o meu. Antes, eu

sempre via meus avós como meus salvadores e aceitava que tinha que pagar minhas dívidas sendo o tecelão perfeito. Mas eu estava errado. Eles sempre se preocuparam com eles mesmos. Eles são a razão pela qual papai acabou no Japão, sem dinheiro e sem nada para voltar. Eles são a razão pela qual éramos pobres e mamãe teve que roubar pessoas perigosas, e foi isso que fez com que ela e meu pai morressem.

Meus avós podem não ter participado disso, mas indiretamente participaram de suas mortes. Eu só estava me enganando pensando que não teria o mesmo destino. Então, eu tinha duas opções. Ou me tornava sua marionete ou saía de suas sombras. Eu escolhi o último. Ainda nos vemos em seus banquetes, porque eles gostam de se gabar das realizações minhas e de Nate, mesmo quando são contra elas em particular.

A porta se abre e Daniel para sua sessão de fotos quando Knox entra, vestido com um smoking branco. Sério, ele se parece com algum empresário italiano dos anos 60, mas, surpreendentemente, ele atualiza o visual com sua constituição.

Ele faz uma pausa na entrada e olha para o teto enquanto forma um L com o polegar e o indicador. — Tire uma foto, Dan. Certifique-se de que a linha da minha mandíbula esteja visível.

Daniel obedece, circulando-o como ele fez comigo. — Me dê suas melhores poses, minha musa. Sim, mais taciturno... mais bonito, mas ainda menos do que eu. É isso, dê-me o mistério, a emoção...

Eles passam alguns minutos tirando fotos e alimentando os egos um do outro. Daniel e Knox são ingleses e vieram para os Estados Unidos depois

de se formarem no ensino médio. Eles estudaram direito em Harvard, transaram com metade da população feminina e atualmente planejam conquistar a outra metade. Eles também são conhecidos de Asher por meio de Aiden King, um amigo em comum da Inglaterra de quando meu amigo de infância estudou em Oxford.

Daniel é especialista em direito internacional porque isso o coloca na capa de inúmeras revistas ao redor do mundo. Knox tornou o direito penal sua cadelinha porque, como ele disse, ele tem ‘tendências para saciar.’

Nós nos conhecemos depois que entrei para a Weaver & Shaw, o escritório de advocacia de Nate que ele fundou com seu melhor amigo e ex-rival, Kingsley Shaw.

No início, nós competimos muito e tornamos a vida um do outro um inferno. Eles me odiavam porque sou sobrinho de Nate e então me atacaram. Mas, ao longo dos anos, essa rivalidade se tornou nosso passatempo favorito. Gostamos de cavar buracos um para o outro e esperar para ver se o outro vai morder a isca. Damos dor de cabeça a Nate, mas vale a pena. Todos nós recentemente nos tornamos sócios júnior, mas está longe de ser o fim de nossa rivalidade bizarra. Daniel e Knox terminam sua sessão de fotos e me forçam a tirar uma selfie com eles, que provavelmente vão explodir em todas as suas páginas de mídia social.

— Estamos prontos para ir ou seu ego precisa de mais carícias? — Eu pergunto em meu tom entediado.

Quase sempre pareço assim agora. Maçante. Oco. Baixo.

Perdi uma parte da minha alma há sete anos e nunca consegui recuperá-la. O que é estranho pra caralho, já que eu pensei que não tinha uma alma em primeiro lugar. Descobrir que realmente tenho, e perdê-la custou mais do que posso pagar.

— Alguém pegue esse filho da puta rabugento e jogue-o em algum lugar que eu não consigo ver, — Daniel brinca.

— Ou ouvir, — acrescenta Knox.

— Ou mesmo pensar nisso.

— Nate nos mataria, no entanto. — Knox bate na minha cabeça. — Você sabe o quão protetor ele é com seu pequeno príncipe.

Eu dou o dedo a eles e sigo para a porta. Eles seguem atrás de mim e caminham um de cada lado. Os organizadores nos deram uma sala especial para onde podemos nos retirar quando quisermos, o que definitivamente tem a ver com a quantidade de dinheiro que Nate doa. No momento em que saímos, uma miríade de sons e cores explodem na nossa frente. Música clássica baixa enche o espaço e funcionários vestidos com trajes formais nos oferecem taças de champanhe.

Cada um de nós pega uma e Daniel sorri, certificando-se de que suas covinhas estão à mostra enquanto ele pisca para a garçonete que cora e sai correndo. Os participantes estão usando smokings ou vestidos de coquetel, e as mulheres exibem suas melhores joias. A vibração preenche o ar enquanto todos se misturam.

Nate nos enviou a este evento de caridade para doar parte de seu dinheiro e arrebatou clientes de outras empresas. Portanto, nossa missão é basicamente ajudar os pobres e tirar dos ricos. Nate sendo Nate provavelmente mostrará seu rosto mais tarde, como se estivesse fazendo algum tipo de aparição surpresa. Por enquanto, seus três 'exibicionistas,' como ele gosta de nos chamar, vão suportar o peso de comparecer a esta reunião até que sua majestade esteja aqui.

Muitas mulheres piscam para nós quando passamos por elas. Atraímos esse tipo de atenção quando estamos em público, e ser o foco desse tipo de evento é o problema de Daniel. Knox também, quando está de bom humor. E ele parece estar esta noite. Ambos sorriem para as mulheres que passam e Daniel ainda está se certificando de que elas notem suas covinhas. O filho da puta as usa como um ímã sempre que pode.

— Eu vou para a ala oeste, — ele anuncia. — Muitas mulheres bonitas.

— Leste para mim. — Knox dá um tapinha no meu ombro. — Você não se importa em pegar um para o time e ir para a área dos idosos, não é, Bastian? Eles te amam.

— Todas as pessoas puras o fazem. Não é minha culpa que você seja podre.

— Oh, foda-se, — sussurra Daniel, e Knox me mostra o dedo do meio.

Eu saio do lado deles com um sorriso malicioso e vou em direção a um pequeno grupo de empresários. Eu os reconheço desde os dias em que interpretava o bom neto. Eles vêm com um dinheiro antigo e sabem como

administrá-lo, seu dinheiro, claro. Eles agora são representados por uma de nossas empresas rivais, Carson & Carson, que pertence ao pai do meu amigo Asher, que atualmente trabalha para eles.

Embora ele seja especialista em direito internacional, ele vai me fazer arrepender se souber que estou procurando por seus clientes. Mas, novamente, se os papéis fossem invertidos, ele faria o mesmo. Nós dois ainda gostamos do desafio, assim como quando escolhemos jogar futebol no ensino fundamental. Eu invoco meu sorriso de show. É mais difícil fazer isso hoje em dia. Sorridente. Seja real ou falso.

Na verdade, esqueci a última vez que sorri genuinamente. Foi roubado de mim no mesmo dia em que perdi o sentido de viver e comecei a simplesmente existir. Trabalhar é a única coisa que mantém minha mente funcionando e alerta. E é por isso que pretendo ter mais casos do que posso lidar. Talvez isso consiga bloquear quaisquer sentimentos que tentem vir à tona. Talvez isso me ajude a ter minha alma de volta.

Meus pés param não muito longe do pequeno grupo quando um formigamento irrompe na minha nuca. No início, acho que é apenas uma invenção da minha imaginação. Uma piada desagradável do meu cérebro. Caso contrário, eu não teria a sensação de que o mundo está pegando fogo, porra, e a única coisa que posso fazer é ficar lá e assistir. Eu procuro ao meu redor, porque eu sei, eu só sei que ela está em algum lugar aqui.

Ela tem que estar. Meu olhar frenético examina todos os rostos e participantes, mesmo enquanto permaneço no lugar. Eu examino as pessoas no bar e todos que entram, procurando por aqueles olhos escuros

curiosos e lábios rosados. Procurando pelo rosto que nunca consegui esquecer. O rosto que eu imagino quando tenho aulas de tiro, porra.

Eu paro quando meus olhos pousam nos castanhos dela. Ela está parada perto da esquina com uma taça de champanhe na mão. Sua postura é ereta, acentuada por um longo vestido preto que roça o chão, e seus cabelos, da cor da noite, estão presos em uma torção. Eu sonhei com esse momento um milhão de vezes, mas nada, absolutamente nada poderia ter me preparado para a vista na minha frente.

Seu rosto é quase o mesmo, pequeno, delicado, com linhas suaves contornando-o. Mas parece maduro, tocado pelas mãos do tempo. Seus lábios são de um tom profundo de vermelho, uma vez que se separam um pouco. Lábios que me delíciei e cujo sabor ainda me lembro. Ficou amargo pra caralho com o tempo, mas ainda está lá do mesmo jeito.

Um colar de diamantes que deve ter custado o orçamento de uma empresa envolve seu pescoço delicado. A mesma garganta que agarrei inúmeras vezes e marquei outras tantas. Seu braço está em volta de um homem asiático que usa óculos sem armação. Seus lábios se separam quando meus olhos se conectam com os dela. Eles também são iguais, escuros, assustadores, mas agora estão um pouco estranhos, um pouco mudados.

Um pouco longe. Ela inala uma respiração, que desta distância, quase posso ouvir, então sinto escorrendo contra a porra da minha pele. É ela.

Naomi.

Aquela que me quebrou. Nos quebrou. Agora, é hora de fazer o mesmo.

Capítulo Dezesseis

Naomi

Como é possível que anos se misturem como se nunca tivessem existido?

Um único momento. Um único olhar. Um único segundo de contato visual. E tudo explode de volta como se nunca tivesse acabado. Todos os detalhes ainda são os mesmos, mas de alguma forma não são. A cor verde tropical de seus olhos escureceu, quase embaçou. Suas feições nítidas perderam toda a alegria e agora estão mais sombrias, mais sérias. Mais letal.

Qualquer meninice desapareceu e ele é todo homem agora. Masculinidade goteja de cada parte dele, seja o corte de sua mandíbula, a curvatura de suas sobrancelhas grossas ou as veias grossas que cobrem as costas de sua mão enquanto ele agarra a taça de champanhe.

Ao contrário de sua aparência casual no passado, seu cabelo é estiloso. O smoking é ajustado ao seu corpo desenvolvido. Ele ainda é tão alto e musculoso como nas minhas memórias, embora ele não seja mais um atleta.

Há muitas coisas que ele não possui mais. Como o brilho em seus olhos. Talvez essa parte dele tenha morrido. Assim como muitas partes de mim

fizeram. Sempre pensei na hora em que encontraria Sebastian novamente. Em minha mente, tinha certeza de que nossos caminhos se cruzariam. Talvez em Blackwood, se eu reunisse coragem para voltar. Ou em Nova York, onde mora atualmente. Ou no Japão, se ele vier a negócios.

Eu inconscientemente criei todos os tipos de cenários na minha cabeça sobre como eu reagiria. Eu me treinei para não ser afetada, para mostrar apenas uma fachada. Eu até pratiquei na frente do espelho para não cometer erros. Então, eu agiria como deveria. Mas eu deveria saber melhor. Nada poderia ter me preparado para o momento em que estou cara a cara com ele.

Seus olhos perscrutando os meus, mesmo à distância, parecem lava em minha pele, queimando-a e derretendo em minha alma. O efeito é muito mais forte do que eu poderia imaginar e me encontro segurando o braço de Akira com mais força, precisando de algum tipo de âncora contra a tempestade que está me destruindo e me arrastando para baixo.

Está silencioso, mas posso ouvir o lento aumento de volume dentro de mim até que a explosão enche minha cabeça. *Não venha aqui.* Eu digo com meus olhos. *Apenas vá embora.*

Mas, novamente, eu deveria saber melhor. Sebastian só faz o que Sebastian quer e fode todo mundo. Uma característica que aparentemente não mudou. Sua expressão em branco escurece conforme ele se move em nossa direção. Seus passos firmes corroem a distância e o que resta dos meus nervos em alguns segundos. A julgar pela forma poderosa como ele

se move, espero que ele me pegue em seus braços e me leve embora. Ou talvez ele me agarre pela garganta e me encoste na parede.

A base do meu estômago aperta com a imagem e leva tudo em mim para não me contorcer. Ele não faz nada, é claro, e eu não sei se o caroço que está bloqueando minha respiração é devido ao alívio ou algo totalmente diferente. Sebastian para bem na nossa frente e eu respiro fundo, rezando para que minhas emoções não estejam estampadas em meu rosto para que todos vejam. Para *ele* ver.

Seu olhar intenso cai exclusivamente sobre mim, como se eu fosse a única aqui. Não há calor nele, nenhum sorriso de boas-vindas. Apenas profundidades escuras e um interior áspero que ele envolve tão bem em um visual bem cuidado e fora de uma sessão de fotos.

— Muito tempo sem te ver, Naomi.

Oh, foda-se. O som do meu nome em sua voz profunda e ligeiramente rouca está me deixando mais fraca do que eu jamais imaginei. Sua voz também é mais masculina. Ele envelheceu como Nate, elegantemente, nitidamente. Friamente.

— Sebastian, — eu cumprimento de volta, usando o tom profissional que reservo para os negócios, em seguida, puxo o braço de Akira. — Este é meu marido, Akira Mori.

O foco de Sebastian vai para o meu dedo e, por um segundo irracional, quero arrancar o anel dele. Em seguida, seu olhar voa para o anel correspondente de Akira e espero que sua expressão fique sombria, mas

seus olhos permanecem os mesmos. Na verdade, o vazio neles se aprofunda. Se eu de alguma forma olhasse para eles com força suficiente, seria arrastada para um abismo sem fundo.

— Akira... — eu continuo com um sorriso. — Este é Sebastian. Fomos para a mesma faculdade. Aquele de que te falei em Blackwood.

— Certo, sim. — Akira oferece sua mão, falando com um sotaque sutil.
— É sempre bom conhecer os amigos de Naomi.

Éramos tudo, menos amigos, quero dizer, mas logo percebemos o quão errada é essa afirmação. Em um ponto, Sebastian era meu amigo mais próximo, bem como a pessoa que incendiou meu mundo. Depois dele, tudo é... cinzas.

Sebastian pega a mão de Akira e eu posso dizer que o aperto é firme enquanto os dois homens se olham com pura contemplação. Meu marido não é do tipo que mostra suas emoções abertamente ou mesmo só, na verdade. Mas posso sentir a maneira como ele está observando Sebastian abertamente como se estivesse tentando lê-lo.

Ou intimidá-lo. Seus olhos castanhos brilham sob os óculos e ele parece pronto para um desafio. Eu balanço minha cabeça internamente. Por que não estou surpresa?

— O prazer é meu, — diz Sebastian, seu olhar deslizando de volta para mim por uma fração de segundo enquanto ele libera a mão de Akira.

— O que você faz, Sebastian? — Meu marido pergunta.

— Sou sócio da Weaver & Shaw.

Lei. Mesmo que eu já saiba, ainda estou pasma em saber que ele escolheu ser advogado. Eu estava bem ciente de seu ressentimento com a política, mas quem poderia imaginar que esse era o caminho que Sebastian queria seguir?

— Isso é impressionante, — diz Akira. — Eu ouvi dizer que ser parceiro em uma idade jovem é uma conquista.

— Alguns podem dizer isso. — Sebastian se volta para mim e me sinto como um rato preso com um gato. — O que você faz agora, Naomi?

— Eu gerencio a casa de alta costura da mamãe, — digo em uma voz que agradeço por não quebrar.

— Ela está sendo humilde, — diz Akira com uma nota de orgulho. — Minha Naomi é a CEO que ninguém consegue acompanhar. Nem mesmo eu.

Sebastian fica quieto por um segundo e acho que vejo um tique muscular em sua mandíbula, mas então ele diz. — Vocês trabalham juntos?

— Na verdade sim. Eu me especializei em importação e exportação. É por isso que viemos para os Estados Unidos. Eu precisava cuidar de nossa filial em Nova York e abrir uma nova subsidiária. — Akira faz uma pausa. — Falando nisso, estive procurando alguns escritórios de advocacia para me representar aqui, e Weaver & Shaw estava entre os arquivos. Talvez tenha sido o destino que trouxe você no meu caminho. — Ele levanta minha mão e beija meus dedos. — Ou minha Naomi.

— Pode ser. — Sebastian enfia a mão na jaqueta e tira um cartão de visita. — Me ligue quando estiver pronto e terei todo o prazer em discutir isso mais detalhadamente.

Akira pega o cartão, estuda-o um pouco e acena com a cabeça. — Soa bem.

Eu quero me colocar entre eles e dizer-lhes para pararem com isso. Que isso não deveria acontecer. Mas algo me impede. O olhar sombrio nos olhos de Sebastian e a promessa oculta neles.

Ele está fazendo isso de propósito, não está? Tudo isso é apenas uma desculpa para que ele possa se inserir de volta na minha vida.

E algo me diz que não é porque ele sentiu minha falta.

Capítulo Dezesete

Sebastian

Ela é casada. Naomi é casada pra caralho.

Tento repetir isso na minha cabeça uma e outra vez para que eu possa me impedir de agarrá-la e apoiá-la contra a porra da parede. Digo a mim mesmo que estamos em público, que seu marido está bem ao lado dela e não posso puxá-la pelos cabelos e deixar meu corpo falar com o dela.

Lembro dos dias e noites que passei me perguntando por que e odiando meus pensamentos e ela. Lembro dos anos que se passaram na porra do silêncio do rádio e como aprendi a sobreviver depois dela. Nenhum desses pensamentos ajuda a empurrar minha cabeça em uma direção diferente. Não quando eu mal estou me impedindo de avançar e causar uma cena que nenhum de nós precisa.

Eu *tenho* que me parar, no entanto?

Eu poderia carregar seu corpo pequeno em meus braços e sequestrá-la para fora daqui. Eu poderia puni-la, foder com ela e deixá-la na beira da estrada. Assim como ela me deixou, porra.

Ela sorri para algo que seu marido, Akira fodido Mori, diz. É tão suave quanto me lembro, mas perdeu uma qualidade que faz de Naomi quem ela

é, honestidade. Não há nada de real nisso. No entanto, ela finge tão bem que é capaz de enganar a ferramenta que está ao seu lado.

Mas eu não. Ela nunca será capaz de me enganar. Não nesta vida, de qualquer maneira. Estar perto dela novamente está me enchendo de mais emoções do que meu peito pode conter. Eu quero chegar perto dela. Tocá-la. Porra, machucar ela.

Mas até eu reconheço o quão perigoso isso seria. Apenas estar perto dela está prejudicando o controle de aço que eu cultivei ao longo dos anos. Depois que escolhi um novo caminho na vida, tive que estar em um forte estado de espírito para que pudesse acontecer. Para isso, construí paredes sólidas em torno da minha cabeça e do meu corpo. Adotei um estilo de vida disciplinado e me apeguei a ele.

A razão pela qual evito os holofotes não é apenas por causa do barulho desnecessário que isso cria. Também é porque não permite a ninguém a chance de cravar suas garras em mim. Ver Naomi novamente é testar todos os meus esforços. E tudo isso se traduz em uma necessidade, machucar ela.

Talvez então, a porra do peso que tenho carregado por anos finalmente seja levantada. Talvez então, eu recupere as malditas cores que perdi. Por enquanto, preciso sair para reunir meus cartões e, o mais importante, para não fazer algo de que me arrependerei mais tarde.

Eu coloco meu sorriso mais plástico. — Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Mori.

— Por favor, Akira está bem. — Seus olhos brilham e eu quero quebrar seus óculos e arrancá-los fora. — Os amigos da minha Naomi também são meus.

Minha Naomi. É a terceira vez que ele a chama assim na minha presença. *Minha. Naomi.* Fui eu quem disse isso primeiro. Como ele ousa pegar algo meu e transformá-lo em seu?

Faíscas ardentes de hostilidade correm para a superfície e precisam ser liberadas. Já se passou muito tempo desde que pensei em infligir violência, mas o rosto afetado e adequado de Akira parece o lugar certo para recair em velhos hábitos. Porque foda-se esse cara. Em vez disso, eu aceno, meus olhos encontrando os de Naomi novamente. Ela enfia os dedos no braço do marido pela segunda vez esta noite enquanto seu olhar escuro permanece no meu. Suas pupilas estão ligeiramente dilatadas, seus lábios entreabertos e há um rubor rosa em suas bochechas. Ela provavelmente nem percebe que sua reação é visível para mim. O tempo não apagou o que eu já sei.

— Naomi. Bom te ver de novo. — Eu pego sua mão na minha e beijo as costas dela. Meus lábios permanecem em sua pele que ainda cheira a lírio e pêssego. Tem o cheiro daquele outono de sete anos atrás e de suas memórias.

Meus olhos nunca deixam os dela enquanto minha boca repousa nas costas de sua mão. Quero que ela veja que cometeu um erro ao voltar. Que vou arruiná-la tanto quanto ela me arruinou. Nos arruinou. Ela respira fundo entre os dentes e sua mão treme levemente na minha. A mensagem foi transmitida. Bom.

Eu solto sua mão e aceno para seu marido, que está nos observando com um olhar crítico. — Espero ver você por aí em breve.

Seus lábios se inclinam para o lado. — Oh, você vai.

Eu paro em seu tom antagônico, mas então me viro e saio. Uma coceira começa sob minha pele. Uma que me incita a virar e dar outra olhada nela, para ver o filho da puta tocando ela. Mas eu não faço. Eu já recebi a mensagem. Agora, tudo que tenho a fazer é esperar que ela caia na minha armadilha.

Porque é isso que Naomi faz. Ela caminha voluntariamente sobre a terra, mesmo sabendo que está cheia de minas. Eu paro no bar, abandono minha taça de champanhe intocada e peço uma taça de Macallan 18. Eu ignoro a barman morena com um piercing no lábio que está batendo os cílios para mim.

Assim que ela me traz meu pedido, tomo um longo gole. A queimação do álcool extingue a queimação em meu peito, mas isso dura apenas por um segundo antes que as chamas fiquem mais quentes.

Daniel desliza para o banquinho ao meu lado e pisca para a barman. — O mesmo que ele, amor.

— Imediatamente, lindo. Seu sotaque é tão sonhador.

Ele mostra suas covinhas. — Você tem um bom olho e ouvido.

Ela ri de uma forma coquete e serve sua bebida com um guardanapo por baixo. — Me ligue qualquer hora se quiser saber no que mais sou boa.

— Eu não perderia, amor. — Ele roça sua mão contra a dela enquanto toma a bebida.

Ela dá a ele um olhar de desculpas quando é chamada do outro lado do bar.

— Uma morena com curvas. — Ele inclina a cabeça e a examina. — Meu tipo de merda.

— O que você está fazendo aqui? — Eu resmungo.

— O que diabos há de errado com você, companheiro? Garotas bonitas estão cercando você de todos os lugares e você está de mau humor como uma velha gata que acabou de ouvir que o juiz não permitirá que seus gatos herdem sua fortuna, porque seus filhos estão contra-atacando.

— Então vá se divertir com todas as meninas. Por que você está preso com uma velha gata?

— Olá? Obviamente, porque adoro gatos. — Ele toma um gole de sua bebida. — Agora, de volta aos negócios. Quem era aquela?

Eu fico olhando para o fundo do meu copo e como o gelo gira. — Quem era quem?

— Aquela que deixou sua calcinha em uma torção e deu a você a síndrome da senhora dos gatos?

— Você está me perseguindo?

— Não. Acabei de notar que você estava mais rígido do que o normal. Precisamos trazer grandes armas para Akira Mori?

Eu quebro o contato visual com minha bebida e encaro Daniel. — Você o conhece?

— Claro que eu conheço. — Ele levanta uma mão desdenhosa. — Direito internacional, alô? A propósito, sou eu.

— Você já trabalhou com ele antes?

— Não, mas eu lidei com um associado na Inglaterra que fez. Eh, você o conhece na verdade. Pai adotivo de Knox.

— Ethan Steel?

— É esse mesmo. Knox e eu fomos ao Japão há alguns anos para fornecer aconselhamento jurídico a seu pai sobre assinar com a empresa de Akira. Ethan queria uma opinião extra fora do escritório de advocacia que o representava para assuntos internacionais, e estávamos lá para servir e foder garotas gostosas, é claro.

— O que você sabe sobre ele?

— Ethan ou Akira?

— Akira.

— Ele é bem-sucedido. Ele trabalha com diferentes conglomerados ao redor do globo e é sua porta de entrada no Japão e em muitos outros países asiáticos. Recentemente, ele financiou um sul-africano sem experiência ou empreendimentos comerciais com seu nome. Mas adivinha quem é esse homem?

— Quem?

— Friedrich Jacobs.

— O homem que descobriu uma mina de diamantes? — Li sobre isso uma vez no noticiário.

— Sim, é esse mesmo. E ele não descobriu qualquer mina de diamante. É um dos poucos no mundo que produz diamantes negros. Akira agora é o único exportador dessas guloseimas em todo o mundo.

— Então ele é rico. Mais alguma coisa que você sabe sobre ele?

— Ele vem de uma poderosa família tradicional japonesa. Ele nunca convida pessoas que não sejam familiares próximos para sua casa, pelo que ouvi.

— E a esposa dele? — As palavras queimam na minha garganta.

A esposa dele. Ela não deveria ser sua maldita esposa. Foda-se aquele cara de novo.

— Esta é a primeira vez que a vejo. Acho que ela tem seus próprios empreendimentos comerciais separados dos de seu marido. Ambos são privados, com certeza.

Privados. Claro que ela seria privada, porra.

Afinal, não consegui encontrá-la, por mais que olhasse no início. Contratei um investigador no Japão e implorei a Nate para usar suas conexões para procurá-la, mas era como se ela nunca tivesse existido. Acontece que ela esteve sob o guarda-chuva particular de seu marido o tempo todo.

— Você a conhece, no entanto. — A voz de Daniel me tira dos meus pensamentos.

— O que te faz pensar isso?

— Não sei, sua postura rígida e seu jeito tagarela, talvez? — Ele faz uma pausa, seus olhos se arregalando. — Espere um minuto. Ela é a garota que quebrou seu coração e roubou sua alma, deixando um idiota rabugento para trás?

— Foda-se.

— É ela! — Ele bate na mesa do bar, sorrindo. — Qual é a sensação de vê-la novamente? Por favor, compartilhe seus pensamentos com seus fãs invisíveis.

— Eu não sinto nada.

— Mentiroso de merda. Esqueça a síndrome da mulher-gato. Seu rosto está se transformando em uma grave caixa de granito. Você está de mau humor porque ela é casada com um homem que é mais rico do que o pecado?

— É porque ela voltou, — as palavras me deixam em um sussurro baixo, me forçando a provar o ácido amargo.

— O que?

— Ela deveria ter ficado longe.

— Não entendo o que isso significa e não, obrigado, não preciso de uma explicação. O que eu preciso, no entanto, são detalhes. — Ele desliza para

mais perto e envolve um braço em volta do meu ombro. — Conte-me alguns segredos profundos e sombrios que eu possa usar para tornar o marido dela meu cliente.

— Ele será meu cliente.

— Espere, e eu quero dizer isso da maneira mais maldita, o quê?

Eu tomo um longo gole. — Estou fazendo de Akira Mori meu cliente.

— Mas você não faz direito internacional.

— Eu faço corporativo. É o bastante. — Eu fico olhando para ele. — Além disso, sem ofensa, mas você não pode lidar com ele.

— E você pode, filho da puta?

— Eu vou.

Daniel abre a boca, provavelmente para me amaldiçoar, mas Knox o interrompe, agarrando-nos pelo ombro e se prendendo entre nós. — Você está tendo um momento sem mim? Eu preciso sabotar você e arruinar suas carreiras?

— Vadia vingativa combina com você, Knox. — Daniel cutuca ele.

— O que posso dizer? Adoro cavar sepulturas.

Eu fico olhando para ele. — Me ajude a cavar uma então.

Sua boca se move em um sorriso de gato Cheshire. — Eu gosto disso. Estou dentro.

— Não goste. — Daniel renega. — É uma má ideia.

— Eu adoro ideias ruins. — Knox aperta meu ombro. — O que você tinha em mente?

Eu olho de volta para onde deixei Naomi e Akira. Ela ainda tem um braço em volta dele enquanto eles se misturam com os participantes. Ela ainda está sorrindo de forma falsa e fazendo um show. A Naomi que eu conhecia nunca iria fingir nada, mas é isso. Eu não conheço essa Naomi. E eu com certeza não tenho ideia de por que ela se casou com Akira. Não poderia ser o dinheiro, já que ela deve ter muito próprio.

Foi por acaso? Ela o conheceu e não se sentiu sufocada? Ele a salvou quando eu não pude?

Uma coisa é certa, ela o escolheu e eu farei com que ela o largue, mesmo que seja a última coisa que eu faça.

Eu inclino meu queixo em direção a eles e falo com Knox. — Pegue toda a sujeira do casal Mori.

Como se sentindo meu olhar sobre ela, Naomi vira a cabeça em minha direção. Seu sorriso vacila e seus olhos escuros brilham, mas é apenas devido às luzes, não à vida que costumava brilhar em cada movimento dela. Talvez essa coisa toda não tenha sido uma coincidência, afinal. Talvez eu deva puxar essa parte dela para a superfície novamente.

Capítulo Dezoito

Naomi

Achei que a noite nunca acabaria.

Eu me imaginei presa em um replay, tropeçando e caindo fora de minhas profundezas até que minha mente rachou. Sempre que eu olhava para Sebastian, meu corpo tremia. Sempre que meus olhos encontravam os dele, eu podia sentir minha alma sendo sugada do meu corpo. Ou o que resta dela, de qualquer maneira.

Tive que dizer a Akira que estava cansada para que pudéssemos encurtar a noite. Ele não se importou, já que recebíamos convidados para um jantar tardio. Se eu tivesse ficado nas proximidades de Sebastian por mais tempo, não tenho dúvidas de que meus nervos teriam levado a melhor sobre mim. Se eu o tivesse observado mais de perto, teria perdido o controle que aperfeiçoei ao longo dos anos.

Mas, quando partimos, dou uma última olhada nele. Ele está no bar, bebendo com outros dois homens. Eu os reconheço das revistas como Daniel e Knox. Ambos são britânicos e provavelmente as pessoas mais próximas de Sebastian hoje em dia. Pelo que li, ele ainda é amigo de Asher e Owen também. Daniel e Knox estão rindo, mas Sebastian não. Duvido que ele esteja mesmo ouvindo o que eles estão dizendo.

Os três atraem a atenção de todo o salão e as mulheres continuam se aproximando deles ou tentando fazer o máximo contato visual possível. Algo quente e ardente irrompe dentro de mim e eu o esmago antes que seja capaz de me queimar viva.

Sebastian levanta a cabeça e eu abaixo a minha antes que ele faça contato visual. Eu realmente não acho que vou conseguir lidar com isso de novo. Não que eu tenha feito na primeira vez ou na segunda. Se eu continuar sendo pega no labirinto que seus olhos criam, definitivamente nunca vou encontrar uma saída.

Eu deixei Akira me levar para fora e respiro o ar gelado em meus pulmões antes de entrarmos na parte de trás do carro. Nosso motorista nos leva para os arredores do Brooklyn. Akira tem uma casa aqui, embora não a visitemos muito. Eu não, pelo menos.

Akira costuma fazer negócios nos Estados Unidos e vem sozinho. Prefiro ficar no Japão. Desde que me mudei para lá, há sete anos, fiz como minha missão ficar longe. Eu me concentrei em manter o legado da mamãe vivo e acabei de desempenhar meu papel para que o sistema continue.

O carro para em frente ao casarão, que possui arquitetura moderna mesclada ao tradicional estilo japonês. A entrada da casa tem um grande portão preto, mas o interior é quadrado. Painéis de madeira estão dispostos em todos os lados, e é preciso tirar os sapatos antes de entrar. O grande espaço no meio tem algumas plantas raras que Akira cuida pessoalmente. Há até um enorme lago cheio de peixes dourados, carpas e outros tipos de peixes.

Ele mesmo os alimenta e se orgulha de tudo que o conecta com suas raízes. Akira vem de uma família nobre com sangue de samurai que remonta a vários séculos. Sua criação foi rígida e disciplinada e, como resultado, ele é um confucionista conservador com grande apreço por qualquer coisa tradicional, sejam plantas ou chá verde feito à autêntica maneira japonesa. No entanto, ele superou isso e se abriu para o mundo, razão pela qual seu sucesso como empresário. Ele conquistou coisas que ninguém mais em sua família foi capaz de fazer.

Eles permitiram que seus métodos tradicionais os prendessem, mas ele não o fez. Embora ame suas origens e se orgulhe delas, ele não permite que elas o puxem para baixo e pode se tornar um camaleão, se necessário. Ele está em uma guerra interna com seu irmão, que espera por qualquer erro para virar a mesa e se tornar o líder do império Mori.

Claro, meu marido idiota não me disse nada sobre suas origens ou fortuna quando éramos amigos por correspondência quando eu tinha dezoito e ele vinte e um. Porque o otário mentiu totalmente. Ele estava na faculdade quando me escreveu pela primeira vez, não no ensino médio. Ele tem trinta e um agora. Akira sai do carro primeiro, sem esperar que o motorista abra a porta, depois vai até a minha quando estou prestes a sair. Meu marido me oferece a mão e eu a pego antes de entrarmos juntos. Seus passos são moderados, nunca muito apressados e nunca muito lentos. Tudo o que ele faz é previamente calculado nos mínimos detalhes. Ele às vezes é como uma montanha, eu juro. Ninguém pode dizer o que há dentro de seu silêncio robusto.

Nós apreciamos a vista do jardim que é iluminado por uma luz amarela fraca vinda de postes de luz entre as árvores.

— É uma bela noite, você não acha? — Ele pergunta.

— Isto é.

— Até o evento de caridade foi legal.

— Uh-Huh.

— Tive algumas impressões memoráveis de algumas pessoas.

Molhei meus lábios de repente secos. Eu conheço Akira há tempo suficiente para reconhecer que ele não toma nota de todos que encontra. Ele pode ser educado e acolhedor com cada pessoa com quem fala, mas está sempre os filtrando em sua mente. Ele só se lembra daqueles com quem vai trabalhar. Ou aqueles que ele vai destruir.

— Como quem? — Eu pergunto em um tom que espero que não traia minhas emoções.

— Knox Van Doren e Daniel Sterling, por exemplo.

Colegas de Sebastian. Eles vieram e nos cumprimentaram depois que conversamos com Sebastian, já que, aparentemente, eles já conheciam Akira.

— Achei que você já os tivesse conhecido antes.

— Sim. Mas esta noite, eu os conheci em circunstâncias diferentes. Digamos, novos.

— Eu vejo.

— Então há seu amigo de faculdade. Qual é o nome dele mesmo?

Ele está jogando, querendo que eu diga seu nome, porque não importa o quanto eu tentei controlar minha linguagem corporal, Akira é um mestre em ler as reações das pessoas e ele deve ter sentido todo o enrijecimento sempre que Sebastian estava à vista. Mas se eu escolher o confronto, ele vai apenas murchar e fazer parecer que estou na defensiva.

Então eu sorrio. — Sebastian. Seu nome é Sebastian Weaver.

— Certo. Weaver. Ouvi dizer que seu avô é senador novamente.

— Poderia ser.

— Seu tio é dono da empresa em que ele, Daniel e Knox trabalham. Ouvi dizer que ele passou na advocacia depois de fazer um curso acelerado.

— Legal. — Quando diabos ele conseguiu colocar as mãos nessa informação? Eu sabia que a linha de inteligência de Akira funcionava rápido, mas não sabia que era tão rápido.

— Você tem algum segredo para me contar sobre ele?

— Por que você pergunta?

— Porque estou pensando em trabalhar com ele.

Porra. Merda. Quando ele expressou suas intenções anteriormente, pensei que eram meras promessas vazias. Eu não acho que ele realmente gostaria de trabalhar com Sebastian.

— Não faria mais sentido se você trabalhasse com Knox ou Daniel, uma vez que você já os conhece? — Agradeço meu tom ser casual.

— Logicamente, sim, mas onde está o desafio nisso? — Ele sorri daquele jeito misterioso que ainda me incomoda.

Akira sempre aparece como uma tela em branco que só mostra às pessoas o que elas querem ver. Ele tem suas tendências ocultas, porém, e as apresenta com aquele sorriso irritante. Eu nem mesmo confio em nada que ele me disse ao longo dos anos, quando costumávamos escrever cartas um para o outro. Na época, eu pensei que elas eram genuínas, mas essa poderia ter sido outra maneira de ele me manipular, então eu acabaria nesta posição. Porque não importa o que Kai e Ren digam, não acredito que tudo isso não tenha sido planejado há anos. Talvez desde que nasci.

— Então? — Akira insiste.

— Então?

— Alguma fraqueza que eu possa segurar sobre ele?

— Por que eu conheceria suas fraquezas? Estudamos apenas na mesma faculdade. Nossas aulas nem eram do mesmo departamento, então não é como se fôssemos próximos.

— Interessante. Não sei por que tive a impressão de que você era, de fato, próximo. Talvez tenha sido minha imaginação.

— Poderia ser.

Akira dá um tapinha na minha mão. — Sem problemas. Embora você não tenha me ajudado, vou encontrar sua fraqueza em algum momento. Será um desafio divertido.

Minha coluna ergue-se e eu me forço a relaxar para que ele não leia minha reação. Se há algo que aprendi sobre Akira depois de todos esses anos, é que ele tem como missão encontrar os pontos fracos das outras pessoas. É como ele consegue passar por cima deles e conseguir o que deseja. Ninguém entra no radar de Akira e escapa ileso. Ele é tão parecido com meu pai dessa forma. Mas não posso tentar persuadi-lo a desistir, porque se ele perceber meu interesse no assunto, ele se agarrará a ele.

— Boa sorte.

Ele abaixa a cabeça e beija minha bochecha quando chegamos à entrada.

— Vá em frente e se troque antes que nossos convidados cheguem.

— Você também. — Eu sorrio enquanto seguimos em direções diferentes. O quarto dele fica no lado leste e o meu fica no oeste.

Meu quarto é simples, com uma cama king-size no meio e lâmpadas altas de cada lado. O único item pessoal aqui é o bloco de desenho na mesa de cabeceira que uso sempre que preciso de uma saída de ar. Eu me inclino contra a porta e fecho meus olhos um pouco, recuperando o fôlego.

Parece que não tenho respirado direito desde o momento em que meus olhos pousaram naqueles verdes tropicais. Por um segundo, o passado passa diante dos meus olhos, mas só consigo pensar na última vez em que o vi. Sangrando, febril e morrendo.

Abrindo lentamente meus olhos, eu levanto minha mão, a mesma mão que Sebastian beijou, e olho para ela na luz. Ainda formiga, ainda parece tão quente quanto seus lábios. Posso imaginá-los na minha pele, beijando, demorando enquanto ele me mantém prisioneira com seu olhar selvagem.

Eu caminho para a cama com as pernas instáveis e abro o zíper do meu vestido no caminho, meus seios derramando-se do sutiã embutido enquanto o material se acumula no chão. Minha pele está tão quente e sensível que até mesmo a sensação do ar batendo nela consegue causar desconforto.

Eu deito no colchão macio e deslizo minha mão quente e formigante que Sebastian beijou dentro da minha calcinha. Minhas costas arqueiam para fora da cama enquanto esfrego meu clitóris em círculos lentos. Estou tão molhada que mergulho meus dedos em um segundo. Já se passou muito tempo desde que fiquei tão excitada tão rápido. Parece estranho. Novo, até.

Ou talvez eu esteja apenas projetando o passado no presente. Minha boceta lateja enquanto eu deslizo meus dedos por minhas dobras enquanto ainda estimulo meu clitóris. Faíscas de prazer inundam meu núcleo faminto e eu cavo meus dentes na almofada do meu lábio inferior. Meus mamilos atingem um pico e seguro um com a mão livre enquanto olho para o teto. Mas ainda não é o suficiente.

Eu fecho meus olhos e solto minha imaginação. Dedos ásperos e calejados puxam os bicos rígidos dos meus mamilos, torcendo-os dolorosamente. Um gemido escapa dos meus lábios quando ele agarra os

dois mamilos e aperta um entre seus dedos magros. Então ele morde o outro, prendendo-o entre os dentes antes de sugá-lo em sua boca quente e úmida. Meus gemidos e choramingos ecoam no ar, aumentando para um crescendo. É como se eu não tivesse estado assim em toda a minha vida.

Não. Eu não fico ligada há sete anos. E é tudo por causa dele. A sombra que sinto pairando sobre mim, seu corpo grande e duro esmagando o meu embaixo dele. Ele é tão grande, muito maior do que eu. Ele pode me machucar. Pode me arruinar.

Minhas coxas pegajosas apertam com o pensamento e eu enfio dois dedos dentro de mim, mas na minha fantasia, não me sinto como ele. Nem mesmo perto. Seu enorme pau bate em mim, me esticando até que eu estou chorando e as lágrimas ardem em minhas pálpebras. Seus olhos severos e implacáveis perscrutam os meus enquanto ele me fode sem piedade. Como se ele estivesse me punindo.

Como se ele quisesse me ensinar uma lição. Eu quero que ele me beije, mas não acho que ele vá fazer isso. Então eu apenas fico lá, recebendo sua punição e as estocadas violentas. Em minha mente, minha mão repousa em seu peito, sentindo os músculos rígidos ondulando sob o meu toque e os batimentos cardíacos fortes sob ele. Ele aumenta seu ritmo até que estou ofegante, segurando por um fio o prazer carnal que está arrancando de mim.

— Sebastian... — Eu gemo, e meu coração dá um salto quando o nome paira no ar, mas eu não consigo pensar nisso enquanto uma onda de prazer me arrasta para baixo.

Ele não fala, no entanto. O Sebastian das minhas alucinações nunca o faz. Normalmente, eu também não falo, mas hoje, a luxúria toma conta de mim até que eu não consigo pensar além disso. Eu imagino sua mão em volta da minha garganta enquanto ele penetra em mim mais forte e mais rápido. Eu deslizo para fora do colchão devido ao poder de seu pau forçando seu caminho em minha boceta repetidamente até que estou gritando.

Meu orgasmo continua e continua e acho que vou desmaiar com a força dele. Eu monto o prazer, murmurando seu nome como um canto. Não quero abrir os olhos, não quero sair da fantasia e voltar ao mundo dos vivos. Mas eu abro. Não importa o quão alto eu flutue, sempre acabo caindo.

Eu lentamente abro meus olhos, e assim, o feitiço é quebrado. O cheiro de sexo permanece no ar, mas a única coisa que me toca são meus próprios dedos. Eu estou sozinha. Uma lágrima desliza pela minha bochecha e entra na minha boca.

Não importa quantas vezes a cena se repita, ainda dói como uma ferida recente. Acho que sempre será. Mas hoje a dor é mais forte, mais profunda, como se alguém cravasse uma faca naquela ferida. Porque quando o vi novamente, não pude deixar de pensar sobre onde poderíamos estar agora se aqueles dias negros na cela nunca tivessem acontecido.

Se ele não tivesse levado um tiro e nós não tivéssemos sido levados. Se eu não tivesse enfiado meu nariz onde não pertencia. Mas é inútil pensar nisso, não é? Não quando nossa história já foi escrita. Limpo minha

bochecha com as costas da mão e me levanto. Preciso colocar minha armadura de aço para atender nossos convidados. Tipo, minha porra de família.

Capítulo Dezenove

Naomi

Depois de colocar um terninho e soltar meu cabelo para que caia sobre meus ombros, vou para o corredor. Akira já está esperando na entrada da minha ala.

Ele está vestindo um *yukata* com um quimono masculino que tem o brasão de sua família bordado em cada lado do peito. Este tipo de roupa tradicional de boa qualidade custa uma pequena fortuna, mas ele fica mais confortável com essas roupas dentro de casa. Acho que tem a ver com a forma como ele foi criado em Kyoto. Outra coisa que ele mentiu para mim nas cartas. Akira não é de Tóquio.

— Pronta? — Ele me oferece sua mão.

Eu levo. — Eles já estão aqui?

— Sim, eles estão esperando. É bom mantê-los alerta, não acha?

— Você é o único que acredita que manter um líder da Yakuza alerta é uma coisa boa.

— Não o único, já que você está aqui comigo, minha querida esposa.

Eu zombo e ele sorri enquanto entramos na sala de jantar. Tem um design antigo onde todos estão sentados no chão e tem uma pequena mesa à sua frente cheia de acompanhamentos premium.

Com certeza, nossos convidados da noite estão sentados e esperando. Kai, Ren e meu pai. O mesmo pai que passei minha infância e adolescência idiota fantasiando encontrar. O mesmo pai por quem tive inúmeras brigas com minha mãe.

Abe Hitori.

Também conhecido como o líder do ramo da Yakuza em Nova York e um homem ainda mais perigoso do que mamãe jamais poderia ter me avisado. O homem que pode explodir o único fio que me mantém viva em pedaços sangrentos.

— Desculpe tê-los deixado esperando, — Akira diz em japonês enquanto nos cumprimentamos e nos sentamos em frente a eles.

Akira e eu falamos apenas em japonês quando estamos perto um do outro.

— Tudo bem. Não esperamos muito. — Meu pai se serve de uma bebida e me observa de cima da borda do copo.

Ele não é alto, mas tem um olhar penetrante que visa colocar aqueles que se opõem a ele de joelhos. Meu pai é a epítome de um homem carismático que sabe o que quer e como conseguir. Mesmo que isso signifique esmagar sua própria família no processo.

— Posso elogiar a sua aparência, Sra. Mori? — A atenção calma de Kai está em mim e eu gostaria de poder jogar um copo em seu rosto.

Aquele homem não é apenas o segundo em comando, curador, estrategista de papai, mas também é aquele que metaforicamente torceu meu braço. Ele age silenciosamente e sem chamar muita atenção para si mesmo ou para seu amado chefe. Kai e eu compartilhamos um passado sombrio, no entanto, que é parte da razão pela qual eu pensei que ele era familiar.

— Não, você não pode, — eu digo timidamente, em seguida, tomo um gole.

Ren zomba, rindo silenciosamente, e embora eu odeie todos na organização do meu pai, Ren pode ser o único no topo da pirâmide. Ele é astuto e coloca diferentes máscaras ao longo do dia. Às vezes, ele tenta ser amigável sempre que nos encontramos, chamando o que ele fez de ‘um trabalho,’ mas eu nunca vou perdoá-lo pelo que aconteceu há sete anos.

Ao som de sua zombaria, algo que meu marido considera juvenil e de mau gosto, ele encara Ren. Em vez de apenas abaixar a cabeça como Akira espera das pessoas, o jovem olha de volta. É um brilho intenso, como se ele não gostasse de Akira dizer a ele quando zombar e quando não. Eles sempre tiveram algum tipo de comunicação estranha, embora eles realmente não trabalhem juntos.

Kai vira seu copo de saquê na minha direção, como se estivesse bebendo para mim. Ele gosta de agir dessa maneira poderosa, como se fosse melhor do que todos os outros e não guardasse rancores. Como se ele

fosse muito velho para tal absurdo. Recentemente, ele fez 35 anos, mas às vezes parece ter a idade de meu pai.

— Como vai o negócio? — Meu pai pergunta a Akira, ao que meu marido acena com a cabeça.

— Bom. Está crescendo.

— Você vai ficar um pouco nos Estados Unidos?

— Sim. Precisamos ficar aqui até que eu coloque a nova filial em funcionamento e Naomi cuide de seus próprios negócios.

— Não posso trabalhar do Japão para sempre, — digo. — Infelizmente.

— Sim, sim. — Meu pai finge parecer indiferente enquanto dá uma mordida em seu peixe favorito. — Avise Kai se precisar de alguma coisa, Mori-san. Estamos aqui para ajudá-la.

Eu resisto à vontade de revirar os olhos. Claro que eles estão lá para ele. Porque ele também está lá para meu pai. Afinal, ele me casou com Akira porque isso se encaixa em seus empreendimentos comerciais. Era isso ou não ter a chance de dizer adeus à minha mãe. Isso, entre outras coisas, ele me acorrentou até que eu não pudesse mais me mover. Enquanto eu tinha pensamentos ingênuos sobre me reunir com meu pai, ele estava planejando me vender pelo lance mais alto.

Akira queria se casar comigo ‘por motivos,’ como ele gosta de dizer, que são basicamente nosso segredo. E meu pai teve que fazer essa união acontecer. Tornar-se sogros do clã Mori é uma honra que não pode ser conquistada por qualquer pessoa, muito menos por alguém com

antecedentes criminais, como meu pai. A família de Akira me odeia e se recusa a me conhecer por esses motivos, mas papai não se importa, contanto que seu negócio esteja funcionando, graças à ajuda de Akira.

Meu marido toma um gole vagaroso de seu saquê. — Em vez de Kai, eu quero Ren.

O último congela com seus hashis a meio caminho de sua boca. Ren, que descobri que tem mais ou menos minha idade, ama sua liberdade mais do que qualquer coisa. Portanto, a ideia de trabalhar com um maníaco por controle como Akira deve ser uma blasfêmia para ele.

— Kai é meu homem mais eficiente, — meu pai ressalta o óbvio.

— Sem ofensa, mas isso o torna chato. Ren, no entanto, é imprudente e poderia usar um pouco de disciplina. — Há um sorriso nos lábios de Akira enquanto ele fala.

Meu pai ri, um riso profundo. — Como quiser.

Ren coloca seus hashis no prato. — Não.

— Você acabou de me dizer não? — Meu pai sibila.

Seu tenente mais jovem o enfrenta de joelhos. — Eu quero ficar com você, chefe.

— Se Mori-san quiser você, ele vai ter você.

Ren olha para Akira, que sorri. — Está decidido então. Me deixe ir buscar o presente que trouxe do Japão para você, Hitori-san.

— Você não precisava, — diz o pai de uma forma falsa.

— Claro que sim. — Akira permanece com a graciosidade de um guerreiro e acena para Ren. — Vem me ajudar.

— Você não tem criados?

Antes que meu pai pudesse repreendê-lo por responder, a voz de Akira endurece. — Qual é a necessidade de criados quando há você? Levante-se.

Ren range os dentes e pragueja baixinho antes de se levantar e seguir Akira para fora da sala.

Assim que a porta se fecha atrás deles, falo com meu pai sem olhar para ele. — Ele está comprando ervas de ginseng premium para você. Aja surpreso.

— Isso é muito generoso.

— Você não merece, — murmuro.

— O que você acabou de dizer, Naomi?

Eu levanto minha cabeça e encontro seu olhar. — Que você não merece.

Seus lábios se torcem. — Você está sendo ingrata.

— Pelo que exatamente? Por me tornar uma princesa da máfia, me forçando a me casar ou então você teria vendido minha meia-irmã quando somos sua própria porra de carne e osso, ou me ameaçando com nunca permitir que eu visse minha mãe em seu leito de morte? Ou talvez esteja me fazendo acreditar que vale a pena esperar por você todos esses anos?

Kai balança a cabeça para mim enquanto continua comendo. Foda-se ele e seu chefe.

Meu pai bate seus hashis na mesa. — Pare de ser uma pequena vadia americana e perca esse tom.

— Que tom? Aquele que fala a verdade?

— Aquele que me desrespeita. Lembre-se, Naomi, você precisa de mim.

— Tanto quanto você precisa de *mim*. Meu casamento está trazendo mais lucro do que você jamais poderia sonhar. Não se esqueça disso.

— E não se esqueça de que você tem um dever para comigo.

— Dever? — Eu zombo. — Você nem sabe o significado dessa palavra. Você atraiu minha mãe, engravidou-a e a negligenciou para que pudesse se casar por dinheiro e status. Não apenas você me encontrou pelo único motivo de me usar em seus esquemas, mas até mesmo sua filha legítima não está a salvo de sua tirania.

— Riko é quem escolheu escapar de mim, não o contrário.

— Porque ela percebeu o quanto você é uma pessoa perigosa. Ela não queria que eu fosse criada em seu mundo.

— Mas você acabou nisso de qualquer maneira, então mantenha sua cabeça baixa, feche esses lábios e siga as regras.

Abro a boca, prestes a dar a ele um pedaço da minha mente, mas Akira e Ren voltam, carregando a caixa de ginseng. Meu pai dá um show perfeito, agindo lisonjeado e feliz. Após o jantar, Akira sugere nos levar para um passeio em seu lago. Meu pai concorda prontamente e eu tomo meu tempo terminando meu chá antes de me levantar. Meu marido, papai

e Ren saem primeiro, e estou prestes a seguir com Kai, mas ele toca meu braço. Eu paro quando ele se comunica com seus olhos que eu deveria ficar.

Ele ainda tem o cabelo comprido e preso na nuca. As linhas afiadas de sua mandíbula ficaram mais calejadas e seus olhos não parecem mais humanos. Provavelmente devido ao número de assassinatos que o pai o obriga a fazer. Ah, e seu sobrenome é Takeda, não Collins como quando ele se passou por um detetive há sete anos.

— O que é? — Eu murmuro.

Kai pode ter me empurrado para esta vida, mas ele tem sido mais meu aliado do que meu inimigo nos últimos sete anos. Afinal, foi ele quem veio me salvar naquela noite vermelha. Ele tinha apenas dezesseis anos quando papai o colocou lá para me observar das sombras. Naquela época, quando ele viu Sam, o namorado da minha mãe na época, vindo para mim, ele não hesitou em invadir e matar o bastardo. Foi sua primeira morte, ele me disse, e foi sangrento e sujo e muito bagunçado.

De acordo com Kai, mamãe esfaqueou o cadáver do idiota algumas vezes quando me encontrou em estado de choque com sangue me cobrindo. Sangue de Sam. É por isso que sempre foi a noite vermelha na minha cabeça. Foi também quando conheci meu pai e alguns de seus homens, mas não me lembro, porque bloqueei essas memórias da minha cabeça.

Mas no momento em que ele me chamou de Ojou-sama novamente, eu soube que havia muito tempo. A familiaridade me atingiu com mais força

do que eu poderia imaginar. Acho que é por isso que Kai e eu temos algum tipo de relacionamento de amor e ódio. Ele é um idiota absoluto pelo que aconteceu há sete anos, mas às vezes, parece que ele está cuidando de mim do seu jeito bagunçado. Eu sei que não devo dar como certo de alguém tão desapegado como ele.

— É sobre Mio.

Minha respiração engata com a menção da minha meia-irmã muito mais nova. Aprendi sobre a existência dela quando minha mãe estava morrendo e senti que tive a chance de ter outro membro da família e fazer melhor. Tentei me encontrar com ela nas raras ocasiões em que ela vai ao Japão, mas estamos principalmente em continentes diferentes e meu pai a mantém sob uma guarda estrita.

— E que tem Mio? — Eu pergunto a Kai.

— Ele vai casá-la com a máfia russa.

— *O que?*

— Diminua seu tom de voz. Você não deveria descobrir sobre isso.

— Ele não pode casar ela. Eu me casei para que ela ficasse segura.

— Os pensamentos dele e os seus são diferentes. Ambos são ativos de poder que ele usará em todo o seu potencial.

— Se ela se casar com a máfia russa, será comida viva.

— Há isso, mas o maior problema é que ela está concordando com isso.

— Ela o quê?

- Você conhece Mio. Obediente a uma falha.
- Deus. Isso é um desastre.
- Eu concordo.
- Então diga isso a ele.
- Ele acredita que essa é a escolha mais lógica para estreitar seus laços com a Bratva e, por isso, não me escuta.
- E você acha que ele vai me ouvir?
- Não. É por isso que você precisa ter cuidado, Ojou-sama. Não o antagonize.
- Se ele casar ela, não vou ficar parada por isso.
- Não me diga nenhum detalhe. Eu não sou seu cúmplice.
- Você tem sido meu cúmplice desde o dia em que me salvou, Kai.
- Infelizmente. Pode ser.

Eu me encosto na parede, recuperando o fôlego de todas as coisas que aconteceram no espaço de um dia. O Japão se sente muito mais seguro agora. No início, trabalhar a partir daí foi um desafio, já que a Chester Couture é sediada nos Estados Unidos. Eu administrei bem e até abri uma filial no Japão para ter algo em que me concentrar. Mas agora que estou de volta aos Estados Unidos, não tenho certeza se foi uma decisão sábia. Desde que me casei com Akira logo após a morte de mamãe, nunca pensei em voltar aqui.

Isso é uma mentira. Mas às vezes mentir é melhor do que a verdade.

Eu me endireito e enfrento Kai. — Vamos sair antes que eles percebam que fomos embora.

— Ojou-sama.

— Sim?

— Você falou com ele esta noite?

Meu coração salta uma batida e um baque doloroso que pensei que iria desaparecer garras em seu caminho para a superfície. Eu não tenho que bancar a idiota e perguntar quem, então eu aceno em vez disso.

— Você sobreviveu então. Você tem que continuar sobrevivendo ficando longe dele.

Kai acha que é fácil. Ele acredita que sobreviver é uma coisa conveniente à qual posso simplesmente prender minha mente e ela seguirá meu comando.

Eu solto um suspiro. — Eu tenho que me encontrar com ele.

— E deixar Akira desconfiado?

— Esse é o principal motivo pelo qual eu preciso fazer isso. Akira quer trabalhar com ele e eu tenho que evitar isso.

— Eu cuidarei disso.

— Não! A última vez que você cuidou de alguma coisa, ele quase morreu.

— Mas ele não morreu.

— Kai...

— Tudo bem. Faça isto de sua maneira. Mas você tem certeza de que pode falar com ele sem sacrificar algo em troca? O homem que ele é hoje é diferente do quarterback que você conhecia naquela época.

Eu respiro fundo. — Eu posso lidar com ele.

Ou então gosto de acreditar.

Capítulo Vinte

Akira

Querida Yuki-Onna,

Estou apenas escrevendo essas cartas para auto registro agora.

Perdi a esperança de que você algum dia respondesse as minhas anteriores, quanto mais ler isto, mas acho que velhos hábitos são difíceis de morrer. Todas as semanas, eu sento na frente do meu computador e digito essas coisas, não porque eu quero, mas porque algo parece estar faltando se eu não fizer isso.

* insira um encolher de ombros aqui *

Minha vida está indo por água abaixo. Eu pensei que tinha chegado ao fundo do poço antes, mas, aparentemente, existem níveis de merda para essa merda e agora estou no meio. Ou talvez eu esteja apenas arranhando a superfície.

Eu perdi minha alma. Sim, engraçado, eu sei. O cara sem alma realmente perdeu sua alma inexistente. Minha crise vale um livro, eu juro.

Mas talvez não seja uma crise, afinal, e eu estou apenas imaginando coisas. Talvez minha alma esteja realmente perdida e eu esteja apenas sendo um idiota dramático que precisa de atenção.

Eu não, normalmente. Afinal, não sou você.

Seja o que for, algo está faltando. E antes que sua cabeça cresça de tamanho, não, não é você. É algo em mim. Eu senti isso antes, mas agora está apenas vazio e sem som. Talvez tenha morrido durante o meu sono.

Afinal, talvez Yuki-Onna tenha entrado pela minha janela e esteja confiscando tudo o que tenho a oferecer. Talvez tenha sido você quem a colocou nisso. Ou talvez ela seja você.

De qualquer maneira, está funcionando. Meus pecados estão finalmente me alcançando.

Eu rezo para que você esteja vivendo uma vida de merda.

Amém,

Akira

Capítulo Vinte e Um

Sebastian

— Sr. Weaver está perguntando por você.

Eu paro perto da porta do meu escritório com a voz da minha assistente. Eu a observo pela porta de vidro que separa seu espaço do meu. Ela está segurando um telefone entre o ombro e a orelha, mexendo em incontáveis arquivos de casos com uma das mãos e digitando no teclado com a outra.

— Você precisa de outra assistente, Candice?

Ela me olha feio.

Candice é uma mulher negra de meia-idade com uma figura grande e uma língua afiada. Ela está com Nate e Kingsley desde que eles abriram a Weaver & Shaw, e eu a roubei com minhas habilidades de negociação. Ela logo me odiou devido à carga de trabalho que ela tem que cuidar.

— O que você acha, jovem Weaver? — Ela inclina o queixo na direção de sua mesa. — Isso não vai se resolver sozinho.

— Vou pegar um dos estagiários para você.

— Daniel e Knox estão com todos eles nos bolsos. Eles amam os charmosos, sabe.

— Rude, Candice. Quer dizer que não sou charmoso?

— Não intencionalmente, você não é.

— Certo. Vou sorrir mais e ser bom para eles.

— Nem um pouco. Eu não preciso de estagiários fascinados andando por aqui, dando a você olhos de coração e não realizando as coisas.

— Eu nunca poderei vencer com você.

— Pelo menos você reconhece isso. — Ela aponta para o corredor. — Vá e veja o que ele quer. Parecia urgente.

— Primeira coisa pela manhã?

Ela levanta um ombro e atende o telefone, — Weaver & Shaw, escritório de Sebastian Weaver...

Aceno para ela com dois dedos, deixo cair minha pasta no meu escritório, em seguida, sigo pelo corredor até o covil de Nate, como Dan gosta de chamá-lo. Se esta for mais uma de suas reuniões estratégicas chatas, estou fora. Tio é a única pessoa que ainda considero minha família, mas ele é muito rígido e estoico para o seu próprio bem.

Embora todos possam argumentar que eu não sou diferente. Ninguém teria me acusado disso sete anos atrás, mas em algum momento, cansei de fingir e parei de colocar uma fachada a menos que seja absolutamente necessário. Então, deixei cair uma das minhas máscaras ou algumas.

Bato na porta do escritório de Nate, pronto para dizer a ele que tenho trabalho a fazer e casos para revisar. Mas, acima de tudo, tenho alguns planos para cuidar. Já se passaram dois dias desde o evento de caridade em que Naomi valsou de volta à minha vida, seguindo seu marido. Eu esperava que a porra do marido entrasse em contato, mas ele não entrou. Ele nem ligou para Daniel ou Knox. Eu sei porque tenho importunado eles como uma gata carente, como Dan me chamava, e quase confisquei seus telefones. Se Akira não vai dar o primeiro passo, não terei escolha a não ser eu mesmo. Mas não posso parecer desesperado ou ele vai suspeitar dos meus motivos.

— Entre, — a voz do tio flutua de dentro.

Eu entro, dando um show do meu suspiro exasperado. O escritório de Nate é o maior da empresa e ele está até mesmo fazendo construções nos andares superiores. Weaver & Shaw está se expandindo e os números ao longo dos anos indicam lucros crescentes. Tudo graças a Nate. Não seu pai senador ou sua mãe influente. Só ele.

E parte disso é porque ele não permite que qualquer um entre. No circuito jurídico, seu processo de entrevista para associados é famoso por ser absolutamente implacável e minucioso. Ele é o tipo que conhece seus segredos mais profundos e sombrios antes mesmo de você. De certa forma, meu tio herdou a qualidade Weaver de querer apenas o melhor. Nate está sentado atrás de sua mesa de vidro em uma posição ereta. Ele está mais velho agora, perto de chegar aos quarenta, e pode ser confundido com a porra de um vampiro devido ao pouco que envelhece.

— O que é? — Eu pergunto, entrando no escritório.

Eu paro quando meus olhos pousam na mulher em frente a ele. A mesma mulher que imaginei embaixo de mim com minha mão em volta de sua garganta enquanto eu me masturbava contra a parede do chuveiro na noite passada. A mesma mulher com quem tive um sonho e acordei com a mão em volta do meu pau duro. Ela parece diferente do que na festa, menos arrumada, mas mais cautelosa. Seu cabelo preto está solto, caindo sobre os ombros. É mais longo do que quando estávamos na faculdade, fazendo com que ela se pareça mais com a mãe. Ela está vestindo um elegante terno azul e salto alto preto, e a combinação dos três dá a ela uma vantagem madura. Seus lábios estão pintados de um vermelho brilhante e a vontade de espalhar na porra de seu rosto com meus dedos, então com meu pau é tudo que posso pensar.

Talvez eu devesse deixar toda a sua pele vermelha. Sua expressão é fechada, tensa, até, como alguns dos homens de negócios que têm uma personalidade leve. Por alguma razão, isso é mais próximo de como eu imaginei que ela iria evoluir. Uma linda mulher com uma atitude objetiva. Não é a porra de uma peça secundária no braço de um homem influente. Eu escondo minha surpresa. Vê-la no escritório de Nate é a última coisa que eu esperava. Sim, eu planejava me encontrar com ela novamente, mas nos meus termos e definitivamente não onde eu trabalho.

— O que é isso? — Eu digo no tom frio e profissional que todos, menos Candice, estão acostumados comigo.

— Sente-se, Sebastian. — Nate aponta para o assento em frente a ela. — Naomi veio aqui com um pedido.

Desabotoo meu paletó e me sento na cadeira. A pequena mesa de centro é a única coisa que nos separa, e outro desejo me domina. Desta vez, quero agarrá-la pela nuca e pressioná-la contra a mesa, talvez a punir. Talvez brincar com ela. Talvez a machucar. De qualquer forma, eu fodidamente a teria.

— Ele está aqui. Você pode falar, — Nate fala em seu tom afetado, ignorando o fato de que um fantasma do nosso passado apenas saltou de volta em nossas vidas.

Ele nem mesmo a viu naquela noite no evento de caridade desde que ela saiu, antes de sua breve aparição. Embora eu tenha certeza de que os dois filhos da puta, Daniel e Knox, tagarelaram depois de todas as piadas que fizeram às minhas custas. Naomi levanta a xícara de café que está sobre a mesa e toma um gole, saboreando-o lentamente antes que seus olhos encontrem os meus.

Eu mantenho o contato, mesmo quando ela desliza sua atenção para Nate. — Meu marido fará uma oferta a Sebastian para se tornar seu advogado interino para a nova filial que ele está abrindo em Nova York e eu gostaria que você negasse essa oferta.

Bem, bem. Afinal, Akira quer que trabalhemos juntos, e Naomi odeia a ideia. Bom. Esta será a minha abertura perfeita do caralho.

- Por que eu recusaria uma oportunidade de trabalho tão importante?
- Eu pergunto indiferente.

Seu olhar desliza de volta para o meu, ligeiramente alargado. — Por que você iria querer trabalhar com ele?

- Por que não?
- Não sei. O passado, talvez?
- Você mesmo disse. Está no passado. Não devemos permitir que assuntos pessoais atrapalhem.

Ela franze os lábios vermelho-sangue e, por algum motivo, isso traz de volta as memórias daquela porra de cela quando ela pressionou sua camiseta na minha ferida em uma tentativa desesperada de me salvar. Só para que ela pudesse me apunhalar pelas costas depois.

Sua atenção volta para Nate. — Você precisa detê-lo.

- Eu realmente não interfiro na maneira como ele ou qualquer outra pessoa trata os clientes, a menos que haja um forte motivo para isso.
- Há uma razão. Não quero misturar o passado com o presente.
- Mas você não vai. Sebastian trabalhará com seu marido, não com você, Sra. Mori.

Um músculo aperta na minha mandíbula quando Nate a chama pelo sobrenome do marido. Eu pensei que nunca odiaria nada tanto quanto o jeito que ela desapareceu, mas aqui está. Seu nome ligado a outro homem.

Seu nome com outro filho da puta. É quase tão ruim quanto a dor que senti depois que ela terminou comigo por telefone. Quase.

— Isso significa que você não vai impedi-lo? — Ela pergunta a Nate com uma nota de impaciência.

— Receio que não. Não tenho nenhuma razão convincente para interferir. Leve isso com ele e convença-o você mesma.

Seu brilho cai sobre mim e eu lhe dou um sorriso, um sorriso genuíno, com uma ponta de escuridão. Porque de jeito nenhum vou deixar essa oportunidade de ouro passar. Eu gosto do jeito que ela me encara. Como seus lábios ainda se contraem nos cantos e como um tom rosa cobre suas bochechas pálidas. Afinal, algumas coisas nunca mudam.

— Vocês dois vão se arrepender disso. — Ela se levanta e pega sua bolsa, em seguida, sai furiosa do escritório.

Eu relaxo em meu assento para me impedir de ficar de pé e ir atrás dela. Talvez a agarrando e empurrando-a para um canto escuro. Talvez tocá-la e aprisioná-la.

Nate levanta uma sobrancelha escura, formando uma torre no queixo com os dedos. — Eu preciso saber do que se trata?

— Ela está de volta à cidade.

— Eu não sou cego. Eu posso ver isso. Ela também é casada.

— Eu sei disso.

— Aparentemente, não, porque seus olhos estão brilhando com aquela impulsividade de novo, patife.

— Não se preocupe com isso.

— A última vez que você disse isso, eu tive que preencher cheques e acertar com pessoas aleatórias em bares.

— Não sou mais jovem e imprudente. Eu vou ficar bem.

— É melhor você estar. Não queremos que o Sr. e a Sra. Weaver digam que eu avisei. E eu definitivamente não quero que meu sobrinho seja pego na turma errada.

— Turma errada?

— Akira Mori é conhecido por lidar com organizações criminosas. Ele não tem moral quando se trata de negócios, e isso significa que ele também não tem limites nas relações interpessoais.

— Eu também não me chamaria de moralista. Então, isso deve ser divertido.

Ele se inclina em sua cadeira, entrelaçando os dedos no queixo. — Eu não sou bobo. Sei muito bem que você está fazendo isso por ela, não pelo desafio ou por motivos relacionados ao trabalho. Eu estava lá e vi você no seu pior, patife. Então você não pode me dizer que tudo isso é apenas um empreendimento comercial para você.

— Mas você pode acreditar que é. Dessa forma, você obtém os lucros e a consciência limpa.

Ele suspira e relaxa de volta. — Eu te avisei, mas não posso segurar sua mão e impedi-lo, então faça o que quiser. Você não é mais uma criança.

— Obrigado, Nate.

— Coloque a empresa em risco e eu vou chutá-lo enquanto você estiver no chão. Vou até mesmo pedir ajuda a Daniel e Knox.

Eu rolo meus olhos enquanto saio de seu escritório e volto para o meu. Minha mente está cheia de opções de como destruir Akira Mori e Naomi por meio de empreendimentos comerciais. Se ela já sabe que ele fará uma oferta, a oportunidade se apresentará em breve. Eu paro no escritório de Candice para a programação de hoje, mas em vez de encontrá-la fazendo várias tarefas ao mesmo tempo, ela está trazendo um copo de água para alguém sentado em sua mesa.

— Você tem um convidado, — Candice me diz quando eu passo por sua porta. — Ela não tem hora marcada, mas diz que é uma conhecida pessoal.

Naomi se levanta e se vira para mim, sua postura é ampla e seu rosto ainda fechado. — Nós precisamos conversar.

— Eu já te dei minha opinião no escritório de Nate. Minha resposta não mudará alguns minutos depois.

Ela franze os lábios. Se fosse nos velhos tempos, ela já teria me amaldiçoado agora. Mas talvez ela tenha refreado essa parte de si mesma. Ou talvez ela simplesmente tenha desaparecido.

— Me ouça, — diz ela, com a voz mais suave, mas posso dizer que ela está se esforçando para soar assim.

— Não.

— Sebastian...

— Você não me ouviu há sete anos. Por que devo fazer isso agora?

Seu rosto empalidece, os lábios se separam, mas ela não diz nada. Bom. Agora ela entende um pedaço do que eu fodidamente senti.

— Me envie minha agenda por e-mail, Candice. — Eu a deixo parada lá e entro em meu escritório.

A porta se abre atrás de mim e Naomi entra, sua respiração difícil quando ela fecha a porta.

Eu a encaro com um suspiro intencionalmente exasperado. — O que é agora?

— Você não pode simplesmente me ignorar e fingir que não estou aqui.

— Acredite em mim, eu posso.

— Tudo bem, você está certo em ser indiferente e apático. O passado era sangrento e errado, mas não estamos mais lá. Estamos aqui e você precisa me ouvir.

— Talvez eu esteja sempre lá. Talvez eu não tenha acordado no hospital. Talvez eu tenha permanecido naquela porra de cela por sete anos.

Sua boca cai aberta.

— Vejo que você ainda tem o hábito de ficar sem fala quando fatos difíceis são lançados em seu caminho, Naomi. Ou devo chamá-la de Sra. Mori agora?

Dizer o nome é como engolir a porra do ácido na minha garganta. É como esfaquear meus próprios malditos olhos e me debater no escuro sem saída à vista. Mas eu continuo com meu olhar e tom de provocação. Eu continuo a rolar na mentira até que isso me consuma.

— Akira é perigoso, — diz ela em voz baixa. — Não se deixe enganar por sua aparência de homem de negócios exterior. Ele é implacável e insensível e não tem um único osso de misericórdia em seu corpo, especialmente porque ele está se aproximando de você por outras razões que não o trabalho. Ele quer cavar meu passado através de você e não vai parar a menos que consiga o que quer, mesmo que isso signifique arruinar você e a empresa de Nate no processo. Portanto, vá embora agora enquanto pode.

— Você esquece um pequeno detalhe. Ele quer trabalhar comigo.

— Ele acabará desistindo.

— Você acabou de dizer que ele não vai parar até conseguir o que quer. Que acontece de ser eu.

— Só não aceite a oferta dele.

— Por que você se importa se eu aceito ou não?

— Porque isso vai me impactar.

Dou um passo em sua direção sem perceber, porque essa porra de atração que temos aparentemente não é algo que pode ser erradicado com o tempo.

O cheiro de lírios misturado com pêssegos e o passado enche minhas narinas quando paro a alguns centímetros dela e minha voz diminui. — Impactar você como?

Ela suga uma respiração audível, suas pupilas dilatando. Quando ela fala, é com esforço. — Não quero que Akira saiba sobre meu passado.

Minha mandíbula aperta com sua insinuação de que nosso passado é algum tipo de segredo sujo que ela quer esconder de seu marido figurão.

— Por que eu deveria me importar com o que você quer?

— Você também não quer que ele saiba.

— Talvez eu queira. Talvez eu tome uma bebida com ele e conte-lhe sobre todas as maneiras como persegui sua linda esposa e a fodi em todos os seus buracos enquanto ela gritava por mais. Ele poderia usar algumas dicas.

Esse tom rosa explode em suas bochechas novamente e ela levanta a mão para me dar um tapa, mas eu sou mais rápido. Eu pego na minha antes que ela tenha a chance de agir. Talvez seja o fato de eu estar tocando-a novamente ou pode ser a raiva brilhando em seus olhos escuros que ela não tem permissão para ter. Mas em uma fração de segundo, meu humor vai de cinza para preto. Todas as emoções reprimidas correm para a superfície, porra, erradicando qualquer pedaço de controle que possuo.

Usando meu controle sobre ela, eu a apoio, bato com ela contra a porta e prendo seu pulso acima de sua cabeça. Ela engasga quando eu aperto minha frente contra a dela, meus lábios encontrando a concha de sua orelha. — Você tem duas opções, Naomi. Um, vire-se, saia do meu escritório e nunca mais mostre sua cara aqui de novo. Não fale comigo sobre seu marido ou suas preocupações, e nunca me peça para ouvi-la. Dois, fique e suporte as consequências.

Ela pisca rapidamente, sua garganta delicada trabalhando com um engolir. Minha mão coça para envolver aquela garganta e apertar até que ela fique tonta e ofegante. Até que ela esteja confusa e tonta, mas não lutando contra mim, porque ela confia em mim para permitir seu oxigênio.

Porra. Agora que a imagem se formou na minha cabeça, não posso afastá-la. Ela também não faz nenhum movimento para sair. Não tenta se afastar de mim.

— Seu tempo acabou, Naomi.

Capítulo Vinte e Dois

Naomi

Estou congelada.

Incapaz de me mover. Incapaz de piscar. Incapaz de respirar.

Meu coração bate tão forte que meus ouvidos zumbem com seu ritmo. O ar parece como agulhas afiadas picando minha pele e enganchando contra meus ossos.

Seu tempo acabou, Naomi.

Eu ouvi Sebastian dizer isso, mas meu cérebro não processa totalmente. Mas então me lembro por que fiz a jogada arriscada de entrar em seu escritório em primeiro lugar. Tive que fazê-lo mudar de ideia sobre trabalhar com Akira. Essa é a única razão pela qual estou falando com ele. Mas ficou borrado ao longo do caminho quando ele me tocou, agarrou meu pulso e me jogou contra a parede como se estivesse esperando anos para fazer isso. Talvez eu tenha esperado anos para que ele fizesse isso também.

Não.

Eu não posso me permitir entrar naquela toca do coelho de novo. Desta vez, realmente não haverá nenhuma saída. Saindo do meu estupor, tento puxar minha mão da dele, mas ele aperta seus dedos magros no meu pulso

até que eu estremeço de dor. Seu peito duro está plano contra o meu arfante. Um flash de calor passa por mim enquanto a memória do meu corpo volta a sete anos atrás, quando ele costumava me prender. Quando seu perfume de bergamota e âmbar me encheu de uma explosão de emoção e medo. Quando tê-lo perto significava que minha vida seria virada de cabeça para baixo.

Sete anos depois, ainda é o mesmo. Não importa o quanto eu tenha meditado e treinado minha mente para superar minhas necessidades corporais, um encontro é o suficiente para meu esforço desmoronar. Todas as minhas esperanças de segurar tudo desaparecem. Como um viciado, volto para a fase da minha vida em que ela não tinha sentido porque ele não estava mais nela. Quando eu me esforcei para não reservar o próximo voo de volta para a América apenas para poder vê-lo mais uma vez. Mesmo nas sombras.

Mas eu estava apenas me enganando. Em que mundo o ver uma última vez seria o suficiente? Passaram-se apenas dois dias desde que esbarrei nele novamente e estou em um estado constante de hiperconsciência que não consigo explicar. Minhas noites são gastas me revirando e me tocando mais do que estou acostumada e ainda não obtendo nenhuma satisfação. Esse sentimento vem crescendo há tanto tempo e agora está explodindo na minha cara.

— O que... — Eu paro ao som da minha voz ofegante e limpo minha garganta. — O que você está fazendo?

— Eu te dei uma escolha e você não foi embora. — Ele está falando perto. Tão perto que seu hálito quente, misturado com café e hortelã, brinca com minha pele. Sua proximidade está bagunçando minha cabeça mais do que eu jamais admitiria.

— Me deixe ir, Sebastian.

— Eu disse que haveria consequências a suportar e você não se mexeu para ir embora.

— Eu fiz.

— Não rápido o suficiente. — Sua mão livre envolve minha garganta.

Uma carga de choque de sensações passa por mim e meu coração quase para de bater. Santo Jesus. Meu corpo inteiro fica mole quando seu polegar roça o ponto de pulsação, então pressiona com força o suficiente para me deixar completamente ciente de sua presença. Já se passou muito tempo desde que alguém me tocou com controle sem remorso. E mesmo que eu não queira ser afetada, não posso evitar a explosão de formigamento que cobre minha pele.

— Fala então. Você estava dizendo algo sobre como eu deveria ficar longe de seu marido, — ele sussurra em um tom que ultrapassa o confinamento de meus ouvidos e flui em meu sangue.

— Você tem que ficar. — Meu tom é tão baixo que mal o reconheço como meu.

— Por que?

— Eu te disse. Porque ele é perigoso.

— E se eu também for perigoso, mas de uma forma completamente diferente? E se eu quiser ver qual de nós é mais imoral?

— Não...

Ele enfia o joelho entre as minhas pernas e eu suspiro quando sua coxa roça no meu núcleo. Nossas roupas nos separam, mas é como se fôssemos carne com carne. Pulso a pulso. Corpo a corpo.

— Sebastian... pare...

— Você sabe que essa palavra não me impede.

— Não somos mais crianças. Isto não é um jogo.

— Talvez seja. Talvez devêssemos continuar de onde paramos.

Seus lábios roçam a concha da minha orelha e eu estremeço tanto com seu calor quanto com a forma como ele esfrega sua coxa contra minha boceta. Pare está na ponta da minha língua, mas não sai. E conhecendo Sebastian, provavelmente não funcionaria, como ele disse. Não importa que o anel de outro homem esteja no meu dedo ou que ele me viu com o dito homem não muito tempo atrás. Ele verá o que quiser e ignorará o resto.

Essa parte nunca mudou sobre ele. Ele desliza a ponta da língua da minha orelha até a minha bochecha. Eu estremeço, minha mão voando para o lado dele, para detê-lo, para afastá-lo, mas eu não o faço. Meus dedos permanecem ali, congelados, incapazes de se mover enquanto sua

boca quente e úmida trilha um caminho até onde sua mão está agarrando minha garganta.

— Porra. Você ainda tem o mesmo gosto.

E você ainda sente o mesmo. Mas eu não digo isso em voz alta enquanto me deixo afogar no momento. Estive em guarda por tantos anos que esqueci o que significa deixar ir. Sentir. Para apenas estar viva. E agora, eu sou isso e muito mais. Estou borbulhando de vida e posso senti-la entrando e saindo de mim.

— Isso está errado, — murmuro.

— Então? — Ele fala contra meu queixo, sua pele deixando a minha em chamas.

— Não deveríamos fazer isso...

— E ainda assim nós estamos.

— Eu... eu sou casada.

— Isso significa foda-se tudo para mim.

— Acabamos.

— Eu nunca concordei com isso.

Eu coloco as duas mãos em seu peito e empurro o mais forte que posso, respirando com dificuldade. Seus lábios deixam meu rosto, mas seu aperto de aço permanece em volta do meu pescoço.

— Já terminamos há sete anos, Sebastian.

- Para você, obviamente, desde que você se casou.
- Você mesmo disse. *Casada*. Você não tem o direito de tocar uma mulher casada dessa maneira.
- Quem disse?
- Decência comum.
- Eu não tenho isso.

Eu vejo isso então. A apatia em seus olhos hipnotizantes. No início, pensei que era sua maneira de expressar a frieza que sentia por mim, mas talvez seja isso que ele se tornou agora. Uma pessoa apática sem uma lasca de calor dentro de si. Talvez a decência comum não seja a única coisa que ele não tem mais. Talvez ele tenha perdido outras partes dele também. Talvez ele esteja corrompido além do reparo.

O que aconteceu com você? Eu quero perguntar, mas estou com muito medo da resposta.

- Então você deve pelo menos ter um senso de autopreservação e fazer o que eu digo.
- Você quer dizer ficar longe do seu marido?
- Sim.
- O que eu ganho em troca?
- Sua segurança!
- Passo.

— O que você quer dizer com passo?

— Você precisa me dar algo.

— Tipo o que? — Pareço assustada, até mesmo para meus próprios ouvidos.

— Concorde primeiro.

— Não até que eu saiba o truque.

— Sua perda. — Ele me solta e dá um passo para trás.

Uma rajada de ar frio cobre minha pele e leva toda a minha vontade para permanecer plantada no lugar e não buscar algum tipo de atrito.

— A porta está bem atrás de você, Sra. Mori.

Eu quero voltar alguns segundos no tempo e enfiar aquele nome de volta em sua garganta para que ele não possa dizê-lo novamente. Ou talvez eu pudesse voltar sete anos e evitar todo o inferno que estourou. Ou talvez se eu não tivesse nascido como filha de Abe Hitori, eu não estaria aqui em primeiro lugar. Mas todas essas opções são impossíveis, então tudo que posso fazer é me concentrar no agora.

Meus ombros se endireitam. — O que você quer?

— Você não está pronta para o que eu quero.

— Me diga e eu decidirei.

— Me dê seu novo número de telefone.

— Por que?

— Vou enviar uma mensagem para você com um local. Se você está pronta para descobrir o que eu realmente quero, esteja lá. Se não estiver, vou seguir em frente.

Ainda estou tremendo por causa do meu encontro com Sebastian. Ficou tão ruim que eu tive que passar alguns minutos no banheiro para que eu pudesse ficar sóbria e me recompor. Em seguida, dirigi até a casa do meu pai, que fica em um bairro bem seguro no Brooklyn. Felizmente, é longe o suficiente da nossa casa para que eu não sinta que Akira está respirando no meu pescoço.

Deixei claro para Akira que não estaria me movendo com seus homens me seguindo e ele surpreendentemente obedeceu. Achei que teria que lutar até a morte para que ele removesse os guarda-costas. Mas, novamente, ele é uma pessoa prática e não se importa em perder uma batalha ou duas para ganhar a guerra. A segurança na casa do meu pai, no entanto, está em outro nível. Meu carro é revistado minuciosamente por seus guardas antes que eu tenha permissão para passar pelo portão.

Eu não tenho que dirigir até a casa, no entanto. A única pessoa por quem estou aqui não passa muito tempo dentro de casa. Depois de estacionar o carro perto do jardim dos fundos, tiro os saltos e os deixo ao lado do carro, depois piso na grama descalça. A sensação de frio acalma

minha pele quente e dolorida. Tem sido assim desde que Sebastian me tocou e falou contra meu ouvido, despertando memórias que ele não tinha nada que despertar.

E o que há com o todo, esteja lá se quiser descobrir o que eu quero?

Ele realmente acha que eu iria começar um caso ou algo assim? Embora eu estivesse prestes a fazer isso quando ele me segurou pela garganta contra a porta. Meus pensamentos se dispersam quando um farfalhar de movimento chama minha atenção. Uma mulher pequena vestida com equipamento de kendo está segurando uma espada de bambu e treinando para acertar uma árvore. Seus movimentos afiados e precisos e postura ereta são parte da disciplina que ela mantém há mais de uma década.

Minha irmãzinha pode ter apenas vinte e um anos, mas tem a aura de um monge sábio de mil anos.

— Mio, — eu chamo suavemente.

Ela se vira, sua espada erguida e seus olhos escuros brilhando sob o capacete. — Onee-chan!

Irmã mais velha. Nunca pensei que gostaria de ser chamado assim até Mio dizer timidamente pela primeira vez.

Posso te chamar de Onee-chan? Ela perguntou em voz baixa enquanto se escondia atrás de Kai e daquele filho da puta do Ren. Naquela época, ela tinha o cabelo trançado e usava um lindo vestido branco e rosa com sapatilhas combinando. Um rubor cobriu suas bochechas enquanto ela olhava para mim por longos momentos. Acho que nunca me apaixonei por

alguém mais rápido do que antes. Mio era apenas outra alma inocente presa no meio de uma loucura sangrenta.

Ela acelera os passos em minha direção e para a alguns passos de distância. — Estou suada.

— Venha aqui. — Eu a puxo para um abraço e ela ri contra mim, seu capacete aninhando no meu peito.

Não costumávamos ser tão sensíveis quando nos conhecemos. Mio foi criada de maneira estrita e tradicionalista e geralmente é contra qualquer tipo de toque. Mais ou menos como Akira, que gosta do contato físico apenas quando o inicia e em seus termos. Mas minha irmã e eu nos tornamos próximas o suficiente para nos abraçar sempre que nos vemos. Ela tira o capacete e pega uma toalha de uma árvore, depois limpa o pescoço e as laterais do rosto.

Seu cabelo castanho escuro está preso em um coque. Se estivesse solto, alcançaria a parte baixa de suas costas, mas ela nunca realmente o solta. Seus olhos amendoados dão a seu rosto redondo um tom mais suave que combina com sua voz diminuta. Às vezes, tenho que me aproximar para ouvi-la falar.

— Papai me disse que você voltaria, mas não me disse mais nada e Kai não cooperou. — Ela fala com um sotaque americano sofisticado, graças a todo o ensino doméstico e aos professores particulares afetuosos e adequados que teve desde que nasceu aqui.

— Quando Kai é sempre cooperativo?

— Você tem razão. — Ela sorri. — Estou feliz por poder falar com você cara a cara e não por telefone.

— Eu também, Mio.

Falamos sobre o Japão e as flores de cerejeira que ela tanto ama. Então Mio me fala sobre seus estudos e seu treinamento de kendo, que ela obviamente está obcecada.

Quando ela termina, eu limpo minha garganta. — Você tem mais alguma coisa para me dizer?

Ela prende a espada de bambu entre as pernas enquanto mexe na grama. — Como o quê?

— Kai foi realmente cooperativo pela primeira vez e me contou o que está acontecendo.

Ela franze a testa. — Aquela raposa. Ele prometeu não te envolver.

— Você acha que ele prometeu, mas ele provavelmente a manipulou fazendo-a pensar isso, Mio.

— Provavelmente.

— Então?

— Então? — Ela ainda está segurando a grama em seus punhos.

— Você vai me contar sobre concordar em se casar com um mafioso russo?

— Papai disse que é para ajudar nossa família.

— Seu *papai* só se preocupa com ele mesmo, Mio. Você já deveria saber disso.

— Mas... eu não quero ele ou você em perigo.

— Eu? Por que eu estaria em perigo?

— Papai disse que você e Mori-san poderiam ser alvos por causa dos novos empreendimentos de negócios de Mori-san. Ele está tendo problemas para abrir sua nova empresa por causa de toda a burocracia aduaneira, não? Se eu casar com os russos, eles não apenas ajudarão, mas também fornecerão proteção a você.

Esse bastardo. Ele sabia exatamente quais cartas jogar para fazer Mio concordar. Pai e eu somos o mundo dela, e ela concordaria com o inferno se isso significasse nos proteger.

— Akira e eu não estamos em perigo. E mesmo se estivéssemos, podemos nos proteger.

— Você não sabe disso.

— Mio...

— Vou fazer minha parte também, *Onee-chan*.

— Mas a máfia russa é perigosa.

— Mori-san também é perigoso, e você está indo muito bem.

— Isso é diferente. Akira era meu amigo antes e ele não é um mafioso. A máfia russa é famosa por sua crueldade, e papai planeja casar você com um

de seus líderes. Eles são conhecidos por sua violência e podem machucar você, Mio.

Ela pula, segurando sua espada em posição de defesa. — Eu posso me proteger.

Eu balanço minha cabeça, mas não pressiono. Em vez disso, escolho passar um dia tranquilo com ela. Almoçamos juntas e conversamos sobre tudo e nada. Somos basicamente as únicas amigas uma da outra. Estar com ela traz de volta memórias dos dias de faculdade, quando eu realmente não tinha amigos. Exceto por Lucy e Reina no final.

Às vezes, penso em ligar para elas e ficar juntas, mas a ideia de colocá-las em perigo sempre me parou. Exceto por aquela vez em que fiquei bêbada, mandei uma mensagem para Reina e quase abri meu coração para ela. Mio está fazendo beicinho quando tenho que sair no final da noite. Então, prometo passar mais tempo com ela agora que estou de volta. Algo que a faz sorrir e me dispensar.

Eu dirijo para casa, minha cabeça ainda cheia de pensamentos e teorias intermináveis. Passar um tempo com Mio, não importa o quão divertido, não purificou o que aconteceu esta manhã. Não consigo apagar a imagem da mão, dos lábios e das palavras de Sebastian. Inferno. Não consigo nem esquecer o som de sua voz.

Não deixei meu número de telefone para ele antes de sair furiosa de seu escritório, mas continuo verificando minhas mensagens de qualquer maneira, como se ele magicamente conseguisse o número. Não seria a primeira vez que ele pegaria meu número nas minhas costas.

Paro o carro na garagem, levo um momento para me recompor, depois faço alguns telefonemas de trabalho e agendo algumas reuniões. Levo a sério o legado que mamãe deixou para trás, mesmo que apenas do lado administrativo. Amanda, que era assistente da mamãe e agora é minha, cuida dos designers de diva e todo aquele jazz.

O trabalho me mantém ocupada o suficiente para não pensar em outras coisas, mas isso era antes. Tenho a sensação de que não se aplicará mais agora que meu mundo colidiu com o de Sebastian novamente. Depois de terminar minhas ligações para o checkar com Amanda, entro em casa. Eu paro com o som de uma discussão vindo do escritório de Akira. Tão tarde?

Durante os sete anos que estive casada com ele, Akira sempre foi metuculoso pra caralho sobre suas horas de trabalho em comparação com as de descanso. Qualquer hora depois das sete é a sua ‘hora para mim’ em que ninguém se atreve a interferir. Além disso, discutindo?

A ocorrência é tão rara que paro e escuto fora de seu escritório, mas realmente não consigo ouvir as palavras. Apenas uma voz masculina. E não é de Akira. Eu sabia que meu marido não estaria discutindo. O homem não levanta a voz e ainda realiza tudo o que se propõe a fazer.

Às vezes, parece que ele é um samurai nos tempos modernos. Ou talvez um ninja letal. Estou prestes a continuar meu caminho quando a porta do escritório de Akira se abre e Ren sai furiosamente, batendo-a atrás de si. Ele para bruscamente ao me ver, seu rosto contorcido enquanto ele se curva em saudação.

Eu não me curvo de volta. — Ah, eu deveria saber que a discussão seria toda você.

— Você está feliz?

Eu sorrio. — Sobre sua miséria? Muito.

— Isso não apaga a sua, Ojou-sama, — ele zomba.

— Não, mas é bom ter uma companhia.

— Quem disse que estou infeliz?

— Você claramente está. Akira está efetivamente te dando nos nervos. Finalmente encontrou seu par, hein?

— Como desejar. Ninguém me atinge, nem você, nem seu marido psicopata.

Dou um tapinha em seu ombro, fingindo tirar o pó de alguma coisa, então sussurro. — Cuidado com as costas. Ele já o tem em vista.

Ren enrijece quando eu me afasto, seus olhos menores se estreitando nos meus antes que ele se afaste. Eu o observo com um sorriso satisfeito. Isso o abalou o suficiente para deixá-lo paranoico por um tempo.

— Você não é um pouco audaciosa?

Eu me viro ao ouvir a voz de Akira. Ele está em sua porta, encostado no batente, e está usando seu yukata, o que significa que definitivamente é seu 'tempo para mim.'

— Isso faz de nós dois, — eu zombo.

Ele ajusta os óculos. — Como foi Mio-chan? Isto é, se você realmente passou o dia todo com ela.

— Ela está bem, e se eu passei ou não meu dia com ela não é da sua conta. Você não me diz o que fazer da última vez que verifiquei.

— Hmm. Está de volta.

— O que está de volta?

— Esse espírito de luta. Você perdeu por um tempo. Eu me pergunto o que o desencadeou, minha querida esposa.

Merda. Eu deveria saber que ele se concentraria nisso. Afinal, este é Akira. De agora em diante, preciso ter mais cuidado.

Capítulo Vinte e Três

Akira

Querida Yuki-Onna,

Tive meu primeiro sonho com você em anos ontem à noite. Estava tão sujo quanto você.

Você entrou pela minha janela como um fantasma enquanto eu dormia, e então deslizou para debaixo das cobertas. Um arrepio percorreu minha espinha e me senti congelando nos ossos, mas em vez de me afastar ou tentar fechar a janela, permaneci imóvel.

O que? Não julgue. Eu precisava sentir o momento em que Yuki-Onna finalmente tirou minha vida. Mas não foi isso que você fez.

Suas mãos deslizaram por minhas coxas e você puxou minhas calças para baixo. Sua pequena mão envolveu meu pau e eu fiquei duro como um padre depois de me abster por anos. Novamente, não julgue. Eu não segurei minha reação.

Em minha defesa, nunca pensei que você tentaria me seduzir ou me ver de forma inadequada, como em algum cenário de seu pornô hardcore favorito. De qualquer forma, meu pau definitivamente não estava tendo uma crise existencial quando suas mãozinhas se enrolaram em seu

comprimento, e eu poderia estar prestes a gozar quando você lutou para fechar as mãos em volta do meu pau enorme.

Eu poderia dizer que você não é realmente experiente, apesar de todos os cenários pervertidos que você me contou, e isso pode ter me excitado ainda mais até que meu abdômen contraiu e eu tive que cerrar os dentes. Mas então você me colocou na boca e, porra, foi como tocar um pedaço do céu enquanto eu estava caindo no inferno. Sua pequena língua lambeu o lado e você engoliu o pré-sêmen como se esperou a vida inteira para fazê-lo.

E, porra, quase gozei em sua doce garganta como um garoto púbere que foi tocado pela primeira vez.

Eu não conseguia parar de olhar para cima e para baixo da sua cabeça enquanto você me levava até o fundo da sua garganta, usando a língua, os lábios, as mãos e cada porra de parte do seu corpo. Mesmo o roçar do seu cabelo escuro contra minhas coxas foi um estímulo que eu não pensei que precisava.

E a pior parte? Mesmo quando você lutou e parecia estar sufocando com meu pau, você não parou. Nem perto, nem um pouco. Você continuou indo e indo, engolindo meu pau como um campeão que está perseguindo seu próximo troféu.

E quando eu pensei que você tinha sucesso em sugar minha alma através do meu pau como uma súcubo, você olhou para mim. Seus olhos estavam caídos e suas bochechas estavam vermelhas, e você tinha esse olhar de desafio misturado com sedução.

E você pode apostar sua porra de bunda que eu me levantei e bati no fundo da sua garganta até que você engasgou e fez esses sons que me empurraram todo o caminho até o meu local designado na porra do inferno. Desci por toda a sua garganta e você engoliu o máximo que pôde, mas meu esperma ainda escorria pelo seu queixo e cobria aqueles lindos lábios, borrando o batom vermelho por todo o rosto.

Você marcou pelo meu esperma enquanto o engolia, é uma visão que nunca esquecerei. Melhor boquete imaginário que já tive. Mas como qualquer sonho, acordei e você não estava lá. Eu não poderia ser um idiota e torturá-la até o orgasmo.

Eu não conseguia nem imaginar tocar em você.

Engraçado, certo? Costumávamos falar sobre pornografia como dois meninos que roubaram as revistas sujas dos pais, mas nunca realmente conversamos sobre isso entre si.

Mas você foi em frente, apareceu em meus sonhos e me sugou como se tivesse todo o direito.

Você não tem, Yuki-Onna.

Da próxima vez, continue sugando minha alma.

Obrigado, mas não realmente,

Akira

Capítulo Vinte e Quatro

Sebastian

Eu caio na porra de um buraco negro. Não. Isso não deveria acontecer.

Sim. Eu estava perfeitamente bem fingindo que o mundo não estava queimando ao meu redor. Por sete anos, consegui muito bem ficar longe. Embora eu tivesse o péssimo hábito de pesquisar o nome dela no Google no início.

De importunar Lucy, amiga da faculdade de Naomi, para descobrir onde ela estava. Passei noites sem dormir passando por todos os portais e perfis com o nome Naomi ou Naomi Sato porque eu com certeza não consegui encontrá-la com seu sobrenome antigo. Suas contas nas redes sociais desapareceram como se nunca tivessem existido.

Ela nunca prestou muita atenção a eles, de qualquer maneira, então eu não tinha muita esperança de encontrá-la por meio deles. Por meses, eu procurei. Por meses, fiquei obcecado pra caralho.

Minhas tendências violentas ocuparam o banco da frente e impulsionaram minha vida até a parede. Eu perdi a conta do número de vezes que Nate teve que me impedir de esmurrar alguém até a morte e então fiz com que eles fizessem um acordo antes de me processar.

Depois de meses nesse estado, percebi que estava me matando lentamente e precisava parar ou acabaria dando aos meus avós a satisfação de dizer 'Eu avisei.' E, para superar o idiota que eu era na época, apaguei meu histórico de pesquisa e deixei a faca ensanguentada apodrecer dentro de mim com seu sangue.

Eu não a procurei novamente. Não procurei o nome dela no google. Nem mesmo falava com Lucy, exceto na rara ocasião em que nos esbarramos nos jogos que frequentamos por causa de Owen, que agora é um jogador importante da NFL. Então, por que diabos estou olhando para mil guias com o nome dela de novo?

Por que diabos eu não consigo pisar no freio? Talvez porque eu vi seu rosto novamente e eu com certeza sei o sobrenome dela agora. Naomi Mori. A esposa de Akira Mori.

Quero enfiar meu punho na tela do meu laptop e de alguma forma arrancar o sobrenome dele do dela. Quanto mais eu leio sobre eles, mais densa fica a névoa vermelha que cobre minha visão, e posso me sentir recaindo em velhos hábitos de merda. O casal Mori é conhecido por ser privado, elegante e ter uma presença geral régia que rivaliza com meus avós.

Ela está sorrindo com a mão em seu braço em todas as fotos deles juntos. Há uma foto deles em um templo nas festividades de Ano Novo no Japão. Ela está vestindo um quimono branco com motivos florais em azul escuro e ele está em um yukata que combina com a cor de seus motivos. Sua porra de cor favorita.

Naomi ri, jogando a cabeça para trás enquanto ele sussurra algo em seu ouvido com um sorriso malicioso. Eu fecho meu laptop para não jogá-lo contra a parede. Eu corro a mão no meu rosto e respiro fundo algumas vezes. Mas nada do que faço é capaz de afastar a névoa. Nada é capaz de dissipar a maldita maldição. Exceto por espancar Akira Mori até a morte e se banhar em seu sangue.

Há uma batida na porta e eu resmungo. — Entre.

Candice aparece na porta e aperta a mão no quadril. — Você precisa ver isso.

Eu fico de pé porque estou pronto para entrar em qualquer tipo de distração. Minha assistente caminha ao meu lado enquanto seguimos para a área de escritório aberta que é designada para estagiários e associados juniores. Daniel e Knox estão reunindo todos os estagiários e se posicionando em um pequeno pedestal. As mulheres olham para eles com admiração e os homens os consideram como se fossem modelos e querem seguir seus passos.

— Lindas senhoras e senhores de honra. — Daniel pega um microfone imaginário. — Estamos reunidos aqui hoje para homenagear meus looks lendários. E, senhoras, eu sei que meu sotaque é irresistível, mas não desmaie ainda. Porque, infelizmente, minha aparência Adônis e covinhas matadoras não são, de fato, o motivo de estarmos aqui. Decepcionante, eu sei.

Muitos estagiários riem e os outros sorriem, jogando direto em suas mãos de homem bravo. Alguns diriam que isso é encantador. Eu já fui isso. Encantador. Agora, os estagiários têm tanto medo de mim quanto de Nate.

Knox coloca um braço em volta do ombro de Daniel. — O que é mais decepcionante é que é hora de separarmos vocês. Aqueles que querem estar ao lado de Dan, levantem uma mão. Aqueles que me preferem, levantem as duas. Sem empurrar, por favor. Por mais que eu queira, não posso aceitar a todos.

O caos se instalou quando os estagiários se dividiram entre Daniel e Knox.

— Faça alguma coisa, — Candice pede com sua voz severa. — Eles vão te deixar restos de novo.

Eu verifico meu relógio, pois está perto do meu compromisso de almoço com um juiz. — E nós nos importamos porque...?

— A carga de trabalho em sua mesa, talvez? Voltar para minha família em uma hora razoável, talvez? Além disso, talvez não se conformem mais com as escolhas que os dois fazem. Eles se vangloriam disso na frente dos outros parceiros e fazem disso um drama.

— Eu não me importo com nada disso.

— Bem, eu me preocupo com minhas horas de trabalho razoáveis e você prometeu me conseguir alguma ajuda. É o momento perfeito para isso.

— Tudo bem. Quem são os melhores estagiários?

Ela aponta para uma garota alta e um cara magro que não está fazendo tanto barulho quanto os outros, mas está se voltando mais para Knox. Sua obsessão distorcida por casos criminais de alto nível faz com que muitos internos se juntem a ele.

— Kate Bukowski e Omar Taylor, Jr. Ambos os melhores da classe, — Candice me diz.

— As notas só significam que eles passaram a noite inteira estudando ou trapaceando. Eu preciso que eles sejam inteligentes.

— Eles são os melhores estagiários que temos. Agora, faça alguma coisa.

Suspirando, me aproximo da cena. O caos para um pouco e os estagiários me observam com os olhos arregalados e a boca aberta. Eles não estão acostumados a me ver me envolver em coisas assim.

— O que você está fazendo aqui? — Daniel salta de seu pedestal.

— Não estamos escolhendo estagiários? — Eu pergunto, casualmente passando meu olhar sobre os estagiários, que de repente ficaram em silêncio.

— Enviaremos o seu mais tarde. — Knox acena para mim. — Não há necessidade de perder seu tempo.

— Vou escolher pessoalmente o meu. — Eu fico olhando para os dois estagiários que Candice apontou para mim. — Kate e Omar. Me siga.

Ambos se assustam, mas não de uma maneira ruim. É mais como se seus olhos se arregalassem e eles se encarassem de uma forma do tipo *‘isso*

está acontecendo? Posso não caçar casos de destaque como Knox, mas consigo muitos trabalhos que ficarão bem em seus currículos.

— O que? Não. — Daniel passa na minha frente com a graça de uma pantera. — Não é assim que funciona!

— É agora. — Eu me viro e saio. Os dois estagiários hesitam por um segundo antes de seguirem sem dizer uma palavra.

— Isso é chamado de tratamento preferencial, porque você é o príncipe de Nate, — sussurra Knox quando passo por ele.

— Fale com ele então.

— Por que diabos você está mesmo aqui? — Daniel chama atrás de mim.

— Pergunte isso a Candice, — eu aponto para ela e ela lhe dá um sorriso exultante enquanto guia os estagiários para o meu escritório.

Eu digo a eles o que se espera deles, eficiência sem dores de cabeça, em seguida, pego minha pasta e vou embora. Daniel e Knox ainda estão fazendo um show ao dividir os estagiários e eu os ignoro enquanto me dirijo para a saída.

— Eles estão de volta. — Aspen, a única sócia sênior da empresa, caminha ao meu lado e entramos no elevador.

Ela tem trinta e poucos anos e é uma das fundadoras da Weaver & Shaw. Eles nunca iriam admitir, mas Aspen é a linha que impediu Nate e Kingsley Shaw de se matarem e realmente fazerem algo produtivo com sua

energia destrutiva. De certa forma, ela é a estrategista e amiga próxima de Nate, mas pode se transformar em uma bola de fogo da mesma cor de seu cabelo no tribunal.

— Eu sei. — Solto um suspiro ao apertar o botão do estacionamento.

— Como você tem estado?

Eu levanto uma sobrancelha e ela levanta uma perfeita de volta.

— Me deixe adivinhar. Nate fofocou e agora, eu tenho que lidar com seu braço de segurança e arma secreta de destruição em massa.

— Eu sou tudo menos um segredo, Sebastian. E você esquece que eu estava lá quando você atingiu o fundo do poço. Serei o portador de más notícias e informarei que isso não acontecerá de novo, não apenas para o bem de Nate e da empresa, mas também para o seu bem.

— Eu vou ficar bem.

— É melhor você ficar. Não quero começar a usar o que sei para mantê-lo na linha.

O elevador apita e entramos na garagem, depois paramos. — Do que você está falando, Aspen?

— Nem tudo é o que parece na sua família.

— Isso não me diz nada.

— Não era para isso. Se eu der todas as respostas, como você vai descobrir por conta própria? Mas aqui vai uma dica, seus avós e até mesmo

Nate estão escondendo algo de você. — Ela acena para mim e caminha até o carro.

O que diabos ela estava querendo dizer? Tenho certeza de que Aspen não teria tocado no assunto se não achasse que era de vital importância, mas também não estou com vontade de fazer seus jogos mentais. Não estou com disposição para nada. Foda-se o humor. Balançando a cabeça, entro em meu próprio carro e vou para minha reunião.

Minha mente não está focada no trabalho ou na formação de relacionamentos interpessoais, no entanto. Normalmente, eu sou o melhor nisso, usando o nome dos meus avós sempre que achar adequado. Nate não quer, porque ele quer uma ruptura limpa com eles, mas não vejo por que não deveríamos. Afinal, nós toleramos seu comportamento esnobe e sufocante por tempo suficiente e devemos ser capazes de colher os frutos.

Mas hoje, tudo que eu quero é ir embora. E assim que consigo, volto para o meu apartamento. Ele está localizado em um prédio tranquilo nos arredores do Brooklyn. Não só é espaçoso e à prova de som, com uma excelente vista da cidade, mas também é um lugar onde posso ser eu mesmo. Nem advogado, nem Weaver, nem sobrinho de Nate. Nem mesmo Sebastian às vezes. Apenas eu.

O interior é vasto e o piso de madeira brilha sob o sol do final da tarde que entra pelas janelas do chão ao teto. A única mobília é uma TV que eu só liguei algumas vezes. Não há sofá ou tapetes. Nada de objetos decorativos ou pertences sagrados. Tenho uma cama no quarto, uma escrivaninha e uma biblioteca no meu home office, alguns utensílios na

cozinha e pronto. Já se passaram alguns anos desde que me mudei para cá, mas nunca senti a necessidade de fazer dela um lar.

Que é outra razão pela qual eu não convido as pessoas. É aqui que fico sozinho comigo mesmo. Onde posso largar qualquer máscara que usei durante o dia e simplesmente existir. É o meu refúgio onde não quero mais ninguém. Mas convidei alguém.

Naomi.

Eu olho de volta para a mensagem que enviei a ela alguns dias atrás. Ela leu, mas não enviou nenhuma resposta para negar ou confirmar. Quando fiz essa oferta em meu escritório, não esperava que ela aceitasse. Ela não faria realmente o que eu quisesse, apenas para ficar longe de seu marido. Porque se o fizesse, não seria diferente de concordar com um caso.

No entanto, ela deve perceber que eu não vou deixar ela ir apenas Tateando e lambendo ela. Mesmo depois de todo esse tempo, ela deve saber que colocar minha mão em sua garganta não foi suficiente. A mera lembrança daquele dia ainda me deixa duro pra caralho.

Naomi deve ter visto o sadismo e a necessidade de mais em meus olhos, e é por isso que ela saiu correndo enquanto ainda era capaz. Ela pode não ter me dito seu número, mas deixou com Nate quando lhe deu o cartão. A noite passada foi a data que especifiquei no texto. Ela não apareceu. Eu não sei por que isso me deixou furioso e me levou a pesquisar o nome dela no Google.

Pode ser porque se ela aparecesse, eu a pegaria, mas ela só está fazendo isso para manter o marido sem noção sobre nós. Ou talvez porque seu não comparecimento signifique que ela ama o marido o suficiente para não trair ele.

Porra.

Estou retrocedendo para o idiota amargo que estava logo depois que ela saiu, e aquele idiota e eu não nos damos bem. Em absoluto. Depois de colocar minha pasta em meu escritório, tiro a roupa e entro no chuveiro. Eu inclino minha cabeça para trás, deixando a cascata de água quente escaldante sobre mim.

Minha mente está zumbindo com estratégias para Akira. Eu preciso chegar perto dele, o que forçaria Naomi a voltar para a minha vizinhança. Ela se recusou a vir? Certo. Eu farei a escolha por ela. Ou, melhor dizendo, tirar isso para que ela perceba que nunca deveria ter fodido com a minha vida recém-descoberta. Sim, não era perfeita. Sim, tudo estava cansado e às vezes forçado, mas era tudo meu. Foi o que eu construí para escapar de seu fantasma de merda.

A campainha toca e eu rolo meus olhos. Deve ser Nate. Ele não apenas colocou Aspen no meu caso, mas continua me incomodando também. Saindo do chuveiro, enrolo uma toalha em volta da minha cintura e sigo para a porta. Eu olho pelo olho mágico para ter certeza de que não é a senhora falante da porta ao lado. Embora ela seja amigável e me dê comida caseira às vezes, ela pode conversar por horas a fio.

Não é Nate ou mesmo a senhora faladora. É ela. A porra do pesadelo. O sonho distorcido. Naomi.

Ela está usando um elegante vestido azul escuro, seu cabelo está penteado e seus lábios estão pintados da cor de sangue. Seu olhar muda para o lado e ela engole em seco, o que significa que ela está nervosa e fora de sua profundidade. Naomi está aqui. Mesmo que seja um dia atrasada.

Ver ela em frente à minha porta toda bonita e arrumada desperta algo dentro de mim. A besta que está adormecida desde que ela partiu. A besta que eu pensei que algum dia rasgaria seu caminho para fora do meu peito. Que um dia é hoje.

Quanto mais tempo fico aqui sem abrir a porta, mais ela se inquieta, observando os arredores. A nova Naomi não fica ansiosa nem mostra suas vulnerabilidades. Ela não tem os lábios separados ou permite que seus olhos se arregalem. Ela é uma lousa em branco e respeitável, como seu marido.

Não esta Naomi. Isto é diferente. Ela é diferente da pessoa no evento de caridade ou até mesmo no meu escritório. Essa versão era para o público, esta é para mim.

E porque ela veio até mim por vontade própria, de jeito nenhum eu vou deixar ela escorregar entre meus dedos. Eu não abro a porta imediatamente, no entanto. Ela precisa ter que esperar como eu fiz por sete anos. No final desta noite, ela vai se lembrar por que diabos ela é minha. Ela não é de Akira ou de qualquer outra pessoa.

Ela é minha porra. Sempre foi e sempre será.

Capítulo Vinte e Cinco

Naomi

Esta é uma ideia terrível. A pior que tive em anos. Ou nunca. E, no entanto, não posso fazer meus pés cooperarem e me tirar daqui. Não consigo ouvir a voz da razão tocando na minha cabeça.

Eu olho de relance para o lado para ter certeza de que ninguém está me observando. O prédio de Sebastian é vasto e sofisticado, mas, felizmente, não está cheio de pessoas. Até agora, só vi uma adorável senhora que ficou mais do que feliz em me deixar entrar quando o segurança lá fora perguntou quem eu era.

A questão é que eu não planejava vir. Eu tive uma noite inteira no escritório ontem, aprovando projetos e planejando o próximo show da Chester Couture. Na minha mente, se eu ficasse ocupada, esqueceria tudo sobre onde eu realmente queria estar. Eu esqueceria o quarterback estrela do meu passado.

Mas eu estava apenas me enganando. Tudo o que eu conseguia pensar era nele. Sebastian, porra Weaver. Digitei e redigitei uma dúzia de

mensagens, mas as apaguei e continuei obcecada a noite toda. Meu cérebro não conseguia parar por um segundo e quanto mais o tempo passava, mais perguntas o preenchiam.

Sebastian estava bravo por eu tê-lo deixado? E se ele for para Akira?

Isso é o que me trouxe à sua porta hoje. Ou, pelo menos, foi o que tentei me convencer quando dirigi até aqui. Eu aperto a campainha novamente, meu dedo tremendo. Eu estou muito atrasada? E se ele realmente foi para Akira? Se ficar feio e ficará, não tenho ideia de como diabos vou reagir.

Meu olhar evasivo voa ao meu redor conforme os segundos passam. Eles ecoam na minha cabeça como bombas-relógio, aumentando de volume quanto mais eu fico olhando para a porta fechada. Eu pego minha bolsa para pegar meu telefone. Eu deveria ter ligado para ele primeiro. Mas eu não estava exatamente pensando quando dirigi até aqui. A porta se abre e eu me assusto, minha mão parando no meio da minha bolsa. Eu me endireito, minha coluna ereta enquanto espero Sebastian aparecer na porta.

Um segundo se passa. Dez... Vinte... Ele não aparece.

Empurro a porta com a mão cuidadosa. — Sebastian?

Sem resposta. Algo malévolo puxa a base do meu estômago e meus lábios se abrem enquanto eu lentamente entro. Posso entrar quando não fui convidada?

Assim que eu coloco um pé no apartamento, a escuridão completa me cumprimenta. Não consigo nem ver minhas mãos, muito menos para onde estou indo. Meu batimento cardíaco troveja, sacudindo todo o meu corpo

enquanto dou um passo hesitante e paro. Meus dedos do pé enrolam em meus saltos altos e minhas unhas cavam na alça da minha bolsa.

— Sebastian? — Minha voz está baixa, assustada.

Não tenho ideia do que seja, mas obviamente não vai acabar bem para mim. Eu me pergunto se devo me virar e sair, mas então outro pensamento mais urgente me ocorre. E se ele estiver ferido e precisar de ajuda? A porta se fecha atrás de mim e eu pulo com um pequeno grito. Merda.

Estou tão hiperconsciente que posso ouvir o som da minha respiração e posso sentir o ar frio lambendo minha pele. Já se passou muito tempo desde que estive em um estado de sobrecarga sensorial. É como se meu próprio corpo fosse incapaz de me conter.

— Sebastian... — Eu tento de novo, minha voz tão ofegante, eu mal reconheço.

Um borrão de movimento vem atrás de mim e, quando giro rapidamente, tropeço para frente. Não tenho tempo para gritar enquanto uma mão envolve minha garganta e me empurra para trás com tanta força que grito. O som penetrante corta o ar silencioso como facas afiadas. Minhas costas atingem algo sólido com um baque forte que tira o fôlego dos meus pulmões.

Uma sensação estranha de energia passa por mim e começo a lutar. É uma sensação cega de sobrevivência alimentada pela necessidade primordial. Eu chuto a parede sólida de músculos, as unhas cravando em

mãos grandes com um aperto de aço. Eu grito, ou tento, considerando seu aperto sólido em minha garganta.

Respirações quentes e ameaçadoras assaltam meus ouvidos. — Cale a boca, vagabunda.

Sebastian.

Eu reconheceria aquele baixo barítono em qualquer lugar. Eu poderia escolher a dedo sua besta entre milhares de outras, mesmo se fosse cega. Viemos da mesma escuridão a que ninguém mais no mundo pertence. E agora, estamos nessa fase novamente, mudando nossas fachadas e deslizando de volta para nossos eus primitivos e animalescos. Minha luta diminui lentamente, minhas unhas não o arranham mais, mesmo que eu não solte seu pulso. Meu corpo fica frouxo contra o que presumo ser a parede.

Ao abandonar minha luta cega, o mundo exterior começa a se infiltrar de volta. Seu perfume de bergamota e âmbar penetra em minhas narinas. Sua respiração áspera combina com a minha desesperada e áspera enquanto ficamos ali por uma fração de segundo. Somos duas almas confusas que se reconhecem na escuridão.

Meus olhos se ajustaram de alguma forma ao meu entorno e posso quase distinguir seus ombros largos, sua cintura estreita e a silhueta de seu rosto pontiagudo. A dureza disso. A maldita depravação que eu esperava ver escrita em tudo se suas feições fossem visíveis. Ele está nu. Pelo menos da cintura para cima. Não sei porque ponho a mão no rosto dele. Não sei por que quero tocá-lo, senti-lo. Talvez seja para ter certeza de que este não

é mais um dos meus pesadelos cruéis, ou para confirmar que ele está realmente vivo.

Eu nunca tive a chance de verificar pessoalmente antes. Ele se afasta antes que minha pele encontre a dele e eu recuo, minha mão caindo frouxamente ao meu lado. Certo. Não estou em posição de tocá-lo. Não depois da maneira horrível como tudo acabou. Sua outra mão puxa a alça do meu vestido e eu engasgo com o som de tecido rasgando. Meus instintos voltam e um rugido de energia pulsa dentro de mim. A decisão de lutar me ocorre em uma fração de segundo.

Eu chuto, agarro e tento causar o máximo de dano possível. A adrenalina me faz sentir mais forte, mas não importa o quão invencível eu acho que sou, sou incapaz de movê-lo, muito menos afastá-lo de mim. Se qualquer coisa, com cada um dos meus meneios e chutes, ele rasga o vestido ainda mais, até que ele cai de mim e se acumula em torno dos meus pés. O ar frio me engole em um casulo e forma arrepios na minha pele, mas eu não paro. Eu levanto minha perna para chutar, mas eu tropeço. Sebastian aperta seu aperto em minha garganta, me batendo contra a parede novamente.

— Ahhh! — Eu grito de dor.

Ele usa a chance de pegar as alças que prendem meu sutiã e puxa-o para baixo dos meus braços agitados. Eu arqueio na parede, mas ele agarra um seio com uma mão dura e belisca meu mamilo dolorido, então o torce na direção oposta. Meus dentes afundam na almofada do meu lábio inferior, mas não consigo conter um gemido. Sua boca encontra o outro mamilo e

ele suga, depois morde até eu chorar. Minhas terminações nervosas incham, enviando sinais em todas as direções diferentes. Ele faz de novo, torcendo e chupando, dando-me um alívio seguro, depois morde com mais força do que da primeira vez. Seu beliscão fica mais violento e fora de controle até que todas as linhas se borrem. A dor é muito semelhante ao prazer. O errado está perto demais do certo.

— Ahhh... oh, Deus...

— Ninguém vai te salvar, minha vagabunda. Nem mesmo ele. — O tom masculino de sua voz encobre o sadismo tão profundo que me abala profundamente.

Ele morde o botão duro novamente e eu juro que ele vai tirar sangue.

— Jesus... — eu choramingo.

— Ele também não fará nenhum resgate. — Ele libera um mamilo e o som que sua boca molhada cria faz meus dedos do pé se curvarem. — Rezar é a última coisa que você deveria fazer, minha vagabunda. Vá em frente e lute comigo como você quer.

Eu faço. Não apenas porque ele me disse, mas porque quanto mais forte eu chuto, mais forte ele fica. Quanto mais eu agarro e me contorço, mais perto estou dele. Mas nós dois sabemos que nunca serei capaz de dominá-lo ou virar sua força contra ele. Não tenho dúvidas de que ele esmagaria minha rebelião em um segundo se quisesse, que só está usando o mínimo de sua força para me subjugar. O pensamento de quão facilmente ele

poderia me dominar dispara uma miríade de emoções distorcidas através de mim.

— Lute mais, me chute mais forte, arranhe mais fundo. Quanto mais você me bate, mais forte eu vou pegar sua boceta, minha vagabunda suja.

Eu dou tudo de mim, suas palavras me alimentando com uma sensação estranha de energia. Faz muito tempo desde que senti a necessidade de lutar como se minha vida dependesse disso. Sebastian me puxa da parede pela garganta e me empurra para frente. Eu grito quando caio em chão sólido com um baque. Tento rastejar para longe, mas ele me agarra pelo tornozelo e me puxa de volta. Meus mamilos doloridos se contraem enquanto esfregam contra o chão. Eu cavo minhas unhas no que parece ser madeira, mas eu não consigo escapar e só consigo quebrar algumas. Não importa o quanto eu lute, não sou páreo para sua força selvagem.

É diferente de antes. Ele costumava se sentir emocionalmente mais próximo, como se pudesse parar a qualquer segundo. Mas agora, ele é um verdadeiro monstro sem botão de desligar. Exceto talvez pela palavra de segurança. Mas não é isso que está pulsando na minha cabeça com velocidade cada vez maior. No momento, tudo que eu quero é ele. Apenas mais dele. Disto. De nós. Ou o que restou de nós.

— Onde você pensa que está indo? — Ele puxa minha calcinha para baixo, apesar da minha agitação. Em seguida, seu peito cobre minhas costas escorregadias.

As cristas duras de seus músculos também estão úmidas de suor. Nós dois estamos respirando pesadamente, minha respiração mais fragmentada

que a dele. Estou esparramada no chão, completamente nua, sendo esmagada pelo peso de Sebastian. Tento escorregar por baixo dele, mas ele empurra meu rosto na madeira com seu aperto impiedoso na minha nuca. Seu peso diminui de cima de mim e ele desliza a mão contra minha barriga, em seguida, me empurra para que eu fique sobre meus cotovelos trêmulos, minha bochecha ainda pressionada no chão.

Ele sempre me tratou sem remorso e sem pensar duas vezes, nunca me tratou como alguém frágil e delicada. Ele me tratou como um homem tirando de uma mulher, sabendo muito bem que ela o quer. Isso não mudou, mesmo depois de sete anos. Na verdade, ele se tornou ainda mais sem remorso sobre sua reclamação. As circunstâncias se danem. Algo duro cutuca minha bunda e eu paro, meu coração martelando.

Nunca pensei que sentiria seu desejo novamente. Saber que ele me deseja tão desesperadamente quanto eu o desejo. Mesmo que ele queira me punir por isso primeiro. Sebastian agarra um punhado do meu cabelo e me coloca de joelhos. Eu grito quando a dor explode nas raízes ao longo do meu crânio. Sua silhueta escura aparece na minha frente enquanto ele agarra seu pau duro com uma mão e aperta seu aperto em volta do meu cabelo com a outra. Minhas pupilas devem estar dilatando com o quanto meus olhos necessitados tentam assimilar tanto quanto possível. Sebastian dá um tapa na minha boca com seu pau, arrancando um estranho som estrangulado de mim.

— Abra essa porra de boca.

Meus lábios se abrem e minha língua se projeta para fora. Ele empurra todo o caminho e usa seu aperto no meu cabelo para me proibir de me mover. Meu reflexo de vômito entra em ação e eu bato em suas coxas, minhas unhas quebradas cavando em suas coxas para que ele me dê um pouco de ar. Ele não dá. Sebastian me sufoca com seu enorme pau até meus pulmões queimarem e meus olhos arderem. Um som cuspidor oco rasga minha garganta e minha saliva encharca sua espessura e meu queixo.

— É isso aí, vagabunda. Deixe meu pau bem molhado para que eu foda sua boceta com tanta força que você vai pingar meu esperma.

Eu choramingo, mas o som é quase inaudível. Ele puxa, então empurra de volta, mais fundo, mais áspero. Eu gorgolejo na minha própria baba.

— Hmm. Ouça isso? Esse é o som de você engasgando com meu pau como a vadia suja que você é.

Bem quando eu penso que ele vai me sufocar até a morte, ele se afasta. Eu gaguejo, tossindo e sentindo o gosto salgado distinto de seu pré-sêmen. Ele só me permite uma fração de segundo, ou o que parece, antes de bater novamente, atingindo o fundo da minha garganta. Sebastian segura meu cabelo em um aperto firme enquanto empurra seus quadris com força crescente. Não consigo recuperar o fôlego ou o ar. O ritmo enlouquecedor de dentro, fora, mais profundo, mais áspero se repete uma e outra vez em uma dança distorcida de dominação.

A pequena onda de oxigênio após a falta dele me deixa tonta e levitando. Meu coração lateja e meu coração dói e eu não tenho ideia se é por causa desta situação ou porque eu não tenho isso há muito tempo.

Sebastian puxa para fora da minha boca e puxa meu cabelo para trás ao mesmo tempo. Eu grito enquanto perco o equilíbrio e caio para trás, batendo no chão. Ele está em mim em um momento, sua mão separando minhas coxas e seu polegar encontrando meu clitóris, torcendo e esfregando. Um grito abafado ecoa no ar e eu percebo que é meu quando o orgasmo me atinge.

Eu gozo em alguns segundos. Bem desse jeito. Ele nem mesmo se esforçou e eu já estou pegando uma onda que não pensei que experimentaria novamente.

— Uma vagabunda tão suja. — A luxúria e a satisfação em sua voz são meu afrodisíaco.

Eu continuo indo e vindo até que acho que vou desmaiar. Até que eu exista em algum lugar diferente daqui. Sebastian monta em mim, seu grande corpo como uma sombra sobre mim enquanto sua mão passa em volta do meu pescoço. Estar nesta posição é como voltar para casa. Como finalmente encontrar a peça que faltava e colocá-la de volta no lugar.

Eu fiz de tudo para tentar preencher a lacuna dentro de mim. Tentei todos os truques e conversei com mais terapeutas do que consigo contar. Mas nenhum deles me ajudou a aliviar o vazio crônico. Nenhum deles me disse que a única maneira de apagar o vazio é recarregando. Para voltar para ele. Minha besta. Meu Monstro. Meu enigma distorcido.

Ele empurra dentro de mim com tanta violência que eu soluço. Não porque dói, embora doa, ou porque ele é enorme, embora seu pau pareça que está estragando algo dentro de mim, mas por causa de tudo isso. A

luta. A caçada. A fantasia. É a maneira crua e primitiva que ele me toca. Como se ele nunca parou de me tocar.

Como se fôssemos bestas e presas por tanto tempo quanto vivemos e estivéssemos finalmente encontrando o caminho de volta um para o outro. Mesmo que seja apenas por este momento. Eu arqueio minhas costas, absorvendo mais dele. Eu não estou mais lutando quando meu corpo reconhece o dele e nós caímos em uma sinergia mágica. Ou talvez seja distorcido.

— Caralho... uma vagabunda tão boa... — ele geme enquanto suas estocadas ficam mais profundas, mais longas. Ásperas.

Minhas costas escorregadias escorregam da madeira com cada uma de suas investidas impiedosas. Apenas seu aperto no meu pescoço me mantém ancorada no lugar enquanto ele pega e pega. Em troca, ele me dá a peça que faltava na minha alma. Ele me dá o que eu não tinha há muito tempo. Ele se constrói com uma força rápida e implacável que não me permite recuperar o fôlego. No momento em que bate contra mim, estou gritando, minhas mãos estendendo-se para ele.

Eu não me importo em qual parte eu toco, contanto que eu toque nele, contanto que eu tenha certeza de que ele está aqui. Ele está vivo. Minhas palmas encontram os músculos suados de seu peito e eu cavo minhas unhas enquanto tremo durante o meu orgasmo. Sebastian abaixa a cabeça e chupa a carne da minha clavícula, depois morde. Uma dor quente e ígnea explode na minha pele e detona outro orgasmo na esteira do primeiro. Seus

movimentos saem do controle enquanto ele dirige dentro de mim com um tipo violento de desejo carnal.

Então ele ainda está em cima de mim antes que seu esperma aqueça minhas entranhas. Eu ofego, choramingando nos efeitos posteriores do meu orgasmo. As inspirações e expirações guturais de Sebastian se misturam às minhas enquanto ele continua mordendo minha clavícula, meus seios, minha garganta. Em todos os lugares.

Uma lágrima desliza pela minha bochecha, mas é diferente de como eu chorei e gritei durante meu orgasmo. Esta é minha primeira lágrima de alegria em sete anos. E é tudo por causa dele. Meu monstro dolorosamente lindo. Minha besta me fez sentir desejada. Importante.

Viva.

Capítulo Vinte e Seis

Naomi

Não sei quanto tempo fico ali deitada no chão. Mas é tempo suficiente para que o suor comece a esfriar e arrepios explodam na minha pele. Sebastian desapareceu de cima de mim logo depois que terminou, mas não ouvi seus passos ao meu redor.

Por alguma razão, parece que ele está me observando da escuridão, ganhando tempo antes de pular em mim novamente. Ou talvez ele esteja me dando uma chance para que eu possa me levantar e sair de seu apartamento. A realidade do que aconteceu me atinge forte e rápido e eu me levanto em uma posição sentada. Uma leve dor irrompe entre minhas pernas e estremeço quando me inclino na palma da mão para recuperar o fôlego.

Eu não posso ficar aqui. Quando Sebastian disse que me diria o que queria em troca de ficar longe de Akira, eu sabia que seria algo sexual. Mas nunca pensei que continuaríamos de onde paramos, como se nada tivesse acontecido. Nunca pensei que o simples toque de sua pele na minha colocaria meu mundo em chamas. É ainda mais intenso do que quando éramos universitários. Seu toque se tornou mais firme e sem remorso. O

controle exala de cada um de seus movimentos, transformando-me em um feixe de nervos em frangalhos.

O pensamento dele fazendo isso com qualquer outra pessoa ferve o ácido no meu estômago. Isso traz à tona a parte angustiada e penetrante de mim que pensei ter deixado em Blackwood. Não que eu tenha o direito de ficar com ciúmes. De qualquer forma, preciso sair daqui para que eu possa me recompor ou o que resta de mim, juntos.

Tento me levantar quando os passos pesados de Sebastian ecoam ao meu redor. Eu ainda, prendendo minha respiração áspera. É tão difícil respirar com ele por perto e eu me pego contando cada inspiração e expiração. Uma luz branca banha a sala. Eu estava tão acostumada com a escuridão que o brilho assalta minhas pálpebras pegajosas.

Meus olhos se arregalam lentamente quando vejo Sebastian. Eu sabia que ele estava nu antes, mas sentir e ver isso são totalmente diferentes. Ele está encostado na parede, cruzando os braços desenvolvidos sobre o peito e cruzando as pernas na altura dos tornozelos. As duas linhas tatuadas são a única ruptura em seu abdômen perfeito e parecem tão esteticamente agradáveis.

Apesar de ter abandonado o futebol, ele não perdeu muito peso. Ele agora é musculoso de uma forma esguia que se encaixa no homem que ele cresceu. Tento não cobiçar seu pau, mas é impossível, considerando a maneira como ainda posso sentir seu impacto dentro de mim. É longo e grosso, mesmo quando meio ereto, e não posso evitar o arrepio que me

percorre quando penso no prazer e na dor que parte de sua anatomia pode me trazer.

Os olhos claros de Sebastian se fixam em mim, olhando para o meu corpo da mesma forma que estou observando o dele. É quando eu percebo que estou sentada nua no chão. Eu luto para pegar meu vestido. Ou o que sobrou dele. As sobras de material mal escondem minha nudez, apesar de minhas tentativas de me dobrar.

— Não é nada que eu não tenha visto antes, — diz ele, muito casualmente, sua voz recuperando o tom frio que ele tem usado desde que nos reconectamos.

Meu peito aperta, mas eu ignoro, segurando um pedaço do meu vestido contra ele. — Eu fiz a minha parte. Agora, você tem que fazer a sua.

— E o que poderia ser isso?

— Você disse que ficaria longe de Akira se eu aparecesse no endereço que você enviou.

— Eu disse que iria pensar sobre isso. Além disso, a data que combinamos foi ontem, não hoje.

— O que você está dizendo?

— Exatamente o que você está pensando. — Um sorriso cruel pinta seus lábios. — Foi tudo por nada.

Eu me levanto, deixando o vestido arruinado cair no chão enquanto caminho até ele. — Você não pode fazer isso!

— Acabei de fazer.

— Sebastian, não me teste ou eu juro...

— O que? O que você vai fazer, Naomi? — Seus olhos aquecem quando ele os mergulha nos meus mamilos machucados. — Não é sensato me ameaçar quando seus seios estão me tentando com algo totalmente diferente.

Minha libido desperta novamente com sua atenção. Eu estive morrendo de fome por tanto tempo e agora que tive um gostinho do que eu realmente ansiava, meu corpo é incapaz de suportar minha frustração.

Mas eu mantenho minha calma quase inexistente. — Por que você insiste tanto em trabalhar com Akira?

— Porque você não quer que eu vá.

— Você pode me odiar o quanto quiser, mas não se destrua no processo.

Ele faz uma pausa, seu olhar místico deslizando de volta para mim. — Eu não posso destruir o que já foi destruído.

Um caroço se aloja na minha garganta e não consigo me livrar dele, não importa o quanto eu engula. — Sebastian...

— Por que você veio aqui?

— Porque você me pediu.

— Você poderia não ter aparecido como ontem, mas escolheu o contrário. Por quê?

— Você disse que não trabalharia com...

— Não diga a porra do nome dele na minha presença de novo e não o use como desculpa, porque você e eu sabemos que não está aqui por causa disso.

Meus ombros se curvam e uma estranha sensação de frio se instala no fundo do meu estômago. — Se você já descobriu, por que está perguntando?

— Eu quero ouvir você dizer isso. Quero ouvir você admitir que é uma vagabunda que prefere ser fodida no chão por mim em vez de seu marido.

— Não me chame assim fora de qualquer merda fodida que acabou de acontecer. — Eu levanto meu queixo. — Era só sexo. As pessoas têm isso o tempo todo.

Sua mandíbula aperta e uma névoa de escuridão cai em suas feições. — Você faz de foder as pessoas fora do casamento um hábito?

— Não vejo por que isso te preocupa.

— Eu acabei de te foder sem camisinha. Quem sabe que tipo de merda você acabou de me dar.

— Deveria ser o contrário.

Ele não diz nada, sua expressão diminuindo um pouco, mas ele continua a olhar abertamente para a minha nudez. Dou um passo para trás e pego minha calcinha espalhada, que também está arruinada. É quando eu

noto que sua sala está vazia. Tipo, não há mobília alguma. Pelo que eu sei, ele não se mudou para cá recentemente, então por que está tão... vazio?

— Você pode me emprestar algumas roupas?

— Por que?

Eu me viro, mostrando a ele minha calcinha rasgada e levanto meu queixo para o vestido. — É o mínimo que você pode fazer depois de estragar minhas roupas.

— Diga por favor.

— Eu não vou implorar por roupas.

— Então você pode ficar nua.

Eu franzo os lábios, olhando para ele. — Você é um idiota.

— Me xingar vai diminuir suas chances, não as fortalecer, Tsundere.

Eu pulo, engolindo em seco ao som desse apelido saindo de sua boca. Borboletas negras voam em meu estômago e leva tudo em mim para não sorrir como uma idiota.

— Você faz do esporte um idiota ou é apenas a sua personalidade? — Eu finjo que não estou afetada, embora esteja voando internamente.

— Um pouco de cada.

— Apenas me dê algumas roupas para que possamos sair da pele um do outro.

— Eu não ouço um por favor aí, não é?

Eu cerro meus dentes. — Por favor.

— Eu não ouvi isso.

— Por favor!

— Muito melhor. — Ele empurra a parede e se dirige para uma sala.

Eu me inquieto, observando seu apartamento e me perguntando por que é frio e impessoal. Quase como se não houvesse uma pessoa morando aqui. Alguns momentos depois, Sebastian retorna com calça de moletom e um agasalho de moletom que definitivamente engolirá meu corpo pequeno. Nossas mãos se tocam quando ele as dá para mim. Em vez de recuar, ele permanece ali, imóvel.

Eu limpo minha garganta. — Posso usar seu banheiro para me lavar?

— Não.

— Não?

Ele agarra meu pulso e eu grito quando ele me puxa para frente e sussurra em meu ouvido. — Você vai voltar para o seu marido com meu esperma seco em sua boceta e entre suas pernas para que ele saiba que você foi fodida como ele nunca será capaz de te foder.

Capítulo Vinte e Sete

Sebastian

— Foco.

O tom prático de Aspen me arrasta de volta ao presente. Estamos representando a empresa em um evento de caridade que está sendo realizado por meus avós em sua mansão.

Nate não aparece e, ao contrário de outros eventos em que ele chega atrasado, ele provavelmente fará um movimento de pau e pulará este. Vovó vai agarrar suas pérolas e vovô vai dar uma centena de desculpas para explicar por que seu filho ‘figurão’ o odeia.

Claro, ninguém sabe todas as amarras que puxaram para tentar impedi-lo de iniciar a Weaver & Shaw. Até hoje, eles ainda têm esperança de que meu tio e eu continuemos com o legado da família e entremos na política. Mas enquanto Nate evita o Sr. e a Sra. Weaver, Aspen e eu pensamos de forma diferente. Já que eles estão usando o meu sucesso e o de Nate como uma chance de se gabar de qualquer maneira, devemos ordenhá-los para nosso próprio bem, independentemente de nosso relacionamento pessoal.

Um pouco antes, meus avós fizeram um show ao me apresentar a seus amigos e outros membros do partido, mas eles me xingariam se estivéssemos sozinhos. Não que eu me importe. Estou apenas mostrando

meu rosto aqui para que Aspen possa conseguir o que quer, conexões e eu posso conseguir o que quero, arquivos do juiz. Se dependesse de mim, eu estaria perseguindo minha pequena presa. Minha Naomi.

O que aconteceu ontem à noite não deveria ter acontecido assim. Eu planejava reivindicar ela e tomar tudo que ela tinha a oferecer. Quando eu a vi parada na frente do meu apartamento, minha mente girou com mil cenários e todos eles incluíam transar com ela até que ela não pudesse se mover. Mas não contei com a reação dela. Não achei que ela fosse gostar tanto disso, que tocaria em algo dentro de mim. Não tenho ideia do que seja esse algo, mas estava lá com cada gemido de sua garganta, cada luta e cada ataque. Mesmo com a maneira como ela tentou me tocar. Ela queria me tocar, porra.

Isso é o que desencadeou tudo para mim. No momento em que ela estendeu a mão para mim, eu queria jogá-la contra a parede e perguntar por que diabos ela pensava que tinha o direito de me tocar. Eu precisava puni-la por me fazer desejá-la, mas acabei me perdendo nela. Minha besta encontrou a presa perfeita nela e não havia como parar ou se conter. Não havia lógica. Havia apenas eu e ela. Como se nenhum tempo tivesse passado desde a última vez que a toquei.

Como se eu tivesse estado dentro dela ontem. Mas é isso. O tempo passou e isso não pode ser simplesmente descartado. Não consigo juntar as peças quando ela nunca as devolveu. No início, pensei que sentiria triunfo por torná-la uma traidora e arruinar a porra de seu casamento pitoresco.

Achei que o mero ato de destruir uma parte de sua vida cuidadosamente construída me faria sentir vitorioso.

Não funcionou. Ou talvez tenha sido por um tempo, até que ela mudou de roupa e voltou para o marido. O fato de que ele poderia ter fodido com ela depois de mim, que ele provou seus lábios e bateu em sua boceta como eu fiz, tem escurecido minha visão o dia todo. Pensei em ir até Akira e pintá-la como uma traidora. Eu queria ver o olhar em seu rosto estoico quando ele percebeu que a esposa que ele tinha em seu braço e sussurrou coisas para ela enquanto ela ria tinha meu pau dentro dela.

A única coisa que me parou foi a imprevisibilidade pela qual Akira Mori é conhecido. Pelo que Knox e Daniel me contaram, ele tem teias secretas para organizações criminosas, ou seja, a Yakuza, e ele não hesita em decepar as cabeças de quem se opõe a ele. Somando isso com a forma como Naomi quer que eu fique longe dele, tenho certeza de que ele não é um homem de negócios normal. Ele não me assusta, mas o fato de que ele poderia machucar Naomi, sim. Porra.

É por isso que não me precipitei na frente dele e puxei Naomi para o meu lado. Eu não deveria me importar se ela está segura ou não depois do que ela fez comigo, mas porra, eu me preocupo. De uma forma distorcida e fodida, eu quero ser o único que a machuca. Não aquele filho da puta do Akira ou qualquer outra pessoa. E para isso, preciso de outra maneira de fazê-la pagar, além de envolvê-lo.

Aspen crava as unhas em meu braço e pinta um sorriso brilhante no rosto enquanto se inclina para sussurrar em palavras sibilantes. — Você deixou seu cérebro em algum lugar hoje?

Provavelmente no piso de madeira do meu apartamento.

— Relaxe. — Pegue duas taças de champanhe da bandeja de um garçom que passa e dou uma a ela. — Se fingirmos que estamos nos divertindo sozinhos, os outros irão se juntar a nós.

Ela joga seu cabelo flamejante sobre o ombro nu, exibindo seu vestido dourado. — Me deixe adivinhar. Nate te ensinou isso?

— Não. O próprio senador fez. — Eu levanto meu copo na direção do vovô e sorrio.

Ele está no meio de seus amigos importantes e não tem escolha a não ser erguer o copo e me dar seu sorriso de merda política

— Lá. — Eu me concentro em Aspen. — Isso nos dará a atenção que você deseja. Você não precisa se esforçar tanto nesse tipo de evento, Aspen. Não é o tribunal.

— Sim claro, garoto rico.

— Olhe e aprenda.

Com certeza, alguns dos associados do vovô começam vir em nossa direção. Eu coloco um sorriso e puxo sua mão na minha. — É hora do show. Dê tudo de si.

— Você também. — Ela me cutuca.

— Eu não preciso. Eu sou o neto do senador.

Ela ri quando alguns empresários se juntam a nós. Montamos nosso show, falando sobre coisas sem sentido que só servem para nos ajudar a jogar o jogo social. Ser o bom neto Weaver não é exatamente o que eu preferia fazer, mas é melhor do que ficar perdido em minha própria mente. Aspen dá a performance do século, rindo e flertando, mesmo quando ela está agarrando meu braço.

— Porque você faz isso? — Eu pergunto quando deixamos o grupo de pessoas com quem estávamos. — Nós dois sabemos que você não está interessada em relacionamentos.

Ela arruma minha gola já impecável, passando as unhas pintadas de vermelho na lapela da minha jaqueta. — Talvez eu esteja interessada em isca. Os homens cobiçam o que não é deles, chame isso de um tipo primitivo de característica. Me ver em seu braço é uma maneira certa de despertar o interesse deles.

Eu paro com suas palavras. É disso que se trata com Naomi? O fato de ela pertencer a outra pessoa?

— Como eles diferenciariam entre o interesse genuíno e a necessidade de conquistar?

— Simples. Eles não podem. Pelo menos não até que acabe.

— O flerte ou a foda?

— Nenhum. Eles não saberiam que é um interesse genuíno até que tudo o que eu tenho com você acabe. Eles provavelmente perderão o interesse se

descobrirem que sou solteira e que eles estão à disposição. É por isso que sempre venho para essas coisas acompanhada.

— Então, eu sou sua vítima da noite?

— Você poderia dizer isso. — Ela inclina a cabeça na direção oposta. — Não é Asher?

Eu sorrio quando meus olhos encontram meu amigo de infância. Ele está em um terno elegante como o meu, mas seu corpo se tornou muito mais magro do que o meu, provavelmente porque ele deixou o futebol três anos antes de mim.

— Bem, se não for Carson & Carson. — Eu me aproximo dele com Aspen a reboque e ele sorri enquanto nos cumprimentamos em um abraço de irmão.

Eu me movo para beijar sua esposa, Reina, na bochecha, mas ele me empurra de volta com uma mão calma, mas firme no meu peito.

— Afaste-se se você não quer uma briga esta noite, — ele sussurra para que apenas eu possa ouvir.

Eu ri. — Vejo que algumas coisas nunca mudam.

— E nunca será. — Ele me lança um olhar de advertência enquanto puxa Reina para seu lado com um braço em volta de sua cintura.

— Você tem sorte de Owen não estar aqui. Ele estaria exigindo coisas para Rei. — Eu balanço minhas sobrancelhas.

— Não, se ele quiser manter sua carreira no futebol, ele não o faria. —
Asher desenha círculos ao lado de Reina com o dedo.

Ela revira os olhos. — Você está exagerado, Ash.

— Mas você já sabia disso, rainha do baile. — Ele beija a testa dela.

— Eu preciso ir? — Eu provoco. — Arranjar a chave de um quarto, talvez?

Asher me dá seu olhar em branco enquanto Reina ri. Em seguida, seu sorriso se torna mecânico quando ela o dirige para Aspen.

Eu posso dizer que ela está medindo e provavelmente pesando-a daquela forma crítica pela qual ela era famosa no passado. — E você é?

— Aspen Le Blanc. — Ela oferece sua mão. — Sócia sênior da Weaver & Shaw.

Reina parece impressionada, mas seus lábios se retorcem enquanto ela luta para manter sua fachada. — Você não é muito jovem para ser uma parceira?

— Sebastian também, mas por causa de seu gênero, ninguém pergunta isso a ele.

— Não foi isso que eu quis dizer. — Reina suspira. — Eu só estou... surpresa, só isso.

— Não sinta. Somos unicórnios, mas existimos. — Aspen sorri para Asher. — Não é mesmo, Sr. Carson?

Asher faz um som distraído, mas não confirma ou nega.

— Eu já volto, — Aspen se inclina para sussurrar, em seguida, beija minha bochecha. — Eu vou roubar seus clientes. Garanta para mim ou serei travessa quando voltar.

Excelente. Agora ela está interpretando o que Reina disse como uma ofensa séria. E desde que ela percebeu que Reina estava incomodada com a nossa proximidade, ela está se aproveitando disso.

— Quem diabos é ela? — Reina sibila assim que Aspen desaparece.

— Eu deveria estar perguntando por que diabos você estava insultando ela.

Embora Reina e eu não sejamos tão próximos, temos Asher em comum, e isso nos faz ver mais do que qualquer um de nós prefere.

— Ela parece irritante.

— Você nem mesmo a conhece, Reina.

— Ele tem razão. — Asher acaricia o braço dela. — Você foi agressiva com uma mulher que acabou de conhecer.

— Desnecessariamente, — eu atiro de volta.

— Ela tinha um motivo, — Asher me diz sem quebrar o contato visual com sua esposa. — Não foi, rainha do baile?

Só ele seria paciente o suficiente para ler por trás de sua aparente maldade e realmente discernir por que ela está agindo daquela maneira.

Reina suspira. — Ela me irrita porque parece ter olhos para você, e eu não gosto de ver você com ninguém além de Naomi.

Minha mandíbula aperta. — Mas está tudo bem ver Naomi fodidamente casada?

— Eu não sabia disso até ela voltar, e apenas através de suas fotos em colunas sociais. Nós não exatamente mantemos contato, exceto por uma mensagem aleatória que ela enviou de um número que eu não consegui alcançar depois.

Eu estreito meus olhos. — Ela te mandou uma mensagem?

— Foi há cerca de dois anos. Acho que ela estava bêbada. Ela disse que não achava que sentiria falta de seu capitão mal-intencionado e então me implorou para não contar porque vocês são complicados.

Eu deveria sentir algo diferente de raiva amarga, mas essa é a única emoção que se acumula em minhas veias e rasga meus ossos.

Reina suaviza seu tom. — E para responder a sua pergunta, sim, é estranho vê-la com outra pessoa também. Eu sei que é irracional, mas não consigo digerir a ideia de vocês dois estarem com pessoas diferentes.

Asher acaricia a mão dela como se em aprovação. Desde que eles voltaram a ficar juntos, ele sempre se certifica de que está tocando-a de alguma forma. — Essa é a sua opinião, mas não é a deles, rainha do baile.

— Eu sei. Mas eu não posso evitar.

Que se foda isso. Bem quando estou tentando tirar minha mente dela, ela volta sem ser convidada.

Os olhos de Reina se arregalam enquanto ela olha para trás. Acho que Aspen voltou, mas os lábios de Reina se movem em um murmúrio quase inaudível. — Naomi.

Meu corpo explode de volta à vida e leva tudo em mim para não me virar e encará-la. Eu não preciso, no entanto.

Naomi aparece de braços dados com a porra do marido e eles parecem estar vindo em nossa direção. Seu vestido prata e preto molda-se contra suas curvas finas e abraça seus seios empinados. Uma pequena parte do decote é visível, mas não há vestígios dos chupões que deixei na última vez que a vi. Eu me certifiquei de que eles estavam em todos os seus seios, então ela deve ter usado algo para escondê-los.

Naomi sorri para Reina e Asher, mas sutilmente me ignora quando ela se dirige a eles. — Ei, vocês dois. Já faz muito tempo.

— Isso é um eufemismo! — Reina a puxa para um abraço, e isso quebra o aperto de Akira em seu braço. Temporariamente.

Ele cumprimenta Asher em sua natureza aparentemente acolhedora, mas na verdade estoica, e então se concentra em mim. Seus olhos escuros brilham quando um leve sorriso surge em seus lábios. — Nós nos encontramos de novo, Weaver.

— Parece que o Brooklyn é muito menor do que se poderia pensar.

— De fato. — Seu sorriso se aprofunda. — Talvez até minúsculo para algumas pessoas.

— Poderia ser.

Assim que Naomi se endireita, ele a puxa de volta para o seu lado e uma névoa vermelha cobre meus olhos. A necessidade de quebrar a porra de seu braço pulsa através de mim. É ainda pior do que minhas tendências violentas. Aprendi a controlar isso, mas agora estou prestes a estender a mão e arrancar os olhos dele.

— Minha Naomi não me disse que você era neto do senador. Isso é impressionante.

Minha Naomi. Novamente. O fogo flamejante dentro de mim fica mais quente e mais brilhante. Eu respiro fundo para manter minha fachada e impedir meus lábios de rosnar.

— Ele é o senador, não eu, — digo em uma voz calma que não reconheço. — Naomi e eu não éramos tão próximos, então ela não sabe tudo sobre mim.

Seus olhos encontram os meus pela primeira vez desde que ela se juntou ao nosso círculo. É breve e quase imperceptível, mas é o suficiente para revelar seus segredos mais profundos e sombrios. Os que ela provavelmente está escondendo desde que saiu do meu apartamento na noite passada.

Luxúria. Luxúria pura e crua. Mesmo quando ela está nos braços do marido, seus olhos ‘me foda’ estão voltados para mim, não para ele. Seu grito pela besta é apenas para mim, não para Akira ou qualquer outro maldito homem. Só eu.

Ela quebra o contato visual, focando em Reina. Mas é inútil. Suas bochechas já se tornaram um tom profundo de rosa e sua garganta balança com um engolir grosso. Naomi acabou de me dar um sinal para mais.

Não que eu precisasse disso. Porque mais cedo ou mais tarde, ela vai pagar pelo que fez. Eu não dou a mínima se ela é casada ou não. Isso não muda o fato de que ela é minha porra.

Capítulo Vinte e Oito

Naomi

A terra pode se abrir e me engolir? Melhor ainda, isso pode me cuspir em uma realidade paralela onde eu não tenho que deixar meu cérebro algemar meu coração e alma?

Porque a este ritmo, estou indo para um ponto sem volta. Minha mão está tão fria quanto o inverno glacial de Kyoto enquanto se aconchega no braço de Akira. Eu quero me afastar, correr, me esconder. Correr, se esconder e ser perseguida.

Mas meu cérebro me mantém plantada no lugar com um sorriso improvisado tomando conta dos meus lábios. Tento me concentrar na conversa fiada que Akira está tendo com Asher ou em como Reina está me fazendo todos os tipos de perguntas, mas é impossível. Minha atenção voa de volta para Sebastian todas as vezes. Ao modo como seus olhos hipnotizantes se tornaram frios glaciais enquanto as bordas afiadas de seu rosto bonito endureceram. Para como sua jaqueta abraça seus ombros largos e cintura estreita. Em como uma mecha de seu cabelo caiu em sua testa ou como uma sombra cai sobre suas maçãs do rosto.

Eu não consigo parar de olhar para ele. Ou observando ele. Ele despertou algo dentro de mim quando lutou e me fodeu contra o piso de

madeira de sua sala de estar. Uma besta que reconhece sua presa. Um ser faminto que simplesmente não consegue se fartar. Passei uma noite sem dormir me revirando e revirando na cama, repassando cada detalhe da minha cabeça maltratada e torturando meu corpo faminto.

O que fizemos foi errado, proibido e absolutamente depravado em muitos níveis. E, no entanto, estou ansiosa por mais. E, no entanto, é tudo que consigo pensar. Porque esse é o problema do fruto proibido. Um gosto não é suficiente. O desejo continua subindo e subindo, alcançando alturas que só levariam ao desaparecimento uma vez que fosse jogado de fora. Talvez seja isso que eu realmente devo fazer.

Vermelho. Dedos com unhas vermelhas escuras deslizam em torno do bíceps de Sebastian como uma cobra. Minha cabeça se levanta para ver uma bela ruiva com lábios carnudos, um pescoço longo e elegante e olhos castanhos impressionantes. Ela está usando um vestido dourado sem alças que envolve seu corpo alto e esguio. Uma figura que atualmente está aninhada ao lado de Sebastian com fácil familiaridade.

Um sorriso deslumbrante aparece em sua boca e é apenas direcionado a ele. E então algo acontece. Ele sorri de volta. É como se uma faca cortasse meu coração moribundo e se projetasse nas minhas costas. Nunca pensei que me sentiria assim depois daquele dia negro, mas a cena diante de mim prova o contrário. Logicamente, eu sei que não tenho o direito de ser assim. Eu não tenho o direito de me sentir ferida, machucada ou cortada, mas a necessidade de me enrolar em uma bola e chorar me atinge do nada.

Nunca pensei que teria vindo para a casa de Sebastian nessas circunstâncias. Ou a casa em que ele cresceu, de qualquer maneira. O dinheiro brilha em cada canto da mansão Weaver, sugerindo o gosto sofisticado de seus proprietários. Mas é frio, impessoal, até. Seus avós deram a mesma vibração quando Akira e eu conversamos com eles mais cedo. Não admira que Sebastian tenha se tornado do jeito que é. Talvez seja de família.

— Vejo que o círculo cresceu sem mim, — diz a ruiva a Sebastian, e até sua voz é tão elegante quanto ela. — Me apresente, Bastian.

Eu respiro com o nome íntimo que ela chama e leva tudo em mim para parecer afetada. Se a terra já planejou me sugar para um buraco, esta é a hora de fazer isso.

— Aspen, — diz ele em seu tom frio e afetado. — Estes são Naomi e Akira.

Meu marido aperta a mão dela, então eu também, pensando se eu conseguiria quebrá-la se apertasse com força suficiente. Eu rapidamente larguei ela e o pensamento assassino. Ou tento, de qualquer maneira. A conversa continua, apesar da tensão latente. Ou talvez eu seja a única que está prestes a explodir em chamas.

Quanto mais Aspen se gruda ao lado de Sebastian, mais perto eu fico do ponto de combustão. Não ajuda o fato de Sebastian ignorar completamente minha existência e apenas se entregar a ela. Mas o que eu esperava de qualquer maneira? Que ele me pegaria em seus braços enquanto todo mundo estava assistindo?

Isso seria um desastre. Mas, novamente, isso é o que sempre fomos, ele e eu. Um desastre doce e cruel que é impossível de terminar, não importa o quanto tentemos. Pode ter começado com aquela aposta, mas estava acontecendo muito antes disso. Achei que a distância iria diminuí-lo, eventualmente apagá-lo, mas apenas o tornou mais quente, mais forte e absolutamente imparável. Pelo menos para mim.

Reina me agarra pelo braço e sorri para todos. — Você nos daria licença? Conversa de garotas.

Ela não espera pela resposta de ninguém, pois basicamente me arrasta até a esquina. Seu olhar voa para cada lado de nós e uma vez que ela se certifica de que não há ninguém por perto, ela me libera e coloca a mão em seu quadril. Nossa abelha rainha envelheceu como um bom vinho, tornando-se elegante e um membro produtivo de Blackwood. Ouvi dizer que ela gosta de serviço social e organiza inúmeros eventos de caridade.

Ouvi dizer mais como persegui suas redes sociais. O que? Tive que me manter informada, até mesmo do Japão. Sou uma perseguidora profissional que nunca deixa curtidas ou comentários e apenas observa à distância. A ex-capitã do time de torcida me julga silenciosamente enquanto me olha de cima a baixo.

— O que há de errado, Reina?

— Eu deveria ser a única perguntando isso. Você vai deixar aquela bruxa ruiva e sócia sênior roubar Sebastian?

Eu engulo a bile que está subindo na minha garganta desde que a bruxa ruiva, Aspen, colocou a mão no braço de Sebastian e ele sorriu para ela.

— Não há nada para roubar. Eu sou casada.

— Eu também não posso acreditar nisso.

— Quer ver a certidão? Que tal uma filmagem do nosso sagrado matrimônio?

— É bom saber que você ainda é uma idiota cínica quando está encurralada, Naomi, e não, eu não preciso ver a certidão para saber que você não está fazendo a coisa certa.

— Engraçado vindo de você quando estava tentando destruir nosso relacionamento na faculdade.

— Foi exatamente o oposto, idiota.

— O que?

— Eu me lembrei porque fiz essa aposta. Eu teria te contado antes, se você não tivesse matado todas as nossas bundas.

Eu faço uma careta, mas não digo nada, esperando por sua explicação.

— Eu posso ter sido um pouco chata...

— *Um pouco?* — Eu a cortei.

— Tudo bem, uma grande vadia. Mas sempre tive motivos para tudo o que fiz. Lembra quando Lucy tinha uma queda por Prescott? Eu descobri que ele compartilhava esses sentimentos, então eu o encorajei a ir em

frente. Mas então eu o vi beijando aquela caloura e decidi acabar com ele. Até que ele me disse que estava bêbado e confundiu a garota com Lucy, e é por isso que eu o deixei tentar novamente.

— Você está se regozijando em bancar a casamenteira de Lucy e Prescott? Você deve incluir isso em seu discurso de aniversário de dez anos.

— Pare de ser uma idiota sarcástica e escute. O ponto da história é que eu sempre tive um motivo, mesmo quando se tratava de você e Sebastian.

— Que tipo de motivo?

— Você tinha uma grande queda por ele.

— Eu... como diabos você sabia disso?

— Porque eu assisti tudo, incluindo como você secretamente roubou espiadas dele ou como você só olhou para ele entre o time de futebol inteiro.

— E eu aqui pensando que estava sendo discreta.

— Você estava, mas eu fiz como minha missão estar ciente de todos em minha órbita. Assim que percebi seu interesse, todas as estrelas começaram a se alinhar, então me concentrei em Sebastian. Ele era um osso duro de roer, já que era social como o inferno e camuflava suas emoções melhor do que qualquer pessoa que eu conhecia, mas eu vi uma vez. Você estava sentada na fonte, com fones de ouvido, ouvindo aquela música alta e horrível e cantarolando enquanto desenhava em seu bloco de notas. Sebastian estava parado perto de uma árvore, observando você e sorrindo.

Ele não estava passando. Ele não estava preocupado com outra coisa. Ele ficou ali de propósito por vários minutos.

Meus lábios se abrem. Eu não sabia disso. Ele nunca mencionou isso, mesmo quando conversamos durante aqueles dias negros na cela.

— É por isso que fiz a aposta. E não me importo com o que você pensa, porque foi uma das melhores coisas que fiz.

— Não importa mais, — murmuro.

— Claro que sim! Vocês foram as melhores versões de si mesmos juntos. Sebastian estava mais relaxado enquanto você estava feliz e ria mais do que nunca. Agora, vocês dois são simplesmente trágicos.

Trágicos. Essa pode ser a melhor palavra para nos descrever. Mas trágico é melhor do que letal.

Reina se aproxima, com os olhos caídos para o lado como uma mãe preocupada com seu filho. — Você está feliz, Naomi? Porque Sebastian não está.

— Como você sabe disso?

— Ao contrário de você, estive aqui todo esse tempo e o vi lentamente se transformar em uma pessoa fria e indiferente, cujo único propósito é destruir os outros no tribunal. Ele também não comemora suas vitórias, apenas pega outro caso e segue em frente como uma espécie de máquina.

Meus olhos queimam e eu os arregalo para não deixar as lágrimas caírem. Isso deveria doer tanto, embora seja a coisa mais lógica a se fazer? É como se meu coração estivesse sendo arrancado do meu peito?

— A felicidade é subjetiva, Reina. Para mim, essa palavra significa algo totalmente diferente de estar com Sebastian.

— Vale a pena ser dilacerada? Porque eu estive lá e é a pior sensação que já tive que passar. Asher e eu éramos linhas paralelas, incapazes de colidir por tanto tempo que pensei que nunca ficaríamos juntos.

— As linhas paralelas são seguras.

— Linhas paralelas são uma tortura.

— Eu dou conta disso.

— Você está tão diferente, Naomi.

— Eu sei.

— Não quero dizer isso como um elogio. Sinto falta da Naomi que expressou tudo em sua mente sem se importar com o que os outros diziam sobre ela. Eu gostaria que você a encontrasse em você algum dia. Eu gostaria que ela tivesse arranhado seu caminho para fora.

— Eu vou deixar você saber como isso funciona. — Eu sorrio, então ele desaparece instantaneamente quando vejo um rosto muito familiar cruzando a distância da entrada.

Ren. O que diabos ele está fazendo aqui? Eu sei que ele tem trabalhado muito com Akira ultimamente, mas meu marido disse que não nos

acompanharia esta noite. Eu me certifiquei disso quando percebi que estaríamos participando de um evento realizado pelos avós de Sebastian.

— Eu vou falar com você mais tarde, Reina... — Eu dou uma espécie de desculpa ininteligível enquanto apresso meus passos na direção de Ren.

Ele não deveria estar aqui. Não onde Sebastian possa ver ele. Se ele ouvir sua voz, ele o reconhecerá daqueles dias que passamos na cela. E então Ren pode ficar tentado a contar a meu pai o que pensa sobre o que vê esta noite, e meu pai não pode se envolver novamente. Meus passos são longos, apesar das minhas pernas trêmulas. Não sou rápida e preciso de tudo para não correr e chamar a atenção para mim.

Ren irá direto para Akira, que está de pé com Sebastian. Ele vai reconhecê-lo e, em seguida, provavelmente vai começar a ser zombeteiro de costume. Quer ele fale em inglês ou em japonês, Sebastian o reconhecerá também, e ele pode começar uma cena...

Uma mão agarra meu braço e eu grito enquanto sou arrastada para uma sala. Uma palma forte envolve minha garganta, a outra sobre minha boca.

— Nem uma porra de palavra.

Capítulo Vinte e Nove

Sebastian

Meu joelho separa as coxas de Naomi e meu peito achata suas costas enquanto eu a empurro contra a parede. Nós dois estamos respirando pesadamente. Não tenho certeza se o som da respiração ofegante é dela ou minha, ou se o aumento do meu peito corresponde à queda de suas costas.

Eu respiro o doce perfume de lírio e pêsego e o cheiro de seu medo. Porra, como eu amo o medo dela. É diferente de qualquer outra pessoa. O dela é tangível e completamente único. Provavelmente porque está misturado com um tipo secreto de excitação. Naomi não luta comigo. Sua frente afrouxa contra a parede, mesmo enquanto ela inspira e expira em um ritmo incontrolável.

Por um momento, permanecemos assim, respirando o ar espesso em silêncio. Estamos na sala de chá da vovó, onde ela convida outras esposas influentes e passa as tardes extraindo informações delas. Está escuro, porém, então a única coisa visível é a curva da garganta de Naomi e a linha suave de seu queixo enquanto ela encosta a bochecha na parede. Mas eu não preciso vê-la para senti-la. Assim como na porra da cela, seu corpo quente sob o meu é o suficiente para cimentar sua presença na minha maldita alma. Eu libero sua boca, mas envolvo meus dedos em torno de

sua mandíbula, cavando minhas unhas na maciez de sua carne e sentindo sua pulsação contra minha pele.

— Sebastian... — ela respira com o que parece alívio.

O som envia um golpe direto para o meu pau, e atinge minha calça e as bochechas de sua bunda. Não importa o quanto eu a odeie, não importa o quanto eu planeje destruí-la, eu não consigo parar de querer transar com ela. Arruiná-la. Possuir ela. Nessa maldita ordem.

— Você estava esperando seu marido, minha vagabunda?

— Não, eu só...

— Você acabou de entrar na casa dos meus avós de braço dado para me dar um soco?

— Eu não queria vir aqui.

— Mas você fez. Certamente você está bem ciente das consequências, — eu falo asperamente contra a concha de sua orelha e ela estremece, prendendo a respiração.

Eu amo a porra dos sons que ela faz quando a chacoalho até os ossos. Quando eu sou a única coisa em que ela consegue pensar. Eu agarro seu peito e belisco o mamilo duro através do material e ela estremece com um suspiro quebrado e um gemido estrangulado.

— Não... — ela sussurra. — Não... Sebastian...

— Não o quê?

— Não...

— Não toque em você? Foder você? Não fazer você gozar com tanta força que seu marido vai ouvir você gritar meu nome? Porque você vai gritar, Naomi. Alto.

— Não... — A palavra é sufocada, quase inaudível.

Eu belisco e torço seu mamilo com a mesma violência que está borbulhando em minhas veias desde que ela entrou na casa dos meus avós. Ou talvez desde que ela voltou depois de ficar invisível por anos.

— Não... Sebastian... não...

— Você sabe o quanto essa palavra me excita, Naomi. É por isso que você está dizendo isso depois de me foder com os olhos a noite toda?

— Eu... não fiz.

— Sim, você fez, minha vagabunda. Você estava me observando enquanto estava no braço do seu marido, provavelmente fantasiando sobre como vou rasgar sua boceta apertada e foder bem. Devo pegar você no chão como uma puta suja? Ou talvez eu faça isso do lado de fora contra uma das árvores e dê um show a todos, incluindo a porra do seu marido.

Um gemido baixo sai dela e eu não tenho ideia se é por causa das minhas palavras ou da maneira implacável que continuo torturando seus mamilos. Eu não me importo de qualquer maneira. Porque estou perto de perder a porra da minha cabeça agora. Me transformar na minha besta pode ser a melhor opção, mas estou demorando nessa fase entre o humano patético e o monstro insensível.

Eu mordo a concha de sua orelha, fazendo ela gemer. O som me enche de necessidade de mais. Mais violência. Mais desejo carnal. Mais de seu gosto. O gosto que não consegui esquecer, apesar de tentar. O sabor que se tornou meu afrodisíaco e minha maldita criptonita.

Eu lambo o lóbulo de sua orelha e mordo novamente antes de sussurrar.
— Vou começar colocando você contra a parede.

Seu corpo fica frouxo, como toda vez que ela fica surpresa ou sem palavras. Eu libero seu mamilo, mantendo meu aperto poderoso em torno de seu pescoço. Então eu empurro seu vestido até a cintura e puxo para baixo sua calcinha de modo que ela fique enrolada em seus tornozelos. Seu gemido ecoa no ar, misturando-se com a conversa baixa e a música tocando lá fora. Eu empurro dois dedos em sua boceta apertada e resmungo quando sua excitação os engole imediatamente. Eu adiciono um terceiro e bato os três dentro dela, batendo com a palma da minha mão contra seu clitóris inchado. Naomi choraminga, sacudindo a cabeça para trás e seu corpo apertando ainda mais ao redor do meu.

— Ficar parada.

— Isso... dói... — ela geme.

— Não me tente a adicionar outro.

— Isso dói muito... Deus... dói...

— É suposto.

— Sebastian...

- Não diga a porra do meu nome nesse tom.
- Sebastian... por favor...
- Por favor, o que? Mais?
- Por favor...
- Você adora quando dói, não é, minha vagabunda suja?

Ela franze os lábios ao mesmo tempo que sua excitação ecoa no ar com cada uma das minhas estocadas selvagens. Seu minúsculo corpo treme com o impacto e seus gemidos ficam mais guturais e profundos. Se eles são de prazer ou dor, eu não tenho ideia.

- Diga, Naomi. Diga que você adora quando dói.
- Não...

Eu saio dela de uma vez, arrancando um protesto barulhento de seus lábios. Ela não se move mesmo depois que eu a solto totalmente, permanecendo em posição, as pernas ligeiramente separadas, os lábios abertos. Não preciso de um momento longo para desabotoar o cinto, abrir o zíper da calça e liberar meu pau ingurgitado. Uma gota de pré-sêmen desliza pela minha mão enquanto a empurro contra a parede e abro suas coxas. Ela geme, mas as abre o mais longe possível com a calcinha enrolada nos tornozelos. Eu deslizo meu pau contra suas dobras sensíveis, grunhindo quando seus sucos me revestem, me puxando e me convidando a entrar.

— Diga que você adora quando eu te machuco, Naomi. Digamos que você ame a dor aguda e a monstruosidade distorcida de tudo isso.

— Oh Deus...

— Essas não são as palavras que eu pedi. Tente novamente.

Ela rola os quadris enquanto eu deslizo a coroa para sua abertura. Isso está me engolindo, então vou foder com Naomi até que nenhum de nós possa se mover. E por mais que meu pau queira, eu nego a ele e a mim mesmo o prazer. Isso pode ser sobre sexo, mas também é para provar algo a ela. E eu mesmo.

Então eu puxo para fora e esfrego meu pau contra suas dobras em vez disso. — Sente isso, minha vagabunda? Essa é a sua boceta gananciosa me atraindo para rasgar e foder a noite toda.

— Sebastian... — O som do meu nome fica preso entre a frustração e um apelo.

— Diga as palavras, Naomi, ou vou deixá-la insatisfeita e com dores.

— Por favor...

— Eu não pedi para você implorar.

— Por favor, por favor...

— Pare de me implorar e admita, Naomi. Admita que você ama a dor.

— Eu faço.

— Eu não ouvi isso. Fale alto.

— Eu faço. — Ela soluça. — Eu amo a dor. Eu amo quando você me arranca e me deixa sem fôlego com sua intensidade, então, por favor... por favor... Sebastian. Não me torture mais.

— Talvez eu esteja com vontade disso. Talvez eu planeje mantê-la no limite a noite toda e depois deixá-la em uma bagunça desenfreada, incapaz de sair. Você vai passar o dedo na sua boceta apertada na memória de mim a noite toda, mas você não terá a satisfação de que seu corpo precisa.

— Não por favor.

Eu deslizo meu pau através de suas dobras convidativas, até sua abertura e, em seguida, até seu clitóris. Mas eu não dou a ela atrito suficiente para gozar, e embora esteja vacilando com o quanto eu quero possuí-la a noite toda, eu mantenho meu controle. Mas a necessidade de atormentar pulsa através de mim em ondas. Eu quero mantê-la agarrada à ideia de mim, de nós, mesmo que isso signifique que eu estarei me torturando também.

— Talvez eu esteja com vontade de nunca mais te dar meu pau de novo.

Pra cima. Para baixo. Pra cima. Para baixo.

— Talvez eu faça você implorar por isso, e então negue o prazer.

Pra cima. Para baixo. Esfregar.

— Talvez eu use sua boca e, em seguida, jogue você de lado porque você não quer dizer nada.

Ela soluça, um som baixo e cru que perfura meu peito e, por algum motivo, não parece que seja devido à falta de satisfação sexual.

— Sebastian... por favor, pare...

— Parar o que?

— Pare com essa loucura... por favor.

— Essa palavra não me impede e você sabe disso.

Espero que ela use a palavra que realmente me impede, mas ela não o faz. Nem mesmo quando suas fungadas e soluços enchem o ar. Nem mesmo quando ela está tremendo. Desta vez, quando sua boceta me engole, eu empurro todo o caminho.

O suspiro assustado de Naomi se mistura com o meu grunhido profundo quando eu pego seu calor apertado. Digo a mim mesmo que desta vez irei saborear, que irei devagar e moderadamente. Mas no momento em que sua boceta me estrangula, eu perco até o último resquício de meu controle. O fato de que pensei que iria segurá-lo parece um desenho animado agora, até mesmo risível. Eu penetro nela com uma força que nos abala. Mas ela leva tudo, seu pulso acelerando e seu corpo tremendo ao redor do meu.

— Porra. Veja como sua boceta molhada está estrangulando meu pau, sua vagabunda suja. Você molha o pau do seu marido também? Ele te fode áspero como você quer ou você se dedilha depois para gozar?

— Não... fale sobre ele...

— Por que? Acertou um nervo?

Ela não diz nada, mas a imagem que construí em minha própria cabeça aumenta e eu a tomo de forma selvagem.

Eu solto seu pescoço e prendo seu cabelo em volta do meu punho, em seguida, puxo sua cabeça para trás para que seu rosto fique a um passo do meu. — Diga.

Ela balança a cabeça, os olhos brilhando com lágrimas na escuridão. Eu lanço minha língua para fora e lambo seu sabor salgado. Mas isso não é tudo que eu provo. Também há sua perversão, sua excitação e sua rendição.

Eu sempre amei suas fodidas lágrimas de prazer. É como se ela não pudesse conter tudo o que está acontecendo dentro dela e tivesse que expurgar de alguma forma. Seus lábios se abrem e quanto mais forte eu empurro, quanto mais fundo eu cavo meus dedos em seus quadris, mais quebrados seus gemidos se tornam. Eu continuo e continuo, precisando gravar este momento em que somos um na minha memória. Seu corpo se desfaz em torno de mim como sempre foi feito para acontecer. Eu posso dizer que ela está perto do orgasmo com a forma como seus quadris rolam para trás e como ela se empurra contra mim, absorvendo a aspereza dos meus movimentos.

— Diga Naomi, — eu rosno contra seu ouvido. — Ele te satisfaz?

— Não, — ela resmunga enquanto se aperta em torno de mim.

É uma única palavra. Uma palavra abafada. E, no entanto, explode como a porra de um vulcão dentro de mim. Meus músculos ficam rígidos e minhas bolas se contraem com o impacto. Eu gozo com mais força em muito tempo, atirando carga após carga do meu esperma dentro dela. O orgasmo dura tanto tempo que acho que não vai acabar. Quanto mais Naomi me aperta, mais perto estou de começar a sinfonia fodida de novo. Meu peso cai sobre suas costas enquanto ela afunda contra a parede. Eu não a solto, minha mão ainda está perdida em seu cabelo e meu pau pulsando dentro dela.

Nossas respirações ásperas e o cheiro de sexo enchem o ar. É potente e familiar. Assim como quando costumávamos ficar nos braços um do outro no passado. Mas não estamos no passado. Gradualmente, o mundo exterior é filtrado de volta. A música. A conversa. Realidade. Eu puxo para fora dela e tomo meu tempo observando a linha do meu esperma escorrendo pela parte interna da coxa até o tornozelo. É uma das minhas paisagens favoritas, um sinal de minha propriedade sobre seu corpo. Essa porra significa que ela pertence a mim e a ninguém mais.

Minha visão escurece. Mesmo que eu tenha acabado de fodê-la até o fim do dia, não é o suficiente para afastar a raiva. A raiva. A porra da realidade. Eu a deixo ir e me enfio na roupa. Naomi lentamente se vira e puxa a calcinha para cima. Mesmo que eu esteja focado em afivelar meu cinto, posso perceber sua hesitação. Eu não tenho que ver para sentir.

Estou muito sintonizado com essa maldita mulher. E eu odeio isso. Eu quero puni-la porra por isso. Ela estende a mão para mim, sua palma

embalando minha bochecha enquanto ela sobe na ponta dos pés e fecha seus lábios nos meus. Eles são suaves e hesitantes, mas cheios e contundentes. Assim como há sete anos. Só que ela não é a mesma Naomi de sete malditos anos atrás. Eu a agarro por um punhado de seu cabelo e a puxo para trás, fazendo-a gritar.

— Por que diabos você acha que tem o direito de me beijar?

Ela treme em meu aperto e eu a empurro para longe antes de mudar de ideia e devorar seus lábios e, em seguida, conquistar sua boca. Antes de eu sequestrá-la para aqui, para que não estejamos mais nesta realidade. Mas mesmo isso não vai afastar a raiva. Mesmo isso não será suficiente.

Um soluço agudo ecoa no ar e, assim, Naomi desliza para o chão, puxando os joelhos contra o peito. Suas palmas escondem seu rosto quando ela começa a chorar. Não há outra palavra para descrever como seu choro cru preenche o ar. Eu nunca a vi desmoronar assim, nem mesmo naquela porra de cela.

Meu intestino se contorce e uma sensação que eu nunca mais queria ter novamente vem à tona. Interesse. A porra da necessidade de abraçá-la e consolá-la. Para enxugar as lágrimas e dizer a ela que tudo ficará bem. Mas isso seria uma mentira do caralho. Não estamos bem. E nunca será.

Ainda assim, não consigo me forçar a me mover enquanto seus soluços ocos e atormentados encham meus ouvidos. Eles são diferentes de quando ela está tendo orgasmo ou desfrutando de uma chicotada de dor.

Isso é para outro tipo de dor. Eles são emocionais. Estendo a mão em direção à sua cabeça, querendo tocá-la, querendo apenas... estar lá para ela. *Mas ela nunca esteve lá para você.*

Eu puxo de volta, flexionando a mandíbula. — Venha ao meu apartamento amanhã.

Suas fungadas param quando ela olha para mim com os olhos marejados. — Por que?

— Porque se você não fizer isso, vou contar a seu marido sobre isso.

Então eu me viro e saio, seus novos gritos seguindo atrás de mim. Fecho a porta e permaneço lá, me certificando de que ninguém mais a ouça ou a veja assim. Quebrada. Vulnerável. Desesperada.

Eu deveria sentir triunfo, mas tudo o que se esconde em meus ossos é a porra da derrota retumbante.

Capítulo Trinta

Akira

Querida Yuki-Onna,

Você precisa parar de me visitar em meus sonhos. Costumava ser novo e divertido; agora é apenas irritante.

E assustador.

Você continua me tocando, me dando boquetes e levando meu pau para os níveis mais altos do céu apenas para colocá-lo de volta no inferno. Isso não é legal. Em absoluto. É uma tortura neste ponto.

Você já me tirou da sua vida, então que tal você desaparecer, hein? Ou, aqui está uma ideia melhor, você pode voltar, se explicar e depois se foder.

Pareço desesperado? Isso é porque provavelmente estou.

Não gosto de você me molestar durante o sono e me fazer acordar com uma ereção que preciso foder no colchão para me livrar. Eu certamente não gosto da maneira como seus malditos olhos olham para mim enquanto você engole meu esperma, como se você estivesse me convidando para um lugar diferente que eu não consigo encontrar porque você sumiu.

O que eu mais odeio, no entanto, é que não posso tocar em você. Não importa o quanto eu tente, você simplesmente desaparece e me puxa de um sono desconfortável para uma realidade ainda pior.

Por que aparecer quando você nunca teve a intenção de ficar? Este é o seu dedo médio invisível porque você sabe que não poderei virá-lo?

Nesse caso, foda-se muito, Naomi. E, não, eu não sou amargo ou furioso ou dramático pra caralho.

Eu só quero dormir à noite sem ficar obcecado sobre como irei descer pela sua garganta quando você me visitar à noite ou como vou tentar ficar naquele mundo imaginário de merda.

Eu só quero que você vá.

Portanto, faça um favor a nós dois e me deixe em paz.

Ou pelo menos fique depois de exorcizar minha alma pela porra do meu pau.

Você nunca vai ler isso, mas eu ainda vou assiná-lo com o mínimo de amor possível e com a quantidade certa de ódio,

Akira

Capítulo Trinta e Um

Naomi

Nunca pensei que a única coisa capaz de me levantar seria a mesma que poderia me derrubar.

Nunca parei para pensar que meu próprio calcanhar de Aquiles me permitiria tocar o céu, mesmo vivendo no inferno. Já se passaram algumas semanas desde o evento de caridade na casa do senador Weaver. Algumas semanas desde que cheguei ao fundo do poço, queimei e me levantei das cinzas.

Não sei por que desabei naquela noite. Pode ser por causa do tormento físico ou da dor psicológica. Pode ser porque Sebastian me fez muito feliz, então me rejeitou tão cruelmente depois. Pode ser tudo isso combinado.

Eu nem mesmo senti quando caí no chão e deixei a coisa que infeccionou dentro de mim ficar à mostra. Foi um momento de fraqueza, mas superei. Ou eu fingi, de qualquer maneira. Meu caso com Sebastian é uma história completamente diferente.

Dia sim, dia não, vou ao apartamento dele, onde ele me embosca e me fode. Ele vem com diferentes maneiras de me pegar desprevenida e nunca envelhece. Não é o tempo de espera ou a emoção que vem com ele. Não a adrenalina ou o mergulho no desconhecido. No momento em que ele me

agarra, eu luto, eu realmente luto, mas é sempre inútil. Não apenas porque ele me domina, mas também porque adoro quando ele o faz.

Eu adoro quando ele me empurra para baixo e me usa tão completamente, como se ele não se cansasse de mim. Ou quando ele me leva rudemente e sem se desculpar, sussurrando palavras sujas para mim.

– *Você é uma garota nojenta, não é, minha vagabunda?*

– *Olha como sua boceta gananciosa quer mais do meu pau.*

– *Abra mais suas pernas, me deixe ver minha boceta.*

– *Não se toque ou vou gozar na sua cara.*

– *Sente isso? Sente como você se estica ao meu redor, me convidando para entrar?*

– *Seu marido me cheira em você quando ele te toca? Ele vê meu esperma seco entre suas pernas e em todos os seus poros? Ele percebe as marcas que deixo em seus peitos e bunda ou você as esconde?*

Isso deveria me desligar, deveria me dar coragem para finalmente dizer a palavra de segurança, mas eu não digo. Eu não posso. Porque essas palavras, não importa o quão erradas sejam, me deixam em chamas com um incêndio. E Sebastian é a razão por trás das chamas. Ele é o maldito vulcão. Todas as noites, eu digo que esta será a última. Que vou me despedir dele e pronunciar essa palavra maldita.

Todas as noites venho preparada para o fim e armada com a vontade que me sustentou durante sete anos. Mas toda vez que ele me toca, toda

vez que ele chama meu nome e me fode como se ele me odiasse e ainda assim me quisesse, eu esqueço tudo sobre isso. Digo a mim mesma que estamos seguros e ninguém vai descobrir sobre nós. Akira acha que estou ocupada com a casa de moda e papai não está nem aí, contanto que ele tenha um acordo com meu marido.

Ren tem me observado de perto ultimamente, mas Akira o mantém ocupado, irritado e agitado, então ele não pode estar me seguindo. Além disso, se aquele idiota tivesse descoberto sobre mim e Sebastian, ele teria contado ao meu pai e eu já teria visto as consequências de minhas ações. Kai, no entanto, é um mistério. Não sou ingênua em pensar que ele está no escuro sobre toda essa situação, já que ele sabe de tudo. No entanto, ele parece estar fechando os olhos. Ele nem mesmo me pediu para ficar longe de Sebastian como fez quando voltei aqui.

Então, por enquanto, eu escolho ficar nesta fase temporária pelo tempo que puder. Mesmo se eu estiver bem ciente de que não vai durar. Mesmo que eu saiba, vai doer como uma mãe quando tudo acabar. Parando na frente da porta de Sebastian, removo minha aliança de casamento e a coloco na minha bolsa. Tenho feito isso desde que começamos nosso relacionamento complicado. Não que Sebastian comentasse sobre isso. Ele nunca me disse para deixar Akira, mesmo quando me provoca sexualmente.

Mas, novamente, teríamos que ter conversas reais para que isso acontecesse. Tudo o que fazemos é foder, então pego minhas roupas e saio sem dizer uma palavra. Parei de tentar buscar afeto dele depois que ele me

rejeitou brutalmente naquela noite. Agora, somos apenas duas almas vazias usando uma a outra. E apesar do vazio às vezes, ainda é melhor do que nada.

Eu digito o código do apartamento dele. Ele me deu para que pudesse me emboscar na minha entrada. Alguns dias, ele espera até que eu dê alguns passos para dentro antes de me levar. Outros, ele me arrasta para o chuveiro e me fode debaixo do jato de água. Minha espinha formiga com a antecipação do que ele fará hoje. Ele muda seus métodos com frequência suficiente para que eu não tenha ideia do que ele tem reservado para mim. É parte da emoção e a razão pela qual ninguém poderia substituí-lo.

Sebastian é o único que conhece minhas necessidades e pode satisfazê-las sem que eu tenha que expressá-las. Eu paro dentro da porta do apartamento quando percebo que as luzes estão acesas. Em todas as vezes que venho aqui, geralmente está escuro como breu, como em algum filme de terror. Seu apartamento está realmente vazio. Além de uma TV, não há absolutamente nada.

Uma voz feminina vem da direção de seu quarto e eu congelo, uma sensação de ácido subindo à minha garganta. Por favor, não me diga que Aspen está aqui.

Eu o vi com ela nos incontáveis eventos sociais que Akira e eu participamos. Ela costuma estar feliz no braço de Sebastian e, embora eu não tenha certeza se eles estão em um relacionamento ou não, sei que algo está acontecendo. Eu me senti mal pelas vezes em que Sebastian me

agarrou e me arrastou para um lugar isolado para que pudesse me foder. Às vezes, me sinto uma vadia por ser a outra mulher.

Mas outras vezes, quando me lembro que tudo isso é temporário, eu apenas abraço aquela vadia e pego o que preciso dele. Assim como ele tira tudo de mim. Encontrar Aspen em seu apartamento é uma história diferente. A opção mais sensata seria ir embora, mas minhas pernas inconscientemente me levam na direção de seu quarto.

A voz de Sebastian é filtrada pelo corredor, seu tom de barítono um estímulo direto aos meus ouvidos. O fato de ele poder usar isso para falar sujo com outra pessoa deixa meu sangue verde de inveja. Eu paro na porta do quarto, pronta para estragar a diversão deles e ser uma idiota de verdade.

Mas não é Aspen que encontro sentada na cama de Sebastian. É um rosto familiar que vi na Weaver & Shaw naquele dia. Sua assistente.

Ela confisca uma garrafa de uísque de Sebastian e o força a se deitar na cama. Ele está vestido com uma camiseta branca lisa que abraça os músculos do peito e calça de moletom cinza. Seu cabelo caótico parece estar meio úmido quando cai sobre sua testa. Ele está pálido, seus lábios secos e seu rosto desgastado. Ele não estava assim há dois dias.

— Você precisa descansar, — sua assistente diz em um tom reprovável.

O olhar de Sebastian se desvia em minha direção como se soubesse que eu estive lá o tempo todo. Eu engulo em seco, lutando contra a necessidade de me inquietar. Tenho 28 anos, mas ainda me sinto como aquela

adolescente fascinada que era há dez anos quando o vi pela primeira vez. Esse sentimento algum dia irá embora?

Sua assistente, Candice, segue seu campo de visão e sorri. Ela joga o cabelo trançado para trás. — Você não me disse que teria alguém para cuidar de você.

— Eu não tenho, — ele resmunga.

— Bem, agora você tem. — Ela coloca a garrafa na mesa de cabeceira. — Cuide desse bebezão.

— Eu? — Eu olho para os lados de mim, certificando de que ela não está realmente falando com outra pessoa.

— Quem mais está aqui, garota? — Ela pega sua bolsa e se dirige a Sebastian. — Nem pense em mostrar sua cara doentia no escritório amanhã.

— Não vá... — ele sussurra, e parece doente, febril, até.

— Alguns de nós têm filhos para cuidar. — Ela se aproxima de mim e sussurra. — Não o deixe beber quando estiver doente.

— O que aconteceu? — Eu pergunto em voz baixa.

— Ele apareceu para trabalhar como se fosse um sobrevivente do apocalipse zumbi que meu filho mais novo adora assistir. O médico disse que ele está com um resfriado terrível e que sua temperatura deve ser monitorada. Ele não fica resfriado com frequência, mas quando fica, eles o transformam em um cadáver. Seus remédios estão na mesa de cabeceira e

eu sou 1 em sua discagem rápida, se você precisar de alguma coisa. Mas, por favor, não faça isso. Quero um pouco de ação com meu homem esta noite e isso não acontecerá se meu exigente chefe ligar.

Eu sorrio. — Vou me certificar de que ele não o faça.

— Obrigada. Eu te devo uma.

Ela sai antes que eu possa perguntar a ela sobre comida ou o que mais eu deveria estar fazendo. Sebastian está pegando a garrafa de uísque, embora seu braço pareça estar sem energia. Eu corro até ele e o agarro.

Ele geme, permanecendo no que parece uma posição inclinada desconfortável. — Dê.

— Candice disse para não beber quando você estiver doente.

— Candice não me diz o que fazer.

— Esqueça Candice. Você não deveria beber quando está doente.

— Você é uma maldita médica?

— Não é preciso ser médica para ser lógica.

— Obrigado por sua opinião desnecessária. Agora me dê isso.

— Não.

— A garrafa, Naomi.

— Eu disse não. — Eu mantenho atrás de mim enquanto ele geme novamente, perdendo o equilíbrio e caindo de costas.

Sebastian me encara através dos cílios grossos que sombreiam seus olhos brilhantes e cativantes, mas mesmo esses não têm vida hoje. — Desde quando você é a polícia do álcool?

— Desde que você está doente.

— Por que diabos você se importaria? — Ele fecha os olhos. — Saia...

Seus lábios se torcem e seu peito sobe e desce em um ritmo alarmante. Espero alguns segundos para ter certeza de que ele está dormindo antes de tocar sua testa. Está quente e ligeiramente úmido. Ele definitivamente está com febre. Guardo a garrafa de uísque e coloco minha bolsa ao pé da cama. Então vou ao banheiro, molho um pano e volto.

Depois de colocar na testa, faço uma pausa. Isso traz de volta memórias terríveis de quando eu lutei para mantê-lo vivo naquela maldita cela. Houve momentos em que pensei sobre o que poderia ter acontecido naquela época e todas as formas erradas que poderia ter terminado. Minha mão treme enquanto eu o solto lentamente, não querendo deixar a negatividade deslizar de volta. Eu li as instruções do remédio, que afirmam que ele deve ser tomado depois de comer.

Antes de ir para a cozinha para ver o que há, ajusto o pano em sua testa.

Uma mão forte envolve meu pulso e me puxa de volta para o colchão. Caramba. Sebastian é forte para alguém tão doente. Seu polegar acaricia a carne sensível do meu pulso e eu engulo enquanto seus olhos abrem lentamente. Eles são claros, embora escuros. — Não...

Minha respiração engata ao ouvir meu apelido de seus lábios. Deus. Ninguém me chama assim desde a morte da mamãe. Até Mio me chama de irmã mais velha e Kai prefere Ojou-sama ao meu nome real.

— Sim? — Tento controlar minha respiração e falho.

— Por que você ainda está aqui? — Sua voz é baixa, rouca e cansada.

— Porque você está doente.

— Porque agora? Por que não há sete anos, quando fui baleado e estava no hospital?

— Sebastian...

— Eu preciso saber o motivo. Diga por que eu significava tão pouco para você que você me deixou na porra do telefone.

— Você está com febre, apenas descanse. — Tento puxar minha mão, mas ele agarra com força e bate minha palma contra seu peito.

Seu batimento cardíaco selvagem faz meus lábios se separarem. — Ouviu isso? Esse é o som da porra do meu coração desde que você voltou. Porque não importa o quanto eu diga ao filho da puta que você traiu, ele não entende. Faça-o entender, porra.

Lágrimas ardem em meus olhos quando o peso de suas palavras se instala. — Eu... não te traí.

— Os sete anos que passei sem você enquanto você estava nos braços de outro homem testemunhariam o contrário.

— Eu não...

— Então o que foi? Você fez sexo com aquele filho da puta, Ren, e não queria me enfrentar? Você realmente pensou tão pouco de mim? Que eu te jogaria de lado porque você fodeu outro homem para me salvar? Se qualquer coisa, eu estaria em dívida com você.

— Eu não quero que você fique em dívida comigo. — Eu paro por segundos superficiais e torturantes. — E eu nunca fiz sexo com Ren.

Posso pelo menos dizer isso a ele.

Suas sobrancelhas grossas se juntam sobre seus olhos escurecidos. — O que diabos isso quer dizer?

— Isso nunca aconteceu. Consegui sair sem fazer isso.

A linha se aprofunda em sua testa. — Então por que diabos você me fez acreditar nisso por todo esse tempo? A última imagem sua que tenho em minha cabeça é de você sendo estuprada por minha causa. Ficar traumatizada por mim! Você gostou de me atormentar e vir em meus pesadelos abusada e ensanguentada?

— Claro que não!

— Então por que? Me diga por que você fez isso? Por que você me deixou?

— Eu só... queria, — murmuro em uma tentativa impotente de fazê-lo mudar de assunto.

— Queria? Suponho que por acaso você se casou com Akira depois de se prometer a mim porque também queria? Você o amou depois de confessar seus falsos sentimentos para mim, ou foi antes?

— Eles nunca foram falsos.

— Cale a boca e dê o fora. Eu nem quero mais olhar para o seu rosto.

Ele afasta minha mão e se vira para o lado, me dando as costas. Eu engulo a queimadura de suas palavras e me levanto. Eu não vou embora, porque não importa o quanto ele me odeie, eu não o odeio. Nunca fiz. Nem mesmo quando ele me machucou. Estou na porta quando sua voz cansada filtra atrás de mim.

— Eu gostaria de nunca ter conhecido você. Eu gostaria que você nunca tivesse retornado.

Estou começando a desejar isso também. Sempre achei que éramos duas peças únicas que se encaixam perfeitamente, mas talvez tenhamos nos pressionado à força em moldes que não se encaixam em nós. Dois erros não fazem um certo.

E somos muito desviantes e proibidos para estar certos.

Capítulo Trinta e Dois

Sebastian

Estar doente é uma merda. Um inexperiente que parece estar explodindo sua paciência em vez de seu pau.

Eu gemo quando abro meus olhos, então paro quando inalo o cheiro de lírios. Um perfume que não deveria estar na minha cama. Não demoro muito para encontrar a fonte. Uma pequena figura está encolhida ao meu lado em posição fetal. Suas mãos estão enroladas em uma toalha e seus longos cílios vibram em suas bochechas coradas.

Os números de néon azul no relógio na mesa de cabeceira marcavam 3h24. Ela ficou.

Minha mente é um borrão de eventos e emoções, mas eu sei que disse alguma merda fodida que faria qualquer um fugir. Principalmente com seu hábito de ir embora quando achar melhor. Eu quis dizer cada uma dessas palavras, e ainda assim, lentamente viro, então estou deitado de lado, de frente para ela.

Ela está na beira do colchão, longe o suficiente para não me tocar, mas seu calor ainda me toca. É diferente da febre. O dela é potente, misturado com emoções distorcidas e necessidade carnal. Não importa o quanto eu a tome áspero ou quanto tempo eu a leve. Não importa que eu a tenha

fodido em mais posições do que posso contar ou que tenha preenchido todos os seus buracos com meu esperma.

No momento em que termino, estou sempre com vontade de começar de novo. Para transar com ela novamente. Possuir ela novamente. Aliviar minhas emoções fodidas novamente. Mas é isso. A parte sobre como aliviar as emoções nunca acontece. Na verdade, minha raiva foi escurecendo cada vez que ela sai pela porra da porta. De volta à vida dela. Para seu maldito marido.

Estendo a mão e afasto uma mecha de seu cabelo cor de tinta de seu rosto. Ela parece tão tranquila quando está dormindo, como uma boneca de porcelana. E, assim como uma boneca, ela é quebrável. Ainda assim, descobrir o fato de que ela nunca foi forçada a fazer sexo com Ren sete anos atrás trouxe um alívio que eu nunca pensei que sentiria. Todo esse tempo, não consegui parar de pensar nos sacrifícios que ela fez na época ou na maneira como ela tremia ao sair.

Ela manteve a cabeça erguida, embora estivesse tremendo de medo. E minha última visão dela foram suas costas enquanto saía pela porta. Naomi murmura algo em seu sono antes de seus olhos se abrirem. Eles estão desfocados no início, sombrios de confusão. Ela pisca duas vezes e seus lábios se abrem. Provavelmente sem palavras novamente. Ficamos assim por um momento, com minha mão em seus cabelos e seus olhos fixos nos meus. Parece íntimo de uma maneira normal do caralho. Como se estivéssemos acordando um para o outro nos últimos sete anos.

— Você não saiu, — eu digo devagar, com cuidado.

— Você está doente. — Ela estende a mão e faz uma pausa. — Vou apenas verificar sua temperatura.

Ela coloca a palma da mão na minha testa e minha respiração se aprofunda com o contato. Ela rapidamente o recupera. — Eu acho que sua febre passou.

Sua voz é leve, alegre, até. E não sei por que quero pegá-la e prendê-la em algum lugar.

Naomi lentamente se senta sobre os quadris ao meu lado, fazendo-me soltá-la. — Você precisa comer alguma coisa e tomar outra dose do seu remédio. — Ela pega um recipiente com comida da mesa de cabeceira. — O mingau de aveia que fiz antes ainda está quente. — Depois de abrir o recipiente, ela pega uma colher e um frasco de comprimidos. — Aqui.

Eu não os pego, mas sento contra a cabeceira da cama, observando seus movimentos rápidos e precisos. Ela é uma daquelas pessoas que faz tudo rápido, como se estivesse em uma corrida contra o tempo. Eu não tinha percebido isso sobre ela antes.

— Você disse outra dose. Não me lembro de ter tomado a primeira.

Suas orelhas esquentam. — Eu te ajudei.

— Me ajudou como?

— Eu derramei o conteúdo da cápsula em uma colher de mingau de aveia e...

— E o que?

— E apenas ajudei você a engolir.

— Colocando sua língua no fundo da minha garganta?

— Eu não precisava ir tão longe... e não estava tentando beijar você. Eu só tive que fazer você comer e engolir seu remédio.

— Eu não acredito em você. — Estou provocando ela, mas não consigo evitar. Ela está nervosa, seus dedos instáveis abrindo e fechando o recipiente repetidamente. Eu não acho que ela perceba que está fazendo isso.

— Não sei como fazer você acreditar.

— Faça isso novamente.

Seus olhos arregalados encontram os meus. — O-O quê?

— Repita o que você fez e eu serei o juiz.

— Isso é simplesmente ridículo.

— Não saberemos a menos que você vá com ele.

Ela permanece imóvel por um longo momento, então solta um suspiro derrotado. Naomi abre a cápsula no recipiente, mistura o remédio com a comida e pega uma colher. Seus olhos encontram os meus enquanto ela coloca o mingau de aveia na língua, ligeiramente esticando, então se inclina e agarra meu queixo com o polegar e o indicador.

Meus lábios se abrem enquanto meu pau ganha vida. Ela lentamente enfia a língua dentro da minha boca, surpreendentemente não derramando muito do mingau de aveia, e cuidadosamente esfrega contra a minha

língua. No meio da comida, eu provo ela e seus golpes hesitantes. Ela varre o fundo da minha língua e seus lábios roçam os meus. Eu engulo a aveia e ela se acalma antes de tentar se afastar.

Eu a agarro pela nuca e me deleito com sua língua, chupando de boca aberta antes de lamber seus lábios e bater no céu da boca. Eu a beijo ferozmente e fora de controle, de modo que os únicos sons que ela libera são gemidos estrangulados e surpresos. Eu a beijo como nunca beijei antes. Como se esse beijo fosse o último que eu teria. Minhas unhas afundam em sua nuca e bato a frente de seu corpo contra o meu. Naomi grita, sua mão segurando meu bíceps para se equilibrar, mas ela se abre para mim. Sua língua encontra a minha carícia para cada maldita carícia enquanto nós dois caímos na loucura.

Eu me afasto, liberando-a relutantemente.

Naomi está ofegante, com as bochechas pintadas de vermelho. — Porque você fez isso?

— Fazer o que?

— Me beijar.

— Eu só estava pegando a aveia. — Eu lambo meus lábios e seus olhos seguem o movimento antes de ela balançar a cabeça e empurrar o recipiente no meu colo e a colher em meus dedos.

— Você pode fazer o resto sozinho. — Ela se levanta e seu vestido sobe por suas coxas pálidas.

Eu aperto o recipiente para não a agarrar e repetir o que acabamos de fazer. Ou talvez dando um passo adiante.

— Saindo? — Eu pareço afetado quando eu mal estou segurando minha calma.

Ela pega o edredom e cobre minhas pernas com ele. — Pare de me expulsar. Eu vou embora de manhã.

— Seu marido não vai perguntar sobre você?

— Eu já liguei para ele.

— Qual é a sua desculpa desta vez? A noite toda no escritório de novo?

Ela levanta o queixo. — Eu vou ficar com um amigo.

— Agora somos amigos?

— Somos.

— Mesmo?

— Costumávamos dizer um ao outro coisas que não contávamos ao resto do mundo. Isso é o que amigos fazem.

— Então por que você não me conta as coisas agora?

Espero que ela me afaste, mas ela se senta na cama, na extremidade oposta para que esteja fora do meu alcance. — O que você quer saber? Além de tudo o que aconteceu há sete anos, porque não vou falar sobre isso.

— Então, estou livre para perguntar qualquer coisa além do que eu mais quero saber? Quando você se tornou tão cruel?

— Desde você, — ela sussurra.

Deixei escapar um som zombeteiro. — Isso é ótimo vindo de você.

— Você vai jogar acusações a noite toda ou há alguma coisa que você queira saber?

— Por que você se casou com ele?

— Foi um casamento arranjado entre nossas famílias.

Não sei por que isso me faz respirar um pouco mais fácil. Ela não o escolheu. Foi um casamento arranjado.

— Akira é um homem influente e meu pai o queria como aliado.

— Seu pai?

— Eu o encontrei. — Ela sorri, mas seus ombros se curvam e seus olhos brilham com uma tristeza assustadora. — Ou melhor, ele me encontrou.

— Ele é tudo que você imaginou?

— Pior. — Ela pega a colher da minha mão e acho que ela só precisa de algo para tocar, mas ela enche de aveia e coloca na minha boca.

Posso comer sozinho, mas abro e deixo que ela me alimente. Esta é o mais domesticada que eu já vi e toca uma parte de mim que eu não sabia que existia.

— Eu gostaria de ter acreditado na mamãe quando ela disse que eu deveria ficar longe. Eu gostaria de tê-la apreciado mais quando ela estava viva. Ela morreu sentindo-se desconfortável por eu estar com papai.

— Que ela descanse em paz. — Uma aura sombria cai sobre nós. O pensamento da dura, mas amável Riko, estando morta, deixa um grande peso na base do meu peito.

Ela sempre ficava feliz sempre que eu passava um tempo com Naomi ou ia buscá-la. Uma vez, ela me disse que estava emocionada por sua filha estar finalmente tendo um ótimo relacionamento. Naomi enfia outra colherada na minha boca e torce os lábios enquanto a umidade brilha em suas pálpebras.

— Você gosta de trabalhar na grife dela?

— Na verdade não. Estou apenas mantendo isso como um legado.

— Você ainda desenha?

Seus olhos brilham e ela sorri. — Sempre que tenho tempo. Eu vou te mostrar... se você quiser.

— Certo.

Naomi pega o recipiente e a colher e os coloca na mesa de cabeceira. Então ela rola para o lado, pega sua bolsa e pega um pequeno bloco. Depois de abraçá-lo contra o peito por um segundo, ela o passa para mim.

Eu estudo seus esboços, pessoas, rostos, algumas sombras. Inclinando a cabeça, estudo os padrões e como todos parecem uma variação de uma

pessoa. É muito mais maduro do que no colégio, não que ela já tenha sido imatura. Só um pouco inocente, e agora toda essa inocência se foi.

— Ria deles e eu vou te matar, — ela diz defensivamente.

Eu rio. — Tsundere.

Seus olhos se arregalam e eu paro. Porra. Eu pretendia nunca mais usar aquele apelido novamente.

— Sua técnica ficou muito melhor. E você ainda está fazendo o que ama, mesmo que não profissionalmente.

— Eu mudei de ideia. Não quero seguir isso como uma profissão, porque provavelmente mataria minha criatividade. Prefiro manter isso como um hobby.

— Eu vejo.

Ela remove o bloco de minhas mãos, acariciando lentamente suas bordas. — E você? Você está fazendo o que você ama?

— Sim. A adrenalina que recebo de esmagar alguém no tribunal afasta os desejos. Mesmo que apenas temporariamente.

— Nunca imaginei você como advogado, embora devesse ter suspeitado, considerando sua natureza perceptiva e seu senso de justiça distorcido. E, ei, você não ganha salário mínimo como um detetive. Uau, você está vivendo o sonho.

Ela lembra. Certa vez, conversamos sobre como eu tinha habilidades de leitura de pessoas e ela sugeriu que eu me tornasse um detetive para usar

esse dom, mas eu me recusei veementemente a me esforçar tanto por pouco dinheiro. O que ela não sabe é que eu procurei cultivar e desenvolver minhas habilidades, e é por isso que escolhi exercer a advocacia. O fato de que ela se lembra de nossas conversas daquela época me enche de uma sensação de calor que eu não sentia há muito tempo.

— Vejo que você realmente não perdeu sua natureza cínica.

— Sai quando alguém como você o provoca.

— Alguém como eu?

— Um soldado da justiça negra.

— Você chama de justiça negra, eu chamo de minha própria versão dela. Nada é preto e branco e tudo pode ser transformado em cinza.

— Por que não estou surpresa com o seu lema?

— As pessoas realmente não mudam.

— Você fez. — Ela encara seu bloco de desenho.

— Eu fiz?

— Sim.

— Como assim?

— Seu apartamento. É um. Está tão vazio.

— Eu não preciso de coisas. — Porque eu não quero me apegar a nada, mas não digo isso a ela.

— Você está mais frio e intocável também. Você está tão longe quanto o céu noturno e tão... assustador às vezes.

— Quem me fez assim? — Pode ser porque estou doente e não consigo filtrar minhas palavras ou porque estou muito cansado de ir e vir, mas não me arrependo das palavras quando saem.

Se for uma loucura, posso muito bem ceder. O aperto de Naomi aumenta no bloco e ela estremece visivelmente. Bom. Pelo menos ela reconhece o que suas ações fizeram. Espero que ela queime por dentro mais quente e mais escuro do que eu, porra.

— Sebastian...

— O quê, Naomi? O que você tem a dizer?

— Nada.

— Foda-se isso. Conheço a escuridão desde os seis anos de idade e aprendi desde cedo a não lutar contra ela e, eventualmente, aprendi a me misturar com ela. Ser negro estava bem, mesmo que parecesse vazio. Então você apareceu e eu queria a porra do cinza. Agora, estou apenas sem cor, então não se sente aí e me diga que você não tem nada a dizer, porra.

Seus lábios tremem. — Eu sinto muito.

— Suas desculpas não me devolvem os anos que perdi, então salve isso, porra.

— Eu perdi aqueles anos também.

— Não parece. — Eu aponto para seu dedo anelar nu. — Você achou que esconder isso me faria pensar menos em seu casamento?

Ela fica rígida, sua mão aperta o bloco de desenho e o desconforto torna sua pele doentiamente pálida. Eu deveria parar, deveria mandá-la embora e me reunir com o idiota amargo que me tornei sete anos atrás e começar uma festa de auto piedade, mas eu não faço. Eu não posso. Já rasguei os pontos, então posso muito bem sangrar corretamente desta vez.

— Você o ama?

Ela engole novamente, passa os dedos no bloco novamente, evita o contato visual novamente porra. — É complicado.

— Não há nada de complicado sobre a porra de uma pergunta do tipo sim ou não.

— Eu preciso dele, — ela murmura.

— Então isso é um sim.

— Não! Sebastian, por favor, não vá lá. Tome isso como se eu estivesse implorando. Por favor.

Eu quero ir lá. Eu quero que ela diga as palavras que vão me tirar da porra da minha miséria. Quer me matem ou me libertem, pelo menos terei algum tipo de encerramento. Isso é tudo que eu precisava todo esse tempo. Isso é o que eu procurei durante todas as lutas nos bares, uma porra de um final.

Mas talvez eu não queira um encerramento. Talvez ser incolor não seja tão ruim, afinal. Ou, provavelmente, esse frio está atrapalhando meu processo de pensamento. Eu deito de costas e ela solta um longo suspiro, fungando. Eu fecho meus olhos e logo depois, ela está deitada no canto do meu corpo, seu braço envolvendo meu ombro.

É uma tentativa, o toque dela, como se ela estivesse com medo da minha reação. E ela deveria estar. Por que diabos ela continua tentando me tocar tão intimamente, mesmo depois que ela nos quebrou em pedaços?

Eu endureço, mas não tento afastá-la de mim. Naomi deve ter interpretado de forma diferente, porque ela enterra o rosto no meu peito, sua respiração quebrando contra o meu batimento cardíaco disparado.

— Não me toque, — digo sem abrir os olhos.

— Por favor deixe. Só desta vez.

— Eu disse para não me tocar, Naomi. Quando você faz isso, eu imagino essas malditas mãos sobre ele e seu rosto enterrado em seu peito. Quando você faz isso, eu imagino seu cheiro agarrado a ele e o dele em você, então não me toque com as mesmas mãos com que você o toca.

Ela balança a cabeça no meu peito e eu sinto a umidade de suas lágrimas na minha camiseta enquanto seus pequenos suspiros preenchem o ar. — Um momento...

— Uma condição.

— Qual.

– Não volte para ele.

– O-O quê?

– De manhã, fique aqui. Não volte para ele, porra.

Sua perna engancha sobre a minha e ela se aconchega mais perto de modo que todo o seu corpo está enrolado no meu. Eu me viro e a abraço. Pela primeira vez em sete anos, durmo sem pesadelos com Naomi me dando as costas.

Capítulo Trinta e Três

Naomi

Eu vou pra casa. Eu piso na porra do meu coração sangrando e vou embora. As lágrimas vieram assim que saí do apartamento de Sebastian e elas estiveram lá durante todo o caminho para casa. Mas não importa o quanto meu coração me implorasse para me virar e voltar, eu apenas enfiei a faca mais fundo e não ouvi.

A noite passada foi mágica, pacífica e um pouco dolorosa também. Foi a primeira vez que não fizemos sexo, mas ele nunca esteve tão dentro de mim como quando falou comigo e me abraçou. Ele nunca se sentiu tão perto quanto naquele momento. Tudo o que aconteceu pode não ser perfeito, mas foi nosso e eu aproveitei cada segundo.

Mas, como qualquer mágica, há um prazo para o feitiço seguir seu curso. Eu vi isso naquele momento. Quando Sebastian me disse para não voltar para casa, eu quis dizer sim, queria fazer um pequeno lugar em qualquer canto da vida dele e ficar lá. Mas isso é apenas o meu lado emocional falando. O lado lógico que nos permitiu sobreviver todo esse tempo é o que deveria estar tomando as rédeas.

Eu fico no meu carro por alguns minutos assim que paro na frente da casa de Akira. Eu ajesto minha maquiagem em uma tentativa de afastar o

inchaço dos meus olhos. Aquele meu marido maldito não pode me ver no meu estado mais baixo, não quando ele faz de sua missão explorar as fraquezas de todos para arrastá-los para baixo. Eu pensei que poderia estar nas proximidades de Sebastian, transar com ele, estar com ele enquanto continuava casada com outra pessoa.

Mas eu estava errada. Totalmente e devastadoramente assim. Eu preciso virar o jogo de alguma forma contra Akira para que ele seja forçado a me deixar ir. Mas isso seria tão difícil quanto quebrar sua fachada legal. Além disso, há também a ameaça de meu pai e o que ele fará com Mio se eu o desafiar. E então há Kai, mas eu nunca tenho certeza se aquela cobra astuta está do meu lado ou se ele está apenas me usando para ficar nas boas graças do meu pai.

Minha cabeça dói.

Saio do carro e tiro os sapatos na entrada, depois calço os chinelos. Em vez de ir para o meu quarto, eu viro e vou para o de Akira. Pode ser devido ao choro, à tristeza ou à necessidade de qualquer aparência de esperança. Mas tenho que me arriscar e falar com Akira.

Surpreendentemente, ele se manteve em segredo sobre Sebastian. Eu esperava que ele ameaçasse e exigisse que ele trabalhasse para ele, mas já se passaram semanas e ele ainda não fez uma oferta. Isso deveria me deixar feliz, mas por algum motivo, estou apenas apreensiva sobre seu próximo movimento. O silêncio de Akira nunca é bom. Isso significa que ele está planejando a ruína de alguém e construindo o inferno de outra pessoa.

Um som familiar me faz parar na frente de seu quarto. A porta está entreaberta, por isso posso ouvir o que está acontecendo lá dentro. Abro com cuidado, meus dedos suados. A cena que se desenrola na minha frente quase deixa meu queixo cair no chão. Akira está no meio de seu quarto com tema preto, com visão direta dos raios de sol que estão entrando pela janela. Ele está usando seu yukata, mas está aberto, revelando seu peito musculoso e magro e seu pau enquanto ele o enfia na boca da última pessoa que eu esperava.

Ren.

O guarda do meu pai está de joelhos na frente do meu marido, sua camisa aberta, seu rosto corado e seus pulsos estão enrolados em uma corda grossa atrás das costas. Uma das mãos de Akira está agarrando Ren pelos cabelos enquanto a outra está com uma faca. A lâmina brilha no ar com gotas de sangue antes de correr pelo pescoço de Ren, sobre as tatuagens em sua nuca e, em seguida, de volta ao ponto de pulsação. O som de seu pau entrando e saindo da boca do guarda é selvagem e implacável, como se ele estivesse em uma missão para quebrar a mandíbula.

— Abra mais, — grunhe Akira, luxúria audível em sua voz, mas de alguma forma ele ainda soa como se tivesse a calma de sempre. — Faça isso bom.

Os olhos de Ren estão desafiadores, mas seu rosto está vermelho e ele está sangrando porra devido à faca de Akira. O vermelho ensopou sua camisa, sua pele e até pingou no chão.

— Faça direito ou usarei sua bunda, Ren. Na verdade, eu estou usando mesmo assim, mas se eu vou pegar leve ou rasgar você enquanto você grita, depende de como você me agrada, — Akira avisa, seu ritmo aumentando a cada segundo.

A cena é como o pesadelo mais estranho. Meu marido Akira, o maldito mentiroso, e meu nêmesis Ren, que eu estive metaforicamente apunhalando em meu cérebro. Como? Quando?

Embora eu devesse ter suspeitado que algo estava acontecendo quando Akira insistiu em trabalhar com ele em vez de Kai, e a reação de Ren a isso. Ou as horas intermináveis que passam juntos. Ou tudo no meio, realmente.

Minha mão treme enquanto eu pego meu telefone e tiro uma foto do que está acontecendo na minha frente. O flash dispara.

Merda.

A atenção de Akira e Ren estão voltadas para mim. Akira está entediado e um pouco irritado. Ren está largo e frenético, como se tivesse sido pego se masturbando em público.

Eu finjo que estou calma enquanto coloco meu telefone de volta na minha bolsa e me encosto no batente da porta, agindo legal. — Não me deixe impedi-lo.

Ren se sacode para trás, liberando o eixo muito grande e muito insatisfeito de Akira. Cuspe, pré-sêmen e sangue escorrem pelo queixo enquanto ele tropeça no chão e se levanta.

Alguns cortes marcam seu peito, abdômen e pescoço e encharcam a gola de sua camisa branca. Ai. Isso parece doloroso.

— Me desamarre, — ele sibila para Akira.

Meu marido, que estava observando seus movimentos frenéticos enquanto brincava com a faca, soltou um suspiro. — Conheça a porra do seu lugar. Sou eu quem dá as ordens, não o contrário.

— Akira, — ele murmura.

— Diga isso certo.

— *Onegai...* — Ren implora baixinho, então solta o termo honorífico, — *Desu.*

— Bom. Agora diga isso de novo e seja sincero.

Os olhos escuros de Ren se fixam nos meus antes que ele incline a cabeça e murmure. — Sua esposa está aqui.

— Não se preocupe comigo. Leve o tempo que precisar. — Finjo que estou estudando minhas unhas pretas.

Ren franze a testa, em seguida, mantém a cabeça erguida, mesmo enquanto implora a Akira para deixá-lo ir. Um brilho escuro cobre as feições do meu marido enquanto ele inclina a cabeça para o lado e observa Ren lutando com as palavras.

Estou um pouco surpreendida. Akira está realmente se divertindo. Ele também parece estar incitando Ren apenas para ouvi-lo lidar com estar fora de seu elemento. E o Ren sempre recolhido está jogando direto em suas

mãos como uma marionete. Eu nunca pensei que precisava dessa cena até que a testemunhei. Akira finalmente corta as cordas de Ren e o homem mais jovem fecha a camisa com a mão enquanto corre para a porta.

Ele para na minha frente, seu peito arfando e seu rosto ainda coberto de sangue, cuspe e gotas de sêmen.

Há vergonha, constrangimento, e eu me deleito com cada emoção negativa que ele sente, porque não importa o quão sombrios eles sejam, eles não podem ser tão dolorosos quanto o que eu senti quando ele atirou em Sebastian sete anos atrás. Ou quando ele continuou a ameaçar sua vida, por ordem de seu chefe.

— Eu... — Ele engole. — Eu estou...

— Salve isso. — Eu endireito meus ombros. — Eu tenho evidências de suas preferências, Ren. Algo que fará com que você seja expulso da Yakuza e que você seja morto pela espada de Kai.

— Não! Ele me fez! — Ele aponta o dedo para Akira, que está apenas nos observando com a cabeça inclinada.

— Ele está mentindo, — diz Akira com um encolher de ombros gentil.
— Sua boca queria meu pau tanto quanto seu corpo implorava pela minha faca.

O vermelho sobe pelo pescoço de Ren. — Se você mostrar evidências ao Chefe, Akira será implicado também.

— Não se eu simplesmente cortar seu rosto da foto.

Ren encara entre a expressão calma de Akira e a minha zombeteira. — Vocês dois estão nisso? Você o fez fazer isso comigo apenas para me prender?

— Você se prendeu no dia em que atirou em Sebastian e quase o matou.
— Eu aponto um dedo em seu ombro. — Mexa com ele ou comigo de novo, mesmo sob as ordens do meu pai, e você pode dar um beijo de despedida na sua carreira e vida. Ouvi dizer que Kai gosta de torturar antes de cortar as pessoas em pedaços.

— Vai se foder.

— O que eu disse sobre essa linguagem? — Akira pergunta em tom de desaprovação.

— E você! — Ren rosna para ele. — Vão se foder vocês dois, seus filhos da puta estranhos.

Eu bato no meu queixo. — Você pode querer limpar todo o sangue e esperma antes de dizer isso.

Ren rosna novamente, e enquanto ele passa por mim, Akira grita atrás dele. — É melhor você estar preparado para sua punição, pirralho.

O guarda faz uma pausa, franzindo os lábios antes de sair, seus passos raivosos ecoando pelo corredor.

Eu fico olhando para Akira e depois para seu pau duro. — Isso deve ser doloroso e insatisfatório.

— Não seria se você não tivesse aparecido.

- Então é minha culpa?
- Você acha que é minha?
- Eu ofereceria uma mão, mas prefiro que ela seja cortada.

Ele aponta para seu pau que está perdendo sua ereção, então envolve seu yukata fechado. — O pensamento de sua mão é suficiente para transformar um pecador em um padre.

- Foda-se.
- Novamente, eu teria trepado com alguém se você não tivesse vindo aqui.
- Eu pensei que você fosse assexual.
- Também achei. Acontece que sou apenas seletivo.
- E Ren de todas as pessoas é aquele que você selecionou?

Ele sorri, é raro e cheio de puro sadismo. — Ele poderia usar um pouco de disciplina. Muito, na verdade.

- Ele é leal ao meu pai.
- Se eu quiser, sua lealdade e tudo o que ele tem a oferecer pertencerão apenas a mim.
- Não é assim que funciona. Ele é um membro de alto escalão da Yakuza e respira aquele estilo de vida imprudente. Se você tentar forçá-lo a se juntar a você na pacífica Kyoto, ele provavelmente explodirá seu carro.

— Ele faria. — Seus lábios se contraem em um sorriso que contém tanto orgulho. — Mas deixe eu preocupar com ele.

— Desde quando você joga com faca?

— Eu sempre amei facas e carne. Ah, e sangue.

Eu franzo a testa. — Quando conversamos sobre as cartas, você nunca mencionou o jogo de faca, apenas jogo de respiração.

Ele faz uma pausa, tocando o cinto de seu yukata. — Eu desenvolvi um fetiche.

— Você sabe que vou usar essa foto contra você também, certo? Estou feliz que você encontrou sua unidade e suas escolhas, faca incluída. Sem ressentimentos. Estou apenas cuidando de mim mesma.

— E Sebastian, obviamente.

Eu ignoro a torção acentuada no meu estômago e mantenho minha calma. — Não o coloque nisso.

Akira se aproxima de mim e me fareja como um cachorro. — Eu posso sentir o cheiro dele em você, esposa. Você carrega o cheiro e as marcas dele há semanas. Você realmente pensou que eu não notaria?

— Você sabia.

— Claro.

— Então por que você não fez nada?

— No início do período Edo, havia um famoso samurai rônin chamado Miyamoto Musashi, conhecido tanto por sua habilidade quanto por sua peculiaridade. Muitos outros samurais renomados o desafiaram para um duelo, mas todos foram mortos, embora fossem mais habilidosos do que ele. Você sabe por que ele ganhou todas as vezes? É porque ele mudou suas táticas para se adequar às fraquezas de cada oponente. Se eles eram severos, ele era brincalhão. Se eles eram brincalhões, ele era rígido. Ser fluido e em constante mudança é o que faz as coisas acontecerem, enquanto a força bruta mais cedo ou mais tarde levará à ruína de alguém.

— Qual é a sua tática para nós, então?

— Eu ainda estou assistindo, assim como Musashi fazia antes de seus duelos.

— Não se atreva a machucá-lo.

— Não se atreva a me ameaçar de novo e conversaremos.

— Falo sério, Akira. Se você fizer algum mal a ele, sua família receberá a foto. Seu pai ainda está vivo, então você não pode possuir a fortuna Mori ainda. Ele ainda pode tirar você da posição de liderança e entregá-lo a seu irmão em uma bandeja de ouro. Não me force a arruinar o império que você construiu todos esses anos.

— Meu Deus, Naomi. Eu não sabia que você tinha tanto fogo dentro de você.

— Eu tenho uma porra de um vulcão, se você quiser ver.

Ele sorri, mas desaparece rapidamente. — Não haverá divórcio. Desempenhe seu papel ou vou jogá-la para os lobos de Abe.

— Então eu irei enterrar você e Ren em troca. Você não é o único que conhece minha fraqueza.

— É melhor você verificar sua fraqueza então.

A onda de adrenalina se dissipa lentamente. Não gosto do tom e rosto apáticos de Akira. Eu o conheço há tempo suficiente para perceber que isso significa que ele está chateado e logo se tornará vingativo. Quando encontrei a chance de ameaçá-lo, não poderia deixar passar. Mas talvez vir com tanta força não tenha sido uma ideia tão brilhante.

Ainda assim, mantenho minha força, mesmo quando meu estômago aperta. — Por que?

— Meu presente já deveria ter chegado a ele.

— Que tipo de presente?

— Sem bombas, não se preocupe. Apenas óleos essenciais japoneses caros que tenho certeza que ele vai gostar, já que nasceu no Japão. Ele vai adorar a nota mais do que os óleos, no entanto.

— Espera. O que? Sebastian nasceu no Japão? — Como é que eu não sabia disso? Eu sabia que seus avós evitavam seus pais e eles tiveram que ir embora, mas eu não sabia que era para o Japão.

— Talvez você não seja tão rígida quanto pensa se ele nunca lhe disse que nasceu no Japão. Ele viveu em Tóquio por seis anos até que seus pais morreram.

— Por que você sabe de tudo isso?

— Eu gosto do poder que isso me dá. Mas isso não é tudo.

— O que isto quer dizer?

— Você pode querer prestar mais atenção na próxima vez que estiver no escritório de seu pai.

Passei o dia inteiro obcecada com as palavras de Akira. As origens de Sebastian. A nota com os óleos essenciais. Meu marido era um idiota e se recusou a divulgar mais, nenhuma surpresa nisso.

Enquanto me sento atrás da minha mesa na empresa da mamãe, penso em ligar para Sebastian e perguntar, mas o jeito que saí esta manhã me impede. Eu praticamente escapei como um ladrão. Além disso, ele provavelmente ainda está grogue de frio. A febre havia baixado quando eu verifiquei antes de sair, mas ele ainda pode estar doente.

Balançando a cabeça, tento me concentrar nos documentos à minha frente, mas acabo desenhando em vez disso. O dia todo é passado em um trabalho improdutivo e até mesmo Amanda balança a cabeça para mim

devido ao quão fora de foco eu estou. Eu termino por volta das sete da noite. Eu realmente não estou com vontade de enfrentar Akira de novo, mas posso importuná-lo, tornar sua vida um inferno e até mesmo bloqueá-lo até que ele me dê as respostas de que preciso.

Estou dirigindo em uma estrada isolada quando noto um carro seguindo atrás de mim. Seus faróis são ofuscantes, então não consigo distinguir o modelo ou a cor. Revirando os olhos, pisei no freio, parando meu carro. Eu realmente não estou com humor para os guardas de meu pai e Akira esta noite.

Eu disse a eles para não me seguirem como se eu fosse uma pequena princesa protegida. Depois de fechar a porta do meu carro com mais força do que o necessário, eu marchei para o outro carro, que sem surpresa parou bem atrás do meu.

Eu bato na janela escurecida do Audi. — Abra.

Sem resposta.

— Ren, é você? Juro por Deus, vou começar a ficar muito desagradável muito rápido se você não parar de brincar.

A porta se abre e eu me assusto, meu salto fica preso no asfalto quando encontro aqueles olhos tropicais. Ele está vestido com um capuz preto e calça de moletom, e a falta de luz do início da noite projeta uma sombra em seu rosto.

— Sebastian? O que você está fazendo aqui?

— Seguindo você, obviamente. — Eu não gosto da frieza em sua voz, embora eu saiba de onde está vindo.

— Você não deveria estar descansando?

— Pode ser. Mas você também deveria ficar esta manhã. — Ele estende a mão e me agarra pelo pulso, então me puxa. Eu grito quando caio em seu colo.

— Sebastian! O que você está fazendo?

Seus olhos se enfurecem enquanto ele sussurra em palavras sombrias e ameaçadoras. — Eu pedi gentilmente para você ficar, mas você não quer coisas boas, Naomi Você quer que eu te sequestre, porra.

Capítulo Trinta e Quatro

Sebastian

Você pode estar transando com ela, mas eu sou aquele para quem ela volta todas as noites.

Mori A.

Esse é o cartão que recebi com o pacote de óleos essenciais que apareceu no meu apartamento esta manhã. Logo depois que Naomi foi embora. Eu não pensei que ela ficaria assim, mas eu esperava que ela pelo menos falasse comigo sobre isso, não desaparecesse como ela fez sete anos atrás.

Ela não vai desaparecer agora. Eu volto minha atenção para ela enquanto ela agarra o cinto de segurança com as duas mãos, enquanto observa a estrada. Quando eu a segui de sua empresa, eu pretendia ir até a casa dela e beijá-la na frente do filho da puta antes de sequestrá-la. Houve uma pequena mudança nos planos, mas minha intenção ainda permanece. Além de sua luta inicial, ela esteve quieta durante todo o caminho até aqui, apenas observando a estrada com seus olhos escuros e assustadores.

— Nós... acabamos de passar a placa para Blackwood?

Eu permaneço em silêncio, batendo meu dedo indicador no volante.

— Sebastian! Por que estamos de volta a Blackwood?

— Foi aqui que tudo começou. Parece um lugar de crime perfeito, você não acha?

Ela se afasta do banco, sua garganta delicada balançando em um engolir e suas bochechas empalidecendo. O medo irradia dela em ondas. Bom. Ela precisa estar assustada pra caralho.

— O que você vai fazer, Sebastian?

— Você já viu um sequestrador compartilhar seu plano com sua vítima?

— É sobre como eu saí esta manhã? Eu... não podia simplesmente ficar.

— Sim, você poderia, e não me refiro apenas a hoje. Também quero dizer sete malditos anos atrás.

— Você está apenas me julgando da sua perspectiva, mesmo sem saber a minha.

— Porque você se recusa a compartilhar isso. Mas eu cansei de persuadir você a isso.

Eu desvio o carro para uma estrada de terra e ela grita, cravando as unhas pintadas de preto no cinto de segurança. Então ela congela ao ver o que está ao nosso redor.

— Sebastian... não... aqui não...

— Sim. Aqui porra.

Eu paro o carro, apago os faróis e saio dele, em seguida, viro para o lado dela. Ela tenta se afastar, mas eu a agarro pelo cotovelo, abro o cinto de segurança e a arrasto para fora. A cena é como um déjà vu.

— Lembra da floresta de Blackwood, Naomi? Afinal, a máfia o usa para enterrar cadáveres. Reina foi encontrada agredida e à beira da morte aqui mesmo. Isso não traz memórias?

— Não, não! — Ela bate no meu peito com o punho fechado enquanto se mexe e tenta me empurrar para longe dela.

— Salve a luta para quando eu estiver prendendo você contra a porra do chão.

— Por que você nos trouxe de volta para a floresta? É onde você foi baleado e eles nos levaram.

— Também é onde eu te persegui da primeira vez, e estou com vontade de repetir.

— Você está louco se acha que vou fugir agora.

— Você está falando como se tivesse escolha. Corra ou deixo você aqui.

— Você... não faria.

— Me teste.

— Não temos mais vinte e um, Sebastian!

— O que? Você perdeu sua resistência?

— Estou de salto.

— Tudo do melhor. Eu posso te pegar mais rápido. — Eu a solto e ela dá um passo para trás, mas seu olhar selvagem permanece em mim, seu cabelo em desordem, emoldurando seu rosto suave e pálido.

— E depois? E se você não me pegar?

— Oh, eu vou te pegar. Se eu faço isso mais cedo ou mais tarde é com você.

— Eu te odeio às vezes.

Pelo menos não é o tempo todo. — Que faz de nós dois. Agora, corra.

Ela se assusta, mas como na porra do passado, ela se vira e corre. Seus movimentos não são tão rápidos quanto naquela época, provavelmente por causa dos sapatos. Eu corro atrás dela, meus músculos se contraem com a necessidade de caçar. Para perseguir e conquistar, porra. E eventualmente machucar. Eu não fantasio sobre infligir violência a todos. Somente ela. Minha Naomi.

Um de seus sapatos cai de seu pé e ela para por uma fração de segundo antes de chutar o outro para longe. Seu ritmo aumenta quando descalça, e ela começa a disparar entre as árvores, fazendo uma linha em ziguezague na tentativa de me perder. Funciona por um mero momento antes de eu estar em seu encaixe novamente, alimentando-me dos feromônios de presa que ela está emanando.

Minha besta abre seu caminho para a superfície, ampliando e expandindo a cada passo que me traz para mais perto dela. Eu inalo o cheiro dela, lírios e medo emocionado, e eu sei que estou a um fôlego de agarrar seu corpo pequeno e jogá-lo no chão, em seguida, fodê-la completamente. Não importa que eu estava doente ontem à noite. Esta noite, me sinto mais forte do que a porra do demônio. Naomi arrisca um

olhar por cima do ombro e grita, o som ecoando no silêncio escuro antes que seus movimentos frenéticos saiam de controle.

Ela está agindo em modo de pura sobrevivência agora, forçando seus músculos ao limite e provavelmente consumindo oxigênio para uma semana. Minha própria onda de energia entra em ação e os músculos das minhas pernas se movem com fluidez e propósito. Quanto mais ela se lança entre as árvores, mais determinada minha besta se torna. Quanto mais claro seu cheiro se torna, mais rápido eu a persigo.

Ela faz uma pausa quando chegamos a uma clareira. A rocha que costumávamos falar e foder ainda está lá, uma testemunha natural de nossa escuridão fodida. Um objeto imóvel que ficou lá mesmo quando nós não ficamos. E agora, estamos de volta à estaca zero.

Eu uso sua hesitação e a agarro com meu braço em volta de sua cintura, levantando-a. Ela grita, sua voz gutural reverberando no ar enquanto seu corpo minúsculo se agarra, se contorce e chuta em meu aperto. Seus gemidos são puros e primitivos, assim como minha respiração áspera. Eu envolvo meu outro braço em torno dela e a carrego para a rocha enquanto ela luta para se livrar do meu aperto, mesmo que todo o seu corpo pareça pegar fogo.

Que se foda a luta dessa mulher. Ninguém além dela iria me chutar e me arranhar, mesmo quando seus olhos estão brilhando de desejo por mim. Essa é parte da razão pela qual eu nunca poderia me afastar dela, nem mesmo se quisesse. Eu empurro seu corpo contra a rocha para que ela se incline com seus seios na borda plana. Naomi grita e corre para a frente,

tentando escapar. Dou um tapa na bunda dela três vezes consecutivas. Seu grito é música para meus ouvidos enquanto enche a floresta, seus espíritos são a única testemunha de nossa depravação. Nossa porra de realidade.

A surra não mata sua luta, embora a diminua, ela ainda tenta golpear minha mão.

Eu agarro seus dois pulsos e os prendo nas costas, em seguida, puxo sua cabeça para trás por um punhado de seu cabelo. — Fique quieta, porra.

— Não... nãoooo, me deixe ir!

— Grite o quanto quiser. Ninguém vai te ouvir aqui. Somos apenas você e eu, minha vagabunda suja. Você realmente achou que eu não iria te pegar? Você pode correr por uma merda de uma década e eu ainda vou te agarrar pela garganta.

— Eu não corri...

Suas palavras provocaram um incêndio na base da minha espinha. — Pare de dizer merdas como essa quando você fez, porra.

— Não... seu idiota. Eu não fiz! — Lágrimas brilham em suas pálpebras, e não tenho ideia se são lágrimas de crocodilo ou de dor.

Eu libero seus pulsos e cabelos, e Naomi cai para trás contra a rocha com um suspiro. Mas eu não a deixo ficar confortável. Eu quero estar por toda parte e perto dela e fodendo dentro dela a cada maldito segundo e nunca deixar ela ir embora. Alcançando sua frente, eu abro o zíper de sua calça, em seguida, abaixo junto com sua calcinha.

Minha mão desce em sua bunda ao mesmo tempo que empurro três dedos dentro dela. Ela está encharcada com a perseguição, mas seu grito perfura o ar. Suas unhas arranham a superfície da rocha, provavelmente para encontrar um alívio para mim, mas não há nenhum. Não há como salvar o cordeiro do lobo. Eu a fodo com meus dedos e estimulo seu clitóris com força suficiente para fazê-la estremecer e gemer. Ainda enfiando meus dedos dentro e fora de sua boceta molhada, eu retiro o frasco de óleo essencial do meu bolso. Está queimando desde que eu coloquei lá, depois que planejei seu uso perfeito. Eu removo minha mão de sua boceta e ela geme, um som decepcionado que é como uma obra-prima musical para meus ouvidos.

— Fique na porra do lugar, — eu ordeno, em seguida, despejo o óleo em ambas as mãos. Suas notas fortes de cedro, alecrim e pinho encham o ar quando jogo a garrafa de vidro no chão. Minha palma ensaboia sua boceta e ela geme, mesmo que ainda haja uma luta em seus músculos tensos. — Seu marido achou que era uma ideia genial me enviar óleos e me lembrar que ele é aquele para quem você volta todas as noites. Então, vou preencher seus buracos com seus óleos preciosos, então, quando ele os cheirar e vir minha porra na sua boceta, ele saberá a quem você realmente pertence.

Ela se contorce na rocha, não por causa da luta, mas por uma necessidade de atrito.

— Uma prostituta tão gananciosa, minha Naomi. Você precisa dessa boceta cheia?

— Mmm...

– Que tal seu outro buraco?

Eu separo as bochechas de sua bunda e coloco um dedo lubrificado dentro. Ela fica rígida, sua espinha se erguendo antes de relaxar ao meu redor.

– Ele vai cheirar a mim e seus óleos de merda em sua bunda também. Ele vai me ver em todos os lugares em você.

Sua respiração se quebra e eu sei que ela está perto do orgasmo, mas eu não dou a ela esse prazer e puxo meus dedos.

– Sebastian... – ela implora, sua voz excitada um fodido afrodisíaco para o meu pau faminto.

Eu abaixo minha calça de moletom e lambuzo meu comprimento com a porra dos óleos.

– Implore para meu pau encher sua boceta, Naomi.

– Por favor... – ela murmura, a palavra quase inaudível.

– Mais.

– Por favor, me preencha.

– Eu não ouvi isso.

– Por favor, me encha com seu pau. Por favor, eu quero. Eu preciso disso. Por favor...

Seus gemidos sussurrados, o quebrantamento deles, me domina. Eu dirijo dentro dela com um gemido profundo, em seguida, vejo onde

estamos unidos enquanto adiciono outro dedo em sua bunda. — Sua boceta é feita para mim pra caralho, baby. Não é?

— Sim! Sim!

— Agora me diga para te foder do jeito que nós dois queremos.

— Mais forte... mais rápido... mais duro... me faça tomar todo o seu pau... me puna... me possua... me dê tudo o que você tem a oferecer, mesmo que eu não aguento...

— Porraaaaa! — Eu quase gozo naquele momento, mas eu seguro e dirijo para ela com o ritmo que nos fez Sebastian e Naomi.

Somos distorcidos. Estamos fodidos. Mas nós somos nós.

— Mais... por favor... me leve, Sebastian. Por favor. Não se contenha. Me faça tão imunda e tão suja quanto você quiser...

Eu saio quase imediatamente, em seguida, bato de volta, fazendo ela gritar. Segurando sua nuca com uma mão, eu movo a outra em sua bunda, cobrindo-a com óleo e empurrando profundamente. Eu acompanho o ritmo frenético do meu pau até que uma sensação depravada de prazer é tudo que posso sentir.

Ela aperta em torno de mim, tremendo com um orgasmo, e eu deslizo para fora de sua boceta. Suas coxas estão tremendo e suas pernas mal a carregam. Eu separo suas nádegas e empurro meu pau duro como pedra para dentro, gemendo com o quão apertada ela é. Naomi grita, mesmo enquanto mexe sua bunda, levando mais do meu comprimento grosso dentro dela. Eu torço seu clitóris, em seguida, coloco três dedos em sua

boceta enquanto a fodo na bunda. Eu faço isso de forma selvagem, rude, fora da porra do controle.

Ela está soluçando agora, implorando para eu parar, mas então ela murmura. — Mais, por favor, mais...

E eu dou a ela. Eu dou a ela tudo em mim, e não é apenas sobre sexo. Dou a ela as partes fraturadas de mim que não fui capaz de consertar desde que ela me deu as costas naquela porra de cela. Eu dou a ela o meu lado que eu nem gosto.

— Sebastian... oh, por favor, por favor... não.

— Por favor não? Você quer que eu te deixe alta e seca, baby?

— Não...

— Então diga as palavras certas.

— Sim... por favor... sim... sim!

Meu ritmo aumenta até que ela está implorando e soluçando e apertando ao meu redor. Eu a agarro pelo cabelo, então pela garganta enquanto rolo meus quadris e penetro nela. Minha língua encontra sua bochecha e eu lambo suas lágrimas antes de deslizar para festejar em seus lábios trêmulos. Ela me beija, sua língua encontrando a minha e todo seu corpo derretendo contra mim. Eu gozo então. Meu esperma disparando profundamente em suas costas enquanto ela estremece e libera os sons mais eróticos que eu já ouvi.

— Pensando bem, você nunca vai voltar para ele, — eu rosno contra seu ouvido, ofegando duramente. — Ninguém além de mim vai te foder de novo.

— Ninguém faz. — Ela ofega, seus olhos escuros e lacrimejantes encontrando os meus. — Ninguém me fodeu desde você.

Capítulo Trinta e Cinco

Naomi

É estranho como as palavras me deixam facilmente. Nunca pensei que voltaríamos aqui, na floresta de Blackwood, na rocha que chamávamos de nossa. Mas aqui estamos. E essa é parte da razão pela qual eu falei.

Talvez todo o sexo depravado tenha subido à minha cabeça. Talvez a perseguição tenha afrouxado minha língua. Mas assim que digo isso, é como se tivesse quebrado um feitiço. O ar frio forma arrepios na minha pele e provoca um arrepio na minha espinha. O peito de Sebastian deixa minhas costas, seus lábios não atormentam mais meus ouvidos ou sussurram palavras sujas.

Ele sai de mim e eu gemo baixinho com a perda dele. Eu sobrevivi sem ele por sete anos, mas agora que ele voltou a me tocar e ser um comigo, é uma tortura ficar longe dele mesmo que por um minuto. No momento em que ele me solta, eu me forço a ficar em pé, estremecendo devido aos solavancos que a pedra deixou no meu peito e ombros. Provavelmente já está machucando. Minhas mãos tremem enquanto puxo minha calcinha e calças para cima. Eu sempre fui uma bagunça quando Sebastian lançou sua besta sobre mim. Ele conhece todos os lugares certos para tocar e as

melhores maneiras de me deixar louca. Posso sentir sua atenção nas minhas costas, pairando sobre mim como uma espécie de ameaça.

— O que você acabou de dizer? — O tom de sua voz é baixo, mas é áspero e profundo.

Eu cuidadosamente me viro para encará-lo. Ele está todo enfiado em sua calça de moletom, com os ombros tensos. A falta de luz transforma seu rosto em uma sombra impenetrável. — Eu nunca fiz sexo com Akira ou qualquer outra pessoa.

Se eu esperava alívio, alegria ou qualquer tipo de reação, não há nada disso. Apenas seus olhos estreitos me cumprimentam. — Você nunca teve relações sexuais com seu marido por sete anos?

— Não.

— Por que?

— Akira me mataria se soubesse que eu te disse isso, mas cansei de me esconder. Eu... só quero que tudo saia.

— Quer o quê?

— Ele é assexuado ou era assexuado. Acho que ele está no espectro para isso. Enfim, ele é gay. Ele nunca olhou na direção de uma mulher.

Sebastian fica em silêncio por um momento enquanto a revelação afunda. Suas sobrancelhas ainda estão unidas e as linhas nítidas de seu rosto se contraem sob o luar. Eu quero estender a mão e tocá-lo, beijá-lo e buscar seu calor, mas definitivamente não é o momento para isso. Então eu

me inclino contra a rocha, apenas para que algo toque, e estremeço quando minha bunda toca a superfície. Bem maldita. Estamos de volta ao estágio em que preciso de cuidados diários após sua foda implacável.

Eu toco minha testa, afastando meu cabelo do rosto. — Você não vai dizer nada?

— O que você quer que eu diga, Naomi? Você quer que eu seja feliz por ele nunca ter olhado na sua direção quando você olhou na dele?

— Pare de ficar na defensiva, maldito! E nunca pensei nele dessa forma. Akira e eu tínhamos um acordo desde o início. Eu sou sua imagem para sua família tradicional e ele é minha imagem para minha própria família. Não deveríamos nos envolver na vida sexual um do outro também. Estamos em um casamento aberto.

— O casamento aberto ainda é uma porra de casamento. Você ainda volta para a casa dele e faz as refeições com ele. Você ainda aparece em público na porra do braço dele, tem o sobrenome dele e usa o maldito anel dele. Portanto, não espere que eu me alegre com a notícia, Naomi. Não espere que eu seja um cavalheiro e diga 'você fez a coisa certa,' porque você não fez, porra. Deveria ter sido meu nome anexado ao seu. Meu anel em seu dedo. Meu maldito braço em volta do seu. Você foi minha Naomi primeiro. Minha maldita mulher. Mas você foi em frente e estragou tudo.

Sinto o gosto de sal e é então que percebo que uma lágrima escapou das minhas pálpebras. A força em suas emoções me deixa sem fôlego, sentindo-me sufocada e sem saída. Nunca vi Sebastian tão deprimido, tão magoado. Eu nunca o vi tão zangado. Mas sua raiva envolve uma corda em

torno da minha e a arrasta para fora. Porque ele não tem o direito de estar. Não depois de tudo que passei.

— Por quem você acha que fiz isso? — Eu coloco um dedo em seu peito.
— Você acha que eu gosto de estar no braço de Akira ou que estou feliz em usar seu anel e ter seu maldito nome? Eu não! Mas eu tive que fazer por você.

— Eu? Oh, isso explica tudo. Obrigado.

— Cale a boca, seu idiota de merda. Pela primeira vez, cale a boca e ouça. Você sabe o pai que encontrei? Ele é Abe Hitori, como o chefe da Yakuza em Nova York. Foi por ordem dele que você foi baleado naquele dia na floresta e mantido na cela. Ele fez isso para me quebrar e me tornar sua filha obediente. E funcionou. Funcionou pra caralho. Se você não tivesse recebido atendimento médico, teria morrido, Sebastian. Você teria desaparecido como se nunca tivesse existido. Eles teriam enterrado você em algum buraco maldito e ninguém teria encontrado seu corpo. Então, sim, seu idiota, fiz isso para te salvar. Eu saí e casei com Akira para que você sobrevivesse.

Os olhos de Sebastian se arregalam e ele se aproxima, estendendo a mão em minha direção, mas eu o afasto.

— Não! Me deixe terminar. Você queria saber tudo o que aconteceu. Então aqui está, Sebastian. Aqui está a porra da verdade que tenho engolido como uma pílula amarga todos os dias. Quando Ren e Kai, os homens do meu pai, me deram a escolha de seguir suas ordens ou testemunhar você morrer, não pensei duas vezes sobre isso. Eu estava

pronta para vender meu corpo e minha fodida alma se isso significasse vê-lo são e salvo. Isso é o quanto você significava para mim. Isso é o quanto eu me importava com você. Mas isso não é tudo. Meu pai teria vendido minha irmã mais nova, Mio, que tinha apenas quatorze anos na época, sem pestanejar. Mas Akira queria se casar comigo e meu pai precisava do poder da família Mori, então é aí que eu entrei. A única razão pela qual meu pai olhou em minha direção foi porque eu seria capaz de garantir uma aliança para ele.

— Por que você não me contou? — Ele parece um pouco quebrado, um pouco emocional. — Por que você achou que era uma ideia melhor pra caralho me deixar, nos quebrar, destruir o que tínhamos.

— Eu disse que era para te proteger! Para nos proteger, mesmo que não existíssemos mais. Eu estava tão perdida e assustada que nada do que fizesse parecia o suficiente ou certo. Nada do que eu fiz poderia me trazer de volta para você.

— Nao...

— Não me venha com Nao. — Eu me afasto dele, deixando as lágrimas caírem. — Eu chorei como um bebê quando pensei que eles iriam te deixar para morrer naquela maldita cela. Eu chorei com a mesma força depois que terminei com você no telefone e terminei o que tínhamos com a porra da palavra segura. Na noite em que me casei com outra pessoa, perdi uma parte da minha alma. Desde então, tenho vivido apenas, mas nunca me senti viva. Sobrevivi lendo artigos sobre você e pensando que você estava bem e respirando. E sabe de uma coisa? Eu não me arrependo do que fiz.

Não me arrependo de ter salvado você da ira de meu pai e continuado a fazê-lo até agora, porque se ele descobrir que estou colocando em risco sua preciosa aliança com Akira, ele não hesitará em matá-lo desta vez.

Sua mão toca meu ombro e eu o afasto. Eu sou uma bagunça chorando e minha respiração está errada. Lágrimas embaçam minha visão até que tudo que vejo são sombras. Sebastian não para de tentar me alcançar, mesmo que eu me solte o tempo todo.

— Venha aqui. — Ele envolve um braço em volta das minhas costas e eu bato os dois punhos contra seu peito.

No entanto, minha luta dura pouco, pois ele me envolve em um forte abraço. Minhas unhas cravam no material de seu moletom e eu quebro. No meio da floresta. Na escuridão. Eu soltei toda a dor. Pedacos pontiagudos se estilhaçam em meu coração e tudo transborda para a superfície. Mágoa e lágrimas mancham meu rosto e as roupas de Sebastian, mas ele me segura perto, sua mão desenhando círculos suaves nas minhas costas enquanto ele me aperta.

— E minha mãe morreu nessa época... — Eu engasgo com as palavras. — Isso me quebrou ainda mais porque fui apanhada pela realidade de que eu estava sozinha... você não estava lá... Mamãe não estava... Akira é frio e nunca tenta ser um amigo... meu pai fica me ameaçando com a vida de Mio... ela é tão jovem e protegida, e me sinto responsável por ela, sabe. Eu não quero que ela acabe como eu. Eu não quero que ela seja o peão do meu pai e se case com um homem que ela não ama e depois sofra por causa disso todos os dias... com cada maldita respiração... porque é assim que se

sentia sem você, Sebastian. Respirar era uma tarefa árdua. Acordar todos os dias, colocar um sorriso no rosto e fingir que estou bem foi uma luta danada. Estou cansada... estou tão cansada.

— Eu também estava cansado, Naomi. Eu estava magoado e amargo e um idiota geral para todos porque a garota que eu pensei que era minha me deixou com uma porra de mensagem. Você me abriu naquele dia e eu nunca mais consegui me costurar novamente. Você pelo menos sabia por que foi embora, eu não. Todo esse tempo, pensei que você me culpava, pensei que era um perdedor filho da puta por não ser capaz de protegê-la naquela época.

— Não Sebastian, não... não pense assim.

— Mas eu fiz, Naomi. Por sete malditos anos, isso é tudo que eu conseguia pensar. E então, você valsa de volta no braço de outro homem.

— Eu acabei de te dizer...

— Eu sei. Mas isso não significa que não quebrou os pedaços que tento arrancar do chão há anos. A faca enferrujada que você deixou dentro de mim me cortou mais fundo e mais forte a ponto de eu achar que não iria sobreviver desta vez.

— Me desculpe... machucar é a última coisa que eu queria...

— Eu também sinto muito, baby. — Sua voz é baixa, dolorida. — Eu sinto muito que você teve que passar por isso sozinha. Eu gostaria de ter estado lá.

Suas palavras me fazem chorar ainda mais e eu me aconchego em seu abraço, fungando e chorando feio. Porque talvez essas sejam as palavras que eu queria ouvir de Sebastian. Que ele desejava estar lá. Que ele realmente queria estar lá para mim e me ajudar a carregar o fardo. Não sei quanto tempo fico assim, mas Sebastian me segura o tempo todo, acariciando meu cabelo, minhas costas e sendo a rocha que eu precisava o tempo todo.

— A única vez que consegui respirar foi quando voltei, quando vi você naquela festa pela primeira vez, embora você me odiasse.

— Oh, baby, eu nunca te odiei. Eu odiei o que você fez. Eu odiei que você terminou comigo por meio de uma mensagem de texto e um telefonema. Eu odiava a pessoa que me tornei sem você, ranzinza, fria e vazia. Odiava muitas coisas, incluindo a porra do seu marido, que fantasiei em matar mil vezes, mas nunca consegui odiar você. Nem por um segundo. Nem por uma única porra de fôlego.

Oh Deus. É como se eu estivesse levitando para fora do meu próprio corpo e, finalmente, vivendo naquela realidade alternativa que sempre desejei.

— Sebastian... — Eu fico olhando para ele, seu nome preso entre admiração e dor.

— O que é?

— Eu não posso mais fazer isso. Não posso fingir que meu coração e minha alma não estão com você.

— Você não terá que fazer isso, baby. Eu prometo.

Eu não sei quanto tempo eu choro. Mas é longo o suficiente para que meus olhos fiquem inchados e minha respiração comece a falhar. Isso continua pelo que parecem horas, mas Sebastian não me solta nem por um segundo. Quando estou exausta, ele nos tira da floresta, mas algo me diz que não será nossa última vez aqui. Este lugar foi o nosso começo e tem algumas das minhas melhores memórias, e não há nada que vá apagar isso.

Eu digo a ele para ir para minha casa. Ou melhor, da mamãe.

Entramos e eu desativo o alarme. O lugar ainda é o mesmo de sete anos atrás. Nada mudou, nem mesmo o código do alarme. Tenho uma empregada limpando tudo mensalmente, mas esta é a primeira vez que ponho os pés aqui desde que deixei Blackwood.

Eu fico no meio da sala e me abraço enquanto as memórias da mamãe me atingem do nada. Posso imaginá-la diante de um manequim sendo uma perfeccionista. O cheiro do cigarro dela está na ponta do meu nariz, embora o lugar esteja imaculadamente limpo. Imagens de nós duas comendo e assistindo TV juntas me assaltam, e novas lágrimas brotam dos meus olhos. Eu estou uma bagunça emocional hoje. Braços fortes me envolvem por trás e eu solto uma respiração entrecortada.

— Eu não sabia que você manteve, — ele sussurra.

— Pensei em vendê-la, mas simplesmente não consegui. Esta é a última coisa que tenho da mamãe. A casa de moda não conta, isso é apenas trabalho. Este lugar está... cheio de memórias dela e... de nós.

— E seu programa de crime verdadeiro, — ele brinca.

Eu rio apesar das lágrimas. — E aqueles também. Embora eu não tenha assistido a um por sete anos.

Ele me vira para encará-lo. — Por que não?

— Eles trouxeram as memórias de volta e me transformaram em uma confusão emocional.

— Vamos pegar um banho para você e depois assistiremos um.

— Nós vamos assistir?

— As merdas das coisas cresceram em mim.

— Eu disse a você que eles iriam.

— Eu só gosto deles porque eles me lembram você.

Minhas bochechas queimam e eu olho para longe. — Todas as mulheres caem nisso?

— A maioria delas faz, Tsundere.

Eu mordo meu lábio para reinar no poço ardente de ciúme que escava no fundo do meu estômago. Sei que não deveria estar me sentindo assim

quando sou casada e não pensei que ele seria celibatário por sete anos, quando fui eu que parti seu coração. Mas eu não posso evitar.

— É... Aspen uma delas?

— Poderia ser.

— Ela é linda.

— Ela é.

— Reina a chamou de bruxa ruiva.

— Reina ainda é uma vadia às vezes. Aspen é uma linda mulher.

— Então volte para sua *bela* Aspen.

— Eu a verei na empresa assim que minha licença médica terminar.

— Bem, boa sorte.

— Obrigado.

— Você não deveria concordar com isso.

— Mas foi você quem disse que ela é bonita e me desejou boa sorte.

— É apenas figura de linguagem, idiota.

— Você é a definição de Tsundere.

— Cale-se. — Eu me afasto dele e coloco a mão no meu quadril. — Você tem que fazer algo sobre ela. Eu não quero compartilhar você.

— Você vai fazer algo sobre o seu marido?

Eu mordo meu lábio inferior.

— Você não pode me pedir para ser exclusivo com você enquanto está no braço de outro homem, Naomi. Não é assim que funciona.

— Eu sei.

— O que você sabe? Você sabe como fico furioso quando vejo você com ele? Você estava sorrindo para o filho da puta em todas as fotos online.

— Foi uma atuação.

— Uma que você puxou tão bem.

— Você quer que eu chore então?

— Eu quero que você o deixe de uma vez por todas. Isso não é uma negociação de merda.

— Eu também quero deixá-lo e estou planejando algo. Akira precisa ser aquele que se divorciar de mim, embora ainda seja aliado do pai. Se eu iniciar, meu pai virá atrás de você.

— Eu não dou a mínima para isso.

— Não, Sebastian. Não! Eu não sacrifiquei sete malditos anos apenas para quebrar e queimar agora.

Ele me agarra pelo braço e me puxa para perto, seus olhos escurecendo como uma tempestade letal. — Eu não vou ver você na porra do braço dele de novo, Naomi. Você me ouve? Eu não me importo se ele é gay. Ele ainda coloca a porra das mãos em você. Ele ainda te toca. Vou sequestrar você e fazer com que nós dois morramos em vez de ver aquela cena novamente.

Você é minha pra caralho e isso significa que você pertence a mim, não a algum outro idiota.

— Então livre-se de Aspen também. A próxima vez que a vir em seu braço, vou chutar suas bolas.

— Você vai, hein?

— Sim! E você sabe o que mais vou fazer? Eu não vou deixar você me perseguir.

— Agora, isso é pura tortura.

— Tortura é ver você com outra mulher e não poder fazer nada a respeito.

— Não há nenhuma outra mulher, baby.

— Huh?

— Aspen e eu temos uma relação estritamente profissional.

— Então... por que ela está sempre no seu braço?

— Porque eu queria machucar você tanto quanto você me machucou.

— Isso é simplesmente... cruel.

— Você também foi cruel.

Eu solto um suspiro involuntário que vem depois de muito choro. — Não somos tão tóxicos?

— Nós somos?

— Sim, nós continuamos machucando um ao outro.

— Não mais.

— Mas dói, Sebastian. Pensar em você com Aspen e outras mulheres dói.

— Não houve nenhuma outra mulher.

— O-O quê?

— Eu nunca estive em um relacionamento desde você.

— Oh.

— Nem mesmo para sexo. Eu queria naquele primeiro ano, só para poder apagar você, mas não consegui com ninguém. Exceto pela memória de você enquanto eu estava no banho. Obrigado pelo bloqueio de pau mais longo do mundo.

— Espere... você nunca fez sexo com ninguém?

— Não desde a festa de Owen. Meu pau te culpa por sua relação tensa com minha mão, aliás.

Eu sorrio, meu coração parecendo mais leve do que nunca.

— Do que você está sorrindo, Tsundere? O problema do meu pau é real. É por isso que quase quebrei você na primeira vez depois que você voltou.

Eu envolvo meus braços em volta do seu pescoço. — Estou apenas feliz.

— Uau. Você está feliz pela miséria do meu pau? Agora ele vai realmente odiar você.

Eu ri. — Não, estou feliz porque você nunca se esqueceu de mim. Faz tudo valer a pena.

— Quem vai compensar meu desejo sexual abatido?

Eu lambo meus lábios. — Vou me desculpar com meus lábios. Eles são amigos do seu pau.

— Isso seria um bom começo. Mas foder com ódio ainda está no menu.

— Não está sempre no menu?

— Vamos aumentar um pouco desta vez.

Eu pulo em seu corpo e Sebastian cambaleia para trás enquanto minhas pernas e braços o envolvem.

Ele me segura firmemente com um braço e sorri. — Isso é um convite, baby?

— Para você? Estou sempre pedindo por isso.

Eu grito enquanto pulo de cima dele e ele come a distância entre nós em uma fração de segundo. Eu me viro e subo as escadas, então começo a rir enquanto nos despimos e caímos no chuveiro. Felicidade. É assim que a felicidade se sente e eu gostaria de poder ficar nela para sempre. Mesmo sabendo que não vai durar.

Capítulo Trinta e Seis

Akira

Querida Yuki-Onna,

Eu toquei em você.

No meu sonho, quero dizer. Vamos parar um momento para agradecer ao Senhor e a todos os seus anjos pelos quais eu nunca pensei que seria grato.

Pela primeira vez desde sempre, você não desapareceu no ar logo depois de me chupar e me deixar afundar meus dedos em seu cabelo escuro. Eu quero ser um idiota e dizer que se assemelha a Sadako do Anel, mas vou controlar as tendências idiotas hoje.

Porque seu cabelo? Sim, definitivamente parecia seda macia e todas as merdas bonitas em que eu não pensei que acreditava. Aparentemente, sou tão sentimental e acredito totalmente em coisas bonitas. Ou talvez eu só acredite neles quando se trata de você. Devolva meu eu rabugento, Naomi.

De qualquer forma, você lentamente deslizou pelo meu corpo quente e incomodado como um gatinho e eu juro porra, quase posso ouvir você ronronar. Oh, e eu mencionei que você estava nua? Prazer em conhecê-lo, corpo de Naomi, definitivamente seremos amigos daqui para frente.

Você deveria ter me dito que tinha peitos que podiam transformar um santo em um pecador e uma freira em uma prostituta porque, puta merda, eu queria totalmente enfiar minha cara neles e nunca sair para respirar. Mas eu resolvi apenas tocá-los e provocá-la até que você gemesse. E, sim, eu tomei cuidado, não porque eu não queria nos dar o que nós dois queríamos, mas porque eu estava com medo do momento em que você desaparecesse e eu teria que acordar sozinho sem seus seios, quero dizer, você.

Mas você não foi.

Você até me envergonhou, me deixando duro em um instante de novo, e porra, eu nunca gostei de algo que deveria estar tão envergonhado. E eu tive que arrastar você para a minha cama e arrancar o olhar sedutor de seus olhos e enfrentar o desafio com o qual você estava me provocando.

Então eu agarrei você pelo braço e virei você de bruços e depois fodi você. Eu me deleitei com sua boceta como se eu fosse um homem morrendo e você fosse minha última refeição do caralho. E seu gosto? Sim, é algo que contarei histórias ao meu Ceifeiro.

Mas o que mais adorei foram os sons eróticos que você fez. A maneira como você gemeu. — Por favor, mais... por favor, me foda, me faça gozar... eu sou toda sua. Essa boceta é sua...

E porra, esses sons quase me fizeram ejacular sem atrito. Mas eu não fiz, porque eu tinha uma missão; uma que incluiu extrair todos os sons de você. Então, quando eu senti você apertar em torno da minha língua, eu

liberei sua boceta, separei suas nádegas e mudei para o seu buraco traseiro, em seguida, enfiei meus dedos em sua boceta pingando.

Sim, estou imundo, mas não tanto quanto você, porque você gozou da minha língua momentos depois que eu comi sua bunda. Melhor oral que já dei. E eu não sou um doador.

Eu estava tão pronto para deixar meu pau ter sua vez com sua boceta encharcada, mas então você desapareceu. Porra de novo. E eu tive que acordar, pingando de suor e com minhas mãos estrangulando meu pau. Oh, e eu tinha gozado em todo o meu estômago.

Não é legal, Naomi.

Da próxima vez, o mínimo que você pode fazer é ficar até o fim.

De preferência, nunca me deixe acordar.

Seu amigo sujo, imundo,

Akira

Capítulo Trinta e Sete

Naomi

Passamos a noite na casa da mamãe. É tão diferente do passado, mas ainda parece o mesmo.

Ainda somos aqueles universitários que se aninham juntos na frente da TV enquanto Sebastian tentava me tocar de forma inadequada a qualquer momento. Ainda estamos tão confortáveis no silêncio como quando estamos conversando. Mas é diferente agora, mais cansado, quebrado. Nós dois estamos feridos, assombrados e ambos passamos muito tempo vazios. Ser preenchido de uma vez é emocionante e doloroso.

Mas nunca foi tão... gratificante. Depois de tomarmos um banho juntos, onde Sebastian me colocou contra a parede, nos deitamos para assistir a um verdadeiro programa policial. Mas nós realmente não prestamos atenção nisso, apenas nos encaramos e conversamos.

Sobre a dor. Sobre a saudade. Sobre tudo. Eu mantive tudo dentro e quando saiu, era sem censura e sem restrições. Foi como purgar. Sebastian me contou sobre como ele passou na ordem e cortou seu relacionamento com seus avós. Ele me contou sobre o papel que Nate desempenhou em sua nova vida e os amigos que ele tem na empresa. Ele me contou sobre como costumava trabalhar para escapar de suas emoções. De certa forma,

foi a mesma coisa para mim, então falei sobre isso e como era minha vida no Japão. Conto a ele sobre a nova família que encontrei e que Mio e às vezes Kai, é a única coisa de que gosto nela.

A noite passou e quase não dormimos. Entre a conversa, o carinho e o zumbido lento da TV ao fundo, estávamos apenas em nosso próprio mundo. E então a luz do dia entrou pela janela. Eu gemo, escondendo meu rosto no músculo peitoral nu de Sebastian.

— Eu quero que seja noite novamente.

Ele ri, o zumbido de seu peito criando uma vibração contra meus mamilos endurecidos. — Vai ser noite em algumas horas.

— Eu quero isso agora.

— Acostumada com a escuridão, baby?

— Eu fico mais confortável nisso, eu acho.

— É por isso que somos compatíveis.

Inalando seu cheiro de bergamota, eu corro meus dedos sobre as duas linhas tatuadas em seu peito e as rastreio até a cicatriz do ferimento a bala em seu ombro. O pensamento de que eu poderia tê-lo perdido ainda me enche de uma quantidade incomparável de medo. Provavelmente porque pode acontecer novamente.

— Odeio ter que voltar à vida real.

— Não precisamos, baby.

— Você é um advogado famoso e não quero que Nate me odeie porque estou tirando você da firma.

— Vejo que você ainda está impressionada com Nate.

— O que? Ele é legal.

— Não diga essa porra de palavra sobre outro homem.

— Ele é seu tio, idiota.

— Ainda um homem.

— Você é impossível. — Eu ri.

— Não mais que você.

— Eu?

— Você disse que não compartilha, lembra?

— Bem, eu não.

Ele aperta os braços em volta de mim. — Então eu também não estou compartilhando. Vou apenas sequestrar você até que você peça o divórcio.

— Me sequestrar em minha própria casa?

— Ainda mais pervertido.

Eu bati em seu ombro de brincadeira. — Pare com isso.

— Não até que você seja oficialmente minha.

— Isso vai levar algum tempo.

— É por isso que estou mantendo você. Não há como voltar para o Japão ou aquele filho da puta de novo.

— Ei. O Japão é lindo.

— Estou bem ciente disso.

— Porque... você nasceu lá?

— Como você sabe disso?

— Eu só sei. Por que você não me contou?

— Razões.

— Que tipo de razões?

— Se você ainda não descobriu, não vou soletrar para você, pelo menos não ainda.

— Isso é injusto.

Ele sorri e eu paro e olho enquanto meu peito palpita. Não importa quantos anos se passaram, ele ainda é o único homem capaz de torcer meu estômago e me fazer cair de pernas para o ar. Eu me conheci há dez anos e ainda tenho uma grande queda por ele. Acho que nunca vou parar.

Correndo meus dedos sobre as duras cristas de seu peito, eu digo. — Temos muito em comum. Sou japonesa, mas nascida nos Estados Unidos e você é americano, mas nascido no Japão.

— Fodido destino jogando um Tsundere em minha direção, hein?

Eu ri. — Cale a boca, idiota.

— Eu adoro quando você me mostra um amor forte.

Dou uma cotovelada nele e ele estremece. — Você já pensou em voltar para o Japão?

— Não. Isso me lembra da morte dos meus pais.

— Eu sinto muito.

— Eu irei com você, no entanto.

— Mesmo?

— Eu iria a qualquer lugar na porra do mundo com você, baby.

Eu posso dizer que estou corando sem me olhar no espelho. Tenho 28 anos, mas ele ainda me faz corar como a adolescente que fui na primeira vez que o vi.

— Você poderia? — Eu sussurro.

— Eu vou te perseguir dessa vez.

Eu me afasto dele. — E agora?

Seus olhos escurecem com aquela névoa que eu amo tanto nele. — Você quer que eu te persiga agora?

— Não sei. — Eu me aproximo da beirada do sofá.

— Talvez eu vá te foder mais forte desta vez.

— Oh sim?

— Eu vou te foder bem, foder bem até você gritar.

— Você irá?

— Vai doer.

— Mmm.

— Eu vou ser duro.

— Sim por favor.

— Vai ficar fora de controle, porra.

— Sim?

— Será tudo o que você precisa e muito mais.

— O que você está esperando? Me pegue, — eu sussurro com uma voz sensual e saio correndo.

O grunhido de Sebastian segue atrás de mim enquanto eu vou em direção às escadas, então paro e mudo de direção em direção à varanda dos fundos da cozinha. Se ele me pegar na escada, não tenho a menor chance. Ele está bem atrás de mim e posso senti-lo se aproximando de mim. Eu não paro quando abro a porta da varanda com dedos trêmulos e corro ao redor da mesa embutida na varanda. Felizmente, apenas as árvores e algumas casas distantes estão à vista, mas qualquer um dos vizinhos poderia vir e me ver nua.

Uma grande mão me agarra pelo cotovelo e eu grito, então tento dar uma cabeçada em seu queixo. Sebastian foge de mim e me empurra de costas na mesa. — Peguei você, baby.

— Não, não... me deixe ir!

Eu bato em seu peito nu, deixando marcas de arranhões, mas ele facilmente subjuga meus pulsos e os bate no topo da minha cabeça.

— Eu vou te foder tão completamente, você não será capaz de se mover, muito menos sair.

— Me deixa ir!

— Grite mais alto para os vizinhos ouvirem o quanto você é uma vadia gananciosa. Minha vagabunda.

Seu peito cobre o meu enquanto ele chuta minhas pernas e empurra dentro de mim. Ele faz isso sem nenhuma preparação, e é delicioso pra caralho. A queimadura me deixa sem palavras enquanto meu corpo o absorve por completo. Estou molhada da pequena perseguição e gemo alto quando ele bate em mim com uma força que me empurra sobre a mesa. Eu flexiono meus dedos acima da minha cabeça, mas eles mal se movem com seu aperto selvagem em meus pulsos. Ele é como a besta, me esmagando, me levando, me possuindo. Tornando todos os meus desejos realidade.

— Sebastian!

— Sim, baby. Chame meu nome.

— Sebastian!

— Me chame do jeito que você fez sete anos atrás.

— O que?

Ele rola os quadris, batendo mais fundo conforme a pressão aumenta dentro de mim em um ritmo enlouquecedor e então é o alívio e a pressão novamente.

— Você sabe. Diga!

— Baby?

Ele engrossa dentro de mim e seu ritmo fica fora de controle. — Diga isso de novo.

— Me foda, baby. Me leve.

— Como devo levá-la?

— Duro, forte... dê para mim, por favor...

— Quem é o único que consegue foder sua boceta apertada?

— Você...

— Quem é o único com quem você desvende?

— Você!

— De quem diabos você pertence?

— Você, Sebastian! Você! — As palavras combinam com seu ritmo enlouquecedor e são tão libertadoras, tão libertadoras que gostaria de tê-las dito antes.

— Agora me diga o que você disse naquela época, Naomi. Um pouco antes de você sair da cela.

— Eu...

— Diga, Naomi.

— Eu amo você! — Eu grito quando meu orgasmo me atinge e uma umidade como nunca senti antes jorra de mim e encharca minhas coxas. Mas eu não me concentro no constrangimento enquanto digo. — Eu te amo, Sebastian!

— Só eu?

— Só você.

Sebastian me fode com mais força enquanto olha por cima do meu ombro. — Ouviu isso, filho da puta?

Eu rolo minha cabeça para trás, avistando ninguém menos que Akira. Ele está atrás de nós, assistindo ao show com seu olhar penetrante de costume. Sua postura é tão imóvel que ele pode ser confundido com uma estátua. A mortificação me domina por ser observada dessa forma, seja por ele ou qualquer outra pessoa. Verdade, minha nudez está totalmente coberta pelo corpo de Sebastian, mas ainda assim.

Ele não para, no entanto. Ele me fode com mais força, mais rápido, arrancando um gemido de dentro de mim. Naquele momento, ninguém mais importa. Nem Akira, nem ninguém. Somos apenas eu e Sebastian. Eu gemo seu nome, cavalgando o prazer até que ele se esvazie bem dentro de mim. E então eu volto com seu nome na ponta da minha língua. *Jesus*. Eu sou tão depravada.

Acabei de fazer sexo com Sebastian na frente do meu marido, mas tudo o que sinto é a necessidade de mais.

Capítulo Trinta e Oito

Sebastian

Eu fico olhando nos olhos de ônix da porra de Akira Mori. O homem que não só se casou com minha Naomi, mas também ficou com ela por anos. O homem que a via todos os dias, falava com ela todos os dias, a tocava todos os dias quando eu nem sabia onde ela estava.

Naomi fica mole debaixo de mim enquanto minha frente cobre a dela e meu esperma e seus sucos escorrem por suas coxas. Akira entrou na varanda enquanto eu estava entrando nela e ficou lá, em silêncio, observando com um leve aumento de sobrancelha.

A coisa mais lógica a fazer seria parar e esconder ela dele. Mas eu não fiz. Ele tinha que ver que ela só pertence a mim. Que ela me ama, porra. Que ele sempre será uma fase em sua vida. Uma fodida nisso. Ela é minha, nem ele nem ninguém vai tirá-la de mim novamente. Depois da maneira como ela desabou ontem à noite, eu jurei que nunca a deixaria para lutar contra a dor sozinha. Eu estarei com ela em cada passo do caminho. Até a noite passada, eu estava sufocando a cada segundo que passava. Eu estava morrendo e ela era o único ar que eu conseguia respirar. Ela foi levada por anos. Sete. E ela os passou ao lado deste filho da puta.

— Desculpe, devo bater palmas agora? — O filho da puta pergunta. — Talvez gritar um bravo ou dois.

— Dê o fora daqui. — Eu mantenho minha calma enquanto envolvo a mão em volta da cintura de Naomi.

— Receio que não vim só para ir embora. Por mais que eu aprecie os programas voyeurísticos que minha esposa e eu continuamos dando um ao outro, não é a razão pela qual a segui e vim aqui. Precisamos ir, Naomi.

— Como porra ela vai.

— Prometemos tomar café da manhã com seu pai, lembra?

Naomi enrijece com a menção de seu pai e eu acaricio meu polegar nos pulsos que ainda estou segurando.

— Eu não vou, — ela sussurra.

— Realmente agora? Hitori-san ficará chateado e suponho que Miochan terá que pagar. — Ele se aproxima e passa por mim em direção à casa.

— Entre quando estiver pronta, Nao.

Seus lábios se torcem quando ele desaparece pela porta. — Me deixe falar com ele.

— Eu estou indo com você.

Ela suspira, mas não diz nada enquanto eu puxo para fora dela e a carrego. Seus braços frágeis envolvem meu pescoço e ela enterra a cabeça no canto do meu ombro, emitindo um som satisfeito. Quero que ela faça esses sons pelo resto de nossas vidas. Em vez de seguir o caminho que

Akira tomou, eu ando ao redor da casa e entro por outra entrada nos fundos. Nós subimos e eu a limpo e depois a mim mesmo, me certificando de que o filho da puta espere até que estejamos completamente vestidos. Eu até a sento na frente de uma penteadeira e escovo seu cabelo, deixando os fios pretos grossos deslizarem por minhas mãos.

Naomi sorri para mim pelo espelho. — Nós temos que descer, Sebastian.

— Ou podemos ficar aqui até que ele desista e vá embora.

— Akira? Desistir? Essas palavras não existem em seu vocabulário perfeccionista. Ele só vai nos incomodar e até vir aqui.

— Ou posso bater no rosto do filho da puta contra a parede.

— Não. Não Ele vai levar para o lado pessoal e garantir que você pague dez vezes pior. — Ela se vira, me forçando a soltar seu cabelo enquanto se levanta e acaricia minha bochecha. — Me deixe falar. Estou acostumada com suas travessuras estúpidas.

Eu resmungo, mas a conduzo para fora do quarto. Akira se sentiu em casa e se sentou no sofá enquanto verifica seu telefone. Naomi fica na ponta dos pés para ver em que ele está focado, enquanto um pequeno sorriso levanta sua boca.

Ao nos notar, ele afasta o telefone e sorri daquela forma falsa e política. — Aí está você. Achei que você tivesse ido para outra rodada.

Naomi se senta na cadeira em frente a ele, mas em vez de pegar a outra cadeira disponível, eu me sento no braço da poltrona e envolvo seu ombro

esguio com um braço. Sua respiração diminui um pouco e ela me dá um pequeno sorriso.

— Nós teríamos se você tivesse partido, — digo a Akira.

— Então, parece que eu bloqueei você assim como minha esposa fez não há muito tempo. Agora, onde eu estava? Certo. Naomi. Você se esqueceu do nosso acordo?

— Não, mas eu também não quero mais fazer isso. Eu também não irei acompanhá-lo em eventos públicos.

Eu acaricio seu ombro, mas permaneço em silêncio. Eu entendo sua necessidade de fazer isso pessoalmente, então eu apenas a apoio durante isso.

Akira se inclina para frente em seu assento, entrelaçando os dedos. — O objetivo de manter uma imagem é aparecer em público juntos.

— Não precisaremos, porque você vai se divorciar de mim.

— E se eu disser não?

— Eu já fiz minha ameaça. Eu não vou repetir.

— Você não quer atrapalhar meus planos, Naomi. Eu posso e vou esmagar vocês dois. Não seria tão bom se Weaver aqui morresse de um acidente semelhante ao de seus pais, certo?

Eu enrijeci. — Como diabos você sabe sobre isso?

— Porque eu tenho conexões. Não me faça usá-las.

Naomi levanta o queixo. — Não me faça usar o que eu sei também.

— Esta é sua decisão final?

— Sim. — Ela não hesita.

— Espero que você esteja pronta para as consequências.

Eu me levanto, marcho até ele e o agarro pelo colarinho. — Ameace ela de novo e eu vou te matar, porra.

Ele apenas sorri enquanto me empurra para longe, então olha para ela.

— Fazer de mim um inimigo é um erro grave e você sabe disso, minha querida esposa.

— Dê o fora daqui. — Eu aponto para a porta.

Ele acena para ela e sai, caminhando tão lentamente quanto fisicamente possível. Depois que a porta se fecha atrás dele, Naomi afunda na cadeira, segurando a cabeça entre as mãos.

Eu vou até ela e a pego em meus braços. Ela não luta enquanto seu corpo trêmulo se aconchega contra meu peito. — Vai ficar tudo bem, baby.

— Não, não vai. Há também a Mio. Não posso deixar que ela pague o preço por minhas ações.

— Ela não vai.

— Você não conhece meu pai, ela definitivamente conhecerá. Eu... eu tenho que falar com Akira. Ele é o único que pode ajudar.

— Eu não vou mandar você de volta para ele.

— Não é desse jeito. Eu só preciso usar sua fraqueza contra ele.

— E o que é isso?

— Seu interesse em Ren. Ele estava olhando suas fotos agora mesmo.

Minhas sobrancelhas franzem. — O mesmo Ren que nos sequestrou?

— Sim. Ele é um dos homens do meu pai.

— E Akira está interessado nele?

— Mais do que interessado. Ele não é mais assexuado por causa dele.

— Por que você não usou antes?

— Porque eu acabei de descobrir sobre isso. Eles se encontraram algumas vezes antes deste ano, mas esta é a primeira vez que Akira agiu de acordo com seus desejos sexuais. Até onde sei.

— Eu ainda não gosto disso.

— Vai ficar tudo bem. Eu prometo. Apenas me dê alguns dias.

— Um dia.

— Sebastian!

— *Um.* Eu não posso ficar longe de você mais do que isso. Não depois de finalmente ter você de novo.

Ela revira os olhos, mas deixa cair a cabeça no meu peito e distraidamente acaricia meu braço. Eu a inspiro, me deleitando com o momento de paz. Demoramos muito para chegar a este ponto e farei tudo ao meu alcance para proteger nosso novo começo. Ainda é frágil, mas é

nosso. Meu e de Naomi. Meu telefone vibra e eu o pego, pensando que está chamando. Mas é uma mensagem de um número desconhecido.

***Desconhecido:** Aqui é Akira. Esqueci de compartilhar algo antes. Tudo bem, eu não esqueci. Eu apenas gosto de brincar com você. Aqui está a coisa. Naomi acha que fui eu quem mandou essas cartas. As que você costumava enviar pelo seu antigo endereço em japonês. Veja, minha família é dona daquele prédio e fiquei curioso quando soube que alguém dos Estados Unidos havia alugado uma caixa postal com meu primeiro nome e fez um pedido para que suas cartas fossem enviadas daquele endereço japonês de volta para os Estados Unidos. Pensei comigo mesmo, deve haver uma história aí. E que história foi essa. Li suas cartas, coloquei-as de volta nos envelopes e cuidei pessoalmente do envio. Não sou um bom cupido? Mas então pensei que seria uma bela reviravolta do destino se eu fosse o único a tê-la. Por acaso, seu pai estava buscando minha aliança e eu encontrei a oportunidade de ouro de usá-la em meu próprio benefício. Você não acha que é uma coincidência maravilhosa que seu nome do meio e meu primeiro nome sejam o mesmo, Sebastian Akira Weaver?*

Capítulo Trinta e Nove

Sebastian

Embora deixar Naomi ir seja a última coisa que eu queira, eu faço isso mesmo assim. Nós nos separamos assim que chegamos ao Brooklyn e eu devo ter ficado com ela por longos minutos em público e dado às pessoas um show de que elas não precisam. Demorou muito para eu deixá-la ir. Ela insiste em lidar com a situação sozinha. Eu não quero que ela faça isso. Eu quis dizer isso quando disse que preferia sequestrá-la e mantê-la para mim.

Se dependesse de mim, ela estaria acorrentada à minha cama, onde eu apenas a deixaria ir atrás dela. Mas a última vez que um de nós decidiu lidar com toda a situação por conta própria, ficamos separados por sete malditos anos.

Sete anos de solidão. De raiva. De merda de tempo perdido. E não será esse o caso daqui para a frente. Além disso, Naomi precisa disso para encerrar. Posso ter vivido com emoções negativas todo esse tempo, mas ela também sofreu. Silenciosamente. Sozinha. E ela precisa arrancar os pontos de sua ferida sozinha. E quando ela cair, quando doer, serei eu quem a carregarei por tudo.

A outra razão é a porra da mensagem de texto de Akira. Ele sabia sobre as cartas. O idiota estava bem ciente de tudo que começou há dez anos. Ele

também sabe sobre meu passado e meu nome do meio japonês que meus avós preferem não mencionar, a menos que seja absolutamente necessário. Por que tenho a impressão de que o motivo pelo qual Akira jogou aquela carta não é apenas para me insultar, mas também porque ele tem uma agenda oculta? Mas o que?

Depois de voltar ao meu apartamento e trocar de roupa, vou para a firma. Minha cabeça ainda dói, mas não é nada que os analgésicos não possam cuidar. No momento em que entro, encontro-o em um estado de caos. Daniel se senta na mesa de Candice, conversando com os novos estagiários e sorrindo com o único propósito de mostrar suas malditas covinhas.

— Eu sei que vocês pretendiam entrar no meu escritório e cometeram o pequeno erro de entrar no errado. — Ele estala os dedos. — Vamos, Kate, Omar. Pegue suas coisas e venha para o meu mundo de diversão.

Eles olham entre Daniel e Candice, que está de pé em seu escritório, cruzando os braços e batendo a perna no chão.

— Como diabos eles vão, — ela encaixa. — Você deveria ir, Sr. Sterling.

— Fique fora disso, Candice. — Ele não presta atenção nela enquanto continua sua sessão de sorrisos. — Eu prometo mais diversão do que o idiota de coração frio.

— Sr. Sterling, por favor, saia da minha mesa para que possamos trabalhar.

— Um segundo, Candice. Você não tem um chefe doente para cuidar?
— Ele pisca para Kate e Omar. — Eu nunca fico doente, porque meu físico é forte. Veja esses músculos? Joguei futebol na escola. Futebol para vocês.

Candice levanta uma sobrancelha. — E Sebastian jogou futebol, futebol de verdade, tanto no colégio quanto na faculdade.

— Não é futebol de verdade, amor. O verdadeiro tem o nome certo. Pé e bola. Não com a mão e qualquer bola. — Ele direciona seu sorriso para os internos. — Almoço mais tarde? Eu sou mais generoso do que seu chefe atual.

Minha assistente bate o pé loucamente neste momento. — Você vai sair ou devo ligar para o Sr. Weaver? O Sr. Weaver sênior, dono de todo este lugar.

— Jesus, Candice. Sebastian paga a você mais para segurar o forte na ausência dele?

— Eu não pago, mas vou começar. — Eu entro no escritório de Candice e os dois estagiários se levantam em saudação, ainda perturbados com os avanços de meu colega.

Eu faço um gesto com a mão, para que eles se sentem novamente.

— Você não deveria estar doente? — Daniel pula da mesa, sem se preocupar em esconder seu descontentamento.

— Você está. — Candice dirige seu olhar prático para mim. — Você deveria estar descansando.

— Tenho coisas importantes para fazer. Mas primeiro, Candice, leve Kate e Omar para um café da manhã tardio.

Minha assistente olha de soslaio para Daniel, como se estivesse dizendo a ele: ‘está vendo?’

— Ei, não é justo...

Daniel não terminou sua frase quando eu o agarro pela gola de sua jaqueta e o arrasto comigo para meu escritório.

Quando eu chuto a porta, ele se afasta e arruma a jaqueta, resmungando. — Estou processando você por agressão.

— Mesmo? Ataque físico porque eu arrastei você?

— Não. Ataque contra a moda. A inveja é real, cara.

— É por isso que você estava tentando levar meus estagiários?

— Eu estava recuperando o que deveria ter sido originalmente meu. Você os roubou.

— Não admita a derrota então. Agora, me diga o quão longe você chegou com informações sobre Akira Mori?

Daniel se senta no braço da cadeira e passa os dedos nos lápis na minha mesa. — O homem é um forte maldito. Não há nada para conseguir.

— Que tal Knox?

— Ele também não tem muito. Apenas algumas transações duvidosas aqui e outras ali, sobre as quais ele só conseguiu obter informações

puxando os cordões de volta para casa. Seu pai adotivo não gosta de se aprofundar na vida pessoal de seus parceiros.

— Então ele está impecável?

— Legalmente? Limpíssimo.

— Moralmente?

— Ele tem relações duvidosas com a Yakuza, mas eles usam empresas fantasmas o tempo todo. Portanto, mesmo que haja uma maneira legal de provar o envolvimento, levará décadas, isto é, se você permanecer vivo durante o processo.

Porra. Todo esse tempo, eu tinha algum tipo de esperança de que Akira pudesse ser cuidado legalmente. Ou pelo menos, ele pode se machucar.

— Qual é o seu problema com Akira, afinal? — Daniel inclina a cabeça.

— Isso tudo não pode ser porque você quer proteger um cliente. Você nem procura por novas pessoas como Knox e eu, que, a propósito, estão sempre em missões de caça para sangue fresco.

Já fui caçar inúmeras vezes, mas nunca foi para um cliente.

— É a esposa, não é? — Ele sorri, um sorriso astuto que torna as linhas nítidas de seu rosto mais duras.

— Ela não é sua esposa. — Ou pelo menos, ela não será em breve.

— Eu sempre me perguntei quem seria o seu tipo. Nunca pensei que seria uma mulher casada.

— E qual é o seu tipo? Uma saia?

— Morenas de saia. Absolutamente porra.

— Uma loira partiu seu coração?

Seus lábios se torcem no que parece nojo antes de ele sorrir. — Não tanto quanto a esposa de Akira quebrou o seu.

— Pare de chamá-la assim.

— Acertou um nervo? Essa merda despertou meu interesse e preciso de informações privilegiadas. Qual dos rumores é verdade?

— Que rumores?

— Dizem que você partiu o coração dela na faculdade e ela se casou com alguém mais poderoso do que você e jogou isso na sua cara.

— Isso não é verdade.

— Pena. Eu teria feito isso. — Seus traços geralmente alegres se enrugam em uma carranca. — Se alguém me traísse, eu faria questão de destruir lentamente suas vidas até que caíssem de joelhos aos meus pés.

— Alguém traiu você? É a loira?

— *Taaalvez*. — Ele balança a cabeça, parecendo sair de um transe. — Mas isso não é sobre mim. Isso é sobre você e sua princesa japonesa. Desculpe, quero dizer, a princesa de Akira Mori.

— Chame ela assim de novo e eu socarei seu rosto com tanta força que nenhum médico será capaz de consertá-lo.

— Inferno sangrento, companheiro. Não no rosto! Essa merda é imobiliária.

— Então não me faça destruir ele.

— Estou apenas avisando para que você não nos coloque em apuros. Se você se for, Nate não terá seu amado príncipe e não teremos ninguém para jogar embaixo do ônibus quando fizermos asneira.

Eu levanto uma sobrancelha, mas não digo nada.

— De qualquer forma, faça o que quiser, mas não se esqueça de quem é Akira Mori. Ele pode ser novo nos Estados Unidos, mas é algo totalmente diferente internacionalmente. A família Mori é muito influente no mercado interno. Não apenas por causa de sua linhagem, mas também porque eles têm relações diretas com o imperador do Japão e outros magnatas dos negócios em toda a Ásia. E não vamos esquecer sua recente fortuna com o diamante negro de que falei.

Eu não poderia dar a mínima para o seu poder. Ou ele deixa Naomi ir ou nós dois morreremos enquanto tentamos libertar ela dele. A porta do meu escritório se abre e meu tio entra, seu olhar duro observando a cena à sua frente.

Daniel sorri. — Nate! Eu estava dizendo a Sebastian que você é meu chefe favorito.

— Salve o beijo na bunda para Van Doren, Sterling.

— Obrigado por colocar essa imagem estranha na minha cabeça. — Daniel faz uma careta e aponta para mim. — Vou lhe dar o melhor funeral

quando você for morto, Príncipe Tecelão. E então estou levando seus estagiários.

Ele sai com uma risada maligna que eu balanço minha cabeça enquanto caio na cadeira atrás da minha mesa. Meu tio não se senta. Em vez disso, ele apenas coloca a mão no bolso enquanto me observa de perto.

— O que é, Nate?

— Disseram que você veio trabalhar quando ainda estava de licença médica.

— Estou bem.

— Morra em outro lugar que não seja minha empresa, patife.

— Você vai conseguir uma boa publicidade disso.

— Não se a causa da morte for exaustão. — Ele estreita os olhos para mim. — O que você está fazendo?

— Muitas coisas e nada ao mesmo tempo.

— Me deixe adivinhar, tem algo a ver com Naomi?

Tudo tem a ver com Naomi desde o dia em que aceitei aquela porra de aposta. Lutei contra isso ao longo do tempo, mas isso não muda o lugar que ela ocupa atualmente na minha vida. Ou que ela deveria ter estado sete malditos anos atrás.

Nate considera meu silêncio como uma afirmação e suspira. — Eu sabia que você iria se meter em problemas por causa dela no dia em que a beijou na TV sem se importar se o Sr. e a Sra. Weaver vissem você.

Eu sorrio. — Lembra como a Sra. Weaver agarrou suas pérolas? Impagável.

— A reação dela não o torna menos impulsivo. Ou estúpido.

— Estupidez é aceitar que ela se foi. Além disso, recuperar o que era originalmente meu não é impulsivo, tio.

— Certamente é se você perder o controle de sua cabeça por causa disso.

— Você só está dizendo isso porque nunca amou tanto alguém que estar longe dela é como se afogar e queimar vivo ao mesmo tempo. Você nunca ficou acordado a noite toda, olhando para a porra do céu com a esperança minúscula de que ela também estivesse olhando para ele de um canto diferente do mundo. Você nunca amou, ponto final, tio. Você está se aproximando dos quarenta e ainda é um solteiro de sangue frio, sem nenhum equilíbrio à vista.

— Por que se estabelecer quando você pode ser livre? E você está certo, eu nunca amei e não pretendo amar. É tudo uma ideia estúpida de nada em que idiotas como você acreditam. Não é real. Não é tangível. E certamente não é lucrativo.

— Se a Sra. Weaver ouvir você dizer isso, ela terá um derrame.

Ele sorri, mas logo desaparece. — O que você planeja fazer agora?

— A única coisa que posso fazer. Derrubar Akira.

— Isso não é sábio.

- E nem ficar vazio por sete anos.
 - Akira tem aliados perigosos, Sebastian.
 - Eu não sou mais criança.
 - Você não entende. — Ele coloca a palma da mão na mesa e se inclina para frente. — Ele tem aliados com os quais você nunca deve cruzar.
 - Não saberei até arriscar.
 - Você vai parar com essa bobagem de ir contra Akira e isso é a merda final.
 - Não.
 - Sebastian...
 - Não, tio. Não vou recuar desta vez e perder a cabeça quando ela desaparecer de novo.
 - Isso é sobre a sua vida.
 - Estou bem ciente dos riscos.
 - Não, você não está. Eu não queria te dizer isso, mas você precisa saber no que está se metendo.
 - O que você está falando?
- Nate desabotoa o paletó e se senta em frente à minha mesa. — Seus pais não morreram realmente devido a um acidente.
- Eu meio que descobri isso sozinho. Mamãe pegou algo e pagou com a vida dela e de papai.

– Como você sabe disso?

– No dia em que eles morreram, eu os ouvi quando estávamos no carro. Conforme fui crescendo, conectei os pontos.

– Isso não é tudo. Você sabe de quem Julia roubou?

– Quem?

– A Yakuza. Não sei se é o mesmo ramo ao qual Akira está conectado, mas pode ser.

Minha pulsação acelera quando as peças do quebra-cabeça começam a se encaixar. O fato de Ren saber sobre minhas tatuagens e o acidente na época apontam para uma direção, mas não quero pensar sobre sua relação com Naomi.

Então eu digo. – Meus pais já pagaram por isso.

– Eles morreram, mas você deveria morrer com eles. Em vez disso, você foi mantido prisioneiro no hospital por resgate.

– Eu fui o quê?

– Você foi sequestrado no Japão. Eles ligaram para o Sr. e a Sra. Weaver e disseram-lhes que, se não pagassem, não veriam o neto novamente.

– Eles pagaram?

– Claro que sim. Eles podem ter cortado Nick quando ele escolheu ficar com Julia, mas sempre tiveram esse equívoco de que, mais cedo ou mais tarde, ele voltaria rastejando para o colo deles. Então, quando souberam

que seu precioso filho mais velho havia morrido, isso os devastou. Você era tudo o que restava de Nick, portanto, eles não hesitaram em pagar aos sequestradores.

— Mas está feito. Eles me soltaram.

— Com uma nota final que dizia: ‘a vida dele é nossa agora. Se certifique de que ele mantenha a boca e os olhos fechados se você não quer que ele acabe como os pais dele.’ A Sra. Weaver queimou a nota e deixou todo o incidente para trás como se nunca tivesse acontecido. Mas eu sabia que chegaria um momento em que você cruzaria o caminho dessas pessoas novamente. E aqui estamos. Nick e Julia perderam a vida porque mexeram com a turma errada. Não repita o erro de seus pais, Sebastian. Não caminhe em direção à morte com seus próprios pés.

Eu me inclino para trás na minha cadeira e deixo a informação afundar, então eu solto um suspiro. — Mas é isso, tio. Prefiro morrer do que viver sem estar vivo.

Capítulo Quarenta

Naomi

Eu chego na casa do meu pai. Embora eu esteja atrasada, então toda a coisa do café da manhã acabou e todos começaram a fazer suas tarefas. Mio me disse que Akira está com papai em seu escritório e me convida para ir com ela enquanto ela treina.

— Não dessa vez. — Minha atenção está voltada para o segundo andar, onde fica o escritório do meu pai.

Os ombros da minha irmã se curvam e ela toca sua espada de bambu. — Há algo errado, Onee-chan?

— Não, — eu digo distraidamente.

— Você está brava comigo porque eu concordei em me casar com o russo?

Eu quebro o contato visual com o prédio e olho para ela. Às vezes, esqueço o quão delicada minha irmã é, e não me refiro apenas fisicamente. Sim, ela tem maçãs do rosto macias, nariz e lábios pequenos e enormes olhos amendoados, mas também é frágil por dentro. Apesar de seu amor pelo kendo, Mio é o tipo que grita enquanto assiste a uma cena emocionante em um filme. Ela também é um pouco ingênua, sempre encontrando o melhor nas pessoas antes do pior. Não tenho ideia de onde

ela tirou esse traço, porque todos ao seu redor são monstruosos. Meu pai está no topo da lista.

— Não, claro que não, Mio. Estou com raiva de papai, não de você.

— Mas eu concordei com isso. Eu estou bem com isso.

— Você acha que está tudo bem com isso, mas você não conhece essas pessoas ou o quão perigosas elas são.

— Eu posso cuidar de mim mesma. Eu não sou um bebê.

É inútil dizer a ela que ela não sabe no que está se metendo. Ela pode estar protegida, mas é tão determinada e rígida como uma de suas malditas espadas. Ela puxou ao nosso pai bastardo. Então, vou apenas trabalhar para resolver isso do fundo, sem envolvê-la.

— Certo, tudo bem.

Ela estreita os olhos. — Você está me dispensando.

— Como eu poderia fazer isso com a minha fofinha Mio? — Eu pego seu queixo e a sacudo, fazendo-a sorrir antes de se afastar.

— Você está fazendo isso de novo, *Nee-chan*.

— Fazendo o que de novo?

— Me tratando como se eu fosse uma garotinha.

— Desculpe. Eu acho que você sempre será minha irmãzinha.

— Eu sou crescida.

— Sim você é. — E isso não é bom. Conhecendo meu pai, ele acabará encontrando uma maneira de colocá-la em uma situação que a quebrará.

Mas não se eu estiver lá para ela.

— *Nee-chan?*

— Sim?

— Eu vi ele.

— Quem?

— O homem com quem papai quer que eu me case. O nome dele é Damien Orlov e ele é um líder da Bratva.

— Como diabos você o viu?

— Eu apenas fiz.

— Você nem sai, Mio.

Ela morde o lábio inferior. — Eu faço as vezes.

— E? Como você viu esse Damien?

— Acontece que eu topei com ele. — Eu não perco a hesitação no final ou como sua garganta balança ao engolir.

— Mio... ele fez algo com você?

— Ele era grande, *Onee-chan*. Tipo enorme. Ele era maior do que qualquer pessoa que eu já vi. Ele é ainda maior do que Kai. Não achei que alguém pudesse ser maior do que Kai.

— Isso é porque você não conhece o mundo.

— Mas eu quero. — Uma faísca brilha em seus olhos e ela segura sua espada. — Eu preciso, *Nee-chan*, e se eu ficar com o papai, não poderei.

— E você acha que casar com esse Damien seria a solução mágica?

— Não, mas pelo menos seria minha escolha.

Não é. É escolha do pai, mas eu não posso dizer a ela que quando ela se desculpa e sai, seus ombros se dobram em uma linha. Assim que ela desaparece de vista, deixo meu sorriso cair e subo os degraus de dois em dois até chegar ao escritório do meu pai. Ren está na frente dela vestindo um terno sem gravata. Ele toca seu brinco de ponto preto quando eu entro em vista e me encara.

Eu deixei meus lábios se esticarem em um sorriso provocador. — Você está aqui pelo pai ou pelo seu amante?

— Cale a boca, — ele sibila, procurando seus arredores. — E aquele psicopata não é meu amante.

— Parecia quando ele estava cortando você enquanto fazia... outras coisas.

— Você obviamente gostou de assistir. Você também é psicopata?

— Eu poderia ser, especialmente depois do que você fez sete anos atrás. Qual é a sensação de estar desamparado e à mercê de alguém mais forte do que você, Ren? Será que queima? Isso dói? Você sente que suas entranhas vão explodir de frustração?

- Eu não estou desamparado. Posso matar o bastardo quando quiser.
- E ser morto por meu pai em troca?
- Talvez valesse a pena se livrar dos vermes.
- Talvez você esteja mentindo para si mesmo, porque se você quisesse matar Akira, você já teria feito isso.
- Ou talvez eu esteja ganhando tempo.

Eu coloco a mão em seu ombro e me inclino perto o suficiente para fazer seus olhos se arregalarem e sua mente provavelmente questionar o que estou fazendo.

— Tenho pena de você por ganhar o interesse de Akira, Ren. Eu realmente tenho. Mas se você ficar no meu caminho ou ameaçar a mim e a Sebastian novamente, seja sozinho ou sob as ordens de seus chefes, vou destruí-lo como você fez comigo há sete anos. Eu te prometo isso, porra.

— Estou incluído nessa ameaça? — A voz suave de Kai corta a tensão entre mim e Ren. Dou um passo para trás, mas só depois de saber que ele entendeu a mensagem em alto e bom som.

Ren enrijece, provavelmente se perguntando o quanto Kai ouviu. Posso dizer que ele tem vergonha de suas ligações pouco ortodoxas com Akira. E, além disso, ele está ciente de que se o segundo em comando do meu pai descobrir sobre isso, ele definitivamente o fará em pedaços.

— Não sei. — Eu enfrento Kai e cruzo os braços sobre o peito. — Você salvou minha vida, mas você roubou de mim mais tarde, então é sempre

uma área cinzenta com você. Mas se você envolver Sebastian novamente, não hesitarei em enterrá-lo, assim como farei com Ren.

— Você é sábia, *Ojou-sama*, mas você pode querer guardar essa palestra para quem é importante. — Ele aponta para a porta do escritório.

Com uma respiração profunda, bato e entro sem esperar pela aprovação. O escritório é feito em tons de verde e marrom. Há estantes cheias de mais antiguidades do que livros reais, e incontáveis pinturas e caligrafias decoram as paredes. Kai uma vez me disse que meu pai comprou aquelas pinturas de valor inestimável do mercado negro e às vezes as usa como dinheiro para transações em vez de dinheiro real.

Alguns deles têm valores que chegam a centenas de milhares. Como presente de casamento, meu pai nos deu uma caligrafia que custou milhões de dólares. Não sei onde Akira o colocou ou se ele mesmo o guardou. Eu com certeza nunca perguntei sobre isso. Meu pai e meu marido estão sentados em volta da mesa de centro, bebendo chá e conversando animadamente em japonês. Quando eles me notam, a conversa para. Uma faísca brilhante brilha nos olhos do meu futuro ex-marido. Ele provavelmente pensa que vim aqui por ele e para honrar o acordo que fizemos sete anos atrás. Bem, ele tem outra coisa vindo.

— O café da manhã foi há meia hora, Naomi, — meu pai repreende.

— Ela teve uma emergência, Hitori-san, — Akira mente em meu nome.

— Na verdade não. Só não vejo por que deveria tomar café da manhã com você quando o odeio, pai.

Suas bochechas ficam vermelhas e ele agarra a xícara de chá com mais força. Se há algo que Abe Hitori despreza mais do que ser desafiado, é ser desrespeitado, especialmente em público, onde é considerado uma humilhação. Devido às suas tendências de controle ferrenha e papel na Yakuza, ele está acostumado a ter suas demandas atendidas.

— Você tem um desejo de morte? — Ele mói.

Talvez seja exatamente o que eu tenho, porque agora, a pressão está crescendo dentro de mim. Ou talvez esteja apodrecendo lá há anos. De qualquer forma, ele precisa de um lançamento. Eu preciso de uma liberação. Eu preciso finalmente largar a máscara e ser eu novamente.

Preciso ser a Naomi que não deixou ninguém pisar nela, porque foi isso que a mãe dela a ensinou.

— Akira e eu precisamos conversar, — eu digo.

— Já conversamos, querida esposa, e você decidiu me desobedecer, então eu fiz Abe aqui mandar buscar seu amante. Não queremos que ela estrague a nossa parceria, queremos, Hitori-san?

— De fato, Mori-san. — Meu pai me encara. — Você deveria saber melhor do que nos testar.

Minhas pernas tremem e preciso de tudo para não cair no chão. — B-Buscar ele? O que você quer dizer com buscar ele?

— Isso significa que ele está sob nossa custódia. — Meu pai pega um controle remoto e liga a TV. Eu paro de respirar quando uma cela aparece.

E não qualquer cela. A mesma cela em que Sebastian e eu estávamos trancados há sete anos. Só que, desta vez, eu não estou lá. Sebastian está. Sozinho. No chão.

Imóvel.

Oh Deus. Não, não, não...

Durante anos, tive pesadelos com essa mesma cena todas as noites. Em meus sonhos, eu sentiria tanto a falta dele e teria um momento de fraqueza e iria até ele. Eu o beijaria, tocaria, dormiria em seus braços, mas então meu pai e Akira sempre o matariam. Bem na minha frente para aprender uma lição.

A razão pela qual tive que resistir a Sebastian foi exatamente por essa razão. Eu preferia quebrar e pisar em todo o meu próprio coração para que ele não acabasse nesta posição novamente. Eu tolamente acreditei que poderia mudar as coisas. Que eu poderia finalmente estar com ele apesar de tudo. Mas estou atrasada. Muito tarde. Minhas mãos tremem e meus olhos ardem com lágrimas não derramadas enquanto olho para a tela. Uma sensação de queimação sobe à superfície, ameaçando transbordar.

Não por favor. Por favor, Sebastian. Você não pode me deixar agora depois que eu finalmente te encontrar novamente.

— Ele não está morto, — anuncia Akira. — Mas ele ficará se você não cumprir sua parte no acordo.

Uma pontada de alívio se expande em meu peito, mas dura pouco com a ameaça à espreita por trás das palavras de Akira. Eu sabia que ele não

gostava de ser ameaçado, que odeia não ter a vantagem e o controle que vem com isso, mas eu apertei seus botões de qualquer maneira e agora ele está me fazendo pagar.

— Nem você nem ninguém vai ameaçar meus negócios, Naomi. Você me ouve? — Meu pai aponta para a tela, para o corpo inerte de Sebastian.
— Aquele pequeno bastardo deveria ter morrido vinte e dois anos atrás pelos pecados de seus pais, mas eu poupei sua vida pelo dinheiro de seus avós. Acontece que nunca valeu a pena e ele deveria ter se juntado a sua mãe ladra.

Eu fico olhando entre Akira e meu pai, pasma.

— Eu te disse. É uma história antiga. — Meu marido aponta para uma caligrafia escondida pela planta no canto do escritório.

Meus olhos se arregalam quando leio as palavras em japonês. *Os fracos são carne. Os fortes comem.* Essas são as palavras exatas na tatuagem japonesa de Sebastian. As mesmas palavras com as quais ele viveu todo esse tempo, provavelmente desde que era criança.

— Você conheceu os pais de Sebastian? — Eu pergunto com a voz embargada.

— Apenas sua mãe ladra. — Meu pai toma um gole de chá. — Ela era assistente em uma de nossas filiais que usamos como fachada para o envio de pinturas ilegais. Quando ela descobriu sobre aquela pintura que valia três milhões na época, ela ficou gananciosa e a roubou logo após o especialista em arte anunciar sua autenticidade. Ela foi inteligente o

suficiente para substituí-la por uma falsificação e não sabíamos até que o comprador contratou seu especialista e ele disse que era uma falsificação. Descobrimos que ela era a ladra e alugamos o caminhão que os atingiu. A causa da morte foi um acidente de carro. Tão fácil quanto isso.

Eu tropeço e me recupero no último segundo. A realidade das palavras de meu pai me atingiu forte e rápido. Ele matou os pais de Sebastian. Meu pai é a razão pela qual ele ficou órfão em uma idade jovem e tornou-se do jeito que é agora.

— Você é um monstro! Como você pode fazer isso com uma criança?

— A mãe dele roubou de mim. Porra, ninguém rouba de mim.

— Mas Sebastian estava lá! Ele tinha apenas seis anos.

— E ele deveria morrer também, mas nós o usamos para retirar o dinheiro do resgate de seus avós ricos. Agora, estou pensando que não foi uma ideia muito boa. Você não concorda, Mori-san?

— Não, provavelmente não. Não estaríamos nessa situação se ele tivesse morrido naquela época. Mas, novamente, não seria tão divertido também.

Diversão. Ele realmente acha que tudo isso é *divertido*? Vou mostrar a ele como é divertido.

— Você vai entrar na linha, Naomi? — Meu pai pergunta em um tom calmo. — Ou devo acabar com a vida que poupei?

— Eu farei o que você quiser. Deixe ele ir. — Minha voz está apática, mas não está derrotada. Uma determinação pura como eu nunca senti antes pulsa em minhas veias e flui pela minha corrente sanguínea em fúria.

Desta vez, não vai como eles mandam.

— Não. Não até que Akira assine o contrato pelo qual está aqui e você volte para o Japão. E garantirmos que você não esteja mantendo contato com ele.

— Mas isso pode levar semanas!

— Que assim seja. — Ele levanta sua xícara de chá para Akira, que retribui o gesto.

Eu olho para os dois, então me viro e saio. Assim que fecho a porta atrás de mim, fico tentada a escorregar para o chão e chorar. Foi o que fiz sete anos atrás. No dia do meu casamento, eu me tranquei em um armário e chorei por horas. Mas isso não me trouxe uma solução. Isso não me deixou viver em paz ou me trouxe de volta o que eu perdi. Ação sim. E é hora de eu pegar. Eu fico olhando para Ren e ele me encara de volta, embora com cautela. Ele toca sua orelha furada, então as tatuagens em seu pescoço.

— O que você quer, *Ojou-sama*? — Ele pergunta em tom de zombaria, embora esteja claramente desconfiado de mim.

— Uma trégua.

— Ha. Uma trégua? Você acabou de me ameaçar.

— É por isso que estou pedindo uma trégua.

— E o que te faz pensar que eu quero isso?

— Você tem tanto a perder nisso quanto eu. Akira tem a vantagem em seu relacionamento, não é?

Sua mandíbula apertada. — Tem certeza de que está pedindo uma trégua?

— Sim. Porque eu entendo como ele pode ser. Ele deve ter reunido todas as suas fraquezas em um arquivo organizado que usa para ameaçá-lo sempre que achar que você cruzou os limites. Ele está controlando você e brincando com você, e você odeia isso. Afinal, você é um espírito livre que não foi feito para ser acorrentado, enjaulado ou controlado.

Os lábios de Ren franzem.

Eu me aproximo, suavizando minha voz. — Ele não sente, Ren. Acredite em mim. Eu moro com ele há sete anos. Então, quando a diversão que ele está tendo com você acabar, ele simplesmente o deixará de lado como se você nunca tivesse existido. Nesse momento, ele se certificará de quebrar tanto sua dignidade quanto seu espírito, para que você não tenha mais nada. E assim, ele vai passar para seu próximo passatempo.

Embora Akira seja capaz de todas essas coisas e muito mais, ele não faria isso com Ren. Eu sei que é diferente com ele, posso sentir isso, mas preciso irritar Ren para que ele fique do meu lado. Além disso, eu estava certa sobre o quanto Ren odeia a natureza controladora de Akira. Ele sempre foi uma alma rebelde e meu futuro ex-marido está matando essa parte dele. O guarda do meu pai fecha e abre os punhos antes que ele solte um longo suspiro. — O que você quer?

— Estou feliz que você perguntou.

Eu me inclino para sussurrar o plano em seu ouvido. Depois disso, tenho que fazer uma visita às únicas pessoas que vão ajudar Sebastian. Mesmo que isso signifique jogar minha dignidade pela janela por isso.

Capítulo Quarenta e Um

Akira

Querida Yuki-Onna,

Pela primeira vez, você receberá isso como uma série de mensagens de texto em vez de uma carta em um envelope preto.

Você deve estar se perguntando como consegui seu número, mas ele já está salvo com meu nome em letras maiúsculas.

Eu vasculhei isso e vi como você me chama entre você e você, minha pequena atrevida.

Neste ponto, você deve ter parado tudo o que estava fazendo e está se questionando por que comecei meu texto com a abertura que você recebeu em cartas por malditos anos.

A resposta é simples, mas não realmente.

Veja, Naomi. Você tem vivido uma mentira alimentada por aquele seu marido filho da puta, cujo assassinato estou tramando enquanto conversamos.

Ele disse que era eu, Akira, seu amigo por correspondência para quem você escrevia desde que tínhamos dezoito anos. Mas ele é apenas um

perverso que leu as cartas que escrevemos um para o outro e depois as usou para nos manter separados e se infiltrar em sua vida.

No dia em que te vi chorando e depois sorrindo, eu tinha que me aproximar de você, mas não queria chegar muito perto porque fico entediado facilmente.

Eu não queria ficar entediado com você.

A ideia de Akira surgiu quando ouvi você dizendo a Lucy que um dia se casaria com um japonês.

O negócio é o seguinte, senti um aperto no estômago quando você disse isso, mas, ao mesmo tempo, tive a ideia de me tornar o que você procurava.

Não julgue, realmente parecia um gênio do caralho na época.

Então me sentei em meu quarto e escrevi a primeira carta para você à mão. Então eu digitei porque não queria que você de alguma forma reconhecesse minha letra e me chamasse por ser um geek estúpido.

Então, passei por todo o trabalho de alugar uma caixa postal no Japão usando meu nome do meio, Akira, que também é o primeiro nome do seu marido bastardo, aquele que ele usou para chegar até você. Idiota.

De qualquer forma, não achei que você escreveria de volta. Eu estava jogando uma isca insípida em águas abertas, sem realmente acreditar que pegaria algum peixe.

Mas você se agarrou à porra da isca e respondeu.

Eu não estava mentindo dessa vez. Eu realmente sorri como uma criança que viu seios pela primeira vez e teve uma mini ereção.

Falar com você por meio dessas cartas foi diferente do que eu imaginava. Você estava aberta, mais aberta do que qualquer pessoa que eu conhecia em minha vida.

Em algum momento, eu queria chegar perto, agarrar você pelo braço no campus e dizer que sou o mesmo Akira para quem você pede recomendações de sites pornô. O mesmo Akira que você fez amizade com tanta força que não pensa nele como um homem.

Isso é o que me parou. O fato de você me considerar um amigo. Achei que fosse o suficiente na hora. Eu não queria perder a única amizade significativa que eu tinha e a única pessoa com quem posso ser meu idiota e ser repreendido sobre isso.

Eu até amei como conversamos sobre coisas mundanas sem pensar nas consequências ou no que o outro pensava. Estávamos livres de julgamento e isso era libertador em minha vida fechada e calculada com meus avós.

Suculento, eu sei.

Mas então essa aposta aconteceu e eu passei a conhecê-la de uma maneira diferente. Não como o idiota nerd que você colocou no planeta seguinte, mas como o homem cuja loucura combinava com a sua.

Tenho que admitir que fiquei um pouco bravo por você nunca ter contado a Akira que tinha essas fantasias sombrias. Eu me senti traído

como seu amigo, e é por isso que me transformei em uma vadia judia e posso estar um pouco triste por isso.

Mas, ao mesmo tempo, me senti especial como Sebastian, porque fui o único que viu você assim. Eu tenho que te tocar e te foder como nenhum outro homem faria ou poderia.

Akira ainda se sentia amargo e mal-intencionado, no entanto.

Sim, eu sei. Muito ciumento de mim mesmo?

Eu estava tendo uma crise de identidade. Eu tinha tanta certeza de que você descobriria que eu era a mesma pessoa, então apimentei o parâmetro idiota um entalhe para que você nunca somasse dois mais dois.

Mas em algum ponto, a linha ficou borrada até para mim. Eu queria ser o Akira para o qual você mostrou o dedo enquanto falava com ele sobre tudo e queria ser o Sebastian que você olha com olhos 'me foda' e deixá-lo cumprir todas as suas fantasias fodidas.

Quando tentei dizer que sou Akira, no entanto, o momento não estava certo. Você descobriu sobre a porra da aposta e me deu as costas.

Eu não poderia perder você como Akira também, então decidi nunca associar as duas versões de mim mesmo para estar sempre em contato com você.

Mas você acabou deixando nós dois, de qualquer maneira.

E para piorar as coisas, seu marido usou meu alter ego para se aproximar de você. Estou ferido por você ter pensado que o idiota era eu, baby. E você tem que me compensar pelo resto de nossas vidas.

Porque, aqui está, eu posso ser tão Tsundere quanto você. Seja como Sebastian ou Akira, a única mulher que conseguiu virar meu mundo de cabeça para baixo é você.

E pode apostar sua doce bunda que vou considerá-la responsável por isso enquanto vivermos.

Aquele que você nomeou BABY em sua lista de contatos é o mesmo amigo que enviará envelopes pretos em nossos aniversários.

Ele é o pervertido que tem muito orgulho do seu gosto eclético por pornografia.

Ele é a pessoa que você entendeu e ele te entendeu de volta.

Ele é o amigo que sorri ao ler suas palavras tarde da noite.

Ele é o homem que te ama com tudo que ele tem e não tem.

Sebastian Akira Weaver

Capítulo Quarenta e Dois

Naomi

Eu fico olhando para os textos com meus lábios entreabertos e minha mandíbula praticamente batendo no chão. Quando fui para a casa do meu pai esta manhã, não verifiquei minhas mensagens ou meu telefone, porque todo o meu foco tem sido em enganar meu pai e Akira.

Mas agora, quando estou prestes a ligar para Nate, percebi a série de textos que Sebastian me enviou. Ou mais como, Akira.

O amigo por correspondência nerd que sempre imaginei ser quieto e introvertido com algum tipo de problema de comportamento não é meu marido. Ele não é o homem com quem me casei, desconfiando de cada palavra que dizia em suas cartas por causa de sua natureza evasiva. *Akira não é outro senão Sebastian.*

Eu li e reli suas palavras, pensando que perdi algo ou que é uma invenção da minha imaginação. Talvez eu esteja tão preocupada com o estado de Sebastian que estou começando a ver coisas.

Mas as palavras na minha frente não mentem. Cada confissão se alinha com o que eu sempre soube sobre Akira. E não é apenas sua maneira de falar, mas também as pequenas coisas que se destacaram ao longo dos anos

para mim quando se tratava de Akira, meu marido e eu as rejeitei como sem importância.

Tal como sua falta de senso de humor. Meu marido é frio e calculado e ninguém pode acusá-lo de brincalhão. Há também a parte da idade e como ele não é de Tóquio e, recentemente, descobri que ele gosta de brincar com faca, não brincar com a respiração como Akira das cartas, Sebastian.

Todas essas coisas deveriam ter sido sinais, mas eu não teria suspeitado dele, não quando ele estava julgando minhas fantasias que ele mesmo desencadeou. Idiota. E, no entanto, um sorriso surge em meus lábios e meu nariz formiga enquanto a umidade se acumula em minhas pálpebras.

Akira das cartas é Sebastian.

Ele não é meu marido insensível. Quando pensei que sim, lamentei a amizade que poderíamos ter tido, mas não tivemos. Acontece que sempre foi uma pessoa totalmente diferente. Estou louca com toda essa coisa de dupla identidade, mas, ao mesmo tempo, não posso evitar a vertigem de saber que ele estava lá para mim desde o início. Mesmo antes de estarmos oficialmente juntos.

— Algo bom?

Eu levanto minha cabeça do meu telefone para olhar para Kai. Ele está dirigindo o carro depois de insistir em me acompanhar até onde eu queria ir. Há uma chance de que ele esteja fazendo isso para me espionar por meu pai, mas há uma razão pela qual estou arriscando tê-lo comigo.

Eu coloco o telefone na minha bolsa e olho para ele. — Nada que você precise se preocupar.

Seus lábios se contraem ligeiramente como se ele estivesse bem ciente de tudo que está acontecendo e apenas observando o desenrolar. — Se você diz.

— Por que você está aqui, Kai? Você não deveria estar torturando Sebastian, por ordem de seu chefe?

— Você quer que eu o torture?

— Isso não foi o que eu quis dizer. — O simples pensamento de ele se machucar faz meu estômago doer.

— Então o que você quer dizer?

— Você não deveria estar me ajudando.

— Tarde demais para isso. Além disso, estou junto para dar uma volta e ver o que você fará.

— Você me ouviu falando com Ren, não é?

— Pode ser.

— Você vai tagarelar?

— Tagarelar é uma característica de Ren, não minha.

— Você está bravo com ele por trair Akira e, portanto, colocar sua aliança em risco?

— Eu não fico bravo, *Ojou-sama*. Você já deveria saber disso sobre mim.

— Você deve sentir algo pelo que Ren fez.

— Hmm. — Ele bate o dedo contra o volante enquanto faz uma curva fechada para a esquerda que surpreendentemente não me tira do meu assento. Ele dirige como se estivesse vivo, sempre no limite, mas sem realmente cometer um erro fatal.

— O que 'hmm' significa?

— O único sentimento que tenho sobre as ações de Ren é a curiosidade. Ele cavou em buracos profundos em todas as frentes e será quase impossível para ele escapar de todos eles com a cabeça no lugar, não importa o quão sobrenatural ele pense que é. Vai ser divertido assistir.

— Isso é tudo?

— Isso é tudo.

— Você está me dizendo que não o puniria?

— Se Abe ordenar, é claro que vou cortá-lo membro por membro e alimentar meus cães com ele.

— Tanto para lealdade.

— Eu sou leal aos princípios, não às pessoas, como Ren deveria ser. — Ele para o carro abruptamente. — Estamos aqui.

Minhas entranhas dão um nó enquanto eu olho pela janela para a mansão grandiosa situada em um grande pedaço de terra. Já estive aqui antes, mas foi em circunstâncias diferentes. Respiro fundo e saio do carro. Kai me acompanha enquanto eu fico na frente do grande portão de metal e

pego meu telefone. Minha mão treme quando ligo para o número de Nate. Liguei para ele assim que descobri sobre o cativo de Sebastian e o convenci a ser o medidor entre mim e seus pais. Eu poderia dizer que o tio de Sebastian não gosta de estar em dívida com seus pais, mas como é sobre seu sobrinho, ele concordou.

Nate atende após um toque. — Você está aqui?

— Sim.

— Entre.

A linha fica muda quando o portão se abre com um rangido. Hesito e Kai me observa de perto, como se estivesse pronto para me segurar se eu cair, embora ambas as mãos estejam inertes ao lado do corpo. Ele está armado, no entanto. Ele sempre está.

— Eu posso ir sozinha, — eu digo.

— Absurdo.

Eu levanto meu queixo. — Você não acha que eu posso fazer isso sozinha?

— Claro que sim, mas você vai fazer isso mais rápido se eles acharem que você pode representar uma ameaça.

— Esta não é a Yakuza, Kai. Brian Weaver é um político.

— O que é outra palavra para um mafioso. — Ele faz um gesto para dentro. — Vamos.

Caminhamos do portão até a entrada e, embora não seja muito longe, parece que leva uma eternidade. Uma mulher pequena com uma expressão cautelosa abre a porta e nos dá as boas-vindas. Assim que entramos, Nate aparece na entrada. Ele envelheceu como um bom vinho e está entrando na categoria raposa prateada com louvor. Sempre vou respeitá-lo e adorá-lo pelo papel que desempenhou e continua a desempenhar na vida de Sebastian.

Ele encara Kai por um momento com seu olhar crítico, então o direciona para mim. — Lembre-se do que eu disse a você no telefone. Não tente brincar com a simpatia deles. Apenas seu orgulho.

Eu aceno, embora eu não tenha ideia de como eu faria isso. Alguém poderia pensar que, ao perceber que seu neto está em perigo, o mais lógico seria tentar salvá-lo, independentemente do preço. Aparentemente, isso não se aplica aos Weaver. Nate leva a mim e a Kai para o que parece ser uma área de recepção. Brian Weaver, que usa calças cáqui com camisa branca, está sentado em uma cadeira e está lendo um jornal. Sua esposa, Debra, está brilhando em um terninho de grife. Pérolas cercam seu pescoço e pendem de suas orelhas e seu cabelo dourado está preso em um coque sofisticado. Ela está tomando um gole de uma xícara de chá que coloca na mesa ao lado dela na nossa chegada. Brian nos encara por cima do jornal, mas não o larga.

— Olá, — diz Debra com uma voz doce, com um sorriso que é tão falso, mas que ela não tenta esconder. — Depois de sua aparição audaciosa no evento de caridade, não acreditei que nos encontraríamos novamente

nessas circunstâncias, ou em qualquer circunstância, na verdade. Você não acha que tem coragem de aparecer aqui?

Nate está no meio da sala entre nós e seus pais, sua mandíbula flexionada. — Naomi está aqui porque Sebastian foi sequestrado novamente, e ela conhece uma maneira de salvá-lo.

— Salve ele, então. — Brian me perfura com seu olhar. — Obviamente, você é a razão pela qual ele está nessa situação, e o mínimo que você pode fazer é tirá-lo dessa situação.

Eu cerro meus dentes para manter minha paciência. — Se fosse tão fácil, eu não teria aparecido na sua porta.

— Por que você fez isso, então? — Debra estala a língua enquanto toma um gole de chá e murmura baixinho. — Eu disse a Sebastian que a filha de uma costureira não é adequada para ele, mas ele nunca escuta.

— *Tsk*. — Kai balança a cabeça para eles. — Não fale com ela desse jeito ou a desrespeite novamente, ou você não viverá para ver as manchetes escritas sobre você.

Brian dobra o jornal enquanto uma névoa vermelha sobe por sua pele. — Você está ameaçando eu e minha esposa em minha própria casa?

— Estou apenas relatando regras básicas. Naomi tem uma família por trás dela, muito mais poderosa do que o seu pequeno senado. Se você e sua esposa desejam escapar de nossa ira, não fale com ela em um tom mais santo que você.

Dou uma cotovelada em Kai. Eu sei de onde ele está vindo, mas ameaçar as pessoas de cuja ajuda eu preciso não é como planejei fazer isso. Surpreendentemente, porém, Brian se endireita e Debra pigarreia. Nate sorri um pouco, parecendo estar gostando demais do desconforto deles.

— O que você quer? — Brian me pergunta.

— Eu conheço uma maneira de ajudar Sebastian, e isso pode ser feito bloqueando os empreendimentos comerciais do meu marido. Você é o único com potência suficiente para fazer isso de forma rápida e eficiente.

— Por que devemos fazer isso? — É Debra quem pergunta, sua voz endurecendo a cada palavra. — Pelo que Nathaniel nos disse, é o que seu pai está fazendo. O mesmo homem que não apenas assassinou meu filho mais velho, mas também ameaçou a vida do meu único neto.

— Você não está fazendo isso por mim, você está fazendo isso por seu neto. Sua própria carne e sangue com quem você se regozija o tempo todo. Você deve isso a ele.

— Não nos dê sermões, mocinha. — Brian se levanta, seus ombros cheios de tensão.

— Eu não estou te ensinando. Estou pedindo que você faça a coisa certa e ajude Sebastian.

— E depois? — Debra toma um gole de chá. — Digamos que façamos o que você sugere, você vai sair desta vez?

— Mãe... — Nate avisa.

— O que? Seu pai matou Nicholas!

— Depois que *você* o mandou embora. Depois que você o renegou por causa de seu orgulho tolo. Você é tão culpada quanto o assassino.

Seus lábios tremem. — Culpe-me o quanto quiser, mas a filha do assassino não fica com meu neto. Certamente até você pode ver o quão confuso é tudo isso.

— Isso é para ela e Sebastian decidir, não você. Pare de se intrometer, pare de tentar fazer valer sua palavra e pare de ser uma presença desagradável. Simplesmente pare.

A mão de Debra treme e um pouco de chá derrama na borda da xícara que ela está segurando enquanto ela coloca o pires na mesa. Ela encara Nate como se ele tivesse três cabeças crescidas. — Nathaniel! Você chamou minha presença de desagradável?

— Faça a coisa certa. — O olhar de Nate voa entre seus pais. — Pela primeira vez em sua vida autoindulgente, faça algo por alguém que não seja você mesmo.

A tensão no ar pode ser cortada com uma faca. Tanto Brian quanto Debra parecem querer bater em Nate por sua insolência e ele parece estar esperando por qualquer movimento apenas para poder revidar.

— Eu sei que você se preocupa com Sebastian, — eu digo baixinho enquanto eles continuam se encarando. — E embora eu não possa prometer ficar longe dele, prometo ter seu neto de volta. Então, por favor, me ajude a ajudá-lo.

É tarde quando Kai e eu deixamos a mansão da Weaver. Brian e Debra ainda estão fazendo ligações e mexendo os pauzinhos, e embora eu prefira ficar lá e me certificar de que tudo está indo de acordo com o planejado, é óbvio que nossa presença não é apreciada. Como um compromisso, Nate ficou para trás para ficar de olho em seus pais e nos enviará atualizações quando tudo estiver pronto.

Nesse ritmo, Sebastian vai passar a noite na cela, sozinho e com frio, como há sete anos. O pensamento do que meu pai e Akira, fariam com ele apenas para provar um ponto diminui minha pressão arterial e me faz querer desmaiar.

— Você acha que eles o estão torturando? — Eu pergunto a Kai enquanto ele dirige por uma estrada deserta.

— Poderia ser.

O mundo se fecha sobre mim de todos os lados. Meu estômago se revira e a náusea me assalta em ondas cegantes. — Pare o carro.

Kai pisa no freio e eu luto com a maçaneta antes de quase me jogar para fora. Eu uso a porta para me manter em pé e respiro fundo. Consigo afastar a náusea, mas não apaga a dor constante no meu estômago. Kai aparece na minha frente, uma mão no bolso e a outra me oferecendo um lenço. É

quando eu percebo que as lágrimas estão escorrendo pelo meu rosto. Limpo-as rapidamente, não querendo que ele me veja tão fraca e indisposta.

— Você se preocupa tanto com ele?

Eu aperto o lenço em um punho. — Por que mais eu sacrificaria sete anos da minha vida?

— Achei que fosse por causa de Mio.

— Ela não é a única razão.

— Por que ele? A família dele pensa tão pouco de você, e não só isso, seu pai era o motivo de ele ficar órfão.

— Nós realmente não podemos escolher quem. Simplesmente acontece. Como você teve que me salvar dezenove anos atrás.

— Isso não foi coincidência nem destino. Decidi agir.

— Então leve de novo. — Eu solto um longo suspiro, tentando não soar impotente ou como se tivesse planejado isso o tempo todo quando permiti que ele viesse. — Me ajude, Kai.

Suas feições permanecem inalteradas, embora ele incline a cabeça ligeiramente para o lado como se isso lhe permitisse uma visão melhor de mim. — Com o que?

— Tenho algo sobre Akira, uma imagem com a qual posso ameaçá-lo pelo resto da vida, mas não tenho nada sobre meu pai. Na verdade, ele tem Mio para controlar minha cabeça. Mesmo se eu tirar Sebastian desta vez,

não há garantia de que ele não o matará apenas para me colocar no meu lugar. E eu não posso... — Eu engulo o caroço que se formou na minha garganta. — Eu não posso mais viver com esse tipo de medo.

— Eu não vejo onde eu entro nisso.

— Você pode me dar algo para usar contra ele.

— Digamos que eu tenha algo assim. Por que eu entregaria a fraqueza do meu chefe para você?

— Porque você se preocupa comigo.

— Você se elogia, Ojou-sama. Eu não me importo com ninguém. Estou apenas curioso.

— Você se importa. Pode não ser convencional ou normal, mas você sempre fez desde aquele dia em que matou Sam para me salvar. Foi a sua primeira morte e você mesmo me disse que esse ato tem um lugar especial na vida de todos. Incluindo a sua.

— Vamos supor que sim. Isso não me dá um motivo para divulgar o segredo de Abe.

— Minha vida é razão suficiente?

Ele estreita os olhos e uma rajada de ar faz com que seus longos cabelos presos na nuca voem com o vento. — Sua vida?

— A mesma vida que você teve orgulho em salvar todos esses anos, assim como fez com suas espadas conquistadas com muito esforço. Eu sei que você me vê como uma espécie de realização, Kai. Provavelmente a

primeira coisa que você considerou ter valor. E eu odeio terminar isso apenas para forçar sua mão.

— Isso é uma ameaça, *Ojou-sama*?

— Não, estou apenas dizendo a você como será se eu não morar com Sebastian. Eu o amo, Kai, e você pode não entender o que isso significa, mas para mim, esse amor é o que torna minha vida saudável. Não posso mais viver longe dele ou me contentar em vê-lo de longe. Então, se você está tramando com meu pai para me empurrar de volta com Akira, então vou me matar e terminar a vida da qual você tanto se orgulha.

Estou respirando com dificuldade, meus membros tremendo devido à força de minhas palavras. Kai permanece inerte, imóvel, como se eu não tivesse dito nada.

— Bem jogado, *Ojou-sama*. Eu sabia que vi algo em você, mesmo quando você tinha nove anos.

— Isso significa que você vai me ajudar?

Ele enfia a mão na jaqueta e acho que vai pegar uma arma e atirar em mim por pensar que poderia ameaçá-lo, mas ele pega um pequeno caderno de couro preto e o guarda na minha bolsa.

— O que é isso?

— O livrinho preto de Abe.

— O que?

— Seu pai tem um sistema para enganar seus clientes mais importantes. Uma vez a cada poucos anos, ele lhes venderá uma falsificação entre muitas pinturas genuínas. Eles estão acostumados com a melhor qualidade dele, então nunca suspeitam disso. Mesmo quando as pinturas são consideradas falsas, eles culpam seu próprio povo, não Abe. É uma linha tênue, então ele não pode enganar a mesma pessoa duas vezes ou o mesmo grupo de pessoas em um período de tempo próximo. Quando ele era mais jovem, ele costumava fazer isso com proficiência e até mesmo nos manteve, seu círculo mais próximo, fora dele para que ele pudesse colher todos os lucros. Só descobri essa prática quando ele começou a fazer um registro por causa de sua memória falha alguns anos atrás. Esse pequeno livro preto contém os nomes das pinturas, as pessoas que ele enganou e os anos em que isso aconteceu. Ele está agitado desde que perdeu o controle e interrompeu todo o negócio de golpes. É por isso que ele está desesperado com a aliança com Akira. É mais para proteção do que qualquer coisa, porque mesmo que ele tenha parado, ele ainda estará em grave perigo se o livro-razão vier à tona. Estamos falando sobre outros líderes de organizações criminosas poderosas e figuras influentes que não hesitariam em torturá-lo e matá-lo.

Minha boca se abre e depois se fecha. — E você está dando para mim?

— Você pediu algo para usar contra seu pai. Essa é a sua maior fraqueza.

— Mas você poderia ter usado isso para tirá-lo do poder e se tornar o líder.

— Não estou interessado em estar na linha de frente, *Ojou-sama*. A verdadeira liderança é feita em segundo plano.

Por que não estou surpresa por ele preferir ser o único a puxar os cordões sem mostrar o rosto? Afinal, Kai é um estrategista e, embora meu pai seja o chefe da Yakuza, Kai pode ter sido o poder por trás disso o tempo todo.

— Não diga uma palavra sobre ter o livro-razão, — ele continua. — Me deixe falar com Abe. Vou dizer a ele que Akira de alguma forma conseguiu e deu a você. Assim, Abe sempre desconfiará de vocês dois e não se atreverá a ameaçá-los novamente.

— Obrigada, Kai.

— Você só vai guardar para mim. Quando eu quiser de volta, você dará.

— E quando será isso?

Ele levanta um ombro. — Quando estiver cansado de usar Abe como fachada.

— Você vai matá-lo?

— Por que? Você não quer isso?

— Eu não me importo, contanto que Sebastian, Mio e eu estejamos fora disso.

— Você e Sebastian são discutíveis. Mio, não. Ela quer o casamento e ninguém a impedirá.

— Nem mesmo você?

— Nem mesmo eu. — Ele olha para o relógio. — Mas você não deveria se preocupar com Sebastian?

Meu estômago aperta com a menção dele e o pensamento do que ele deve estar passando. O desconhecido nos espera, mas desta vez, não vou deixar isso nos separar.

Capítulo Quarenta e Três

Sebastian

Meus olhos se abrem lentamente. A dor atinge a parte de trás do meu crânio e pontos pretos se formam na minha visão, mesmo quando eu lentamente me acostumo ao meu ambiente. Onde diabos é esse lugar?

A última coisa que lembro é de ter escrito aquele texto para Naomi, o último como Akira, então fui para o estacionamento porque minha dor de cabeça estava ficando forte e eu precisava dormir um pouco antes de encontrá-la mais tarde. Mas quando cheguei lá, algum tipo de base foi jogada na minha cabeça.

Depois disso... nada. Não havia absolutamente nada. Pisco algumas vezes e respiro profundamente, apenas para ser agredido pelo fedor de mijo. Grunhindo, coloco minhas mãos no chão e me sento. Minha cabeça lateja de dor e minha língua parece grande demais para minha boca. Um gosto amargo inunda minha garganta a cada engolir.

As paredes cinzentas circulam ao meu redor e o mundo gira. Ou talvez seja eu quem está girando. Eu balanço minha cabeça, fechando e abrindo meus olhos algumas vezes para que eu possa me concentrar melhor. O borrão que cobre minha visão desaparece lentamente e o lugar em que

estou sendo mantido entra em foco. Minha memória entra em ação com força total.

Eu não poderia esquecer este inferno, mesmo que vivesse mil anos. Este é o lugar onde Naomi e eu fomos mantidos e emocionalmente torturados. Foi aqui que eles a quebraram para que ela fizesse o jogo sem pensar duas vezes. A porta de metal pela qual ela passou me encara de volta com a mesma robustez de antes, como se estivesse zombando de mim. Como se estivesse me dizendo que está acontecendo de novo. Ou talvez já tenha acontecido. Eu procuro ao meu redor, mas não há nenhum vestígio da minha Naomi. Eles a levaram também? Ela está sendo mantida em um lugar separado?

Usando a parede para me equilibrar, fico de pé cambaleando e caminho até a porta.

Eu bato nela o mais forte que posso. — Abra! Abra essa porra!

Não há som ou movimento de fora, mas eu chuto e soco com as duas mãos até estalar os nós dos dedos. Não paro para pensar na dor. Ou o torpor.

Eu não paro para pensar em nada além da minha Naomi. Não há nenhuma maneira de eu ficar parado enquanto eles a torturam ou ameaçam. Antes, eu acreditava nos fatos em vez de acreditar em nós. Eu deixei minhas inseguranças assumirem o controle e sinceramente pensei que ela tinha me deixado. Agora não. Agora, vou lutar por ela. Eu estarei lá se isso significar minha maldita morte.

A porta range e eu salto para trás, pronto para socar quem quer que esteja entrando. Ou eu a salvo ou morro tentando. Um homem com aparência asiática entra em cena. Ele é alto e tem cabelo comprido, e um contato visual agudo que apenas pessoas em uma posição elevada de poder, como meu avô, possuem.

Ele me encara por um segundo e eu o encaro de volta, minhas mãos fechadas em punhos. Ele não tem uma arma ou nenhum guarda com ele, então eu poderia dominá-lo e passar por ele...

— Eu não recomendaria, — ele interrompe minha linha de pensamento.
— Se você me tocar, vou cortar você e, mesmo que por um milagre você consiga passar por mim, este lugar está cheio de guardas. Guardas armados.

— Que porra você quer? Onde está Naomi?

— Meu nome é Kai e eu serei seu anfitrião durante o dia. — Ele muda sua atenção para o relógio. — Ou pelos próximos minutos, de qualquer maneira.

Eu me aproximo, endireitando meus ombros. — Eu não me importo quem diabos você é.

— Você deve. Meu nome ficará gravado em suas memórias, porque é isso que virá à sua mente se você pensar em machucar Naomi. Se você olhar para outra mulher, eu estarei lá. Se você a fizer chorar, eu também estarei lá. O brilho da minha espada será a última coisa que você verá antes que a vida deixe seus membros miseráveis.

— Você não me assusta. — Eu o encaro bem nos olhos. — Como Naomi e eu nos tratamos depende apenas de nós.

— Caberá a mim também.

— Quem diabos você pensa que é?

— Aquele que a salvou de um ataque quando você nem estava na foto. Eu matei por ela uma vez e fazer isso de novo será um prazer.

— Você... matou o namorado de Riko, Sam?

— Ex-namorado, já que ele está apodrecendo enquanto conversamos.

Portanto, o motivo pelo qual não consegui encontrar o desgraçado miserável não é porque ele se mudou para outro país, mas porque ele já está morto. Ele foi morto por este homem. Kai. De alguma forma, isso me faz vê-lo sob uma luz diferente. Ele é a razão pela qual ela não ficou com uma cicatriz a ponto de não voltar e eu não posso deixar de respeitá-lo por isso, independentemente de suas razões para fazer isso.

— Embora eu seja grato pelo que você fez por ela no passado, ela é minha e não vou permitir que você se aproxime dela.

— Eu não estou interessado nela dessa forma. Ela é nossa princesa e eu sou apenas seu anjo da guarda, um anjo caído, aliás.

— Onde ela está? Me leve até ela.

— Não há necessidade. — Ele suspira. — Ela passou por todos esses problemas para te tirar. Primeiro, ela descobriu os lances de Akira para seu

próximo empreendimento, usando o idiota do Ren. Então ela o levou para seus avós com a ajuda de seu tio.

— Naomi foi ver meus avós?

— Sim, e ela implorou que ajudassem, bloqueando o investimento de Akira nos bastidores. Claro, seus avós não ficaram entusiasmados por ter que sacar as grandes armas e queriam que ela terminasse seu relacionamento, mas ela não concordou. Em vez disso, ela disse a sua avó que eles não vão perder você como perderam seu pai, e esse foi o ponto de decisão para eles. Uma vez que as tramas de Akira foram interrompidas, ele perdeu o controle e pode ter descontado em Ren. — Ele faz uma pausa e sorri como se estivesse revivendo uma imagem. — De qualquer forma, em troca dela parar de bloquear os projetos de Akira, ela o fez concordar em se divorciar dela, permanecendo um aliado de seu pai. Ela está atualmente ameaçando Abe que se ele usar a ela ou a você, ou a sua irmã, ela fará Akira retirar a aliança e todos os seus fundos. Entre outras coisas que ela agora tem sobre ele.

Meus lábios se abrem enquanto ouço a narração de Kai dos eventos. Eu não posso acreditar que ela fez tudo isso sozinha. Afinal, Naomi não é a mesma. Ela sempre foi forte, mas agora é uma força a ser reconhecida.

— Sem palavras? Bom. — Kai me agarra pelo ombro com força. Tão forte que parece que ele vai quebrar meus ossos, então sussurra em um tom baixo, calmo, mas ameaçador. — É melhor você se lembrar dos sacrifícios dela até o dia de sua morte. Ou estarei lá para garantir que você dê seus últimos suspiros.

— Sebastian!

Meu olhar se fixa no flash de movimento atrás de Kai. Naomi corre em minha direção, suas bochechas claras coradas e seu batom vermelho fazendo-a parecer mais pálida, mais suave e linda pra caralho. Seu cabelo preto voa atrás dela enquanto ela corre e empurra Kai fisicamente para fora do caminho.

— Vá embora, Kai, — ela diz a ele impacientemente.

Ele dá um passo para trás, então me lança um último olhar de advertência antes de se virar e ir embora. Naomi me agarra pelos braços, seu olhar procurando por toda parte, por um ferimento, suponho. A última vez que estivemos aqui, quase morri. Mas eu não fiz, por causa dela. Sete anos depois, essa mulher infernal me salvou pela segunda vez. E vou garantir que ela não tenha que fazer isso de novo enquanto vivermos.

— Estou bem, — eu digo baixinho, minha voz cheia de emoção.

— Oh! Graças a Deus. Quando eu vi você na filmagem, pensei que os desgraçados bateram em você ou fizeram alguma coisa.

— Estou muito bem.

Ela não para de me tocar, passando os dedos pelo meu bíceps, depois pela minha lateral, peito e ombro como se ela precisasse ter certeza por si mesma.

— Nao.

Ela está focada em meu torso, minha mão, meu braço. Qualquer lugar menos meu rosto.

— Baby, olhe para mim.

Ela finalmente levanta os olhos e eles se enchem de lágrimas. Eles borram a cor escura de suas íris e, em seguida, caem em cascata por suas bochechas rosadas.

Eu estendo a mão e as limpo com o polegar, minha palma demorando na inchação de sua bochecha. — Porque você está chorando?

— Porque você está bem. Porque finalmente acabou.

— Kai me contou. Eu não posso acreditar que você procurou meus avós e fez tudo entre eles. Você é tão forte, tão linda.

— Foi tudo assustador, mas eu faria tudo de novo por você, Sebastian. Eu iria para o inferno se isso significasse ficar com você.

— Bom porque eu tenho um lugar especial lá.

Ela sorri em meio às lágrimas e é o sorriso mais lindo que já vi nela.

— Estou livre, — ela sussurra como se não acreditasse nas palavras. — Estou livre de Akira. Estou livre para estar com você... quero dizer, se você... quiser.

— Claro que eu quero, porra. Eu precisava estar com você há uma vida inteira.

Sua própria palma agarra minha bochecha, um turbilhão de emoções escurecendo seu olhar. — Sete anos, Sebastian.

— Sete malditos anos.

— Prometa que nunca mais nos separaremos.

— Oh, eu prometo persegui-la até o fim do mundo, baby.

— Sim?

— Foda-se, sim. Além disso, você manterá a promessa que fez há sete anos neste mesmo lugar.

Sua respiração engata. — Que promessa?

— Você vai se casar comigo. De verdade dessa vez.

Ela morde o lábio inferior, olhando para mim por baixo dos cílios. — Você ainda quer se casar comigo?

— Eu nunca parei, porra. Você é a única mulher que eu sempre quis para ser minha esposa e isso nunca vai mudar, nem mesmo quando você teve um bastardo como marido antes de mim.

— Akira nunca contou para mim.

— Como ele não deveria. Foda-se aquele cara.

— Foda-se todo o casamento. Se dependesse de mim, você seria meu único marido.

— Bem, depende de você agora.

— Oh, Sebastian. Claro que vou me casar com você.

— Bom. Porque isso não era uma pergunta. — E então eu a estou beijando, selvagem, duro, como o animal que eu realmente sou.

E Naomi me beija de volta como a presa que ela é.

Epilogo 1

Naomi

Seis meses depois

Hoje é o dia com que venho sonhando há anos. O dia em que pensei que nunca seria realidade. Dia do meu casamento com Sebastian.

Sinto como se estivesse caminhando no ar, alcançando e tocando as estrelas. É como levitar para fora do meu próprio corpo, embora meus pés estejam no chão e eu esteja indo em direção ao corredor. É a segunda vez que faço isso, mas nem me lembro da primeira. Todas as memórias que tenho daquele dia são lágrimas e imagens borradas de me enterrar metaforicamente.

Aquele casamento não era nada. Este é tudo. Meus dedos se apertam em torno das rosas que estou segurando em minha mão e inalo seu perfume e deixo todo o cenário penetrar. Decidimos nos casar no jardim dos fundos da minha antiga casa. É aqui que vivemos nos últimos meses e continuaremos morando. Apenas nós dois. Vamos apagar as memórias ruins que perduram aqui e substituí-las por novas e felizes.

Sebastian e eu começaremos uma nova página em nossas vidas. Apenas nossa família e amigos mais próximos estão participando. E isso significa que meu pai não está aqui. Estamos separados agora e se não fosse por

Mio, eu nunca o veria novamente. Ele ainda é aliado de Akira e isso é tudo que importa para ele. Meu ex-marido ficou no Japão depois que finalizamos o divórcio e ele me deu a liberdade.

Ren foi com ele, ou mais precisamente, Akira o ameaçou para acompanhá-lo ou ele perderá a cabeça nas mãos do pai. Por outro lado, meu pai, que agora acredita que Akira está conspirando contra ele por causa daquele livro-razão, queria Ren com Akira para manter o controle sobre meu ex-marido. Então, os dois estão usando o guarda. Eu me sinto mal por ele às vezes, mas não é como se ele não pudesse cuidar de si mesmo.

Os únicos membros presentes da minha família são Mio e Kai. O segundo em comando do meu pai insistiu em fazer parte da minha vida, mesmo que seja das sombras.

Eu prefiro não ter nenhuma relação com meu pai e a Yakuza e seus negócios sujos. Mas desde aquela noite vermelha cerca de vinte anos atrás, Kai tem sido diferente. Como uma espécie de irmão mais velho. Um fodido com isso, mas ainda conta.

Os outros participantes incluem Reina, Asher, Owen, Lucy e Prescott, e quando eles sorriem enquanto eu caminho pelo corredor, eu sorrio de volta. Todos nós temos nos encontrado nos últimos meses e parece... normal. Eu tenho amigos. Eu tenho uma vida aqui. Eu não estou sozinha e miserável. Eu não estou triste. Na verdade, é o oposto absoluto.

Eu aceno para Debra, Brian e Nate, que estão sentados na primeira fila. O senador e sua esposa insistiram em comparecer ao casamento de seu

único neto, embora Sebastian não estivesse muito interessado em convidá-los. Eles não são os melhores amigos de Nate e Sebastian, mas eu sei que eles se preocupam com eles de sua própria maneira esnobe. Eles também estão com um pouco de medo de mim após a ameaça de Kai, então eles não ousam mais expressar seu descontentamento sobre mim.

Os colegas de trabalho de Sebastian também estão aqui, Aspen incluída. Ainda não gosto dela, mas provavelmente é meu ciúme irracional. Candice sorri para mim e enxuga uma lágrima com o lenço. Eu amo muito aquela mulher. Ela tem sido uma grande ajuda com todos os preparativos do casamento e ‘mantendo a cabeça de seu chefe no jogo,’ como ela chamou.

Todas essas pessoas estão aqui para testemunhar nosso casamento. Meu e de Sebastian. Eu finalmente o vejo. Ele está de pé no altar, vestindo um elegante smoking preto que o faz parecer um modelo. Uma mecha escapa de seu cabelo estilizado e a pequena imperfeição o torna ainda mais perfeito. Mais... irresistível. Aquele homem roubou meu coração quando eu tinha dezoito anos e nunca o devolveu.

Ele confiscou meu corpo quando eu tinha 21 anos e transformou cada uma das minhas fantasias em realidade. E ao longo do caminho, ele também roubou minha alma. Ele pegou minha inocência e transformou-a em algo absolutamente viciante e nunca me devolveu. Meus pés param na frente dele e ele pega minhas mãos, me puxando em sua direção.

— Você é linda pra caralho, — ele sussurra em meu ouvido. — Eu quero reivindicar você aqui e agora, baby.

— Pare com isso. — Eu rio, mordendo meu lábio inferior.

— Falo sério. Você está me matando, Tsundere.

— Seja paciente.

— E o que eu ganho em troca?

— Me caçando? — Eu sussurro.

— Em seu vestido de noiva. Na floresta.

Eu aceno ansiosamente. Sebastian nunca parou de me perseguir ou apertar meus botões. Ele nos dá o que precisamos e muito mais. Na noite em que o tirei da cela de uma vez por todas, mudamos para esta casa. Sebastian não tinha absolutamente nenhum apego ao seu apartamento de qualquer maneira. E naquela mesma noite, ele me perseguiu. Foi uma das melhores perseguições da minha vida e gozei mais vezes do que podia contar. Provavelmente porque eu sabia que não havia mais nada entre nós.

Que eu era dele tanto quanto ele era meu. Ou talvez fosse porque ele continuava me chamando de noiva enquanto me fodia forte e rápido. Depois que dizemos 'sim' e colocamos os anéis um no outro, os lábios de Sebastian encontram os meus e ele me beija com uma fome que corresponde à minha. Eu abraço seu pescoço para devolvê-lo, para afundar mais nele.

Já perdi muito tempo e não vou deixar isso acontecer de novo. Vou aproveitar cada momento, cada beijo e cada maldito toque. Eu grito na boca de Sebastian quando ele me pega em seus braços e caminha na direção da casa. A multidão explodiu em gargalhadas e alguns comentários provocantes ecoaram no ar, mas nenhum de nós poderia se importar

menos. Assim que entramos, ele bate a porta atrás de nós e me bate contra ela. Minhas pernas envolvem sua cintura com meu vestido agrupado sobre elas. E então parecemos como se ainda fôssemos aqueles universitários de sangue quente.

Talvez sejamos. Uma parte de nós sempre estará presa naquele período de tempo em que nos tornamos os vícios um do outro. Quando nos tornamos melhores amigos. Quando nos apaixonamos tão profundamente e nunca conseguimos rastejar para fora.

A boca de Sebastian deixa a minha com um gemido. — Eu vou te foder, Sra. Weaver.

Eu sorrio, meu coração trovejando. — Eu gosto disso.

— A porra da foda ou seu novo sobrenome?

— Ambos. — Eu coloco a palma em sua bochecha, olhando profundamente em seus olhos tropicais que eu usei como uma fonte de luz em meus momentos mais sombrios. — Eu não posso acreditar que somos realmente casados, Sebastian.

— Vou passar o resto de nossas vidas lembrando você disso.

— Promessa?

— Eu prometo, porra.

— Eu te amo muito. Eu te amei há sete anos e amo você ainda mais agora.

— Estou apaixonado pela ideia de você desde que tínhamos dezoito anos, Nao. Então, três anos depois, encontrei a única mulher que não apenas não me julgou, mas também abraçou minha loucura. Eu nunca parei de amar você, baby, nem mesmo quando uma parte de mim te odiava. Nem mesmo quando você saiu. E para o resto de nossas vidas, eu vou te amar muito, te amo pra caralho.

— Oh, Sebastian...

— Diga que você é minha, baby.

— Sou sua. Sempre fui.

— Mesmo quando você não estava comigo?

— Especialmente então.

Seus lábios batem contra os meus e eu fecho meus olhos enquanto o riso borbulha na superfície. Eu estou feliz. Eu estou livre. Estou com o homem que sempre amei e para sempre amarei.

Epilogo 2

Sebastian

Três anos depois

— Eu posso sentir seu cheiro, Naomi.

Seu pequeno grito de medo vai direto para o meu pau, endurecendo-o até ficar dolorido pra caralho. Um farfalhar vem da minha direita e corro naquela direção. Posso ouvir sua respiração áspera, seus tênis esmagando as folhas e seus suspiros involuntários. Ela ficou boa em esconder seus movimentos. Como uma boa presa, ela se adaptou ao ambiente e tenta fazer-se passar despercebida.

Mas nunca de mim. Eu posso vê-la em todos os lugares, cheirá-la em qualquer lugar. Encontrar ela em qualquer lugar. Naomi ziguezagueia pelo chão em uma tentativa inútil de me perder. Mas eu aprendi a floresta de cor. Assim como ela fez. E não há como ela enganar uma fera em seu habitat natural.

Ela tropeça e eu a seguro pelo cotovelo antes que ela caia, mas ela puxa meu braço, gritando, e nós dois caímos no chão. Ela luta comigo, suas unhas cravam no meu braço e seu rosto delicado fica vermelho com o esforço. As marcas de arranhões em meu pescoço queimam, mas desencadeiam minha necessidade de mais. Quanto mais forte ela arranhar, mais áspero eu vou tomá-la. Quanto mais ela luta, mais loucos nós dois nos tornamos.

E porra, como minha linda esposa luta. É nosso jogo favorito. Nossa fantasia. E nós somos os únicos que têm permissão para isso. Eu agarro seus pulsos e os bato contra o chão acima de sua cabeça, mas ela não para de tentar se mexer e chutar. Ela sabe que nunca vai me dominar, mas ela ainda tenta de qualquer maneira. Isso faz meu pau ficar duro pra caralho.

— Fique quieta ou vou te foder até secar você, minha vagabunda.

— Não! Me deixe ir! — Ela grita, e eu uso minha outra mão para puxar sua saia por suas pernas.

Minha mão encontra sua boceta nua e eu resmungo. — Parece que você veio preparada para ser tomada como uma prostituta imunda, não é? — Eu dou um tapa em sua boceta e ela engasga, as lágrimas brotando em seus olhos escuros.

— Não, por favor... não. Por favor, não me machuque.

— Mas eu vou. Vou te foder tão forte, tão profundamente, que você não será capaz de se mover.

— Não... por favor... pare...

Ela tenta se livrar, mas eu bato em sua boceta molhada novamente e ela grita, flexionando e relaxando as mãos em meu aperto. Eu puxo para baixo minha calça de moletom e inclino sua perna para cima, em seguida, penetro nela de uma forma implacável que a deixa sem fôlego e a faz gemer. Alto. Tão alto que toda a floresta ecoa com ele. Minhas estocadas são duras e impiedosas, assim como nós dois amamos. Depois de alguns minutos de foda brutal e seu corpo me levando, eu desacelero.

— Por favor... — ela chora, lágrimas escorrendo de seus olhos. — Por favor...

— Por favor, o quê, baby?

— Mais, Sebastian. Por favor mais!

Eu dou a ela exatamente isso, fodendo ela com força, depois devagar, depois com força novamente, até que ela fique atordoada enquanto encharca meu pau com seus sucos. Ficamos juntos, gemendo e xingando um ao outro. Podemos ser a besta e a presa, mas sempre seremos nós. Não importa quanto tempo tenha passado.

Eu deito no chão e a puxo para cima de mim para não esmagar ela. Sua respiração irregular corresponde ao ritmo de ascensão e queda do meu peito. Permanecemos assim por um tempo, deixando o ar fresco nos envolver enquanto cada um de nós recupera o fôlego. Estamos casados há três anos e nunca houve um dia em que eu não adorasse na porra do altar desta mulher. Não houve um dia em que eu não mostrasse a ela o quão grato eu estou porra por tê-la em minha vida novamente.

Voltar para a vida um do outro foi mais fácil do que qualquer um de nós poderia ter pensado. Foi como retomar de onde paramos. Só que não sou mais um quarterback estrela e ela não é mais a líder de torcida rejeitada. Eu sou um advogado e ela é uma mulher de negócios de sucesso que é perfeccionista quando se trata de seu trabalho, mas se torna a pessoa mais idiota quando somos apenas nós dois. Ainda assistimos a programas de crime verdadeiros juntos e ela ainda tem medo de filmes de terror.

Akira, o idiota, está fora de nossas vidas em sua maior parte, mas sempre que esbarramos nele, ele ainda me lembra que ela foi sua esposa primeiro. A última vez que o vimos foi quando fomos ao Japão para que eu pudesse visitar os túmulos dos meus pais pela primeira vez.

Naomi se sentiu muito mal quando soube que seu pai havia matado meus pais e quase me matado no processo, mas nunca a culpei por isso. Não é culpa dela que seu pai seja um maldito assassino. Eu me recuso a ser pego no passado depois de tudo o que aconteceu.

Akira então me lembrou da porra das cartas. Aquelas que ele lia como hobby a cada semana, o pervertido. Quando Naomi soube que eu era Akira, o original, não o maldito impostor, ela tinha muito a dizer sobre isso. Primeiro ela me amaldiçoou por ser um idiota crítico. Então ela me abraçou porque ela sempre compartilhou uma conexão com Akira, eu. E então ela me beijou porque eu a encontrei primeiro. Eu escrevi para ela primeiro.

Akira era uma espécie de alter ego que inventei logo depois que a vi sorrindo enquanto chorava. Eu precisava chegar perto dela de alguma

forma e uma vez a ouvi mencionar a Lucy que ela preferia homens asiáticos. Eu gostaria de ser asiático naquela época, e foi assim que tive a ideia de Akira. Foi apropriado que eu nasci no Japão e meus pais me deram esse nome do meio. Um nome que representa o sol e a lua. Foi assim que me meti em sua vida antes de ficarmos juntos.

— Ei, Sebastian?

— Sim, baby?

— Obrigada por me encontrar. Não quero imaginar como minha vida teria sido se você não tivesse.

— Obrigado por voltar para mim. — Eu beijo sua testa.

Ela olha para mim e sorri. Todo o rosto dela se ilumina quando ela faz isso. — Você está feliz?

— Que tipo de pergunta é essa? Claro que estou feliz.

— Mas nossa família é tão pequena.

— Você é o suficiente para mim.

— E se eu dissesse que há outro membro que deseja entrar?

— O que?

Ela pega minha mão e a coloca em sua barriga. — Estou grávida.

— Você... está?

— Sim. Seis semanas.

Eu me sento, levando-a comigo, e ela envolve seus braços em volta do meu pescoço. Concordamos que não teríamos filhos assim que nos casássemos, para que pudéssemos compensar todo o tempo que perdemos.

Mas, alguns meses atrás, Naomi saiu do controle de natalidade e fica chateada sempre que fica menstruada. Parece que não desta vez. E eu sabia disso, mas não queria estragar a diversão dela.

— Nós vamos ser pais, Sebastian. Não é assustador e emocionante, mas ainda assim assustador?

— Como nós, você quer dizer.

— Assim como nós. — Ela beija minha bochecha. — Obrigada por estar comigo. Nunca me deixe, tudo bem?

— Você nunca vai se livrar de mim, baby.

Estamos nisso juntos e sempre estaremos. Eu sou seu monstro e ela é minha presa voluntária.

Fim

Sobre a Autora

Rina Kent é autora de best-seller internacional de tudo que é romance de inimigo para amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento de seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é romântica no coração de alguma forma, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonou por caras por quem ninguém torce. Seus livros são polvilhados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade pacífica no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia do enredo ou rindo como um gênio do mal quando essas ideias se juntam.